



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA
RELIGIÃO**

MARISE ETERNA NUNES

**ESPIRITUALIDADE E ENFRENTAMENTO DAS
DESIGUALDADES: A INSERÇÃO DA *CORE ENERGETICS*
EM AÇÕES SOCIAIS A PARTIR DO CONTEXTO DA
PANDEMIA DE COVID-19**

Goiânia

2024

MARISE ETERNA NUNES

**ESPIRITUALIDADE E ENFRENTAMENTO DAS
DESIGUALDADES: A INSERÇÃO DA *CORE ENERGETICS*
EM AÇÕES SOCIAIS A PARTIR DO CONTEXTO DA
PANDEMIA DE COVID-19**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para obtenção do Título de Doutor

Área de concentração: Religião, Cultura e Sociedade

Linha de Pesquisa: Religião e Movimentos Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Teles Lemos

Goiânia

2024

Catálogo na fonte - Sistema de Bibliotecas da PUC Goiás

Nunes, Marise Eterna.

Espiritualidade e enfrentamento das desigualdades : a inserção da *Core Energetics* em ações sociais a partir do contexto da pandemia de COVID-19 / Marise Eterna Nunes. – 2024.

330 f. : il.

Texto em português, com resumo em inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Teles Lemos.

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2024.

Inclui referências: f. 268-295.

1. Psicoterapia – Vida espiritual – Saúde mental. 2. Espiritualidade. 3. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I. Lemos, Carolina Teles – 1958. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – 21 jun. 2024. III. Título.

CDU: Ed. 2007 – 615.851 : 27-584(043)



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pontifical Catholic University of Goiás
Av. Universitária, 1069, Setor Universitário
Caixa Postal 86 - CEP 74.605-010
Goiânia - Goiás - Brasil

ATA Nº 120/2024

SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DOUTORADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

No dia **21 de junho de 2024**, às **14:30**, foi realizada nas dependências da área 6, da PUC Goiás, a sessão pública de Defesa de Tese de **MARISE ETERNA NUNES**, discente do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em **Ciências da Religião** da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, com trabalho intitulado "ESPIRITUALIDADE E INCLUSÃO SOCIAL: A INSERÇÃO DA CORE ENERGETICS EM AÇÕES SOCIAIS A PARTIR DO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19.". A Banca Examinadora foi composta por: Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Presidente), Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás, Prof. Dr. Luiz Antonio Signates Freitas/ PUC Goiás, Prof. Dr. Lucas Alves Amaral / CEUB, Profa. Dra. Ângela Teixeira Moraes / UFG, Profa. Dra. Ivoni Richter Reimer/ PUC Goiás, (Suplente) e Profa. Dra. Maria Amélia Dias Pereira / UFG (Suplente). O trabalho da Banca Examinadora foi conduzido pelo(a) Presidente da Banca que, inicialmente após apresentar os docentes integrantes da Banca Examinadora, concedeu 30 minutos ao(a) discente para que este(a) expusesse seu trabalho. Após a exposição o(a) Presidente da Banca concedeu a palavra a cada membro para que estes arguissem o(a) discente. A banca examinadora deliberou pela alteração do título do trabalho apresentado, **ESPIRITUALIDADE E ENFRENTAMENTO DAS DESIGUALDADES: A INSERÇÃO DA CORE ENERGETICS EM AÇÕES SOCIAIS A PARTIR DO CONTEXTO DA PANDEMIA COVID-19**. Durante a arguição os membros da banca apresentaram suas contribuições ao trabalho, com sugestões para conclusão do estudo e apresentação dos resultados da pesquisa. Após o encerramento das arguições a banca examinadora, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho do(a) discente, considerando sua trajetória no curso e o trabalho produzido. Como resultado a Banca Examinadora deliberou pela **APROVAÇÃO da Tese**. Proclamado o resultado pelo(a) Presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente Ata que é assinada pelos membros da banca e pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

Goiânia, GO, 21 de junho de 2024

Assinam esta Ata,
Banca Examinadora

Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Presidente) Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás Prof. Dr. Luiz Antonio Signates Freitas/ PUC Goiás Prof. Dr. Lucas Alves Amaral / CEUB Profa. Dra. Ângela Teixeira Moraes / UFG

Prof. Dr. Clóvis Ecco - Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Escolher um item.

Página de assinaturas



Clóvis Ecco
575.546.929-68
Signatário



Lucas Amaral
069.698.116-54
Signatário



Luiz Signates
252.432.501-63
Signatário



Ângela Moraes
425.357.861-68
Signatário



Carolina Lemos
445.579.309-72
Signatário

HISTÓRICO

26 jun 2024 10:02:56		Clóvis Ecco criou este documento. (Email: ppcr@pucgoias.edu.br)
26 jun 2024 13:34:46		Carolina Teles Lemos (Email: cetelemos@uol.com.br, CPF: 445.579.309-72) visualizou este documento por meio do IP 179.34.67.175 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil
26 jun 2024 13:40:07		Carolina Teles Lemos (Email: cetelemos@uol.com.br, CPF: 445.579.309-72) assinou este documento por meio do IP 179.34.67.175 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil
26 jun 2024 10:19:15		Clóvis Ecco (Email: clovis@pucgoias.edu.br, CPF: 575.546.929-68) visualizou este documento por meio do IP 200.18.170.200 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil



Escaneie a imagem para verificar a autenticidade do documento
Hash SHA256 do PDF original 4a2120b3fec38b9388576b69d8f6965f10c8ee972b77960894209a8355dc8840
<https://valida.ae/8bfed7925e8edb00fdd5111d028cfe7a96a77e19ef613df4b>



26 jun 2024 10:23:13		Clóvis Ecco (Email: clovis@pucgoias.edu.br , CPF: 575.546.929-68) assinou este documento por meio do IP 200.18.170.200 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil
26 jun 2024 11:37:58		Luiz Signates (Email: signates@gmail.com , CPF: 252.432.501-63) visualizou este documento por meio do IP 189.63.43.228 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil
26 jun 2024 11:38:29		Luiz Signates (Email: signates@gmail.com , CPF: 252.432.501-63) assinou este documento por meio do IP 189.63.43.228 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil
26 jun 2024 11:04:48		Lucas Alves Amaral (Email: lucas.amaral@ceub.edu.br , CPF: 069.698.116-54) visualizou este documento por meio do IP 187.88.136.81 localizado em São Paulo - São Paulo - Brazil
26 jun 2024 11:10:59		Lucas Alves Amaral (Email: lucas.amaral@ceub.edu.br , CPF: 069.698.116-54) assinou este documento por meio do IP 179.144.65.194 localizado em São Paulo - São Paulo - Brazil
26 jun 2024 11:47:55		Ângela Teixeira de Moraes (Email: prof.atmoraes@gmail.com , CPF: 425.357.861-68) visualizou este documento por meio do IP 200.140.154.184 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil
26 jun 2024 11:49:40		Ângela Teixeira de Moraes (Email: prof.atmoraes@gmail.com , CPF: 425.357.861-68) assinou este documento por meio do IP 200.140.154.184 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil



Escaneie a imagem para verificar a autenticidade do documento
Hash SHA256 do PDF original 4a2120b3fec38b9388576b69d8f6965f10c8ee972b77960894209a8355dc8840
<https://valida.ae/8bfed7925e8edb00fdd5111d028cfe7a96a77e19ef613df4b>



AGRADECIMENTOS

Agradeço a força espiritual que me conduz e a todos os meus ancestrais, que iluminam meus passos e fortalecem minha vida.

Logo que cheguei nesta vida, minha mãe partiu e, após 13 anos do meu nascimento, foi meu pai que nos deixou. Esses eventos acenderam uma chama de força e fé que me impulsionam a compreender este mundo além da matéria. Tenho profunda gratidão por esses dois seres que me trouxeram ao mundo e sei que me acompanham através do amor que recebi, mamãe Maria Eterna e papai João Nunes.

Tive o privilégio de ter outros pais afetivos, que me acompanharam na minha trajetória me oferecendo proteção, segurança, apoio e muito amor. Obrigada mamãe Isabel e papai Luiz, que recentemente nos deixou.

Obrigada Neusa, que cuidou de mim quando criança e, depois, dos meus filhos para eu conseguir tantas conquistas.

Agradeço à minha irmã Maristela, que sempre representou um porto seguro na minha vida e com muita parceria e cumplicidade seguimos juntas a caminhada.

Agradeço ao meu sobrinho André, que desde que nasceu abriu um espaço de inspiração e amor para que eu me tornasse mãe posteriormente.

Sou muito grata por todos os professores que cruzaram o meu caminho. Pessoas que me inspiraram e fortaleceram minha caminhada de busca, através de muita generosidade, reconhecimento e confirmação da minha vontade e capacidade de aprendizado.

Gratidão profunda ao meu querido amigo, terapeuta e professor, Nilton Ferreira, que instigou a minha curiosidade em conhecer mais a respeito dos mistérios que compõem a nossa existência e com o qual descobri a capacidade de ampliar a minha consciência através de experiências transpessoais integradas com o corpo, as quais me aproximaram mais do meu coração e do meio ambiente.

Tenho profunda gratidão e um enorme respeito e reconhecimento por muitos outros mestres que foram compondo a minha trajetória. John Pierrakos, que me ajudou a perceber profundamente as minhas negatividades e abrir canais mais amorosos na minha trajetória pessoal e como psicoterapeuta; Dimas Calegari, que com uma didática brilhante me aproximou dos estudos de Wilhelm Reich, além de me incentivar a escrever, reconhecer meu trabalho e afirmar a minha competência. Lorenz Wiest,

que ampliou a minha percepção da vida e a importância dos ancestrais, o que foi fortalecido com os anos de parceria e trabalho com a psicóloga Irene Cardotti.

Nesta trajetória de busca profissional e pessoal, muitos amigos e amigas foram surgindo e compondo a tribo da psicologia transpessoal e da *Core Energetics*, como Lucia Helena Dessaune de Alencastro e tantos outros que me ensinam, inspiram e apoiam na busca de autoconhecimento, além de me trazer muita alegria e amor.

Gratidão imensa à minha família querida, que com muita paciência e compreensão vem suportando a minha ausência.

Ao meu companheiro Wolmar, que cuida tão bem dos nossos filhos e me incentiva no meu processo de crescimento e aprendizagem, estando sempre atento aos temas que pesquiso e, assim, me sugerindo leituras.

Ao Vinícius e à Ariadne, seres que tenho o privilégio de acompanhar nesta caminhada, que me ensinam, me inspiram e, sobretudo, enchem meu coração de amor e alegria.

À Lucimar, que com carinho e alegria cuida da minha casa e da minha família.

Agradeço aos meus clientes, parceiros e funcionários da Avivar Psicologia Movimento, pelo apoio e compreensão diante da minha ausência e pela troca de aprendizados.

Agradeço a Irene Dias de Oliveira, que me motivou a voltar para a academia, reconhecendo meu trabalho como psicoterapeuta e professora de psicologia transpessoal; a Carolina Teles Lemos, por me acompanhar, abrir caminhos e me incentivar diante de tantos novos conhecimentos. E a todos os professores e professoras do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, pelo conhecimento compartilhado e incentivo para continuar a caminhada de pesquisadora.

Aos amigos que me acompanham desde o mestrado, aos novos amigos do doutorado e também aos amigos que deixei de encontrar em tantas ocasiões, devido ao tempo dedicado aos estudos, agradeço a força, o compartilhamento e a solidariedade.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás pelo apoio financeiro recebido por meio de bolsa de formação.

Agradeço a Suzana Oellers, revisora deste trabalho, sempre tão disponível para me orientar, corrigir meus escritos e me distrair nos momentos de cansaço, compartilhando histórias e experiências de vida.

Enfim, com muita alegria e gratidão, honro mais este passo na minha caminhada e todo processo vivenciado com muita dedicação e apoio recebido.

Conheço bem o povo brasileiro, até como antropólogo posso dizer a vocês que não só a terra é boa como o povo é ótimo. O ruim aqui são os ricos, os bonitos, os educados. Sinto na ponta dos dedos, se estico as mãos, que em tempos previsíveis e breves se pode criar aqui um país próspero e solidário. Temos todas as possibilidades de fazer com que o Brasil dê certo. A condição é proibir o passado de se imprimir no futuro. É interromper a dominação hegemônica e perversa da nossa classe dominante infecunda (Ribeiro, D., 2018, p. 61).

RESUMO

A espiritualidade foi inserida na psicologia humanista e transpessoal e no conceito multidimensional de saúde pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1996 e vem sendo reconhecida na literatura científica como um dos aspectos importantes no cuidado da saúde. O tema religiosidade/espiritualidade permeia diretamente a vida das pessoas que creem ou através das crenças e heranças obtidas. Na modernidade tardia, surgiu a espiritualidade sem religião, dentro do *ethos* da Nova Era. Na abordagem psicoterapêutica corporal em *Core Energetics*, desenvolvida pelo médico, psiquiatra e psicoterapeuta John Pierrakos, busca-se que a espiritualidade possa ser despertada auxiliando o sujeito a perceber melhor o sentido da vida e de seus propósitos. A psicoespiritualidade vivida corporalmente pelos terapeutas com formação em *Core Energetics* é fundamental para auxiliar em sua própria transformação e na de seus clientes. Diante do cenário caótico vivido durante a pandemia de COVID-19, a população mundial viveu várias ameaças físicas, emocionais, sociais e econômicas. No Brasil, em particular, estávamos vivendo uma crise se sobrepondo a outra crise, visto que o país estava sendo governado naquele período por um presidente de ultradireita, negacionista e não cumpridor das recomendações da OMS. A presente pesquisa teve como objetivos verificar se os terapeutas em *Core Energetics* compõem o *ethos* da Nova Era, como ocorre o despertar espiritual daqueles que concluíram e atuam como psicoterapeutas em *Core Energetics* e a influência deste despertar em sua prática profissional diária e em seu compromisso político e social a partir do contexto da pandemia de COVID-19. Partindo da hipótese de que os profissionais que concluíram a formação em *Core Energetics* e possuem uma prática de trabalho nesta abordagem vivenciam a espiritualidade em seu dia a dia e promovem ações sociais em momentos de crise, como os períodos da pandemia de COVID-19 e pós-pandemia. Para a consecução deste estudo, realizei uma abrangente revisão da literatura abarcando autores das áreas de ciências da religião, psicologia, sociologia e antropologia. A pesquisa empírica teve abordagem qualitativa. Para a construção e a avaliação do questionário semiestruturado utilizado nas entrevistas, empreguei a técnica de análise temática. Entrevistei 12 profissionais formados em *Core Energetics*, que estavam fazendo o curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics* e atuam nesta abordagem terapêutica, além de cinco profissionais que me auxiliaram na rememoração acerca da criação e da vinda da referida abordagem para o Brasil. Adicionalmente, realizei observações de campo durante as aulas de pós-graduação dos 12 participantes, investiguei as atividades sociais realizadas por eles e incluí mais três participantes. A hipótese desta tese foi parcialmente confirmada, pois verifiquei que os participantes da pesquisa vivenciam a espiritualidade no seu dia a dia através de leituras e práticas terapêuticas e espirituais. Em adição a isso, se mostraram sensíveis diante de circunstâncias adversas, embora não tenham promovido espontaneamente ações sociais efetivas durante e após a pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: Espiritualidade. *Core Energetics*. COVID-19. Desigualdades sociais. Inclusão social. Nova Era.

ABSTRACT

Spirituality was inserted in humanistic and transpersonal psychology and in the multidimensional concept of health by the World Health Organization (WHO) in 1996 and has been recognized in the scientific literature as one of the important aspects of health care. The theme of religiosity/spirituality directly permeates the lives of people who believe or through the beliefs and inheritances obtained. In late modernity, spirituality without religion emerged, within the New Age *ethos*. In the body psychotherapeutic approach in Core Energetics, developed by the doctor, psychiatrist, and psychotherapist John Pierrakos, it is sought that spirituality can be awakened by helping the subject to better understand the meaning of life and its purposes. The psychospirituality experienced in the body by the therapists trained in Core Energetics is fundamental to assist in their own transformation and that of their clients. Due to the chaotic scenario experienced during the COVID-19 pandemic, the world population experienced several physical, emotional, social, and economic threats. In Brazil, in particular, we were experiencing a crisis overlapping another crisis, given that the country was being governed at that time by a far-right president, a denialist who did not comply with WHO recommendations. The present research aimed to verify whether the therapists in Core Energetics compose the New Era *ethos*, how the spiritual awakening occurs for those who completed and work as Core Energetics psychotherapists, and the influence of this awakening on their daily professional practice and in their political and social commitment in the context of the COVID-19 pandemic. I hypothesized that the professionals who completed training in Core Energetics and have a work practice in this approach experience spirituality in their daily lives and promote social actions in times of crisis, such as the COVID-19 pandemic and post-pandemic periods. To implement this study, I carried out a comprehensive literature review encompassing the works of authors from the fields of religious sciences, psychology, sociology, and anthropology. The empirical research followed a qualitative approach. For the construction and evaluation of the semi-structured questionnaire used in the interviews, I employed the thematic analysis technique. I interviewed 12 professionals trained in Core Energetics, who were taking the postgraduate course or fifth year of training as body psychotherapists in Core Energetics and conduct their work based on this therapeutic approach, in addition to five professionals who helped me remember the creation and arrival of this approach to Brazil. Additionally, I performed field observations during the postgraduate classes of the 12 participants, investigated the social activities they carried out, and included three more participants. The hypothesis of this thesis was partially confirmed, since I found that the participants experience spirituality in their daily lives through readings as well as therapeutic and spiritual practices. Furthermore, they were sensitive to adverse circumstances, although they did not spontaneously promote effective social actions during and after the COVID-19 pandemic.

Keywords: Spirituality. Core Energetics. COVID-19. Social inequalities. Social inclusion. New Era.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – O BRASIL DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE COVID-19 ..	22
1.1 SITUAÇÃO POLÍTICA, ECONÔMICA E SOCIAL DO BRASIL DE 2013 ATÉ A CHEGADA DO VÍRUS DA COVID-19: A CRISE PANDÊMICA SE SOBREPONDO A OUTRA CRISE	23
1.2 A CHEGADA DO VÍRUS DA COVID-19 NO BRASIL E AS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS	37
1.3 A UTILIZAÇÃO DAS CRENÇAS RELIGIOSAS PARA A LEGITIMAÇÃO DO NEGACIONISMO E DA VIOLÊNCIA	50
1.4 A SOLUÇÃO DAS CRISES ATRAVÉS DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E SOCIAIS: A BUSCA DE SOLIDARIEDADE	58
CAPÍTULO 2 – A BUSCA DE SENTIDO EXISTENCIAL: MUDANÇAS RELIGIOSAS/ESPIRITUAIS A PARTIR DA MODERNIDADE	69
2.1 RELIGIOSIDADE, SECULARIZAÇÃO, PLURALISMO RELIGIOSO E INDIVIDUALISMO	70
2.2 NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS E A ESPIRITUALIDADE CONTEMPORÂNEA	85
2.3 A NOVA ERA NO BRASIL	98
CAPÍTULO 3 – CORE ENERGETICS: ABORDAGEM PSICOTERAPÊUTICA CORPORAL, ENERGÉTICA E ESPIRITUAL	103
3.1 DE WILHELM REICH A JOHN PIERRAKOS	105
3.1.1 Wilhelm Reich: a vida entrelaçada com a obra	105
3.1.2 John Pierrakos e a criação da abordagem psicoterapêutica em <i>Core Energetics</i>	129
3.1.3 Fundamentos teóricos da abordagem psicoterapêutica em <i>Core Energetics</i>	141
3.1.3.1 <i>Core Energetics</i> e Nova Era	141
3.1.3.2 O mapa da consciência e os estágios da abordagem psicoterapêutica em <i>Core Energetics</i>	146
3.2 CORE ENERGETICS NO BRASIL: ADVENTO, TRANSFORMAÇÕES E COMPREENSÃO DA REALIDADE CONTEMPORÂNEA	159

3.2.1 A chegada da abordagem psicoterapêutica em <i>Core Energetics</i> no Brasil	160
3.2.2 A permanência da abordagem psicoterapêutica em <i>Core Energetics</i> no Brasil	169
CAPÍTULO 4 – A PESQUISA DE CAMPO: A PESQUISADORA EM INTER-AÇÃO	179
4.1 PERCURSO METODOLÓGICO	179
4.2 RESULTADOS	190
4.2.1 O campo de pesquisa: psicoterapeutas corporais em <i>Core Energetics</i> ou buscadores no <i>ethos</i> da Nova Era?	190
4.2.2 <i>Core Energetics</i> no Brasil durante e após a pandemia de COVID-19: a espiritualidade em ação	224
4.2.3 <i>Core Energetics</i> : a abertura para os trabalhos sociais	244
CONSIDERAÇÕES FINAIS	257
REFERÊNCIAS	268
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido	296
APÊNDICE B – Questionário semiestruturado para coleta de dados por entrevista	300
ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás	309
ANEXO B – Declaração de instituição coparticipante – Rede Brasil <i>Core Energetics</i>	320
ANEXO C – Programa do curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em <i>Core Energetics</i>, realizado pela Rede Brasil <i>Core Energetics</i> e ministrado na Universidade Internacional da Paz (UNIPAZ)	321

INTRODUÇÃO

A busca por práticas espirituais e religiosas e pela compreensão da existência sempre esteve presente na humanidade. A religião tem papel primordial nessa busca, diante das crises sociais enfrentadas no cotidiano e do sofrimento do homem perante sua morte inevitável. Afinal, ela gera um sentido e oferece sustentação para as pessoas que estão em sofrimento, as quais, conseqüentemente, se veem capazes de perceber um significado sagrado na realidade vivida. A religião, como concebem Lemos (2009) e Geertz (2017), provê os elementos que garantem a nomia social, isto é, o sistema de símbolos que tem o papel de produzir disposições e motivações poderosas, penetrantes e duradouras nos indivíduos, com a elaboração de conceitos de uma ordem de existência geral.

Na modernidade tardia, em que a vida no aqui e agora é enfatizada, a religião tem sofrido mudanças. Assim, como argumentou Bauman (1998), surgem novos especialistas para dar suporte e significado ao homem moderno. Novas narrativas e buscas pessoais acontecem, por meio de vivências terapêuticas e espirituais, sendo o fenômeno religioso percebido para além das instituições religiosas ou de alguma doutrina. As novas buscas espirituais exprimem certo desencantamento em relação ao religioso institucional, tradicional, requerendo a reinserção de simbologias e rituais com novas roupagens. As espiritualidades contemporâneas são desinstitucionalizadas, o que gera uma perspectiva menos dogmática, uma experiência reinventada. Dentro da perspectiva dos movimentos da Nova Era, essas buscas espirituais são discutidas por alguns autores como individualistas, enquanto a evolução espiritual é encarada como a busca por um ideal de perfeição, aspecto este que intencionei verificar na pesquisa realizada, já que vários autores discutem que o *ethos* da Nova Era tem grande e diversa abrangência (Amaral, 1999, 2000; D'Andrea, 2000; Giddens, 1991, 2003; Guerriero, 2021; Hanegraaff, 1996, 1999, 2012, 2020; Heelas; Woodhead, 2005; Magnani, 2000; Oliveira, 2011a, 2011b; Possamai, 2001, 2019; Stern; Guerriero, 2021; Teixeira, 2021; Woodhead; Heelas, 2000).

Há muito tempo, quase meio século, essas novas formas de vivenciar a espiritualidade vêm sendo agrupadas e denominadas, ainda, como “novas” religiosidades, “novos” movimentos religiosos e “novas” espiritualidades. Porém, há

diferenças na forma como opera cada grupo espiritual, sendo necessário compreender mais profundamente as nuances que permeiam e constituem essas práticas.

O interesse pela compreensão da espiritualidade tornou-se ainda maior a partir do momento que a Organização Mundial da Saúde (OMS) instituiu o termo como dimensão humana (World Health Organization, 1999). Desde então, as ciências médicas começaram a desenvolver diferentes pesquisas para a sua compreensão, ampliando esse interesse para outras áreas além das ciências da religião.

O desenvolvimento e a sustentação de uma vivência ou crença espiritual pressupõe maior equilíbrio emocional, que reverbera na saúde física do indivíduo. Na abordagem psicológica transpessoal, a busca do autoconhecimento, o despertar e a ampliação da consciência geram sensibilidade e contato com o imanente, trazendo a percepção de que os seres vivos fazem parte de uma totalidade. E em momentos de crise, como da saúde física, abre-se a possibilidade para maiores indagações sobre a existência humana e o desenvolvimento de práticas que visem o contato com a espiritualidade. É essa relação com a espiritualidade através de aspectos religiosos e/ou terapêuticos, dentro do *ethos* na Nova Era, que pretendi compreender mais profundamente neste estudo.

Considerando que a sociedade contemporânea, com tendências tardias ou pós-modernas, possui potencial para acelerar processos adversos, cada um dos momentos de crise, como o da pandemia de COVID-19, deveria ser uma oportunidade para reflexão acerca de permanência, limitações e precariedades dos seres humanos. Essa poderia ser uma conjuntura vivenciada para contribuir com o despertar da humanidade para uma nova forma de estar e ser no mundo. Um dos aspectos importantes nesse despertar é a tendência dos sujeitos de, cada vez mais, se perceberem como seres conectados e sistêmicos, porquanto as partes não estão separadas do todo dentro da visão do paradigma holístico.

Com o intuito de melhor compreender o despertar e o vivenciar da espiritualidade dentro dos novos movimentos espirituais contemporâneos, venho estudando sobre a espiritualidade há algumas décadas, tendo aprofundado estes estudos tanto no mestrado quanto no doutorado em Ciências da Religião. Ao longo de minha prática profissional como psicoterapeuta em *Core Energetics*, uma abordagem psicoterapêutica corporal, energética e espiritual, desenvolvida pelo grego

John Pierrakos, tenho buscado a integração do corpo com a espiritualidade no processo de autoconhecimento. A prática corporal realizada nessa abordagem busca promover o desbloqueio das emoções, a ressignificação da história de vida e o despertar da espiritualidade. Esse despertar significa a compreensão de que todos os seres humanos estão ligados entre si e com a natureza.

O campo estudado durante o mestrado me possibilitou a aproximação com um espaço diferente do que eu estava acostumada a ocupar. Como pesquisadora, no contexto de observação, tendo o meu corpo como referencial teórico, formado por signos e significados e sendo agente de reflexões e transformações, em muitos momentos, tive de me colocar em um espaço mais distante para tecer análises a partir de outros referenciais teóricos. Foi um desafio não me deixar levar somente pelos sentimentos de confiança e gratidão, frutos da minha jornada pessoal, percorrida na abordagem psicoterapêutica em *Core Energetics*. Ao final do mestrado, fiquei satisfeita com a percepção de que o trabalho corporal desperta o autoconhecimento e abre espaços de maior flexibilidade e menos preconceitos em relação ao outro. Porém, algo continuou me intrigando em relação à profundidade e ao alcance da transformação individual e ao reflexo desta transformação no campo social. As leituras e os dados coletados na pesquisa realizada sobre os conceitos de modernidade tardia, como a individualidade, me fizeram questionar qual seria o passo a ser dado para a vivência e a prática do conceito de espiritualidade dentro do paradigma holístico. No primeiro ano da pandemia de COVID-19, essa inquietação se intensificou diante da percepção e da vivência de uma crise planetária que necessitava de uma postura solidária. E foi assim que me senti inspirada para traçar uma nova rota no caminho que já vinha percorrendo e buscar respostas para as minhas indagações.

Questiono, portanto, se o bem-estar, a fé, a tranquilidade e a confiança, conquistados através desse processo de autoconhecimento, também despertam a percepção mais sensível para as diferenças sociais que vivemos na realidade brasileira. Haveria um movimento de aproximação com o outro que está necessitado? Haveria mais vontade de promover trabalhos de transformação e inclusão social? Será que o sujeito que investe em seu desenvolvimento pessoal e espiritual torna-se mais solidário e sensível às diferenças? A espiritualidade contemporânea vivenciada nessa abordagem, além de transformar e ressignificar a história do sujeito que

vivência a prática terapêutica, também traz a perspectiva de que todos nós devemos ter equidade de direitos e liberdade de escolha?

Diante da atual situação política, econômica e social do Brasil, com tantas desigualdades sociais, índices de pobreza e fome tão alarmantes, com as minorias sociais [negros, indígenas, imigrantes, mulheres, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual e outros grupos e variações de sexualidade e gênero (LGBTQIAP+), idosos, moradores de vilas ou favelas, pessoas com deficiências e moradores de rua] sofrendo preconceitos e humilhações, sem a garantia dos direitos básicos por questões étnicas, de origem, financeiras, de gênero e sexualidade, pode-se fazer a seguinte indagação: Será que os profissionais que trabalham em uma abordagem que tem como objetivo o despertar e o experienciar da espiritualidade estão revendo seu papel social e promovendo práticas que caracterizam a espiritualidade mais solidária?

Portanto, aqui descrevo e considero o território em crise do Brasil desde 2013 até a chegada da pandemia de COVID-19 ao país, em março de 2020, se estendendo também ao período durante e logo após a pandemia de COVID-19, tecendo as relações existentes entre a importância da religião para a nomia social e as mudanças ocorridas a partir da modernidade, envolvendo os conceitos de secularização e pluralidade. Destaco o aparecimento de novos movimentos espirituais e a compreensão de um grupo de profissionais com formação terapêutica corporal, energética e espiritual e a percepção e a atuação destes terapeutas no contexto de crise apresentado.

É sabido que as consequências da pandemia de COVID-19 têm ampliado e agravado os quadros de sintomas físicos e emocionais, em decorrência tanto da própria enfermidade quanto das adversidades sociais e econômicas advindas dela. A primordialidade em acolher, apoiar e tratar esses sintomas se faz premente. Conduzir estudos em um contexto de crise sobreposto por outro, de forma inédita, pode ser uma possibilidade para verificar novos aspectos que envolvem a busca de uma nomia através da religiosidade/espiritualidade.

Este trabalho tem como tema de investigação a espiritualidade e o enfrentamento das desigualdades sociais durante e após a pandemia de COVID-19, a partir de uma pesquisa que teve como participantes profissionais com formação em *Core Energetics* e que estavam fazendo o curso de pós-graduação ou quinto ano da

formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*.¹ Nesse curso estão incluídos como temas de estudo e atuação diferentes contextos sociais com vulnerabilidades socioeconômicas e de exclusão social. A espiritualidade é um aspecto fundamental nessa abordagem corporal, humanista e transpessoal, pois, através de técnicas corporais e de autoconhecimento, o psicoterapeuta desperta a sua própria espiritualidade e se torna apto a trabalhar com os seus clientes para facilitar-lhes o mesmo processo.

O momento histórico do estabelecimento do campo de pesquisa e da observação do grupo foi durante e logo após a pandemia de COVID-19. No grupo de terapeutas estudados houve muitas adaptações no trabalho de atendimento psicoterápico, assim como a necessidade de aprender e ampliar os atendimentos on-line. Houve a percepção positiva de que um número maior de pessoas, incluindo grupos, podia ser atendido no formato virtual. Porém, pôde-se perceber as limitações na abrangência de atendimentos para as pessoas com dificuldades financeiras e impossibilitadas de ter acesso ao mundo virtual.

O objetivo geral do presente estudo centrou-se em verificar se o despertar da espiritualidade dos profissionais psicoterapeutas corporais em *Core Energetics* contribui para o enfrentamento das desigualdades sociais no contexto de pandemia de COVID-19 e pós-pandemia. Para que isso fosse alcançado, delineei os seguintes objetivos específicos:

1. Investigar os dados históricos da crise política, econômica e social vivida no Brasil desde 2013 até a chegada do vírus da COVID-19;
2. Compreender as mudanças ocorridas nos movimentos sociais e o conceito de espiritualidade/solidariedade como aspectos motivadores de luta e transformação social;
3. Investigar os principais conceitos que definem os novos movimentos religiosos/espirituais e os efeitos a partir da modernidade na busca religiosa e pelo sentido da existência;

¹ Os profissionais são certificados no quarto ano de formação e estão aptos a começar a atuar como terapeutas em *Core Energetics*, mas podem retornar para fazer o quinto ano, que é um aperfeiçoamento das práticas terapêuticas corporais. Durante esse aperfeiçoamento, desenvolvem atividades ou fazem estudos voltados para pessoas de baixa renda e/ou com diferentes necessidades de inclusão sociopsicoemocional.

4. Definir os princípios que caracterizam a formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics* e como esta acontece, culminando com o despertar da espiritualidade;

5. Apurar o histórico da criação da abordagem *Core Energetics* e como foi sua chegada no Brasil e se este grupo faz parte dos buscadores inseridos no *ethos* do movimento Nova Era;

6. Apurar se os terapeutas com formação em *Core Energetics* pesquisados têm conhecimento e interesse em saber das dificuldades políticas, econômicas e sociais vivenciadas pela população brasileira durante a pandemia de COVID-19 e se eles próprios vivenciaram e perceberam os danos causados por ela;

7. Averiguar como os psicoterapeutas corporais em *Core Energetics* participantes desta pesquisa compreendem e vivenciam no dia a dia a espiritualidade abordada em sua formação;

8. Verificar se o despertar da espiritualidade na formação em *Core Energetics* mudou a percepção de mundo dos psicoterapeutas pesquisados e se desenvolveram trabalhos ou ações sociais a partir da pandemia de COVID-19.

Para a consecução deste trabalho, realizei uma revisão de literatura para compreender o panorama político, econômico e social de 2013 até a chegada do novo Coronavírus, denominado SARS-CoV-2, as consequências durante e após a pandemia de COVID-19 no Brasil, os reflexos deste panorama nos movimentos sociais estabelecidos (Gohn, 2010, 2019, 2022; Scherer-Warren, 2007) e a crise da democracia (Rancière, 2014). Também realizei extensa revisão da literatura recente sobre o conceito de religiosidade/espiritualidade contemporânea a partir de autores pós-modernos, como Berger (1985, 2014, 2018), Giddens (1991, 2003), Bauman (1998, 2001, 2017) e Berger e Luckman (2012), abarcando a compreensão histórica e teórica do Movimento da Nova Era, com base em Hanegraaff (1996, 1999, 2012, 2020), Amaral (1999, 2000), Magnani (2000), D'Andrea (2000), Woodhead e Heelas (2000), Possamai (2001, 2019), Oliveira (2011a, 2011b) e Guerriero (2021), bem como acerca da construção histórica e teórica da abordagem terapêutica corporal em *Core Energetics* (Calegari, 2001; Lowen, 1982, 1995, 2007; Lowen; Lowen, 1977; Pierrakos, 1997; Reich, 1979, 1983b, 1995, 2003; Thesenga, 2016).

Conduzi investigação empírica por meio de pesquisa qualitativa tendo como participantes 12 psicoterapeutas, alunos do curso de aperfeiçoamento em *Core Energetics*, com a realização de entrevistas, utilizando questionário semiestruturado como guia durante a investigação. Minha observação de campo se deu durante as aulas ministradas aos alunos do curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*. Assisti ao módulo final dos alunos do quinto ano, no qual foram apresentados os trabalhos sociais realizados. Após a apresentação, enviei pelo WhatsApp três perguntas sobre a realização do trabalho social para 12 alunos que apresentaram os trabalhos, os quais foram desenvolvidos em grupo. Também participei de reuniões on-line da comunidade de alunos e terapeutas, grupo de WhatsApp de professores e alunos e rede social Instagram.

Em adição a isso, conduzi entrevistas com Lucia Helena Dessaune de Alencastro, diretora da Rede Brasil *Core Energetics*, Jac Conaway, do *Institute of Core Energetics* de Nova York [Instituto de *Core Energetics* de Nova York], dois terapeutas da primeira turma de formação do Brasil, Milton Fernandes e Miklos Burger, e Luiz Otávio Campello Montezuma, aluno da segunda turma do Brasil, que fazia parte da administração da Universidade Internacional da Paz (UNIPAZ) quando John Pierrakos veio ministrar aulas no Brasil. Todos eles, com suas memórias, experiências e relatos me ajudaram a aqui traçar a trajetória da *Core Energetics* no mundo e no Brasil. Considero muito relevante ter obtido relatos inéditos sobre essa história a partir de pessoas que ajudaram a construí-la.

Pretendi observar como os reflexos do momento de pandemia de COVID-19 e pós-pandemia mobilizaram ou têm mobilizado os profissionais participantes desta pesquisa em seu trabalho, de modo a contribuir com as necessidades emergentes de seus clientes e de outras pessoas em um processo de enfrentamento das desigualdades sociais. Parti da hipótese de que os profissionais que concluíram a formação em *Core Energetics* e possuem prática de trabalho nesta abordagem vivenciam a espiritualidade no dia a dia e promovem ações sociais em momentos de crise, como os períodos de pandemia de COVID-19 e pós-pandemia.

Este estudo está estruturado em quatro partes, as quais dialogam entre si a partir de definições e discussões teóricas, dados e observações fenomenológicas e verificação da hipótese. No Capítulo 1, intitulado *O Brasil durante e após a pandemia de COVID-19*, situo historicamente o momento político, econômico e social vivido no

Brasil de 2013 a 2021, que antecedeu e se manteve durante e após a chegada do vírus da COVID-19 ao país, relatando algumas atualizações acerca de fatos políticos mais marcantes ocorridos em 2023. Nele, exponho “a crise sobrepondo a crise” e, entre os vários comportamentos adversos vividos, analiso as influências religiosas negacionistas desse período e as consequências dessas atitudes. Em contraponto a essas influências negativas, apresento parte do percurso dos movimentos sociais no Brasil, bem como suas mudanças e conquistas.

O Capítulo 2 tem como título *A busca de sentido existencial: mudanças religiosas/espirituais a partir da modernidade*. Nele, eu apresento os conceitos de religiosidade, secularização e pluralismo religioso e como os autores os discutem, assim como ampliam e modificam a percepção destes termos a partir das influências dos novos comportamentos advindos da modernidade tardia. Sigo contextualizando os novos (já não mais tão novos) movimentos religiosos e o protagonismo assumido na perspectiva do conceito de espiritualidade contemporânea.

No Capítulo 3, denominado *Core Energetics: abordagem psicoterapêutica corporal, energética e espiritual*, descrevo o percurso histórico da psicoterapia corporal, que culmina com a compreensão da abordagem *Core Energetics*, a qual inclui a espiritualidade na psicoterapia corporal. Também mostro os aspectos sociais e políticos presentes na abordagem psicoterapêutica corporal trazida pelo seu criador Wilhelm Reich, demonstrando como este autor foi evoluindo na percepção do homem racional, social, emocional e espiritual, sendo o sustentáculo e a inspiração para John Pierrakos. Sigo com o encontro de John Pierrakos e Eva Broch, a criação e a evolução de *Core Energetics* até a sua chegada e permanência no Brasil. Então, proponho um entrelaçamento do movimento Nova Era com os conceitos reichianos e neoreichianos e sugiro a necessidade de diferenciar cada movimento ou abordagem que compõe o *ethos* da Nova Era, de modo a encontrar um caminho para diminuir as generalizações.

No Capítulo 4, com o título *A pesquisa de campo: a pesquisadora em interação*, descrevo como métodos de pesquisa a abordagem qualitativa e a técnica de análise temática para a elaboração do questionário semiestruturado e a análise dos dados. Detalho o caminho percorrido para o amadurecimento da escolha dos atores pesquisados, a busca de informações em um território conhecido, com a presença de um olhar que introjeta, absorve e elabora, distancia, seleciona e registra. Também aponto as semelhanças e diferenças entre os psicoterapeutas corporais em *Core*

Energetics e os buscadores da Nova Era, assim como utilizo os dados da pesquisa para análises, críticas e sugestões em relação à importância de diferenciar com mais critério os movimentos e as abordagens que compõem o *ethos* da Nova Era. Ainda apresento os dados referentes aos trabalhos sociais realizados pelos profissionais de *Core Energetics* como atividade do curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*. Nas considerações finais, apresento os objetivos alcançados e a confirmação parcial da hipótese abordada.

CAPÍTULO 1 – O BRASIL DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE COVID-19

No contexto pós-moderno ou de modernidade tardia, em que se discutem as diferentes formas religiosas de experienciar o sagrado, a pesquisa realizada para esta tese se deu em um momento planetário muito particular, no qual o medo da morte e do desconhecido trouxe à tona uma série de aspectos ocultos e negados. Ao mesmo tempo que muitos indivíduos se viram sozinhos e isolados durante a pandemia de COVID-19, só a consciência coletiva podia contribuir para evitar o contágio. A comunidade se deu nas redes virtuais, em um novo modelo de troca e convivência que se fortaleceu. Essa comunidade simultaneamente representou ajuda e disseminou notícias falsas e prejudiciais. Faz-se necessário lembrar e destrinchar esse período e compreender as manifestações advindas dessa experiência até então inusitada.

Desde as muitas precariedades e desigualdades que a maioria de nós negávamos, passando pelo apelo do planeta por mais preservação, até a exacerbação de determinados conservadorismos, tudo se densificou. E em velocidade extraordinária, as trocas foram ocorrendo. Embora o medo e a insegurança se fizessem presentes, ao mesmo tempo, a criatividade foi despertada diante da necessidade de novas formas de ser, estar e se relacionar no e com o mundo.

A pandemia de COVID-19 pode não ser o último episódio caótico advindo do desequilíbrio causado pelos seres humanos sobre o nosso planeta, pois outros poderão continuar acontecendo. A sociedade contemporânea, com suas tendências pós-modernas ou tardias, possui potencial para acelerar processos adversos. Cada um deles deveria ser uma oportunidade para reflexão acerca da impermanência, das limitações e das precariedades dos seres humanos (Lemos; Nunes, 2022). Esse foi um período que poderia despertar na humanidade uma nova forma de ser e estar no mundo; contudo, neste momento pós-pandemia, ainda não se pode afirmar que a maioria dos seres humanos esteja pronta para mudanças estruturais importantes, que podem nos salvar ou desacelerar a destruição da nossa espécie e do planeta.

Relembrar alguns aspectos da pandemia de COVID-19, em particular no Brasil, é imprescindível. No momento em que o SARS-CoV-2 entrou no Brasil, o país já se encontrava em crise sociopolítica, com suas estruturas democráticas sendo questionadas há alguns anos pela população. Poucos meses antes, viveu-se um

processo eleitoral polarizado inédito e o candidato eleito apresentava discurso populista, polarizador e controverso. Entre as diversas pautas conservadoras defendidas por ele, podem ser citadas a armamentista, a nacionalista e o controle migratório. Além disso, durante a sua campanha, ele explicitamente se declarou admirador de um torturador que atuou na ditadura brasileira, negou a existência do golpe militar de 1964, discursou ferrenhamente contra o movimento LGBTQIAP+, emitiu inúmeras falas misóginas e sexistas, além de apresentar muitos outros aspectos preconceituosos.

Foi nesse cenário que o isolamento e a pausa forçados pela pandemia clarearam a percepção de parte da população brasileira acerca das adversidades e desigualdades que permeiam a nossa sociedade. E foi diante dessa conjunção de fatores que a presente pesquisa foi desenvolvida, impulsionada por minha vontade de compreender e perceber a atuação para transformação a partir do desenvolvimento da espiritualidade.

1.1 SITUAÇÃO POLÍTICA, ECONÔMICA E SOCIAL DO BRASIL DE 2013 ATÉ A CHEGADA DO VÍRUS DA COVID-19: A CRISE PANDÊMICA SE SOBREPONDO A OUTRA CRISE

Em dezembro de 2019, uma discussão se propagou por todo o planeta. Tratava-se da chegada de um vírus, o SARS-CoV-2, que causaria, a partir de então, a pandemia de COVID-19, com os primeiros casos identificados em Wuhan, na China.

A partir de março de 2020, o vírus já estava presente em todos os continentes (Dantas, 2021). Ante o rápido crescimento do número de casos confirmados e de mortes em decorrência da COVID-19 em diferentes países, em 11 de março de 2020 o diretor geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou em Genebra, Suíça, que a doença poderia ser caracterizada como uma pandemia (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020; World Health Organization, 2020).

É importante considerar que no momento do anúncio, o Brasil já vinha passando por uma crise política, que foi ficando cada vez mais clara à medida que esse episódio mundial precisava ser enfrentado. A crise se iniciou ou se intensificou a partir de 2013, no terceiro ano do primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff, iniciando-se com manifestações contra o aumento das tarifas de transporte público.

Alonso (2017) fez uma análise dos movimentos e protestos, mostrando como foi se intensificando a polarização, percebida simbolicamente em 31 de agosto de 2016, data da votação do *impeachment* da então presidente Dilma, quando o Brasil acordou com uma cerca fincada na frente do Congresso Nacional com a finalidade de dividir as pessoas pró e contra o *impeachment*. A autora elucidou que os manifestantes podiam ser enquadrados em modelos baseados em três repertórios de confronto: socialista, caracterizado por megafones, bandeiras vermelhas e organização vertical; autonomista, uma novidade, tendo um estilo de vida alternativo, com organização descentralizada, deliberação por consenso, tática *black bloc* contra símbolos financeiros e políticos, *slogans* e signos anarquistas repaginados; patriota, com discurso nacionalista e conservador, presença de grupos de direita e de movimentos pró-*impeachment*.

Didaticamente, Alonso (2017) dividiu os protestos em três ciclos de confronto, de 2013 a 2016, embora a crise política seja uma só. No primeiro ciclo, chamado por ela de mosaico e que ocorreu no mês de junho de 2013, a primeira fase foi denominada pela autora “*eclosão do protesto*” contra o aumento das tarifas de transporte público (Alonso, 2017, p. 51), liderada pelo Movimento Passe Livre no dia 6, utilizando o modelo de ativismo autonomista, estilo este que não tinha liderança, o que foi um problema para a negociação com o prefeito de São Paulo. Tatagiba (2014) pontuou a incapacidade das elites políticas e dos partidos de esquerda de dialogar com esse novo e complexo ator coletivo e de buscar encaminhar suas demandas por dentro das instituições. A autora previu que a radicalização, a polarização e o uso da violência como estratégias teriam vindo para ficar. Essa projeção estava certa, porque até o presente momento essa violência ainda ocorre no país.²

² Na segunda edição do estudo *Violência política e eleitoral no Brasil*, produzido pelas organizações de direitos humanos Terra de Direitos e Justiça Global, foi analisado o período entre 2 de setembro de 2020 a 31 de outubro de 2022, no qual foram registrados 542 casos de violência política envolvendo 497 vítimas, entre representantes de cargos eletivos, candidatos/as ou pré-candidatos/as e agentes políticos. Também foram registrados 68 assassinatos, 125 atentados, 172 ameaças, 101 agressões e 110 ofensas, além de sete casos de criminalização e 22 de invasão. No período eleitoral, até o primeiro turno, entre 1º de agosto e 2 de outubro de 2022, 120 casos de violência política foram registrados contra agentes políticos, praticamente dois casos por dia. Durante o segundo turno, foram registrados 80 casos de violência política e entre oito pessoas assassinadas, cinco eram eleitoras de Lula e duas, de Bolsonaro, uma das vítimas tinha 12 anos de idade e quatro assassinatos ocorreram dentro de casa. Parlamentares negros, mulheres, pessoas LGBTQIAP+ e defensores dos direitos humanos são os que mais sofrem com a violência política e eleitoral de forma recorrente (Terra de Direitos e Justiça Global, 2022). Nos primeiros três meses de 2023, o Brasil registrou 114 casos de violência política (Resende, 2023).

As manifestações em junho de 2013 continuaram, dando início à segunda fase a partir do dia 11 de junho, chamada por Alonso (2017, p. 51) de “*diversificação*”, com o surgimento de disputas pela liderança e novas e diversificadas adesões acontecendo, como de variados movimentos já tradicionais, sindicatos, pequenos partidos de esquerda e ativistas de múltiplas causas. Houve repercussão internacional, apoio da mídia tradicional e, como consequência, repressão no dia 13, fato que inflamou ainda mais os manifestantes, que obtiveram solidariedade e apoio da mídia e até de cidadãos não engajados.

Os atos foram escalando e se tornaram massivos em 12 capitais de estado no dia 17 de junho, na terceira fase, que Alonso (2017, p. 52) denominou “*massificação*”. As mais diferentes pessoas, que nunca haviam participado de nenhum ato político coletivo, apareceram para protestar (torcidas organizadas, associações de moradores, famílias inteiras, pessoas de várias faixas etárias). Essa multidão foi convocada via redes virtuais (WhatsApp, Twitter, Facebook) e presenciais (grupos de amigos, colegas de trabalho, familiares) (Alonso, 2017). “Ativistas autonomistas e socialistas os mencionaram como ‘gente esquisita’, inusual em protestos” (Alonso, 2017, p. 52), fortalecendo o modelo patriota, que ia do liberalismo a favor de um Estado enxuto à solicitação da volta da ditadura, com rechaço às instituições democráticas e identificando membros do Partido dos Trabalhadores (PT) como verdadeiros corruptos, que mereciam cadeia. Daí surgiu, no final do primeiro mês de protestos, o “Fora Dilma”. O antipetismo se tornou o foco principal dos protestos, o que estabeleceu um forte laço entre os manifestantes avulsos, ou seja, os patriotas (Alonso, 2017).

Alguns grupos de manifestantes se apresentaram nos protestos vestidos com camisas da seleção brasileira de futebol, entoando cânticos típicos de estádios, indicando que eram cidadãos pouco familiarizados com as manifestações. Esse grupo relembrou o escândalo do Mensalão, que afetou a cúpula diretiva petista durante o primeiro mandato do presidente Lula, e direcionou grande parte das críticas ao governo de Dilma Rousseff (Santos Junior, 2019). Tatagiba (2014) opinou que esses protestos apresentavam uma lógica de personalização das demandas, que misturava a defesa dos direitos das minorias com pedidos de intervenção militar, refletindo um desejo de mudança generalizada e ainda mais difuso do que as manifestações

anteriores, como as das Diretas Já e Fora Collor, que contavam com a organização e o engajamento decisivo de associações civis.

Gohn (2019) sistematizou o perfil dos participantes nessas manifestações de 2013. Entre eles, 63% tinham idades entre 14 e 29 anos, ou seja, era um grupo predominantemente formado por jovens. O grau de escolaridade revelou que a grande maioria que saiu às ruas foi de camadas médias para cima, pois 49% tinham cursado o ensino básico completo ou superior incompleto e apenas 8% tinham o ensino básico incompleto. Do total, 76% trabalhavam e 52% estudavam, 49% apresentavam renda familiar acima de cinco salários-mínimos e 15% inferior a dois salários-mínimos, 37,6% apontaram o transporte público como o principal motivo de protesto, enquanto 29,9% indicaram o ambiente político e 46% dos participantes eram neófitos em manifestações públicas. Para 62% dos entrevistados, a informação sobre as manifestações foi obtida através da rede social Facebook e outros 29% obtiveram o informe também via on-line (Internet e outros). Outro dado relevante: a maioria era composta de usuários das novas mídias, pois 75% dos entrevistados/manifestantes convocaram outros participantes por meio de redes sociais. Indagados se eles se sentiam representados por algum político, suas respostas foram surpreendentes: 83% disseram não e 86% não se sentiam representados por qualquer partido. Além disso, 96% dos entrevistados não eram filiados a partidos políticos e 86% deles não eram filiados a sindicatos, entidades de classe ou entidades de estudantes.

Além disso, Gohn (2019) revelou que o perfil ideológico dos manifestantes era difuso, com 22% deles se autodeclarando de esquerda, 14% de centro-esquerda, 31% de centro, 11% de centro direita, 10% de direita e 13% não souberam responder. Os dados resumem um quadro de insatisfação da juventude de classe média, com hábitos de informação digital e nenhuma ou pouca experiência formativa anterior em associações civis.

Conforme Gohn (2019), uma Pesquisa Datafolha realizada no dia 18 junho de 2013, mês do início dos protestos em São Paulo, registrou que 77% dos entrevistados eram a favor dos protestos e somente 18%, contra, 51% consideraram que a polícia agia de forma mais violenta do que deveria e 67% viam no aumento das passagens o motivo das manifestações, enquanto 38% consideraram a corrupção o motivo principal e 35% mencionaram os políticos como causa. Essa pesquisa também evidenciou a descrença da população nos poderes públicos, nos partidos e nos

políticos. As redes sociais foram avaliadas como instituições de prestígio (72%), seguidas da imprensa (70%) e da Igreja Católica (34%). Esses dados mostram tanto os graus de percepção dos cidadãos em relação à sociedade e à política como a crise de legitimidade dos poderes constituídos, assim como as janelas de esperança da população, que se centraram na atuação das redes sociais e na vigilância da imprensa.

Santos Junior (2019) apontou que o ciclo de protestos de junho de 2013 destacou a importância das tecnologias digitais na ação política, incluindo a habilidade em ajudar na mobilização, convite, organização e divulgação de atos públicos. Esse aspecto é explicado pelo conceito de autocomunicação de massa, definido por Castells, de acordo com o qual, os indivíduos podem criar e disseminar suas próprias informações (A autocomunicação..., 2013). Essas visões de mundo dos cidadãos são compartilhadas, tendo como cenário uma situação de crise de legitimidade das instituições representativas da democracia. As redes tecnológicas são apropriadas pelos cidadãos para produzir e compartilhar suas opiniões. A autocomunicação gera autonomia na emissão, seleção e recepção de mensagens. Assim, essas redes permitem a criação de redes autônomas de comunicação e, através delas, conseguem atingir um potencial de audiência massiva. Dessa forma, “uma sociedade em rede é uma sociedade cuja estrutura social é construída em torno de redes ativadas por tecnologias de comunicação e de informação processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica” (Castells, 2015, p. 70), tornando-se global, já que transcende fronteiras geográficas e institucionais, mas construída a partir de experiência humana local. A autocomunicação de massa ou automediação dos protestos teve como objetivos difundir interpretações dos fatos a partir da perspectiva dos participantes, mobilizar e coordenar as ações, além de preservar e consolidar a memória coletiva. Contudo, considerando a composição de gênero e raça da classe média brasileira predominante nos protestos, em adição à ausência de abordagem racial, é questionável se o movimento foi verdadeiramente inclusivo e democratizante, indicando que houve mais conservação de silenciamento do que libertação e emancipação.

Em uma perspectiva multidimensional, por meio da combinação de tradições marxistas e weberianas, Costa (2018) recuperou alguns argumentos centrais dos que defendem a atualidade do conceito de classes no âmbito do capitalismo tardio, como

a importância da propriedade dos meios de produção e da posição na hierarquia ocupacional para a definição das classes sociais. Além disso, empregou a noção de estratos, que são grupos sociais (*outsiders*³, estabelecidos⁴, milionários⁵ e pobres⁶) definidos a partir de cinco vetores determinantes da desigualdade social: riqueza, posição em contextos hierárquicos, conhecimento, associação seletiva e direitos existenciais. Essa abordagem permitiu uma análise mais complexa e matizada das estruturas de classes sociais, levando em consideração não apenas a situação econômica, mas também outros fatores que influenciam a posição social dos indivíduos.

Ao analisar pesquisas sobre o perfil social dos participantes das manifestações de junho de 2013, Singer (2013) sugeriu que eles podem ser simultaneamente a expressão de uma classe média tradicional inconformada com diferentes aspectos da realidade nacional e o reflexo daquilo que denominou novo proletariado: os trabalhadores, em geral jovens, que conseguiram emprego com carteira assinada na década lulista (2003–2013), mas que padecem com baixa remuneração, alta rotatividade e más condições de trabalho. Incluem-se nesse novo proletariado os estabelecidos e os *outsiders*, conforme categorizou Costa (2018).

Costa (2018) considerou que a aliança de classe comandada pelo PT trouxe, entre 2003 e 2013, mais riqueza, conhecimentos e direitos existenciais para a

³ “A denominação *outsiders* não é naturalmente um auto atributo. Ela se enquadra no âmbito da figuração estabelecidos-*outsiders* descrita acima e expressa a dinâmica que se instaurou quando pessoas, até então classificadas como pobres, ascenderam socialmente, incrementando seu nível de renda e de consumo e passando a disputar espaços sociais e bens de consumo antes reservados aos estabelecidos” (Costa, 2018, p. 512).

⁴ “A referência à classe média estabelecida opera como contraparte no âmbito da figuração estabelecidos-*outsiders*, de sorte a formar uma teia interdependente [...] pode-se afirmar que este grupo corresponde, no modelo de cinco classes de renda A a E, àqueles que já se encontravam na classe C em 2003, além dos membros das classes A e B, descontados os milionários [...]” (Costa, 2018, p. 513).

⁵ “A partir dos dados das declarações de renda, [...] a parcela da renda apropriada pelos 1% mais ricos, quais sejam, aqueles que ganhavam mais de 203.100,00 reais por ano em 2012 cresceu, recentemente, chegando a 25% da renda total dos brasileiros em 2012. Partindo também das declarações de impostos de renda, [...] a evolução da renda do 1% mais rico no longo prazo, [...] esta cai entre 1987 e 2005, mas a partir daí sobe novamente, atingindo, em 2011, seu ápice em toda a série estudada. Não obstante, é razoável supor que estejam perdendo renda, em termos absolutos, no âmbito da presente crise, dada a retração da economia e a redução dos lucros” (Costa, 2018, p. 515).

⁶ “Os pobres brasileiros, na acepção aqui adotada, correspondem àquela parte da população que vive no limite da linha de pobreza e que, ou vive de transferências não apresentando rendimentos próprios e/ou ocupa as posições menos valorizadas no mercado de trabalho, com forte participação no trabalho doméstico. É menos escolarizada, não pertence a associações privilegiadas e seus direitos existenciais são particularmente vulneráveis. [...] 30% dos domicílios brasileiros, ou 37,5% da população eram pobres ou indigentes, caindo estes números, respectivamente, para 14,1% e 16,5% em 2013” (Costa, 2018, p. 510).

população em geral; porém, para os estabelecidos, houve perda de poder, já que sua capacidade de excluir *outsiders* e pobres diminuiu. No mesmo período, mesmo estando a igualdade de gênero e etnorracial muito longe de ser atingida, houve diminuição deste tipo de discriminação por parte de homens brancos. O ressentimento contra o PT a partir da perda de poder sobre as hierarquias de classe, gênero e raça foi alimentado durante todo o tempo em que este esteve no poder, mesmo quando havia uma ascensão financeira da população. A partir de 2014, a crise econômica atingiu todos os grupos sociais, ainda que em formas e proporções distintas, como perda de emprego formal e endividamento, levando a uma recuperação econômica lenta e difícil.

O segundo ciclo descrito por Alonso (2017), por ela chamado de ciclo patriota (março e abril de 2015), foi sendo gestado a partir de uma situação de incerteza estrutural desde 2013, alimentado pelos julgamentos do Mensalão. Em adição a isso, houve a nova operação da Polícia Federal contra a corrupção, a Operação Lava Jato,⁷ deflagrada em 2014, que expôs esquemas de desvios de verbas públicas envolvendo altos funcionários do governo e grandes empresários.

Conforme analisou Alonso (2017), durante 2014 houve uma inversão de posição entre dois setores: os grupos de estilo autonomista perderam o protagonismo à esquerda do governo para os de estilo socialista. Enquanto isso, o setor patriota cresceu em importância, principalmente quando se revoltou contra o Programa Mais Médicos,⁸ iniciativa que surgiu como uma das respostas do governo às reivindicações populares (Médicos..., 2013). Em São Paulo e em outras capitais, grupos de médicos convocaram os profissionais de saúde para protestar contra o Programa Mais Médicos. Pela primeira vez na história, médicos credenciados a planos de saúde particulares e com consultórios privados foram para as ruas protestar. Estavam revoltados contra um programa que tinha como um de seus principais objetivos enviar

⁷ “Iniciada em março de 2014, a Operação Lava Jato foi a maior investigação sobre corrupção realizada no Brasil. A força-tarefa cumpriu mais de mil mandados de busca e apreensão, prisão temporária, prisão preventiva e condução coercitiva, e descobriu um megasquema de corrupção na Petrobras envolvendo políticos de diferentes partidos e outras empresas públicas e privadas. O nome Lava Jato foi escolhido porque um dos locais que movimentava dinheiro de origem ilegal era um posto de combustíveis e lava a jato [sic] de veículos em Brasília.” (Projeto Comprova, 2022).

⁸ O Programa Mais Médicos foi lançado em julho de 2013. Em julho de 2015, reunia 18.240 médicos, beneficiando 63 milhões de pessoas em 4 mil municípios, isto é, 72% de todas as cidades brasileiras. Esses profissionais atuam em locais onde vivem as pessoas com maior vulnerabilidade, nas periferias das grandes cidades brasileiras, quilombos, assentamentos rurais, aldeias indígenas e Floresta Amazônica (Programa Mais Médicos, 2015).

médicos para trabalhar nas periferias do país. Nesse grupo patriota havia “Na liderança da ala mais liberal, o Vem pra Rua; no meio do caminho, o Movimento Brasil Livre (MBL); e na frente reacionária, o Revoltados On Line. Em comum, patriotismo e anticorrupção” (Alonso, 2017, p. 54).

O terceiro e último ciclo da análise de Alonso (2017) foi o do *impeachment* (dezembro de 2015 a março de 2016). No final de 2015, houve mudança nas ruas, uma vez que a predominância patriota se viu confrontada por uma reação resistente do setor socialista, gerando competição entre #foradilma e #nãovaitergolpe. Um interessante fato destacado por Alonso (2017, p. 56) foi sobre o jogo político, pois

A Polícia Federal prendeu o líder do governo no Senado, por obstrução à Lava Jato, a bancada do PT votou pela investigação do presidente da Câmara na Comissão de Ética, e este (Cunha) retaliou, autorizando abertura de processo de impeachment de Dilma.

As manifestações se intensificaram, o *impeachment* de Dilma Rousseff gerou intensos debates sobre sua legalidade e se este se tratava de um golpe político ou não. Foi dado início ao processo de *impeachment* no dia 2 de dezembro de 2015 e o caso se encerrou em 31 de agosto de 2016, com a cassação de seu mandato (Impeachment..., 2016). No entanto, o inquérito civil instaurado para apurar supostas irregularidades cometidas pelo ex-ministro da Fazenda de Dilma Rousseff, Guido Mantega, em operações de crédito entre o Tesouro Nacional e bancos públicos, como Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, em 2015, caso que ficou conhecido como “pedalada fiscal”, foi arquivado em 2022 por deliberação do Ministério Público Federal, tendo sido essas “pedaladas” que culminaram com o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016 (Reina, 2022). Em agosto de 2023, por unanimidade, os desembargadores do Tribunal Regional Federal mantiveram a decisão do Ministério Público Federal de arquivamento do processo e alegaram que:

[...] tanto o Tribunal de Contas da União quanto a Corregedoria do Ministério da Economia afastaram a possibilidade de responsabilização dos agentes públicos que concorreram para as pedaladas fiscais do ano de 2015, seja em virtude da constatação da boa-fé dos implicados, seja porquanto apenas procederam em conformidade com as práticas do MPOG (Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão) (Oliveira, 2023).

Conforme o relato histórico de Alonso (2017), em dezembro de 2016, observando que o governo Temer não zelaria pela moralidade pública, o setor patriota protestou em 83 cidades brasileiras, atraindo somente 15 mil pessoas, refletindo as brigas internas do grupo. Em março de 2017, quando os diversos grupos voltaram à Avenida Paulista para defender a Operação Lava Jato, cada um deles levou seus próprios carros de som, bandeiras e ídolos, o que demonstrava a falta de coesão. O setor socialista manteve a articulação contra o *impeachment*, levantando a bandeira #fora temer e investindo em atos públicos expressivos.

Santos Junior (2019) observou que o governo Michel Temer atuou em duas direções principais: implementou medidas impopulares de austeridade econômica com flexibilização de direitos sociais/trabalhistas e protegeu a base parlamentar ameaçada pela Operação Lava Jato. Durante essa breve administração, houve redução das garantias sociais em troca das maiores anistias de dívidas já vistas em uma década, além de um balcão de vendas de emendas em troca de votos contrários à abertura de processos e aumentos salariais para o Judiciário. O resultado foi um modelo que favoreceu acordos com elites políticas, judiciárias, empresariais, financeiras e rurais em prejuízo da população, com o objetivo de manter o seu mandato diante das séries de acusações de corrupção.

Em março de 2017, ocorreram novos eventos pró-Lula e antirreformas trabalhista e da previdência. No setor patriota, o MBL, movimento político brasileiro liberal conservador e vinculado à direita, ativo desde 2014, elegeu prefeitos e vereadores por partidos envolvidos em escândalos de corrupção. Simultaneamente, sua base investiu em empresários, como João Dória, em juízes, como Sérgio Moro, e em militares, como Jair Messias Bolsonaro (Alonso, 2017).

Santos Junior (2019) relatou que, nas eleições de 2018, houve inúmeras circunstâncias decorrentes da instabilidade política que se instalou nos anos anteriores, o que culminou com a surpreendente vitória do candidato Jair Messias Bolsonaro. O descrédito do sistema político após quatro anos da Operação Lava Jato e a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que liderava as pesquisas de opinião, foram os principais fatores que influenciaram o resultado das urnas. O

juízo⁹ do ex-presidente Lula foi conduzido rapidamente, com várias irregularidades e manobras “atípicas” no processo, resultando em sua prisão, o que pode ser interpretado como um exemplo de uso político do sistema judiciário guiado para impossibilitar sua disputa eleitoral. Reparando o que chamou de “erro histórico”, em 6 de setembro de 2023, o ministro do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli, anulou todas as supostas provas contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que o haviam levado a ficar preso por 580 dias (Redação CUT, 2023).

Outro aspecto a ser considerado é que a “demonização” do PT, iniciada em 2013, foi severamente reforçada pela disseminação de conteúdos e imagens falsas. Durante décadas, Bolsonaro utilizou estratégias polêmicas para manter sua presença na mídia, inclusive internacional. Um exemplo foi a entrevista que deu ao cineasta inglês Stephen Fry, em 2013, para compor um capítulo do documentário *Out There* [Lá Fora], abordando o avanço da homofobia no mundo, que foi exibido pela *British Broadcasting Corporation* [Corporação Britânica de Radiodifusão], emissora do Reino Unido. Na época, o cineasta relatou: “Foi um dos mais estranhos e sinistros encontros que já tive na minha vida. [...] Ver tanta ignorância, brutalidade, estupidez e horror não ajudou. Tive que me concentrar para não perder a calma diante dos absurdos ditos por esse senhor” (Há cinco..., 2018). Foram muitas as ocasiões em que Bolsonaro fomentou polêmicas a partir de suas falas, chegando ao cúmulo de divulgar um vídeo pornográfico de dois homens no Carnaval de 2019 (Após..., 2019).

Santos Junior (2019) lembrou que, a partir de 2014, Bolsonaro aumentou sua participação em programas de auditório e fez viagens por todo o país, o que ajudou a sua família a conquistar apoio local. Além disso, eles estabeleceram conexões com jovens influenciadores digitais, que são habilidosos em criar conteúdo e chamar atenção nas redes sociais. O processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff foi fundamental para que a imagem de Bolsonaro como candidato se

⁹ Como decorrência da operação Lava Jato, Luiz Inácio Lula da Silva foi condenado a 12 anos e 11 meses de prisão por corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Foi preso em 7 de abril de 2018 e cumpriu pena por 580 dias na sede da Polícia Federal em Curitiba, PR. Em 8 de novembro de 2019, após decisão do Supremo Tribunal Federal, que considerou ilegal o cumprimento antecipado da pena após condenação em segunda instância, ele foi solto. É importante destacar que houve controvérsias e debates em torno do processo e da prisão de Lula, tanto em relação à sua condenação quanto ao cumprimento antecipado da pena (Lula discursará..., 2019; Lula é solto..., 2019; Pavaneli; Justi; Hising, 2019). Em 14 de abril de 2021, o Plenário do Supremo Tribunal Federal confirmou, por 8 votos a 3, a decisão do ministro Edson Fachin, que declarou a incompetência da 13ª Vara da Justiça Federal de Curitiba, PR, e anulou as ações penais contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva por não se enquadrarem no contexto da operação Lava Jato (Supremo Tribunal Federal, 2021).

espalhasse no Facebook durante a eleição de 2018. Desde então, ele se tornou o político com maior engajamento e capacidade de gerar compartilhamentos, o que o colocou em posição vantajosa em relação aos seus adversários no espaço digital. Ainda afirmou Santos Junior (2019) que os dados de sua pesquisa suportam a análise de que as redes de direita já estavam dedicadas especialmente à candidatura de Bolsonaro desde o final de 2014, com intensificação em 2016.

Avritzer (2020) avaliou que foram dois episódios protagonizados por Bolsonaro que o alçaram de sua posição de político marginal ao centro da política brasileira. O primeiro momento foi quando fez a sua declaração de voto, no dia 17 de abril de 2016, pelo *impeachment* da presidente Dilma Rousseff proferindo as seguintes palavras: “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo Exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim” (Avritzer, 2020, p. 5). Com esta declaração, ele se credenciou como líder da direita brasileira, principalmente pelos setores militares que vinham se organizando desde 2015. O segundo episódio foi o atentado em Juiz de Fora, MG, no início do processo eleitoral, em 6 de setembro de 2018, que levou o candidato à liderança nas pesquisas de opinião e a uma votação de mais de 46% no primeiro turno e de 55% no segundo turno, com o detalhe de não ter apresentado programa de governo e nem participado de nenhum debate com os adversários.

Santos Junior (2019, p. 92) criou um gráfico para analisar a construção das lideranças de Lula e Bolsonaro ao longo do ano de 2018, computando mês a mês as porcentagens de *posts* que os mencionavam, e assim o analisou:

O resultado [...] compara a porcentagem de menções a Jair Messias Bolsonaro e Lula a cada mês, demonstrando como a visibilidade do então deputado federal cresceu vertiginosamente depois de julho de 2018, quando seu nome apareceu em segundo lugar nas pesquisas. Ele só tomou a liderança, todavia, depois de setembro, quando levou a facada em evento eleitoral nas ruas de Juiz de Fora, Minas Gerais. Já Lula, tem o maior percentual de citações em abril, mês em que é preso depois de sentença em segunda instância. Mesmo sem se pronunciar, o ex-presidente continuou sendo a liderança com maior visibilidade nas redes até o mês de agosto.

Parece que a crise a partir das manifestações de 2013 deu acesso a uma revolta acumulada há séculos. A partir daí, as rachaduras brasileiras vieram à tona e começaram a cobrar o seu preço por intermédio de mediadores os mais variados. No

saldo das manifestações, também houve o retorno e a diversificação dos movimentos sociais, coletivos feministas e antirracistas, fortalecendo a sua potencialidade de transformações e rupturas. Parece que uma luz surgiu para tirar o sossego da elite branca e patriarcal. Ante esse ambiente incendiário de potencialização de consciência, o polo oposto reagiu em defesa da velha e tradicional ordem, que estaria sendo ameaçada, inclusive com apelo à ala tradicional religiosa e a diferentes tradições.

Embora não tenha a intenção de me aprofundar na compreensão da crise democrática, vale refletir acerca da perspectiva de Rancière (2014) quando explicou que a crítica à democracia é tão antiga quanto a própria noção de democracia. A política deveria significar mais do que uma escolha entre oligarcas substituíveis. Na opinião do autor, não vivemos em uma democracia, mas em estados de direito oligárquicos, em um sistema que dá à minoria mais forte o poder de governar. O ódio à democracia se dá como o ódio ao povo e aos seus costumes, à sociedade que busca o respeito aos direitos e às diferenças, que luta pela igualdade, e não às instituições que dizem representar o direito e o poder do povo. O ódio defende que o governo democrático é ruim quando se deixa corromper pela sociedade democrática, que tem por objetivo que todos sejam iguais e as diferenças sejam respeitadas. E o governo democrático é visto como bom quando consegue mobilizar os sujeitos indiferentes da sociedade democrática em defesa da guerra em prol dos valores da civilização.

No Brasil, se por um lado testemunhamos grupos e ideias religiosas extremistas presentes na política, por outro lado faz-se importante não desistir de lutar contra a ameaça à democracia, e entender, como afirmou Rancière (2014, p. 11), que “só existe uma democracia boa, a que reprime a catástrofe da civilização democrática”. Muitos grupos e discursos antidemocráticos empregam as vias democráticas para clamar pelo retorno de regimes ditatoriais, como presenciamos muitas vezes em nosso país.

A democracia permanece em constante e conflitivo crescimento e expansão, vez que a natureza democrática é conflitiva. A democracia não está vinculada somente aos partidos políticos, às instituições e à governabilidade, mas surge em muitos lugares e é inacabada (Rancière, 2014). A democratização das formas de vida social continua em construção. Nesse sentido, Rancière (2014, p. 121) descreveu a democracia como

[...] a ação que arranca continuamente dos governos oligárquicos o monopólio da vida pública e da riqueza a onipotência sobre a vida. Ela é a potência que, hoje mais do que nunca, deve lutar contra a confusão desses poderes em uma única e mesma lei da dominação.

É importante salientar a ação e a potência que compõem a democracia e a necessidade de movimentar e buscar caminhos para que ela prevaleça. As democracias em geral, e em especial a brasileira, como observaram Iribure Junior e Cunha (2023), enfrentam uma série de desafios que precisam ser encarados. Esses desafios não estão relacionados a mudanças no sistema de representação em si, ou na inclusão de um novo modelo. Há necessidade de conscientização da população sobre a importância do comparecimento às urnas, do estímulo em buscar fontes confiáveis de informação se prevenindo da influência das *fake news* e do aumento da motivação para participação dos cidadãos em partidos políticos.

Em discussão sobre a representação política, Miguel (2003) preceituou que há dois valores muito importantes que devem ser considerados, a necessidade da compreensão e o aprofundamento do pluralismo político. Como é imprescindível contemplar as necessidades e os interesses de todos, torna-se fundamental construir os grupos a partir de discussões dos interesses comuns e não apresentar já um grupo constituído. Outro aspecto destacado por Miguel (2003) é o reconhecimento do valor da autonomia, a importância da construção de regras sociais por aqueles que estarão submetidos a elas, o que exige liberdade de escolha e consciência acerca das oportunidades disponíveis, observando a legitimidade de informações para a construção de preferências. Ainda salientou o autor que o aprimoramento das representatividades está além do espaço das instituições políticas formais. As reformas políticas são importantes mas insuficientes, sendo imprescindível garantir acesso ao debate público e à auto-organização na sociedade civil, pois são condições para o funcionamento do regime democrático. Deve-se, portanto, assegurar “A difusão das condições materiais mínimas que propiciem, àqueles que o desejem, a possibilidade de participação na política” (Miguel, 2003, p. 136).

Uma premissa importante é que a esfera política não está separada do restante da sociedade, sendo necessário um mínimo de igualdade material e de condições básicas de existência para a manutenção do funcionamento democrático (Miguel, 2003). A transformação estrutural só pode ocorrer com o empoderamento dos

grupos sociais marginalizados, pois, sem isso a democracia fica gravemente comprometida.

Nesse cenário em crise democrática, o vírus da COVID-19 chegou ao Brasil. Desde o registro dos primeiros casos, em março de 2020, a realidade brasileira, já permeada pelas desigualdades sociais, sofreu impactos em vários aspectos, incluindo o sistema de saúde, a economia, o mercado de trabalho e as questões sociais, o que acentuou ainda mais as desigualdades sociais no país. A invisibilidade das camadas mais vulneráveis da população agravou-se durante a pandemia de COVID-19, o que pode ser percebido como uma degradação da legitimidade democrática. A população mais vulnerável, como os trabalhadores informais, as comunidades mais pobres e os grupos minoritários, foram os mais afetados. A falta de acesso a condições de higiene adequadas e aos serviços de saúde acabou exacerbando as desigualdades preexistentes em nosso sistema. Mais de três anos se passaram e, ao longo deles, várias medidas foram tomadas, novos comportamentos foram adquiridos e desafios enfrentados: isolamento, acesso virtual em demasia, máscaras de proteção, álcool 70%, excesso de higienização, dificuldades financeiras, mortes, negacionismo e tantos aspectos de desigualdades desvelados.

Desde os primeiros momentos da pandemia, o Brasil foi bombardeado com discursos aderidos ao capitalismo e distantes da valorização da vida humana, defendendo a ideia de que o isolamento social representaria prejuízos econômicos. A comunidade científica foi solenemente ignorada. Entre as contradições vividas na pós-modernidade, fomos submetidos ao impacto da infodemia. Enquanto a informatização, por um lado, trouxe os seus avanços tecnológicos, que melhoraram a qualidade de vida das pessoas, por outro, propiciou a disseminação de notícias falsas, que aumentaram o medo, a insegurança e o número de mortes no país como um todo. Em pesquisa realizada com profissionais de saúde da linha de frente de combate à COVID-19, Freire (2022, p. 55) alertou que

Para 91% dos profissionais da saúde entrevistados em todo o país, as *fake news* em saúde são um obstáculo no combate ao novo coronavírus. Apenas 3,5% dos entrevistados discordaram dessa afirmação.

Desde a preconização do uso em massa de remédios comprovadamente ineficazes contra o vírus da COVID-19, passando pela negação da eficiência da vacina e chegando a deturpações dos números de óbitos e infectados, o governo

Bolsonaro disseminou *fake news*, como jamais visto antes, com o propósito de desinformar a população brasileira. Ainda há muito para se compreender sobre as mais diversas variáveis decorrentes desses fatos para que possamos enfrentar melhor os dissabores globais que provavelmente virão.

1.2 A CHEGADA DO VÍRUS DA COVID-19 NO BRASIL E AS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS

Foi nesse cenário político de crise e após 14 meses da posse do presidente Jair Messias Bolsonaro, caracterizados por retórica agressiva e negacionista, que o enfrentamento da pandemia de COVID-19 se deu de forma ainda mais desafiante e com efeitos catastróficos. Esse governo (2019–2022) ficará marcado na história como aquele que indicou medicamentos e tratamentos sem comprovação científica, atrasou a compra de vacinas, sabotou o isolamento social e ainda utilizou o momento da tragédia como distração para aprovar medidas contra o meio ambiente, servidores públicos, entre outras. Não é possível negar o grave descaso com que o governo federal tratou desses assuntos durante toda a pandemia.

A retórica agressiva do governo de Jair Bolsonaro, como bem pontuou Lyra (2021), apareceu quando ele era ainda candidato e ameaçou matar os eleitores do PT, ao bradar “vamos fuzilar a petralhada” em setembro de 2018, em sua campanha eleitoral no Acre (Ribeiro, J., 2018). Esse fato foi, posteriormente, concretizado por um eleitor de Bolsonaro, que assassinou o tesoureiro do PT em sua festa de aniversário de 50 anos, em Foz do Iguaçu, PR, em julho de 2022, cujo tema era uma homenagem ao partido e ao seu candidato à presidência (Azevedo; Luc, 2022). Também ficou explícita quando das ameaças de morte vindas de seus seguidores, como ocorreu contra o deputado Jean Wyllys,¹⁰ do Partido Socialismo e Liberdade, que renunciou ao seu mandato e exilou-se na Alemanha, e contra a filósofa e escritora Marcia

¹⁰ Em meio a ameaças de morte por apoiadores de Bolsonaro, Jean Wyllys desistiu do terceiro mandato na Câmara dos Deputados e saiu do Brasil em 2019, no primeiro mês do governo Bolsonaro, e só retornou quatro anos depois, no dia 30 de junho de 2023. Seu retorno aconteceu no mesmo dia em que o ex-presidente Jair Bolsonaro foi condenado à inelegibilidade por oito anos pelo Superior Tribunal Eleitoral (Ex-deputado..., 2023).

Tiburi,¹¹ candidata do PT ao governo estadual do Rio de Janeiro em 2018, que deixou o Brasil com a justificativa de estar sob ameaças, bem como quando Bolsonaro promoveu e incentivou constantes ataques violentos e machistas contra integrantes do espectro político institucional ligado aos movimentos LGBTQIAP+.

Não bastassem esses fatos, certos membros que compuseram aquele governo se envolveram em grandes polêmicas. Como o presidente da Fundação Palmares, Sergio Nascimento de Camargo, empossado no cargo para promover o resgate da cultura negra, que considera que a escravidão foi horrível, mas que foi “benéfica” para os descendentes dos escravos. Em setembro de 2019, declarou que o “Brasil tem racismo nutella. Racismo real existe nos EUA. A negrada daqui reclama porque é imbecil e desinformada pela esquerda” (Chefe..., 2019). Em outra polêmica postagem, em novembro do mesmo ano, ele defendeu a extinção do Dia da Consciência Negra, pois de acordo com ele, “O Dia da Consciência Negra é uma vergonha e precisa ser combatido incansavelmente até que perca a pouca relevância que tem e desapareça do calendário” (Chefe..., 2019).

Em seu artigo sobre o reflexo do racismo durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, Nunes e Lemos (2022) constataram a grande diferença no acesso a vacinas e serviços médicos, assim como no número de óbitos pela COVID-19, entre brancos e negros. Esses fatos evidenciam a permanência do racismo estrutural no Brasil, com graves consequências sociais e humanas em desfavor da população negra.

A pandemia de COVID-19 trouxe também à tona as desigualdades e a exploração presentes no sistema capitalista/neoliberal, refletidas nos altos índices de mortes entre a população negra e as categorias de trabalhadores de baixa renda (Acayaba; Reis, 2020; Martins-Filho *et al.*, 2021; Óbitos..., 2021; Santiago, 2021). Dados da *Organisation for Economic Co-operation and Development* [Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico] mostraram que as principais vítimas de COVID-19 no mundo foram os idosos e as minorias étnicas e mais pobres. Já em nosso país, o risco de mortalidade por COVID-19 foi 1,5 vezes maior na população

¹¹ “A professora Márcia Tiburi, candidata ao governo do Rio de Janeiro pelo PT nas eleições de 2018, deixou o país no final do ano passado e anunciou neste fim de semana que tomou a decisão devido as ameaças que tem sofrido desde a época da campanha. Por meio de sua assessoria, ela afirma que, a partir do momento que oficializou sua candidatura, virou alvo de ataques e ameaças promovidas pelo Movimento Brasil Livre (MBL). As agressões não pararam após o pleito” (Vítima..., 2019). Em julho de 2023, Márcia Tiburi voltou ao Brasil depois de 4 anos, 6 meses e 12 dias em autoexílio vivendo entre os Estados Unidos e a Europa (Gonzalez, 2023).

negra que na população branca (Neumam, 2021). Ainda no Brasil, houve maior número de internações e óbitos por COVID-19 entre faxineiros e auxiliares de limpeza (62%), seguidos por aposentados (30%), empregados domésticos (6,5%), diaristas e cozinheiros (6,5%), técnicos e profissionais de saúde de nível médio (0,3%), vendedores (0,3%), caminhoneiros (0,3%), entregadores de mercadorias (0,3%), auxiliares de produção (0,3%) e outros (0,3%) (Batista; Proença; Silva, 2021). Por seu turno, Pieper, Miguel e Mendes (2020, p. 11) opinaram que

Com o vírus, a necropolítica encontra um álibi para matar ainda mais intensamente. As mãos não ficam sujas. Terceiriza-se a morte para um “ser” invisível que está em todo lugar. Com isso terceiriza-se também a responsabilidade. É o vírus. É um fato biológico. [...] a sua taxa de mortalidade é maior entre aqueles considerados “excesso”, nos “não-lugares”, entre aqueles que não podem ou não têm uma casa para ficar (aspas dos autores).

Enquanto essas diferenças não forem reconhecidas, não se instituirá a igualdade de direitos. Uma das percepções que ficaram claras com a pandemia é que a saúde é um bem público e o indivíduo só se mantém saudável se a coletividade também o estiver e vice-versa. O bem-estar físico, emocional e espiritual depende estreitamente do tecido social.

Em seu conceito de “modernidade líquida”, Bauman (2001, p. 9) destacou que o bem-estar de um lugar, qualquer que seja este, nunca é inocente em relação à miséria do outro. No entanto, o descaso com a organização e o obscurantismo religioso, que se pensava ter sido extinto em tempos de modernidade tardia, podem intensificar os danos em um momento tão vulnerável como o da pandemia de COVID-19, além de deixar bem claro que estes tipos de pensamento e ação causam sobretudo mortes. E foi isso que, infelizmente, ocorreu no Brasil. Como bem lembrado por Bihr (2020), não se deve deixar de denunciar as práticas passadas e presentes que contribuem para o caos. É imprescindível registrar, refletir e analisar as situações vividas com a intenção de recriar novas formas de estar no mundo, na experiência de vida individual e coletiva. Por isso, a importância da reflexão sobre a realidade, como apontou Bihr (2020, p. 26):

O que esta pandemia nos lembra, mais do que nos ensina, é o que muitos outros estudos epidemiológicos anteriores nos ensinaram nas décadas anteriores, e que foram negligenciados por aqueles que a deveriam ter levado em conta em primeiro lugar, os irresponsáveis que nos governam: o tributo pago anualmente pelos trabalhadores devido as condições de trabalho perigosas, insalubres e desgastantes, por doenças crônicas ou graves e anos de expectativa de vida [...]; o tributo pago não menos regularmente pelas

populações humanas, particularmente urbanas, devido a múltiplas formas de poluição (ar, água, etc.), geradas pelo produtivismo capitalista [...]; o terrível recorde de décadas de junk food, pelo qual a indústria agro-alimentar capitalista também é responsável [...]; e assim por diante.

O autor indicou aspectos que vivemos no cotidiano, pelos quais sofremos as consequências, mas sem uma pausa para reflexão. O vírus nos impôs uma pausa. Essas ameaças deveriam ser aproveitadas como uma oportunidade de repensar como temos habitado o planeta. Um aspecto importante que emergiu com o isolamento social, além de tudo o que o envolveu, foi o fato de todos sermos obrigados a sair do automatismo diário em que vivemos. Como causador de uma doença contemporânea, o vírus nos trouxe o antes e o depois, que poderão ter aspectos melhores e piores; porém, este marco está registrado. A partir dessa experiência, o futuro precisa ser percebido de forma diferente. Bauman (2017) já advertia que “O futuro (outroa a aposta segura para o investimento de esperanças) tem cada vez mais sabor de perigos indescritíveis (e recônditos!)”.

A instabilidade que o vírus trouxe pode dar margem a mudanças profundas na reorganização do sistema político e social. E entre tantas outras coisas, a pandemia imprimiu uma forte imagem apocalíptica, que pode ser utilizada de forma transformadora ou fundamentalista. No caso do Brasil, convivemos muito com a segunda opção. As consequências da pandemia no país, como já mencionado, foram agravadas pela falta de coordenação e liderança federal efetiva no seu enfrentamento, o que resultou em adoção de estratégias divergentes nos estados e municípios, bem como na demora para a aquisição de vacinas. Houve divergências entre o presidente Bolsonaro e alguns governadores, como o de São Paulo, que adquiriu com antecedência a vacina, e o de Goiás, que defendeu o isolamento por mais tempo. Ao governador de Goiás, Ronaldo Caiado, o presidente Bolsonaro se dirigiu com as seguintes palavras:

“Apelo aqui, já que me foi castrada a autoridade, para governadores e prefeitos: repensem a política do ‘fechar tudo’. O povo quer trabalhar. Venham pro meio do povo, conversem com o povo”, disse Bolsonaro. “Como eu gostaria de ter o poder, como deveria ser meu, para definir essa política.” (Adjuto; Arbex, 2021, aspas no original).

Durante a pandemia de COVID-19, houve substituição de três ministros da Saúde, os dois primeiros por divergências com o presidente em relação às medidas

sanitárias adotadas e o terceiro por pressão de parlamentares. Avritzer (2020, p. 10) descreveu fatos marcantes e dantescos:

Em uma patética reunião ministerial no dia 22 de abril [...] o Brasil tinha 2 mil mortos pelo vírus e o presidente falou por mais tempo sobre tacômetros, velocímetros e armas do que sobre a pandemia. No dia 28 de abril, quando o número de mortos no Brasil bateu a marca das 5 mil pessoas, o capitão foi praticar tiro ao alvo. Confrontado na volta ao palácio da Alvorada, respondeu: “E daí? Lamento, quer que eu faça o quê?”. Quando o Brasil ultrapassou a marca de 10 mil mortes, ele foi andar de jet ski, e quando o país atingiu a marca de 20 mil óbitos pela pandemia, o governo estava sem ministro da saúde e com um general tocando provisoriamente o ministério.

As doenças infecciosas causam repercussões caracterizadas por reações psicológicas na população, as quais desencadeiam sofrimento emocional e desordem social (Faro *et al.*, 2020). Zandifar e Badrfam (2020) argumentaram que, no cenário pandêmico, os fatores que mais causaram estresse foram a imprevisibilidade da situação, as incertezas sobre o prazo para controlar a disseminação do vírus e se seríamos capazes disto. Assim, diante dessa conjuntura, em que as desigualdades sociais e econômicas ficaram cada vez mais relevantes, houve um campo fértil para o desenvolvimento de mudanças psicossociais.

Ficou claro que, além das mortes e dos sintomas que podem perdurar mesmo após a recuperação da COVID-19, a saúde mental das pessoas também sofreu comprometimentos. Uma vez que a saúde mental vai além da ausência de doenças e de condições altamente complexas, diz respeito ao estado mental não apenas de sujeitos individualmente, mas de toda a coletividade (Amarante, 2007).

Os sintomas, os diagnósticos e as consequências durante e após a pandemia são inúmeros e atingiram todas as faixas etárias. Ainda hoje impactam a força de vontade das pessoas para conseguir alcançar seus objetivos de vida e realizar projetos, bem como afetam o humor e o equilíbrio emocional. Os resultados desses distúrbios são preocupantes. Trata-se de um estado de saúde pública e é dever do Estado garantir meios para apoiar essas pessoas durante a sua recuperação.

Taquet *et al.* (2021) conduziram um estudo com 236.379 sobreviventes da COVID-19, a maioria norte-americanos, todos maiores de 10 anos de idade, infectados depois de 20 de janeiro de 2020 e que estavam vivos em 13 de dezembro de 2020. Seus resultados indicaram que uma em cada três pessoas que tiveram COVID-19 recebeu diagnóstico de doença mental ou neurológica dentro de um

período de seis meses a um ano após a infecção. Os diagnósticos mais comuns foram: ansiedade (17%), transtornos de humor (14%), abuso de substâncias (7%) e insônia (5%). Também foram diagnosticadas doenças neurológicas: acidente vascular cerebral isquêmico (2,1%), demência (0,7%) e hemorragia cerebral (0,6%). Nos pacientes que tiveram quadro grave de COVID-19, foram diagnosticadas doenças neurológicas ou psiquiátricas em aproximadamente 34% dos sobreviventes, subindo para 38% naqueles que receberam atendimento hospitalar, para 46% nos que ficaram internados em unidades de terapia intensiva (UTI) e para 62% nos que tiveram encefalopatia durante o período da infecção.

Calcula-se que mais de 13% dos adolescentes entre 10 e 19 anos tenham algum transtorno mental diagnosticado de acordo com os critérios da OMS, o que representa 80 milhões de adolescentes entre 10 e 14 anos e 86 milhões entre 15 e 19 anos em nível mundial (Fondo de las Naciones Unidas para la Infancia, 2022). Globalmente, ao menos uma em cada sete crianças teve impacto direto por causa dos *lockdowns*, ao passo que mais de 1,6 bilhão de crianças tiveram alguma perda em termos de educação durante a pandemia de COVID-19 (Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2021). A ruptura com as rotinas, a educação, a recreação, em adição à preocupação com a renda familiar e com a saúde estão deixando muitos jovens com medo, irritados e preocupados com seu futuro (Taquet *et al.*, 2021). No Brasil, o Conselho Federal de Farmácia (2023) divulgou que a venda de antidepressivos e estabilizadores de humor aumentou 36% ao comparar os resultados de 2019 com aqueles de 2022. Os estados que mais consumiram esses medicamentos foram Bahia, Paraíba e Maranhão.

O Brasil enfrentou grandes desafios durante a pandemia de COVID-19 em diversos setores, em especial no sistema de saúde, particularmente nas regiões mais afetadas, que enfrentaram colapsos, com falta de leitos em UTI, equipamentos e profissionais de saúde. As consequências foram diretas, resultando em alto número de mortes e sobrecarga dos profissionais de saúde. Um exemplo desse caos foi a situação ocorrida no estado do Amazonas no início de 2021, considerado o epicentro mundial da COVID-19 naquele período, com colapso do sistema de saúde e do sistema funerário.

Os dias de terror vividos por Manaus em janeiro — com a morte de pacientes por asfixia devido à falta de oxigênio nos hospitais, à ausência de vagas em UTIs e à chegada de uma nova variante mais transmissível do vírus — são

uma tragédia difícil de esquecer e ainda longe de acabar. Foram muitos os relatos de desespero e incontáveis as imagens de dor daqueles que tentavam buscar por conta própria cilindros de oxigênio para que seus familiares não morressem sufocados, enquanto médicos no limite da exaustão precisavam decidir quem receberia oxigênio suplementar, levando em conta as chances de sobrevivência. “Os hospitais de Manaus viraram câmaras de asfixia”, resumiu na coluna de Mônica Bergamo, da Folha de São Paulo (14/1), o pesquisador da Fiocruz, Jesen Orellana, que há tempos vem denunciando a situação na região (Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, 2021).

Como a pandemia era de interesse global, já que a contaminação de uma região poderia contribuir para a disseminação em escala planetária, as ocorrências enfrentadas no Brasil, e em especial na Amazônia, fizeram com que o mundo inteiro mirasse a situação caótica aqui vigente. Assim, esse caos foi manchete em vários jornais de enorme reconhecimento, como *New York Times*, *The Guardian* e O Público (Silva *et al.*, 2022).

Citar como exemplo a crise vivida no Amazonas é pontuar que no Brasil vivemos desigualdades marcantes, as quais nunca haviam ficado tão claras como na pandemia de COVID-19. Em análise no painel virtual *Pandemia na Amazônia: crise e caos*, promovido pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (2021), a pesquisadora Luiza Garnelo, do Instituto Leônidas & Garnelo (Fiocruz Amazônia), afirmou que o que se estava vivendo na pandemia é apenas reflexo dos indicadores sociais e sanitários precários presentes nos estados que compõem a Amazônia. Afinal, é sabido que naquela região há baixo índice de desenvolvimento humano, caracterizando desigualdade e pobreza acentuadas, com mais de 50% da população habitando domicílios considerados inadequados, sem água encanada ou esgoto sanitário.

A pesquisadora também chamou atenção para a iniquidade em relação à saúde, pois enquanto há repasse anual de R\$ 663,20 por habitante para o entorno de Manaus, para a região Sul-Barretos, SP, esta cifra é de R\$ 4.797,40 por habitante (Associação Brasileira de Saúde Coletiva, 2021). Os valores repassados às cidades brasileiras pelo Ministério da Saúde foram definidos em uma portaria emitida em julho de 2021, de acordo com a qual, os critérios para distribuição de recursos para o combate da COVID-19 se basearam na média de gastos que os municípios tiveram com as Unidades Básicas de Saúde e os hospitais, além do tamanho da população. Não foram considerados critérios como casos de infecção por COVID-19 ou números de óbitos decorrentes desta infecção. Com a aplicação desses critérios, as cidades

com melhores condições de prestar assistência de alta complexidade, como o atendimento a pacientes graves, receberam mais recursos federais (Junqueira, 2021).

Luiza Garnelo também informou que Manaus não alcançou 40% de cobertura da Estratégia Saúde da Família e que 89% dos serviços de saúde de média e alta complexidade, públicos e privados, se concentram naquela capital, dificultando o atendimento da população do interior, região para a qual não há investimentos massivos em medidas de atenção primária, que se concentram em alguns municípios e preterem outros. Além disso, indicou a necessidade premente de investimentos em maior e melhor treinamento para os profissionais de saúde. Isso foi igualmente constatado em uma pesquisa feita pela Universidade de São Paulo citada pela pesquisadora, em que se observaram diferenças entre a Região Norte e o restante do país, em detrimento da primeira. No Brasil em geral, a cada 10 pessoas internadas na UTI com COVID-19, seis morreram, enquanto na Região Norte, o número de óbitos foi de oito. O tempo decorrido entre a entrada no hospital e a morte chegava a 12 dias nas outras regiões, ao passo que na Região Norte era de apenas sete dias. A pesquisa demonstrou que, a despeito da importância de se investir recursos em equipamentos e leitos, eles não foram acompanhados de outras medidas importantes, como o treinamento de profissionais de saúde (Associação Brasileira de Saúde Coletiva, 2021).

Todos esses dados concernentes à pandemia de COVID-19 só podem ser analisados levando em conta o contexto político, econômico e social do Brasil. No caso específico da Amazônia, ainda devem ser incluídos a economia de fronteira com olhar predatório para a região, a disseminação de *fake news* nas redes sociais contra a ciência e qualquer alternativa que buscasse diminuir as desigualdades sociais e o extrativismo predatório por parte da população regional, o que aumenta a precariedade social e sanitária naquela área.

Cada região do país possui suas peculiaridades. Contudo, a pandemia trouxe mais clareza em relação às desigualdades regionais, à desorganização e ao descaso do poder público, à desinformação, à apatia e ao desinteresse ou ao excesso de interesses individuais por parte da população. Tudo isso dentro de um sistema capitalista em um mundo pós-moderno, com suas incoerências, trouxe o agravamento da situação, que por si só já era catastrófica.

No âmbito econômico, a pandemia também teve impacto significativo. O Produto Interno Bruto do país caiu 3,9% em 2020, a maior queda em mais de duas décadas (Barros, 2022). Setores como turismo, aviação, comércio e serviços foram duramente atingidos por *lockdowns*, restrições de mobilidade e redução da demanda.

O mercado de trabalho também foi afetado negativamente, com forte queda na criação de empregos e aumento da taxa de desemprego. A taxa de desocupação no Brasil atingiu 14,6% no trimestre fechado em maio de 2021, o que representou cerca de 14,8 milhões de pessoas desempregadas (Barros, 2021). Esse índice vem melhorando; contudo, no primeiro trimestre de 2023, a taxa de desocupação foi de 8,8%, o que corresponde a 9,4 milhões de desempregados (Gomes, 2023).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021) apontaram que, após o aquecimento do mercado de trabalho, desde o início da década de 2000 até o ano de 2014, houve desaceleração e queda de renda agregada em 2015 e 2016, como reflexo das instabilidades na economia brasileira. Após esse período até 2019, nossa economia experimentou moderada recuperação, porém insatisfatória para que os indicadores retornassem aos níveis registrados até a metade da década. Em adição a essa recuperação ineficaz, a pandemia de COVID-19, considerada a maior crise sanitária mundial dos últimos 100 anos, trouxe implicações desastrosas para além da saúde, porquanto afetou todo o bem-estar socioeconômico da população, com a destruição massiva de postos de trabalho.

De acordo com dados prévios apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020), pessoas que vivem em favelas representavam 7,8% da população brasileira, ou seja, somavam mais de 11 milhões de pessoas. Isso significa domicílios com condições precárias, sem ou com pouca ventilação, compartilhados com muitas pessoas e sem saneamento básico. Em 2017–2018, entre os problemas relacionados à estrutura dos domicílios investigados pela Pesquisa de Orçamentos Familiares, o de maior ocorrência de identificação pelos moradores foi a falta de espaço: 33,2% da população residia em domicílios nos quais os moradores consideravam haver pouco espaço; 28,3% em domicílios com telhado apresentando goteiras; 30,2% em domicílios com umidade na fundação, paredes ou chão; e 23,3% em domicílios com deterioração da madeira de janelas, portas ou assoalhos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021). Foi nesse panorama que a pandemia de COVID-19 ocorreu.

No final de 2020, já se percebia a gravidade da superposição entre a crise econômica e a crise sanitária em todo o país, com aumento acentuado da insegurança alimentar em todas as grandes regiões, principalmente entre 2018 e 2020 (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, 2022). No final de 2020, 55,2% dos domicílios brasileiros apresentavam algum grau de insegurança alimentar, o que representa aumento de 54% desde 2018 (36,7%). A insegurança alimentar grave foi vivida em 9% dos domicílios no final de 2020, o que equivale a 19 milhões de brasileiros, ou seja, mais que o dobro do verificado em 2009, correspondendo a um retorno ao nível registrado em 2004 (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, 2022). Essa situação veio a se agravar ainda mais em função das crises política e sanitária causadas pela pandemia de COVID-19 no Brasil.

De acordo com relatório da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), divulgado em julho de 2022, o número de brasileiros que enfrentaram algum tipo de insegurança alimentar no período de 2019 a 2021 ultrapassou a marca de 60 milhões (Mais..., 2022). Como avaliou Daniel Balaban, diretor do Programa de Alimentos da Organização das Nações Unidas no Brasil, a situação já havia começado a piorar bem antes da pandemia.

A pandemia não é a maior culpada pelo Brasil estar de volta a esses números extremamente altos de pessoas com fome. O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo. Essa população precisa do apoio de políticas públicas para ser incluída na cidadania, incluída na sociedade. Fazer com que as pessoas possam produzir, possam participar, colocar pequenos negócios, possam ter hoje uma formação educacional diferenciada, uma formação profissional diferenciada (Jornal Nacional, 2022).

Faz-se premente o desenvolvimento de políticas públicas permanentes para o combate à fome. Um país entra no Mapa da Fome da FAO quando mais de 2,5% da população enfrenta falta crônica de alimentos. E em 2022, a fome crônica já atingia 4,1% dos brasileiros (Jornal Nacional, 2022).

Além das pesquisas que avaliam o aumento da fome e da pobreza, foram noticiadas pela mídia situações degradantes de ossos sendo vendidos para a população pobre em vez de carne ('Osso...', 2021). O estudo coordenado pelo Grupo de Pesquisa Alimento para Justiça: Poder, Política e Desigualdades Alimentares na Bioeconomia, da *Freie Universität Berlin* [Universidade Livre de Berlim], na Alemanha,

em parceria com pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade de Brasília, demonstrou que, em 59% dos domicílios entrevistados no Brasil, os moradores estavam em situação de insegurança alimentar durante a pandemia. Ademais, entre esses, 44% tiveram de diminuir o consumo de carnes e 41% reduziram o consumo de frutas, alimentos essenciais na dieta humana (Galindo *et al.*, 2021). No entanto, conclui-se que esse quadro já vinha sendo gestado nos últimos anos, tendo a pandemia apenas agravado as desigualdades e a fome (Não..., 2021).

Para lidar com as consequências socioeconômicas da COVID-19, o governo brasileiro adotou medidas de auxílio emergencial, como transferência de renda direta para famílias de baixa renda e pequenos empresários. Porém, essas medidas foram temporárias e não conseguiram abranger a totalidade dos afetados.

Em meio a essa situação caótica, em 27 de abril de 2021, foi instalada a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia para investigar tanto as ações do governo federal quanto a utilização de recursos da União pelos estados e municípios brasileiros para o enfrentamento da pandemia de COVID-19 (O Caminho..., 2021). Durante a sessão de 24 de junho de 2021 da CPI, a diretora-executiva da Anistia Internacional Brasil e representante do Movimento Alerta, Jurema Werneck e o epidemiologista da Universidade Federal de Pelotas, Pedro Hallal, apresentaram vários resultados de suas respectivas pesquisas sobre a pandemia de COVID-19 no Brasil, desde março de 2020. Conforme os dados coletados por Werneck, de março de 2020 a março de 2021 ocorreram 305 mil mortes, causadas direta ou indiretamente por COVID-19, acima do que seria esperado no país para o período. Para aquele grupo de pesquisa, caso critérios eficientes de distanciamento social e controle houvessem sido adotados, poderia ter ocorrido redução de 40% no potencial de transmissão do vírus. No primeiro ano de pandemia, 120 mil mortes poderiam ter sido evitadas no nosso país se tivesse sido adotada política efetiva de ações não farmacológicas (Pesquisas..., 2021).

Hallal apontou, em seu depoimento, que o Brasil tem 2,7% da população mundial e concentrou quase 13% das mortes por COVID-19 no mundo. No dia em que o pesquisador estava diante da CPI, 33% do total mundial de óbitos causados por essa doença ocorreram em nosso país. Se o Brasil estivesse na média mundial de óbitos por COVID-19, 400 mil mortes poderiam ter sido evitadas, ou seja, quatro de

cada cinco mortes não teria ocorrido. Para cada um milhão de habitantes, 2.345 pessoas foram a óbito no Brasil, enquanto a média mundial foi de 494 mortes. A demora do governo federal em comprar vacinas para combater a pandemia de COVID-19 pode ter causado entre 95,5 mil e 145 mil mortes (Pesquisas..., 2021).

No dia 20 de setembro de 2021, a Associação Brasileira de Juristas pela Democracia entregou à CPI da Pandemia, um documento em que argumentou que o presidente Jair Bolsonaro cometeu “crime de extermínio contra a humanidade” durante a crise sanitária. Nesse documento, os juristas argumentaram que “o desenrolar da CPI da pandemia e das pesquisas de vários setores da academia demonstraram que não se tratava de negligência ou incompetência apenas, mas de uma deliberada contaminação da população pelo vírus para produção da imunidade natural, ou ‘imunidade de rebanho’” (Bolsonaro..., 2021a).

Na versão final do parecer da CPI da Pandemia, em outubro de 2021, o relator, senador Renan Calheiros, recomendou o indiciamento de Jair Messias Bolsonaro, pela prática de nove infrações, e de três de seus filhos, o senador Flávio Bolsonaro, o deputado federal Eduardo Bolsonaro e o vereador Carlos Bolsonaro, por prática de incitação ao crime (Vieira, 2021). Além disso, também foram identificadas infrações penais cometidas por duas empresas, a Precisa Medicamentos e a VTCLog, e por outras 78 pessoas físicas, entre as quais estão deputados, empresários, jornalistas, médicos, servidores públicos, ministros e ex-ministros de Estado (CPI..., 2021; Vieira, 2021).

Em suma, a pandemia de COVID-19 teve impactos dramáticos na sociedade, na economia e na política do Brasil. A extensão dessas consequências só poderá ser completamente compreendida e superada no futuro, em esforço conjunto do governo, do setor privado e da sociedade civil para que haja rápida recuperação e reconstrução do país.

As intervenções na saúde e na educação da população podem ser muito eficientes para a melhoria dos índices de bem-estar. No entanto, como bem explicou Duflo (2022), a corrupção e a má governança dos povos tornam inúteis todos os esforços de boas ações de políticas públicas. A autora enfatizou que

Não basta dar poder às comunidades para eliminar a corrupção de uma vez por todas. A corrupção tende a aparecer quando uma sociedade tenta corrigir o mercado, repartindo os recursos de forma diferente; o controle local não é uma solução milagrosa (Duflo, 2022, p. 200).

Uma primeira etapa do combate à pobreza seria fornecer bens públicos de qualidade. No Brasil, vimos assistindo a mudanças estruturais e avanços a partir do ano 2000, com uma crise iniciada em 2012 e um retrocesso a partir de 2016. Entretanto, tentativas, paciência e criatividade são indispensáveis para colocar esse plano em prática, de modo que as mudanças sociais ocorram na conjuntura do mundo atual e se assegurem pequenos e constantes avanços (Duflo, 2022).

Nos últimos 30 anos, houve avanços e retrocessos em relação aos direitos humanos e à democracia. Parece que vários imaginários que caracterizavam as lutas sociais desapareceram. Portanto, este pode ser um momento de avaliação crítica dos processos históricos e de conhecimento para enfrentar com serenidade a possibilidade de termos de recomeçar de outra forma.

Embora a OMS tenha anunciado no dia 5 de maio de 2023 uma alteração no status da pandemia de COVID-19, que deixou de ser classificada como emergência de saúde pública de interesse internacional passando para manejo da COVID-19, juntamente com outras doenças infecciosas, isto não significa que a COVID-19 tenha deixado de ser uma ameaça à saúde em nível global (OMS..., 2023). Até o dia 17 de março de 2024, o Brasil registrava 37.519.960 casos confirmados de COVID-19 (World Health Organization, 2024a) e 702.116 óbitos decorrentes desta infecção (World Health Organization, 2024b), enquanto no estado de Goiás foram computados 2.031.873 casos confirmados e 28.561 óbitos até o dia 2 de abril de 2024 (Secretaria Estadual de Saúde de Goiás, 2024). Comprovou-se a eficácia da imunização completa no estado de Goiás, uma vez que, em fevereiro de 2022, o índice de óbitos para cada 100 mil habitantes chegou a ser 22 vezes maior em idosos não vacinados ou que tomaram apenas uma dose da vacina e sete vezes maior naqueles que tomaram duas doses em comparação com o grupo que tomou até a terceira dose, também chamada de dose de reforço (Rodrigues, 2022).

Porém, a média do número de mortes diárias causadas por COVID-19 vem diminuindo gradualmente. Quando se compara o número de óbitos na 12ª semana do ano (mês de março) no estado de Goiás nos anos de 2020, 2021, 2022, 2023 e 2024, os resultados foram 0, 1.101, 32, 8 e 4, respectivamente (Secretaria Estadual de Saúde de Goiás, 2024), certamente indicando controle decorrente da vacinação. A despeito da comprovação da importância da vacinação para o controle da doença, no estado de Goiás, a taxa de vacinação ainda não atingiu a meta esperada. A primeira

dose e a segunda dose mais a dose única da vacina foram administradas em 85,59% e 77,47% da população até 1º de abril de 2024, respectivamente (Secretaria Estadual de Saúde de Goiás, 2024). Até 12 de julho de 2023, apenas 11% da população havia tomado a vacina bivalente contra a COVID-19 em Goiás, o que é preocupante (Graziely, 2023).

A coordenadora do laboratório de Biotecnologia Aplicada do Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina de Botucatu, em Botucatu, SP, Rejane Grotto, reafirmou a importância de manter os cuidados contra a COVID-19, doença que ainda causa mortes e internações. Entre esses cuidados, deve-se dar atenção continuada à vacinação e também combater as *fake news*, que ainda são disseminadas com o intuito de persuadir as pessoas a não se vacinarem. Portanto, a luta contra o negacionismo deve continuar (Nogueira, 2023).

1.3 A UTILIZAÇÃO DAS CRENÇAS RELIGIOSAS PARA A LEGITIMAÇÃO DO NEGACIONISMO E DA VIOLÊNCIA

Ocorreram diversas pandemias ao longo da história da humanidade, sendo uma delas a da peste negra, no período 1347–1722. O medo espalhou-se desde a Idade Média até o início da Idade Moderna. Considerada uma das pandemias mais mortíferas da humanidade, dizimou milhões de vidas. Naquela época, tanto os fatores sanitários deficientes quanto as conexões das pessoas via transporte marítimo contribuíram para a propagação da doença (Carneiro-Carvalho; Rodrigues, 2022). Também naquele período, a influência negacionista estava presente, suscitando medo e pânico nas pessoas. De acordo com as interpretações e afirmações acerca do evento, este representava um castigo divino decorrente dos pecados da humanidade.

Na atualidade, o contexto pandêmico evidenciou no Brasil o modelo governamental conservador autoritário e negacionista, reforçado pelas crenças religiosas. Granez (2021) discutiu como a religião, o senso comum e a má-fé ou a intencionalidade estratégica se articulam como causas da desinformação. Enfatizou a importância da contribuição de estudiosos da religião e da epistemologia da ciência para o combate à desinformação, que é considerada pelo autor como “a produção e

circulação de mensagens que não condizem com a realidade factual, e que pode ser motivada por fatores como erro, fantasia e má-fé” (Granez, 2021, p. 147). Há uma mistura de alguns elementos para a construção de narrativas fantasiosas, ora ingênuas, ora com intencionalidade negativa. O autor ponderou que a guerra se dá entre visões de mundo, que talvez tenham se mantido em conflito como a percepção de um passado ideal em contraposição a um progresso promissor; o ressentimento dos que não alçaram o progresso ou a prosperidade, a resistência da psique humana em acolher os cenários ruins que contradizem o senso comum.

Na visão de Sölle (1996), o imaginário religioso majoritariamente cristão traz crenças advindas de tratados religiosos que preconizam que o sofrimento emana de Deus, enquanto o pecado e a doença têm uma relação ainda não completamente conhecida, embora esta última seja interpretada como uma oportunidade de crescimento. Assim, a força do Divino é realçada e usam-se a doença e o sofrimento para fins religiosos escusos. Conforme Sölle (1996), o fato de Deus ser o causador do sofrimento já afasta as demais causas, inclusive as concretas, de ordem socioeconômica e política.

Ao longo dos séculos, graves consequências sociais advieram das ações da Igreja Católica. Além do excesso de práticas religiosas contra o corpo, incluindo flagelos, de forma irracional e descabida instigavam-se a perseguição e a violência contra leprosos, judeus, bruxas, feiticeiros e muçulmanos. Eles foram acusados de contaminar os cursos d'água e de se apresentar contra os preceitos cristãos e da Igreja. Apesar da evolução científica atual, parece que a história, em alguns aspectos, se repete (Carneiro-Carvalho; Rodrigues, 2022; Federici, 2017). Com uma nova roupagem e com novas formas tecnológicas de subjugação, por conta da insatisfação e do desencantamento no mundo contemporâneo, juntamente com uma crise profunda, que obrigou a humanidade a olhar para a fragilidade de todo um sistema, aspectos da onda antiga retornaram.

Souza e Duarte (2021) reuniram uma série de palestras do professor Jason Steinhauer nas quais ele discute sobre o tema das *fake news* e seu correlato, a *fake History*. Esse último é um conceito criado por Steinhauer para se inteirar da força com que o obscurantismo tem alvejado e adaptado a visão sobre o passado e a competência em História do público em geral.

Conforme explicaram Souza e Duarte (2021), Steinhauer identificou a existência de um processo de mistificação do passado e de perda de espaço do discurso histórico acadêmico no debate público frente ao novo formato tecnológico/digital de comunicação, além de desinformação e manipulação política intrínsecas às *fake news*. O autor denominou este cenário informacional, que reúne história e passado com ausência de debates críticos, *fake History*. Ele afirmou que a palavra História vem sendo utilizada para legitimar discursos falsos sobre o passado e construir identidades falsas. Outro aspecto levantado e importante para reflexão é que as redes e as mídias sociais são ferramentas poderosas que podem disseminar *fake news*, assim como acontecimentos, fatos e relatos que as rebatem. Para amenizar esse problema, devem ser criadas estratégias para que as pessoas tenham capacidade, instrumentos e habilidades para reconhecer as *fake news*. O desafio do comunicador histórico está em estimular e desenvolver a competência em história no conjunto da sociedade, para além do domínio do público especializado e do espaço acadêmico, desenvolvendo diferentes ferramentas viáveis para atingir o maior número de pessoas.

Sousa Filho (2020, p. 3) interpretou o negacionismo de hoje como puro cinismo, pois com a facilidade de informações sobre o conhecimento científico, “recusar-se a admitir a ciência, pela suposição que se trata de um conjunto qualquer de afirmações, comparáveis a quaisquer outras, é francamente cínico”. Porém, essa pode ser uma afirmação muito superficial diante da complexidade da natureza humana e dos impactos provocados por falsas informações em pessoas fragilizadas por diferentes motivos. Chauí (2021) também utilizou o substantivo “cinismo” quando se referiu às mentiras disseminadas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, considerando o termo “negacionismo” muito suave para caracterizar as mentiras empregadas como estratégias em sua forma de governar o país.

Apesar da corrente religiosa evangélica neopentecostal apresentar um coro mais forte e explícito contra as medidas sanitárias adotadas pela OMS durante a pandemia, outros segmentos e líderes religiosos também utilizaram este mesmo discurso. Souza e Simões (2022) comentaram que dois líderes espíritas, Divaldo Franco, a pessoa de maior renome no segmento espírita brasileiro e mundial, e Carlos Baccelli, médium espírita mineiro bastante conhecido neste mesmo grupo religioso, publicaram livros psicografados durante a pandemia explicitando posições

negacionistas. Em seu livro, além de acusar a China como criadora do vírus, Divaldo Franco defendeu o tratamento precoce com remédios não autorizados pela OMS:

[...] o livro psicografado por ele [Divaldo Franco] e ditado pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda: *No rumo do mundo de regeneração* (2021) no qual é insinuado (página 97) que o vírus do Covid-19 teria sido produzido em algum laboratório chinês, algo rechaçado internacionalmente pela ciência médica, [...] porém bastante presente no imaginário e no discurso bolsonarista, sobremaneira digital. Além disso, a obra recomenda o chamado tratamento precoce (página 156) a partir de remédios comprovadamente ineficazes e até com efeitos colaterais, que foram intensamente propagandeados, além de distribuídos, pelo Ministério da Saúde. Tal livro, que, em abril de 2021, constava do site da empresa Amazon como o “1º mais vendido em Espiritualismo, Religião e Espiritualidade” não foi, porém, o único psicografado espírita a defender posições bolsonaristas em relação ao coronavírus (Souza; Simões, 2022, p. 142).

Seguindo a mesma linha editorial negacionista,

A obra do conhecido médium mineiro Carlos Baccelli, ditada pelo espírito Inácio Ferreira e publicada no mesmo ano pela editora Pedro e Paulo: *Um novo mandamento vos dou*, [...] defende a ineficaz proposta de imunidade de rebanho, gerada a partir do contato com o vírus (página 162) e sustentada pelo presidente da República por motivos econômicos, em vez de sanitários (Souza; Simões, 2022, p. 142-143).

Foi noticiada por alguns órgãos de imprensa a crise instalada na União do Vegetal. Alguns líderes daquela religião apoiaram as posturas negacionistas, principalmente em movimento antivacina, e homofóbicas de Bolsonaro. Adicionalmente, houve participação de seus membros nos atos golpistas do dia 8 de janeiro de 2023, contra a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas urnas, com destruição das sedes dos três poderes em Brasília, DF (Dias, 2023; Marques, 2023).

Diversos temas religiosos foram extensamente debatidos no contexto sociocultural da pandemia de COVID-19. Foi massivo o apoio dos grupos e das autoridades religiosas evangélicas neopentecostais ao então presidente Bolsonaro, que sustentaram política e ideologicamente a negação da dramaticidade da pandemia, como o ocorrido com Silas Malafaia:

O pastor da Igreja Assembleia de Deus publicou uma imagem que debocha e distorce os argumentos das autoridades, que pedem para as pessoas não saírem de casa ou evitem aglomerações. Mas permitem o funcionamento de serviços essenciais para não deixar a população desassistida durante a pandemia. A mensagem dizia: “Este vírus é estranho. A gente pode ir na lotérica, no banco, no posto, no supermercado, na farmácia que não pega. Pega só se for trabalhar”. Depois, o religioso ainda questionou: “O que vocês acham?” (Silas..., 2020, aspas no original).

Os pensamentos obscuros da Idade Média foram largamente utilizados por esses grupos, relacionando a pandemia de COVID-19 do século XXI à ira e ao castigo de Deus. Muitos discursos apresentando elementos religiosos contrapostos às evidências científicas foram amplamente aclamados, disseminados e apoiados. Um exemplo foi a construção de um manifesto da Coalização pelo Evangelho, assinado por líderes de seminários teológicos, Igrejas Presbiteriana e Batista. Esse manifesto criticava a mídia, comentando que ela “[...] claramente não goza da credibilidade que outrora desfrutava. Testemunhamos nesses dias, até mesmo, a triste politização e endeusamento da ciência.” (Pela..., 2020).

Ainda houve aqueles que atribuíram a pandemia a supostos interesses comunistas, como o ex-ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, que escreveu um artigo intitulado *Chegou o comunavírus*, em que faz a seguinte citação:

O coronavírus nos faz despertar novamente para o pesadelo comunista. Chegou o Comunavírus. É o que mostra Slavoj Žižek, um dos principais teóricos marxistas da atualidade, em seu livreto “Virus”, recém-publicado na Itália [...]. Žižek revela aquilo que os marxistas há trinta anos escondem: o globalismo substitui o socialismo como estágio preparatório ao comunismo. A pandemia do coronavírus representa, para ele, uma imensa oportunidade de construir uma ordem mundial sem nações e sem liberdade (Fundação Alexandre de Gusmão, 2021).

Quando o Brasil computava o total de 617.395 mortes por COVID-19, no dia 16 de dezembro de 2021 (Garrett Junior, 2021), a posição negacionista do ex-presidente Bolsonaro e de grande parte de sua equipe de governo era ainda mantida e relatada diariamente por diferentes meios de comunicação. Noticiava-se que

Bolsonaro frequentemente ataca as vacinas contra a covid-19. [...] o chefe do Executivo afirma não ter se imunizado contra a doença [...] o presidente criticou a recomendação da quarentena de cinco dias para viajantes não vacinados contra a covid-19 que quiserem entrar no Brasil. Na mesma declaração, ele voltou a defender a hidroxicloroquina para pacientes do coronavírus, mesmo após estudos apontarem que o remédio não tem eficácia contra a covid-19 (Bolsonaro..., 2021b).

Dentro do modelo populista e messiânico descrito por Chauí (2021), em que o populismo é analisado na perspectiva de uma matriz teológico-política, há um mito fundador que apoia e exprime os anseios da classe dominante. O governante se coloca como detentor do poder e do saber, afastando as instituições, os partidos políticos e as organizações civis. Caracteriza-se como um messianismo do lado dos

dominados e uma maneira de expressão política popular. Bolsonaro usou, em sua forma de governar, um linguajar e uma vestimenta simples, conversou com as pessoas no “cercadinho” do Planalto, fez inúmeros gestos caricatos para parecer próximo da população. Uma das cenas características dessa postura foi o vídeo gravado do presidente comendo farofa com as mãos e sujando as roupas em uma barraca em Brasília, DF (Andrade, 2022).

Pode-se traçar um paralelo entre o governo Bolsonaro e o nazismo alemão (1933–1945) ao se verificar que Reich (1983b, p. 203) considerou que este último não operava com a sabedoria e o pensamento do povo, mas com “as suas reações infantis [...] Apelava a um sentimento místico e obscuro, a um desejo vago e nebuloso, mas extraordinário e poderoso”. A falta de perspectiva, o desamparo e a incapacidade de assumir responsabilidades para resolver os problemas sociais caóticos no período após o fim da Primeira Guerra Mundial fizeram com que os alemães se entregassem a um poder autoritário que eles achavam que os salvaria. Trocaram a liberdade individual pela liberdade nacional, pois eram ensinados a reconhecer uma autoridade política tradicional em vez de uma autoridade fundamentada no conhecimento social, político e econômico. Esse fato foi a base sobre a qual se estabeleceu uma exigência de obediência. A mentalidade nazista possui um intenso desejo de liberdade junto com um intenso medo da responsabilidade que a liberdade acarreta. Esse sentimento se produziu a partir de conceitos reacionários acrescidos de excitações revolucionárias, como o termo “procriação eugênica superior” (Reich, 1983b, p. 206). O ditador nazista surgiu como um ser onipotente e onisciente enviado por Deus e que poderia afastar a miséria do mundo.

Durante a pandemia de COVID-19, o presidente do Brasil em exercício promoveu aglomerações, se recusou a usar máscaras e a tomar a vacina, pegou crianças no colo e chegou até a retirar a máscara de uma delas. “Em Pau dos Ferros (RN) o presidente pegou uma criança no colo por cima da grade e abaixou a máscara do menino para fazer fotos” (Bolsonaro..., 2021c).

Utilizando a matriz teológico-messiânica, em um regime neoliberal conservador, o presidente Bolsonaro alinhavou um plano em que dividia a população entre “fracos e fortes”. Entre as suas muitas e polêmicas declarações, ele disse que “[...] se a covid-19 fosse algo terrivelmente mortal para mim, talvez não estivesse na rua.” E ainda: “Se o vírus pegar em mim, não vou sentir quase nada. Fui atleta e levei

facada” (Bolsonaro..., 2020). Durante um dos encontros que promovia quase diariamente diante do Palácio da Alvorada, ao ser indagado sobre o elevado número de mortes por COVID-19 no Brasil, o presidente assumiu o papel do “Messias”, ou seja, fortaleceu o discurso messiânico populista ao afirmar: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (Garcia; Gomes; Viana, 2020). A partir do slogan do seu governo, “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, Bolsonaro passou a reivindicar também uma espécie de autoridade religiosa.

Campos (2020) destacou que os evangélicos, em particular os neopentecostais, mantêm a crença de total obediência aos seus dirigentes, pelo motivo de serem “escolhidos de Deus”. As características presentes nessas igrejas, tais como centralização do poder, total controle financeiro e administrativo pela liderança da igreja, autoritarismo, ausência de participação dos fiéis nos processos decisórios e de falta de liberdade, justificam sua aproximação com Bolsonaro. Um discurso dual e belicoso os representa e estão sempre fazendo ataques à esquerda, que eles reputam como responsável por todos os males existentes no Brasil. Campos (2020, p. 360) ainda reiterou que as cruzadas dos evangélicos podem ser resumidas nas seguintes expressões: “Deus o quer”, “Deus está conosco” ou “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”.

No catolicismo brasileiro, igualmente dividido entre forças progressistas e conservadoras, também houve os apoiadores de Bolsonaro. Esse fato foi exemplificado quando membros carismáticos da Igreja Católica reafirmaram seu apoio a ele na ocasião em que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil se posicionou contra as atitudes negacionistas e antidemocráticas dele em 2020. O grupo se reuniu na porta do Palácio do Alvorada, no famoso “cercadinho”, com uma imagem de Nossa Senhora de Fátima e uma bandeira do Brasil, rezando para o então presidente e contra o comunismo (Camurça, 2023). Além disso, afirmaram ser o presidente Bolsonaro “escolhido por Deus para colaborar com o plano de salvação de Jesus Cristo e que o aparelhamento do Estado pelo comunismo e por forças secretas serão vencidas pelo poder de Deus” (Camurça, 2023, p. 216).

Os movimentos negacionistas ocorreram mundialmente, com manifestações em Londres, Berlim, Los Angeles, entre outros lugares, contra as medidas de isolamento na pandemia. Nesses grupos de manifestantes havia membros adeptos da Nova Era e grupos da extrema direita, em uma sobreposição entre movimentos

espirituais e a teoria da conspiração, que prediz a existência de uma cabala maligna agregando celebridades de Hollywood e políticos liberais, que são satanistas, comedores de criancinhas, que controlam o mundo. De acordo com eles, há um exército de patriotas prontos para lutar e defender o mundo contra essa cabala do mal, derrotando-a para iniciar uma nova era de amor (Evans, 2020).

Não se deve generalizar que as pessoas de uma determinada religião ou que partilham das crenças da Nova Era sejam adeptas dos pensamentos de extrema direita. Porém, os grupos apolíticos tendem a se vulnerabilizar, porquanto sem uma posição política clara, podem se tornar suscetíveis ante as conspirações da extrema direita.

Em entrevista a Bělíček (2022), o historiador americano Eric Kurlander relatou que durante a crise social que ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, várias ideias esotéricas e pseudocientíficas foram utilizadas como ferramenta de mobilização nazista, com o intuito de demonizar tanto os judeus quanto a esquerda. Reiterou que na Europa industrializada, no final do século XIX, a despeito do “desencantamento do mundo”, anunciado por Weber, estar ocorrendo em relação às práticas religiosas tradicionais, havia um outro encantamento por diferentes tipos de doutrinas esotéricas, tais como Nova Era, homeopatia, folclore, além de um interesse renovado pelas práticas de Hinduísmo e Budismo, que emergiam como alternativas às crenças tradicionais e à ciência. Essa onda esotérica foi apropriada pelo partido nazista alemão para atrair apoiadores e desumanizar e perseguir seus inimigos. Kurlander ainda afirmou que: “essas ideias também se enraizaram em um contexto sociopolítico particular – que se reproduz, se não na mesma escala, também em nosso próprio presente” (Bělíček, 2022).

Kurlander esclareceu que havia alguns indivíduos nos partidos de centro-esquerda que também se interessavam por astrologia e mitologia alemã. Contudo, não invocavam as imagens mitológicas monstruosas e/ou demoníacas para descrever seus oponentes políticos, como faziam os nazistas e grupos paramilitares que “organizavam festivais de solstício e falavam em restaurar o Império Alemão e reassentar os europeus ocidentais com ‘camponeses guerreiros’”. De acordo com o historiador, as pessoas que votavam nos nazistas estavam desmedidamente encaixadas no imaginário sobrenatural. No entanto, os trabalhadores urbanos se mostraram nitidamente resistentes à política conservadora e clerical, não se deixando

cooptar por essas influências. Mesmo os católicos rurais e de pequenas cidades alemãs não aderiam ao pensamento sobrenatural, pois eram isolados na devoção cristã (Bělíček, 2022).

Segundo Kurlander, as ideias sobrenaturais foram mais populares entre os alemães de classe média, que talvez não tivessem mais tanta devoção às Igrejas Católica ou Protestante, porém ainda mantinham algum interesse por religiões alternativas, ou esoterismo, ou outras ideias sobrenaturais. Parece que o esoterismo, a pseudociência e o paganismo folclórico eram quase exclusivamente um domínio masculino na Áustria e na Alemanha na época. Assim também ocorreu com o movimento nazista, composto principalmente de homens brancos, que não necessariamente detinham conhecimento científico, mas haviam adquirido alguma educação universitária. Outros que compunham esse grupo eram trabalhadores de colarinho branco, pequenos empresários e engenheiros. Naquela época, na Alemanha, muitos líderes de centro-esquerda ou liberais perceberam a difusão dos pensamentos sobrenaturais e o alastramento do fenômeno anticiência, fazendo muitas críticas a este respeito. Porém, com o declínio do centro liberal, os partidos de esquerda foram considerados os únicos que poderiam fazer oposição aos nazistas. Entretanto, não tinham nenhuma habilidade para contrapor a linguagem nacionalista ou o apelo emocional e folclórico que fundamentava o discurso nazista (Bělíček, 2022).

Com base nisso, parece que a história flui em ondas, que vão se repetindo ao longo das eras. Consequentemente, é necessário refletir sobre esses episódios para que as repetições se tornem cada vez mais amenas e fugazes. Além disso, devem ser utilizados recursos mais eficazes de combate às distorções, como sugerem alguns autores aqui apresentados.

1.4 A SOLUÇÃO DAS CRISES ATRAVÉS DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E SOCIAIS: A BUSCA DE SOLIDARIEDADE

Em cenários de crise, são diversas as formas de busca de solução para os dissabores vividos. Uma delas, bastante frequente, é a expressão crítica através da arte, da mobilização e dos movimentos sociais.

Na sequência de um governo federal empossado mediante gritos de golpe em 2016 e da posse em 2019 de um presidente eleito em um país nunca antes tão dividido, pouco tempo antes da chegada do SARS-CoV-2 ao Brasil acontecia o Carnaval no Rio de Janeiro, em 21–25 de fevereiro de 2020. Fui participar deste evento, logo após a defesa da minha dissertação de mestrado. A escola em que eu desfilei, a Primeira Estação de Mangueira, tinha como tema *A verdade vos fará livre*, desenvolvido pelo carnavalesco Leandro Vieira para tratar da volta de Jesus Cristo à Terra. Foi retratado na Avenida um Jesus que continuaria irmanado com os mais pobres, com os moradores de favelas, que sofrem com todo tipo de preconceito e intolerância, principalmente a religiosa.

Ao soar na Avenida, o samba da Mangueira trouxe a expressão de uma espiritualidade cotidiana, presente nos diferentes corpos silenciados e sofridos ali representados. O enredo revelou um Jesus que está junto das pessoas, lado a lado com elas. Um Jesus que anuncia um futuro com unidade, um “Jesus da Gente”, com rosto negro, sangue índio e corpo de mulher, e que, acima de tudo, não é propriedade de nenhuma instituição religiosa.

Relembrar este fato aqui é uma tentativa de trazer de alguma forma o quanto somos um povo criativo, que apesar de tantas dificuldades busca força na fé, na alegria, no samba e na comunhão. E essa força inerente ao que há de mais sagrado na existência humana nos faz confiar na luta e na concretização de mudanças.

Naquele desfile, foi grande a minha emoção de ver, junto com a comissão de frente, 20 religiosos de diferentes tradições que estiveram presentes na Avenida: Candomblé, Luterana, Católica, Comunidade Batista de São Gonçalo, Anglicana, Presbiteriana, Fraternidade cristã-judaica, Umbanda, União Wicca, Hare Krishna, Fé Bahá'í, Indígenas Arapium e Zen Budismo (Vinte..., 2020). Essa união fraterna me trouxe lágrimas aos olhos, esperança ao coração, voz embargada e samba no pé. E naquela aglomeração de sorrisos, lágrimas e samba, eu tive a felicidade de encontrar “por acaso” e abraçar o Monge Marcelo Barros,¹² que lá estava representando a fé

¹² “Monge beneditino e teólogo de base. Assessora as comunidades eclesiais de base e movimentos sociais, especialmente o MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra]. Foi do grupo que fundou o CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) e trabalha a leitura bíblica especialmente no método do diálogo intergeracional e a partir da Espiritualidade Ecumênica. Tem 57 livros publicados em português e outros idiomas. Mora atualmente em Recife/PE” (Cabral, 2020, p. 58).

católica, um ser humano que me inspirou há anos a olhar para a religião e para a vida de uma forma mais ecumênica, a encontrar uma fé em que eu acredito (Fotografia 1).

Fotografia 1. Meu encontro com o Monge Marcelo Barros na Marquês de Sapucaí, no Carnaval de 2020, Rio de Janeiro, RJ.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

As várias faces de Jesus representadas no desfile da Mangueira (negro, índio, mulher, favelado), além da demonstração da intolerância religiosa, denunciaram a hipocrisia dos falsos profetas, inclusive alertando contra a política do armamento: “Não tem futuro sem partilha, nem Messias de arma na mão” (Fernanda..., 2020). Nesse contexto estava a representação da luta em prol das liberdades, equidade, pluralidade e tolerância, do fortalecimento da busca de mais e mais diálogos inter-religiosos.

Raymundo (2020) analisou a letra do samba enredo da Mangueira.¹³ Na primeira e segunda estrofes, o Jesus da Gente é descrito como aquele de família pobre e disposto a lutar. A partir da terceira estrofe, alude ao extermínio da juventude negra no Brasil. E segue tecendo críticas ao presidente do Brasil da época, que incentivou o armamento. Então, faz uma invocação da solidariedade para a possibilidade de um futuro decente. O refrão celebra a fé e a tradição do samba, que continua atuante, independentemente das críticas e acusações sofridas. Garcia, Félix e Barros (2020, p. 23) relataram o seguinte sobre aquele desfile:

A Mangueira conseguiu algo maravilhoso: fazer da Sapucaí um templo ecumênico e inter-religioso aberto ao cosmos. É direito dos cristãos e cristãs de cultura afro aproximarem Jesus e sua experiência de fé (cristã) da tradição dos seus ancestrais. Assim reinterpretem a fé transmitida pelo Cristianismo imposto pelos colonizadores e descubrem que o Jesus da gente ilumina a *cristicidade*, ou seja, a presença divina nos Orixás, nos Espíritos da Umbanda, nos Encantados das tradições indígenas em todos os caminhos espirituais, como ali estavam representadas antigas religiões orientais e caminhos esotéricos da atualidade.

Essa e muitas outras formas de união podem contribuir para a transformação das desigualdades e intolerâncias, para a diminuição da violência e para a promoção de muitas mudanças. Na busca e na luta por essas mudanças se encontram os movimentos sociais, que são uma corporatura na sociedade que instiga o pensar e o repensar acerca de temas importantes, produzem pressão para iniciar mudanças e influenciam as decisões governamentais para a geração de políticas públicas. Por intermédio desses movimentos, há o fortalecimento das identidades individuais e coletivas (Carvalho; Simioni, 2022).

Gohn (2019) subdividiu os momentos de lutas sociais no Brasil em quatro ciclos, entre as décadas de 1960 e 2010. O primeiro ciclo, na década de 1960, foi

¹³ Letra do samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira para o Carnaval de 2020, intitulado, *A verdade vos fará livre*, de autoria de Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo: “Mangueira/Samba, que o samba é uma reza/Se alguém por acaso despreza/Teme a força que ele tem/Mangueira/Vão te inventar mil pecados/Mas eu estou do seu lado/E do lado do samba também/Eu sou da Estação Primeira de Nazaré/Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher/Moleque pelintra do Buraco Quente/Meu nome é Jesus da Gente/Nasci de peito aberto, de punho cerrado/Meu pai carpinteiro desempregado/Minha mãe é Maria das Dores Brasil/Enxugo o suor de quem desce e sobe ladeira/Me encontro no amor que não encontra fronteira/Procura por mim nas fileiras contra a opressão/E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão/E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão/Eu tô que tô dependurado/Em cordéis e corcovados/Mas será que todo povo entendeu o meu recado?/Porque de novo cravejaram o meu corpo/Os profetas da intolerância/Sem saber que a esperança/Brilha mais que a escuridão/Favela, pega a visão/Não tem futuro sem partilha/Nem Messias de arma na mão/Favela, pega a visão/Eu faço fé na minha gente/Que é semente do seu chão/Do céu deu pra ouvir/O desabafo sincopado da cidade/Quarei tambor, da cruz fiz esplendor/E ressurgi pro cordão da liberdade” (Fernanda..., 2020).

caracterizado por fortes movimentações estudantis e greves que antecederam o golpe militar de 1964. Após o golpe, houve os movimentos de resistência à ditadura e ao autoritarismo estatal, como o movimento estudantil de 1968, o movimento de artistas e de intelectuais, entre outros (Scherer-Warren, 2007).

A partir da década de 1970, os movimentos de resistência ao governo militar se intensificaram. As Comunidades Eclesiais de Base criaram os movimentos pela anistia para exilados e presos políticos. Surgiram tanto o novo sindicalismo no ABCD paulista e em outras regiões quanto os movimentos populares nos bairros, liderados por mulheres e outros moradores, em busca de melhorias, como transporte coletivo, postos de saúde de qualidade e creches (Gohn, 2019).

A luta por direitos básicos, através do fortalecimento da sociedade civil, da recuperação da democracia e da construção e reconstrução da cidadania caracterizaram o segundo e o terceiro ciclos das lutas, desde os anos 1970 até o início da década de 1980. Assim, surgiram muitos movimentos de gênero, de afrodescendentes, de feministas e de trabalhadores sem-terra, com uma primordial reivindicação pelas eleições “Diretas Já” (Gohn, 2019). Scherer-Warren (2007) afirmou que todos esses movimentos se organizaram e mobilizaram para a criação e a ampliação de direitos a serem contemplados pela nova Constituição de 1988 (Brasil, 1988).

Após a aprovação da nova Constituição brasileira (Brasil, 1988), ocorreu o quarto ciclo de participação. Nessa fase, o foco de muitas investigações se deslocou do movimento dos atores da sociedade civil para a ação de variados protagonistas dedicados às políticas públicas, bem como à criação de novos canais de comunicação e participação institucionalizados (Gohn, 2019). Novas lutas e espaços se abriram para mulheres, ecologistas, afrodescendentes, grupos indígenas, grupos religiosos e movimentos sociais, como LGBTQIAP+. A categoria de movimentos identitários (aqueles que reivindicavam direitos culturais, igualdade de tratamento nas questões étnicas, raciais e de gênero) foi a que mais cresceu naquele momento e ganhou visibilidade, deixando em segundo plano os movimentos populares, que reivindicavam bens e equipamentos coletivos básicos. Em comum nesses movimentos estavam a solidariedade e a luta por direitos e pela construção da cidadania.

Na concepção de Scherer-Warren (2007), na década de 1990 houve uma redefinição dos movimentos sociais. A partir da ECO 92, as organizações não

governamentais e o terceiro setor cresceram e se organizaram. Tornaram-se estruturas que exercem funções que as estatais, enquanto estruturas formais, não conseguiam desempenhar para atender a sociedade. E assim, muitos movimentos populares das décadas anteriores entraram em crise.

Com o primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, figura de liderança histórica do “novo sindicalismo”, a partir de 2003, os canais de negociação passaram a ser mais diretos. Consequentemente, houve avanços na criação de várias secretarias especiais com status de ministério, tais como da Mulher, da Promoção da Igualdade Racial, da Economia Solidária, da Juventude, entre outras. De forma aglutinadora, essas secretarias promoveram plataformas específicas e ampliaram o direito à cidadania. Porém, a militância civil não se sentiu plenamente satisfeita com as políticas governamentais, principalmente no que se refere aos aspectos econômico e financeiro, nem com o acanhamento das conquistas sociais (Scherer-Warren, 2007). Sanson (2008, p. 199) asseverou que

O movimento social não transformou Lula em seu adversário político, mas as suas lutas são contra os rumos que o governo tomou e contra o que deixou de fazer. É nessa perspectiva que devem ser compreendidas as lutas sociais contra os grandes projetos encabeçados pelo governo, como as usinas hidrelétricas, a transposição do São Francisco e os temas dos transgênicos e do etanol.

A crítica da militância recaiu sobre a grande coalizão que o PT optou em construir entre setores de esquerda e direita, gerando conflitos de classe e abrindo espaço para as antigas práticas de criminalização das lutas sociais e suas lideranças pela ala conservadora da sociedade. Quando foram questionadas as injustiças e as desigualdades presentes no país, e se propôs a inclusão das minorias e a tomada de medidas que diminuiriam as desigualdades, despertou-se a ira da direita (Sanson, 2008).

Já em 2013, ocorreu o início de uma influência ideológica de direita que culminou com o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, como já mostrado aqui. Como consequência, em 2018 elegeu-se um governo conservador, que incitou o ódio e a intolerância e colocou em risco as instituições democráticas e o Estado Democrático de Direito (Carvalho; Simioni, 2022).

Pode-se afirmar que o mês de junho de 2013, como citado anteriormente, demarcou o início de um novo ciclo na realidade sociocultural e política brasileira.

Desse modo, surgiram novos movimentos e coletivos, com propostas e projetos diversos. Gohn (2019) classificou esses movimentos em três tipos: clássicos, novos e novíssimos. Os movimentos clássicos abrangeram aqueles dos sindicatos, dos sem-terra, dos sem-teto, dos estudantes, populares comunitários de bairros, entre outros. Os movimentos novos foram promovidos por aqueles voltados para as lutas identitárias e por direitos. Os movimentos novíssimos englobaram aqueles dos jovens das camadas populares e da classe média presentes nas manifestações de 2013. O último grupo não era homogêneo, porque as matrizes ideológicas variavam do campo da esquerda até o da direita. Alguns ativistas se fundamentavam em pautas anarquistas/anticapitalistas, com críticas ao fenômeno da globalização, mas não representavam uma predominância no movimento.

Quanto à religião, Carvalho e Simioni (2022) apontaram que é interessante notar que na década de 1970 a ala progressista da Igreja Católica esteve fortemente ligada às lutas pelos direitos sociais e coletivos. Chama atenção, e de certa forma impressiona, o fato de haver na atualidade forte influência de setores conservadores religiosos sobre os acontecimentos e sobre a população, na forma de diferentes intervenções, desde a participação nas instituições, em eventos on-line e diretamente, a partir do poder político que exercem.

Reforça-se a importância dos movimentos sociais para o processo democrático, assim como das diferenças e divergências presentes e essenciais ao Estado Democrático de Direito que sustenta a liberdade de expressão. Na atualidade, os movimentos sociais têm sentido necessidade de se reorganizar, tanto no plano local como no mundial, a partir da possibilidade da comunicação global. Os movimentos globais são ordenados via plataformas digitais, tendo os mais diversos temas. Eles se organizam e estruturam tendo ações concretas de denúncias, acompanhamentos, estratégias de resistência e de apoio. Abarcam questões ambientais, étnicas, de gênero, imigração, fome e desemprego. As ações globais acontecem em determinados momentos em virtude de dados acontecimentos, baseados em relação de confiança e complementaridade (Gohn, 2022). Essas ações globais geram rede de aprendizado, troca de experiências e busca de oportunidades em momentos históricos estratégicos. É bom lembrar que também há redes globais de direita e de ultradireita, que promovem várias ações, entre as quais está o apoio aos regimes totalitários ou nacionalistas/populistas.

Gohn (2022) alertou que é importante fazer a diferenciação entre movimento social, cívico, político, cultural-societário, dialógico-midiático e suas múltiplas organizações. Muitos movimentos são fluidos e flutuantes. Para saber diferenciá-los, é preciso compreender os termos e as narrativas que os constituem. Muitas vezes, uma causa gera mobilização, formando um coletivo de pessoas, o que pode vir a ser denominado movimento social. No entanto, quando se trata de coletivos de pessoas que representam partidos políticos e diferentes instituições, estes são movimentos políticos.

Em 2020 e 2021, o cenário das desigualdades sociais no Brasil se intensificou, e as pautas de reivindicações se tornaram cada vez mais amplas e diversas. Novas formas de protestar surgiram nas janelas, batendo panelas, e na Internet, via redes sociais. Naquele momento, sair nas ruas tornou-se arriscado, porquanto o medo do contágio por COVID-19, e da consequente morte, estava presente. Diferentes pautas reivindicatórias apareceram, sobretudo relacionadas ao sistema de saúde e sanitário. O isolamento trouxe situações desastrosas, como a dificuldade das crianças de baixa renda em assistir e acompanhar as aulas em casa, pois muitas não tinham aparelhos adequados e/ou Internet disponível. Muitos pais tiveram dificuldades em orientar os filhos e ficaram sem remuneração quando não saíam para trabalhar. O desemprego, a fome, as queimadas desenfreadas na Amazônia, o agravamento de muitas dificuldades a partir do gênero e da etnia vieram à tona a partir de várias denúncias.

Outros atores políticos ocuparam as ruas, pois indivíduos até então omissos às causas sociais começaram a se juntar. Uniram-se em atos antidemocráticos para defender as pautas negacionistas, contra o isolamento social, contra a vacina, contra a ciência, a favor de remédios e tratamentos comprovadamente ineficazes ao combate do vírus e em defesa do armamento da população. Apesar desses grupos citados como representantes da “civilização da barbárie” (Gohn, 2022, p. 126) estarem tão presentes em nossas vidas diariamente durante a pandemia, a adesão majoritária à vacinação contra a COVID-19 foi um indicador de aprendizagem.

Dentro desse ambiente tão caótico, Afonso (2021) divulgou resultados preliminares de uma pesquisa realizada com mulheres da classe trabalhadora em um movimento social feminista, antirracista e anticapitalista, a Marcha Mundial das Mulheres. A autora revelou que, através de ações solidárias, as mulheres do grupo se apoiaram durante a pandemia de COVID-19 utilizando ferramentas on-line, tendo a

iniciativa de realizar ações políticas de mobilização para a arrecadação de recursos empregados na compra de cestas básicas. Em adição a isso, essas mulheres encabeçaram campanhas de mobilização e ações políticas para promover o combate à violência de gênero, implementar o auxílio emergencial e ampliar a vacinação, entre outras ações solidárias. Afonso (2021) constatou que o movimento teve força para lidar e reinventar o caos através do afeto e do apoio mútuo.

Na pesquisa conduzida por Alfonsin *et al.* (2021), foi investigada a construção de processos de resistência comunitária ao desmonte da política urbana e à COVID-19 em territórios de baixa renda no município de Porto Alegre, RS. Os pesquisadores observaram nos dados preliminares uma notável renovação dos repertórios organizativos das comunidades de baixa renda no período. Além de continuar lutando por moradia, acesso a transporte de qualidade e terra, durante a pandemia essas comunidades foram capazes de ampliar a inclusão digital, a saúde e a educação para todos e todas. A organização, a comunicação e os debates foram agilizados por meio das redes sociais WhatsApp e Facebook.

As pesquisas demonstram que os movimentos sociais fortalecem a luta contra as adversidades. Davis e Klein (2020) salientaram que as lutas sociais impetradas em escala mundial são estratégia consistente contra as desigualdades socioeconômica e cultural.

Diante dos exemplos citados, pode-se considerar que hoje as ações coletivas são um guarda-chuva mais abrangente, e podem ser formadas por movimentos, coletivos, organizações civis, organizações não governamentais, tendo cada uma delas uma forma de associativismo (Gohn, 2022). Nesses movimentos de transformação, a espiritualidade está presente como um aspecto que faz parte da dimensão humana. Contudo, nem sempre será citada de forma explícita. Certas qualidades oriundas dessa dimensão humana, como a solidariedade, podem ser reconhecidas. A solidariedade é uma importante categoria de análise dos movimentos sociais. Sobre isso, Gohn (2007 *apud* Müller, 2013) reiterou que seria uma relação social de comunhão de interesses com a finalidade de emancipar os trabalhadores, compreensão advinda de estudos marxistas.

Ampliando essa dimensão da categoria solidariedade, que não deve ser banalizada, torna-se importante a sua compreensão e intersecção com a gestão econômica. Uma das formas de solidariedade pode ocorrer a partir da ação de

empresas privadas. Percebida como um dever moral de responsabilidade individual, a solidariedade é exclusiva do orbe privado das relações sociais. Nesses moldes, ela é concebida como uma prática de moralização do capitalismo (Laville; Eynaud, 2019), apresentando muito mais um caráter filantrópico. Em seu artigo sobre a responsabilidade social das empresas, Oliveira e Gunther (2021, p. 56) esclareceram que

A título de síntese conclusiva, a análise parece indicar que a prática de ações de reponsabilidade social das empresas no Brasil está em linha de simetria com o modo como regulada a questão pelo ordenamento jurídico, no sentido de preservação da liberdade individual do empresário e das empresas.

Assim, a ação de responsabilidade social permanece sujeita a um compromisso ético e individual da empresa e do empresário com a sociedade. Em face dessa sujeição, a ação de responsabilidade social oscila entre manter-se atrelada ao espírito de filantropia ou servir a propósitos de marketing e de governança de territórios em benefício do aumento da lucratividade.

Ainda não está consolidada na realidade brasileira uma prática de ações de responsabilidade social das empresas comprometida com a conexão entre solidariedade e ampliação da liberdade social.

Também há a solidariedade no contexto da ação pública, seja através de diversas atuações nas diferentes instâncias governamentais, reforçando a ação equitativa, seja através de iniciativas da própria sociedade, presentes nas ações de bairros periféricos, comunidades e movimentos sociais. Uma segunda reação, no âmbito da ação pública, também parte da sociedade, na forma de uma miríade de iniciativas baseadas em processos de auto-organização, que ocorre especialmente em movimentos sociais, comunidades e bairros populares nas periferias de centros urbanos (França Filho; Leal, 2020). França Filho e Leal (2020, p. 285) salientaram que, durante a pandemia de COVID-19, os movimentos sociais exerceram com muita criatividade novas práticas de enfrentamento neste período cotidiano crítico:

Além dos protestos digitais e panelaços nas janelas e varandas, observa-se uma pluralidade muito surpreendente do repertório dos movimentos sociais que foi acionada baseada em um novo mutualismo e novas solidariedades.

Entrega de cestas básicas em comunidades vulneráveis, plataformas eletrônicas que conectam redes de consumidores de economia solidária, produção cooperativa de máscaras de proteção, combate a despejos habitacionais, defesa de direitos trabalhistas, apoio às pessoas em reclusão prisional, grupos que produzem notícias em mídias independentes, organização no nível da vizinhança, compartilhamento de tecnologia social e campanhas de crowdfunding, grupos de compras para sustentar produção de alimentos agroecológicos, organização de webinars, conferências, aulas e assembleias online.

Žižek (2020) atribuiu à pandemia um potencial emancipatório, já que contribuiu para diminuir o consumismo e para a liberação de exigências sociais de reconhecimento. O autor acredita que, para vencer esse desafio, se fez necessária uma espécie de solidariedade incondicional, com respostas globalmente articuladas. Adicionalmente, opinou que a aceitação da fragilidade pode estimular uma mobilização de solidariedade coletiva. Esse pensamento leva a refletir que este é um desafio global que a pandemia nos trouxe e que outros virão.

Outro aspecto que também pode fundamentar as lutas para a transformação social são as teologias políticas progressistas. A conversão para essas teologias acarretaria a aceitação do próximo necessitado, o que contribuiria para essas lutas. Seria a força motivadora da espiritualidade colaborando com os movimentos de transformação e inclusão social (Boff, 2020) e uma teologia libertária feminista (Schüssler Fiorenza, 2009). Quando a categoria espiritualidade é analisada nas ciências sociais, pode-se perguntar como ela trata seus atores, impulsiona as instituições e gera novas realidades. São questões complexas e importantes a serem discutidas para ampliar os estudos, de tal modo a compreender como as articulações de poder e de saber ocorrem cada vez que essa categoria é utilizada.

Dada a importância do conceito de solidariedade, nesta pesquisa investigo a percepção clara acerca dele, de suas implicações e de como está inserido no contexto da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics* a partir do despertar da espiritualidade.

CAPÍTULO 2 – A BUSCA DE SENTIDO EXISTENCIAL: MUDANÇAS RELIGIOSAS/ESPIRITUAIS A PARTIR DA MODERNIDADE

A busca da compreensão do sagrado, do mistério, da transcendência, do sentido da vida, sempre esteve e parece que sempre estará presente em qualquer momento histórico em que estejamos inseridos. Com base nisso, aqui construo um eixo teórico abarcando o percurso histórico da religião/religiosidade a partir das transformações ocorridas desde a modernidade, com o intuito de compreender o anseio da mística que não foi perdido e o processo transformador, fraterno e equânime que, apesar das mudanças ao longo do tempo, ainda está presente nas buscas espirituais contemporâneas. Para isso, adoto a definição de Teilhard de Chardin como sentimento místico para permear e aguçar a curiosidade frente às investigações feitas neste estudo:

Em si, o sentimento místico é um sentido e uma previsão da última e total unidade do mundo através da multiplicidade objetiva e palpável; um sentido cósmico de *oneness* [unidade]. Isso vale tanto para o hindu e o sufi como o cristão (Sudbrack, 2007, p. 21).

Essa definição parece plural, pois abarca diferentes tradições religiosas e, ao mesmo tempo, indica um ponto que converge para uma única busca. Sudbrack (2007) argumentou que só podemos falar e ponderar sobre as experiências místicas, sobre o absoluto, o sentido da vida e a religião a partir da nossa própria posição. Para isso, torna-se indispensável a abertura para escutar e compartilhar as próprias experiências e as dos outros. Ademais, o autor salientou a importância de se questionar criticamente as experiências e crenças, incluindo as próprias.

Como pesquisadora, percebo minhas indagações racionais vinculadas a um desejo profundo de encontrar caminhos que possam transformar de forma mais equânime a vida coletiva. Nesse sentido, concordo e “obedeço” Sudbrack (2007) ao questionar criticamente minhas indagações e ações relacionadas a este estudo.

Não pretendo aqui discorrer sobre a história da religião, mas refletir sobre conceitos básicos que permeiam as transformações ocorridas a partir da modernidade até o mundo contemporâneo e que refletem na busca pelo transcendente e pelo sentido da vida. Muito vem sendo discutido sobre os novos movimentos religiosos, as

novas religiosidades e as novas espiritualidades por cerca de 50 anos. Várias características foram definidas, havendo uma enorme gama de diversidade de conceitos e críticas sobre esses movimentos.

Com esta pesquisa, pretendi aperfeiçoar os meus conhecimentos sobre um grupo específico de psicoterapeutas, verificando as características que o compõem dentro da classificação de um novo movimento religioso/espiritualista e as nuances deste grupo em um momento histórico brasileiro peculiar, permeado por grave crise política, econômica e social, que já havia se instalado antes da chegada do SARS-CoV-2, e se intensificou no contexto pandêmico e pós-pandêmico. Neste capítulo, apresento os conceitos de religiosidade, secularização e pluralismo religioso, assim como as mudanças ocorridas nestes termos a partir de um novo tempo denominado modernidade tardia. Nesse processo de mudanças, há uma Nova Era (movimento *New Age*) e o conceito de espiritualidade se torna protagonista nesta conjuntura que ressalta a importância do autoconhecimento para a compreensão do sentido da existência.

2.1 RELIGIOSIDADE, SECULARIZAÇÃO, PLURALISMO RELIGIOSO E INDIVIDUALISMO

Na compreensão de qualquer sociedade, a religião é um fenômeno sociocultural imprescindível, como já foi postulado por muitos autores clássicos da sociologia, entre os quais destaco Weber (1982) e Durkheim (1999), sendo essencial para entender a origem, o sentido e a natureza das sociedades modernas. A religião ou a religiosidade vivida e experienciada pelas pessoas é uma fonte de informação muito preciosa sobre a identidade individual e do grupo observado. Através desse dado, pode-se investigar as referências culturais e sociais, bem como as crenças que permeiam determinado grupo. Em adição a isso, também se pode estabelecer a relação desse grupo com o sagrado, com o desconhecido e com a morte.

Esses autores clássicos argumentaram que, com o efluir da modernidade, haveria um deslocamento do centro da vida da sociedade para a periferia e as funções primordiais exercidas pela religião, como a nomia, a legitimação e a coesão social poderiam ser diluídas, fazendo com que a religião entrasse em declínio. Importante

salientar que, na concepção dos referidos teóricos, a religião perderia o seu poder nas esferas pública e privada, mas a fé, as crenças e as místicas permaneceriam de algum modo (Durkheim, 1999; Weber, 1982). Durkheim (2003) afirmou que, na sociedade moderna, a religião perderia seu papel central, sendo substituída por outras formas religiosas de solidariedade social. Durkheim (2003) auxiliou no desenvolvimento de uma análise estrutural-funcionalista da religião ao diferenciar aspectos sobre a verdade da religião e sua função social e simbólica.

Weber (2013) limitou a religião à sua própria dimensão, estudou seus significados, suas condições socio-históricas e seus efeitos, dando condições para o desenvolvimento da sociologia fenomenológica, comparativa e histórica. Além do que, ainda argumentou que a racionalidade e o progresso científico substituiriam gradualmente a religião como guia para a compreensão do mundo e dos valores sociais.

O estado da arte nos mostra que foram esses sociólogos clássicos que construíram um alicerce para os estudos sobre a secularização. A complexidade que se percebe sobre o fenômeno religioso, à medida que os estudos vêm avançando, aponta para diferentes formas de interpretação, que carecem considerar as repercussões sociais, as influências e a necessidade de se proceder a uma análise cada vez mais minuciosa sobre ele.

A partir do meio do século XX, muito se tem discutido sobre a crise da modernidade, que levou a uma reconfiguração dos valores, da cultura e da própria noção de sujeito na sociedade contemporânea. Isso vem gerando mal-estar no homem comum, nas formas de angústias, incertezas e ansiedade em relação aos espaços socioeconômicos, políticos e sociais. As diferenças entre as grandes nações e o restante do mundo, entre as elites e a grande massa de excluídos tornam-se evidentes, questionáveis e sem solução. Não seria o fim da modernidade, mas uma nova fase, com uma série de consequências previstas e imprevistas, desejadas ou indesejadas. Várias são as nomenclaturas utilizadas, dependendo do referencial teórico escolhido para se referir a este novo momento, tais como modernidade tardia e reflexiva (Beck, 1997; Giddens, 1997) e pós-modernidade (Bauman, 1997, 1998; Hall, 2006).

No debate da pós-modernidade, ou modernidade tardia, o futuro da religião e o declínio de sua influência social nos indivíduos e nos Estados está presente.

Entretanto, essa tese de declínio da religião vem sendo questionada e refutada por alguns pensadores. Berger (2001) opinou que a modernização provocou alguns efeitos secularizantes, porém também gerou vigorosos movimentos contrassecularizantes. Berger (2018) ainda contestou a ideia de que a secularização signifique o fim da religião, assim como já havia pontuado Martin (1978), que argumentou que a secularização não necessariamente leva ao desaparecimento da religião, mas a uma transformação tanto dos atos religiosos quanto das instituições, gerando uma multiplicidade de formas religiosas. Pode haver um ressurgimento de formas tradicionais de religião em novos contextos sociais, assim como novos movimentos religiosos podem aparecer. No entendimento de Martin (1978), a secularização acarretaria uma transformação na relação sociedade–religião, o que descortinaria uma pluralidade de opções, entre as quais, o indivíduo poderia escolher a melhor forma de expressar a sua religiosidade. De fato, observa-se que, ao mesmo tempo que a influência das instituições religiosas decresce em muitas sociedades, a vida das pessoas continua permeada de práticas religiosas novas e/ou antigas. Há, portanto, uma relação complexa entre religião e modernidade.

Berger (2001) também questionou o fato de que a ideia central da teoria da secularização dos anos 1950 e 1960 não pode ser considerada correta. Para corroborar isso, afirmou que “A ideia é simples: a modernização leva necessariamente a um declínio da religião, tanto na sociedade como na mentalidade das pessoas. E é justamente essa ideia central que se mostrou estar errada” (Berger, 2001, p. 10).

Diante da discordância de que a secularização diminuiu a religiosidade no mundo, Berger (2001) citou duas exceções. Uma seria na Europa Ocidental, região em que países como Itália, Espanha e Grécia apresentaram indicadores de secularização relacionados às crenças expressadas, ao comparecimento e à adesão às celebrações e rituais e aos comportamentos relativos à sexualidade e à reprodução. Outra exceção seria a existência de uma elite globalizada, que forma uma subcultura internacional, composta de poucas pessoas, mas que são bastante influentes no campo das ciências sociais e das humanidades, que apresentam nível educacional superior, atuam em instituições de ensino e influenciam os sistemas legais e de comunicação de massa. Contra essa elite secular surgiram os protestos e os “surto” religiosos. Há, portanto, uma continuidade dos fenômenos religiosos na experiência humana. Berger (2001, p. 18) ainda reiterou que “[...] não há razão para

pensar que o mundo do século XXI será menos religioso do que o mundo atual.” Afinal, viver neste tempo hodierno sem a presença do inefável, sem mistério e fé, geraria uma existência humana despida de transcendência, tornando-a desagradável e empobrecida.

Parece que Berger (2001) buscava entender a secularização e a dessecularização como processo dialético entre a religião e as mudanças características da modernidade em diferentes contextos culturais e históricos. Não há uma negação total de que a modernidade influencie e gere a secularização, mas da crença que haverá um declínio radical da religião. Diante de tantas particularidades e da complexidade do processo, percebe-se a necessidade de conhecer cada grupo religioso/espiritualista contemporâneo com maior interesse e profundidade.

Berger (2001) discutiu alguns temas que não estão ligados diretamente à religião, mas podem ser influenciados pela cultura religiosa, como a política internacional, as políticas de guerra e paz, o desenvolvimento econômico, os direitos humanos e a justiça social. Para a abordagem desses temas, parece também haver uma complexidade, já que Berger (2001, p. 20) realçou que, em relação ao

[...] papel da religião na política internacional, seria útil distinguir entre movimentos políticos autenticamente inspirados pela religião, e aqueles que utilizam a religião como uma legitimação conveniente de agendas políticas baseadas em interesses claramente não-religiosos. Essa distinção é difícil, mas não impossível.

A secularização parece, portanto, referir-se não à ausência ou ao declínio das manifestações religiosas (crenças, rituais e novas organizações), mas sim à ausência ou ao declínio da autoridade religiosa. Na verdade, há uma série de fenômenos que fazem parte do processo de secularização moderno. Ocorre uma emancipação da esfera profana em relação ao domínio do sagrado/religioso. Determinadas áreas, como ciência, educação, política, economia, entre outras, se apartam das limitações e do controle da religião e se desenvolvem de acordo com a sua própria lógica. Habermas (1990) reconheceu o potencial semântico da religião e postulou que nas sociedades secularizadas esta não deve ser nem marginalizada, nem excluída do discurso público, já que nas sociedades modernas é preciso preservar um determinado senso de humanidade com o qual a religião contribui.

Outro aspecto que Habermas (2007) considerou relevante foi a agregação do tema liberdade na agenda do Estado constitucional sustentando as liberdades de consciência e religião. Então, há espaço para desarmar “o potencial conflituoso que continua permeando, no nível cognitivo, as convicções existenciais de crentes, de não crentes e de crentes de outras denominações” (Habermas, 2007, p. 136). Porém, é preciso que os participantes desse processo aprendam a se colocar e percebam as perspectivas uns dos outros.

Para Habermas (2007, p. 136), a liberdade contida nas leis do Estado auxilia na construção plural da sociedade, porém é insuficiente, porquanto “tal função não pode ser preenchida pela benevolência desdenhosa de uma autoridade secularizada”. Para o autor, o elemento que potencializa a aprendizagem social é a democracia, que gera a solidariedade entre os cidadãos do Estado. É imperativo que o cidadão, além de se perceber livre, se sinta igual aos demais cidadãos. E a religião possui um potencial semântico que equilibra as sociedades modernas secularizadas, amenizando os riscos e as perdas da secularização. Por isso, as sociedades secularizadas necessitam compreender a importância das religiões e incorporá-las ao processo de autocompreensão social. Uma vez que isso acontece, as sociedades se tornam pós-seculares. O conceito de sociedade pós-secular advém da necessidade de um novo estágio de reflexão na relação sociedade–cultura seculares com a religião. As sociedades cada vez mais modernas se reportam aos potenciais de razão presentes nas religiões. Habermas (2005 *apud* Knapp, 2011, p. 186) menciona um “processo de aprendizagem complementar”, no qual cidadãos religiosos e não-religiosos “levam a sério, reciprocamente, suas contribuições sobre temas controversos na esfera pública, portanto, também por razões cognitivas”. Possamai (2019) sugeriu que na fase pós-secular um caminho para trabalhar novos rumos civilizatórios seria permitir que as pessoas religiosas, juntamente com outros atores sociais, fizessem um projeto iluminista revisado para o combate do uso exclusivo da razão instrumental pelos polítics do capitalismo global, equipando a esfera política com melhores *insights* morais.

A partir da compreensão filosófica de que todas as religiões possuem o mesmo princípio racional, Habermas (2007, p. 263) declarou que as igrejas apresentam condições de ter um lugar legítimo “em cápsulas diferenciadas das sociedades modernas” e de poder interpretar os dogmas pertencentes a cada credo

eclesial. Assim, sem nenhum prejuízo de pretensão da verdade, frente a frente com os crentes ou os não crentes, as religiões podem exercitar a tolerância recíproca, respeitar a autoridade das ciências que se qualificam em um saber sobre o mundo e reconhecer a ordem secular do Estado.

O pensamento pós-metafísico, que estabelece uma diferenciação exata entre a fé e o saber, considera que as doutrinas religiosas fazem parte da genealogia da razão e se abastecem de seu conteúdo normativo. De algum modo, a religião auxilia na construção de normas sociais, uma vez que a ciência apresenta uma moral sem ética e “seu universo explicativo se mostra incapaz de dar sentido às ações coletivas e nesse sentido, o potencial das religiões, enquanto discurso capaz de subsidiar uma ética de ação no mundo, permanece inteiramente válido” (Habermas, 2004, p. 18).

Habermas (2007) alertou que, para que as religiões não se enrijeçam em posições fundamentalistas, os cidadãos religiosos que fazem parte das instituições estatais, como tribunais, parlamentos ou órgãos administrativos, devem empregar apenas linguagem e argumentações seculares. Há de se fazer uma tradução para a linguagem secular dos discursos e conhecimentos religiosos, para assim se integrar à agenda e às negociações nas estatais, de forma a compor um processo político mais amplo. Habermas (2007, p. 167) indagou e esclareceu:

Será que os cidadãos podem aceitar o liberalismo como sendo a única resposta correta para o pluralismo religioso? Para chegar a uma conclusão sobre esse ponto, os cidadãos religiosos, como também os seculares, devem saber interpretar, cada um na sua respectiva visão, a relação entre fé e saber, porquanto tal interpretação prévia lhes abre a possibilidade de uma atitude auto-reflexiva [sic] e esclarecida na esfera pública política.

A partir do que Habermas (2007) apresentou, cabe a nós tecer reflexões a partir do contexto político que vivenciamos no Brasil. Atualmente, a bancada evangélica que compõe o Congresso Nacional é composta de 132 deputados e 14 senadores, que fazem parte da Frente Parlamentar Evangélica, com mandatos vigentes de 2023 a 2026 (Sestrem, 2022). A maioria dos membros compartilha valores e visões de mundo alinhados ao conservadorismo, além da filiação religiosa, e se opõe às pautas relacionadas à ideologia de gênero e à legalização do aborto e das drogas. O exercício argumentativo de Habermas (2007) precisa ser muito praticado no parlamento brasileiro, uma vez que ainda é utópico diante da nossa realidade.

Habermas (1993) mostrou preocupação sobre o fato de que o retorno da religião no mundo moderno teria tendência ao fundamentalismo, vez que o monoteísmo possui um conjunto de crenças e posturas fundamentalistas. Isso pode criar um processo destrutivo, pois “nós aprendemos que os conflitos da socialização religiosa são capazes de abrir abismos mais profundos do que diferenças de classes ou modos de produção diferentes” (Habermas, 1993, p. 22). Huntington (1994, p. 123-125 *apud* Góis Filho, 2020, p. 300) advertiu que

A religião tomou para si, a tarefa de preencher o vazio de perda de identidade, com frequência na forma de movimentos fundamentalistas. [...] Mais do que a etnia, a religião discrimina as pessoas de maneira drástica e exclusivista [...] Ao definir suas identidades em termos étnicos e religiosos, as pessoas tendem a enxergar suas relações com pessoas de etnias e religiões diferentes como um jogo de “nós” contra “eles”.

Um aspecto importante abordado por Habermas (2006), que está presente na política brasileira e foi exacerbado durante a gestão de Jair Messias Bolsonaro, é que a religião permeada de fanatismo pode encobrir motivos políticos. Na concepção de Habermas (2006, p. 15), o fundamentalista designa “uma atitude espiritual que insiste na realização política das próprias razões e convicções ainda que não sejam de modo algum aceitas em geral”. Ocorre quando os líderes religiosos apresentam suas crenças como verdadeiras, ignorando o contexto epistêmico de uma sociedade pluralista, e utilizam discursos e ações violentas para concretizar suas ações políticas na vigência obrigatória de suas doutrinas. Todas as opções políticas dos indivíduos são apreendidas pela religião, tais como sexualidade, aborto, conceito de família, trato com embriões humanos. E o que é mais preocupante, trata-se da capacidade desses líderes de oferecer “uma linguagem nova, evidentemente mais convincente do ponto de vista subjetivo do que as antigas orientações políticas” (Habermas, 2006, p. 19).

Em relação a essa preocupação, pode-se levantar a hipótese de que os líderes religiosos com tendências fundamentalistas desenvolvem seu discurso religioso com base em conceitos da psicologia, abandonando os conceitos teológicos ou interpretando-os empregando linguagem secular. Seria a má utilização da proposta a partir do pensamento pós-metafísico que estabelece a diferenciação entre saber e

fé, proposto por Habermas (2006) e discutido anteriormente. Como ainda observou Habermas (1996, p. 153, tradução minha)¹⁴,

As comunidades de interpretação eclesiais competem com outras comunidades de interpretação que têm suas raízes apenas em tradições seculares. Também observando as coisas de fora, poderia acontecer que as tradições monoteístas dispusessem de uma linguagem com um potencial semântico ainda não amortizado que, em termos de força de abertura para o mundo e força de formação de identidade, capacidade de renovação, capacidade de diferenciação e alcance, poderia revelar-se superior.

O discurso religioso, que se difunde no horizonte interpretativo das comunidades de crentes, se move no contexto de uma tradição específica, representado por um determinado conteúdo normativo e dogmaticamente elaborado. Esse discurso relaciona-se com uma prática ritual que é comum a todos e se apoia em experiências especificamente religiosas do indivíduo. Parece haver uma tentativa, como pontuou Habermas (1996), de colocar em uma mesma base argumentativa as interpretações da modernidade apresentadas em termos filosóficos e sociais e as interpretações teológicas das tradições cristãs.

Muitos que se dizem religiosos podem estar se utilizando disto para motivar lutas políticas e sociais sem uma força legitimadora para a mudança, se valendo de uma bricolagem religiosa e não religiosa, de uma máscara que encobre diversos interesses. Esse aspecto será percebido no Capítulo 3 deste trabalho, no qual fica claro como um governo autoritário pode fazer mal uso da religião e como movimentos sociais com inspiração religiosa podem contrapor-se a esses desmandos. Portanto, o mais importante parece ser a compreensão dos conflitos entre as autoridades religiosas e os atores sociais que emergem nas lutas sociais, assunto este que esmiuço no subitem 2.2 desta tese.

No presente estudo, não discuto a categoria religião propriamente dita. Entretanto, os participantes da pesquisa, embora não tenham admitido que sejam religiosos, relataram que praticam rituais e utilizam símbolos oriundos de determinadas religiões tradicionais cristãs, de matriz africana e orientais,

¹⁴ “Las comunidades eclesiales de interpretación compiten con otras comunidades de interpretación que tienen sus raíces en tradiciones sólo seculares. También vistas las cosas desde fuera, podría resultar que las tradiciones monoteístas dispusiesen de un lenguaje con un potencial semántico todavía no amortizado que, en lo que respecta a fuerza abridora de mundo y a fuerza formadora de identidad, a capacidad de renovación, a capacidad de diferenciaciones y a alcance, pudiera revelarse superior.”

apresentando certa religiosidade, o que caracterizaria sua inserção no movimento da Nova Era, fato que será discutido a seguir.

Alicerçado em revisões de artigos referentes ao termo, Oliveira (2022) explicou que, em termos de religiosidade, o sujeito pode participar de uma instituição, seguir uma religião, ou não estar vinculado a nenhuma instituição e vivenciar práticas fora de uma organização. É possível, na prática profana diária, ler, rezar, meditar e participar de cerimônias sem ter um vínculo com uma determinada religião. Como indicou Simmel (2010, p. 33), “a religião não cria a religiosidade, mas é a religiosidade que cria a religião.” A religiosidade precede a religião enquanto forma interior da experiência humana. Simmel (2010) concluiu que a religiosidade faz parte das dimensões histórica, humana e cultural, vez que é um modo de ser que gera abertura para a transcendência, mobiliza sensações e constrói formas emocionais e cognitivas que dão sentido para a totalidade da existência.

Nesta pesquisa, pretendi aprofundar minha investigação acerca da compreensão da religiosidade, dos direitos humanos e da justiça social. Afinal, a indagação desta tese passa pela observação da espiritualidade como categoria de estudo, desenvolvida ou despertada no grupo de pessoas pesquisadas que apresentam uma certa religiosidade e que buscam o autoconhecimento, gerando interesses e ações que envolvam a justiça social.

Dentro da perspectiva de uma lógica religiosa, Berger (2001) salientou que o que é justiça para uns pode ser injustiça para outros. Os pontos de vista sobre a natureza dos direitos humanos são religiosamente articulados. Um exemplo disso seria a postura da Igreja Católica claramente em oposição a questões como aborto e contracepção. As discussões sobre justiça social nas instituições católicas excluem temas como sexualidade e reprodução. Essa exclusão de temas pela Igreja Católica, mencionada por Berger (2001), foi claramente verificada em minha pesquisa de mestrado, concluída em 2020, comparando um grupo religioso católico com um grupo de formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics* (Nunes, 2020). Naquela ocasião, constatee as limitações para esmiuçar os aspectos sociais e econômicos que envolvem questões como aborto, população LGBTQIAP+ e pena de morte pelo grupo religioso católico estudado, em contraste com o grupo de estudos e práticas de autoconhecimento e espiritualidade. As pessoas que não participavam de uma instituição religiosa se posicionavam de forma mais livre, questionando as causas

dos preconceitos e das injustiças sociais, talvez exercendo a liberdade adquirida a partir da ruptura com determinados dogmas. Como defendeu Habermas (1993, 2004), sociedades religiosas, que evitam o dogmatismo e a coação moral, podem propiciar uma ambiência capaz de gerar possibilidades de expressão e sensibilidades suficientemente fortes para introduzir, inclusive na arena política, sentimentos como a responsabilidade e a solidariedade.

Considerando o contexto da modernidade tardia e a presença da religiosidade em grupos que se afastaram da religião tradicional, pode-se incluir o conceito de Giddens (1991, p. 49) de reflexividade da vida social para compreender esse comportamento, que “consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter”. Igualmente, pode-se compreender a construção da individualidade contemporânea, do individualismo tão discutido nas práticas da Nova Era.

A atividade humana é impulsionada por essa força que estimula mudanças sociais, desafiando as tradições e as hierarquias. Em todos os contextos sociais, um movimento rápido de transformações, com avanços e recuos, fomenta a atitude reflexiva. Essa reflexão, inerente ao comportamento humano sobre mudanças, entremeia as bases do sistema de reprodução na pós-modernidade. Essas mudanças geram indivíduos com mais liberdade e autonomia, porém também com mais incertezas e ansiedades em relação ao futuro. Giddens (1991, p. 49) ainda advertiu que “o que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada”. A reflexibilidade estaria presente nos vários aspectos da vida social, desde as relações familiares, permeando as relações cotidianas, até as instituições formais e os sistemas econômicos e políticos, gerando a capacidade de autoavaliação permanente e a radicalização e a universalização das mudanças ocorridas. Contudo, mais adiante, fica claro como se dá a reflexividade a partir da visão racionalista de Giddens (1991) e como se pode ampliá-la incluindo uma visão que englobe a interação subjetiva entre as pessoas e a subjetividade social.

Considerando-se uma cultura pluralista, na qual as instituições sociais estão em movimento reflexivo, com vários agentes pertencentes a um modelo capitalista de competição e concorrência, tem-se como resultado o enfraquecimento das instituições tradicionais. Esses movimentos reflexivos incluem crises que permeiam o sistema

político e econômico, refletindo em instituições como sindicatos, instituições religiosas e tantas outras formas tradicionais de funcionamento. A reflexividade tem um aspecto coletivo; mas há de se considerar que o individualismo e os processos de individualização só são passíveis de entendimento quando são levados em consideração os processos sociais mais profundos que a eles se ligam (Domingues, 2002).

Para discutir um pouco sobre a compreensão do individualismo, vejamos o cronograma histórico feito por Domingues (2002, p. 56), a partir da perspectiva “do indivíduo concebido como agente e categoria moral típico da modernidade ocidental”. Esse indivíduo, delineado pela concepção cristã, teria surgido no fim do Império Romano ou até em períodos anteriores a esta época, até Weber (2013) apontar que o protestantismo teria sido o momento em que o individualismo assumiria uma forma moderna e generalizada. Uma alternativa a isso seriam as visões mais materialistas, como mencionou Domingues (2002, p. 56)

[...] seria o desenvolvimento das forças produtivas que engendraria a destruição de comunidades originariamente inclusivas e coesas [...]; para abordagens funcionalistas, o desenvolvimento da divisão do trabalho social [...] ou a diferenciação em geral – levando, por exemplo, ao “pluralismo de papéis” [...] – ofereceriam a variável explicativa fundamental; para outros autores, certos processos e matrizes culturais estariam na base dessa concepção do indivíduo como agente moral soberano [...]

Conforme explicou Elliott (2018), o conceito de individualismo foi lavrado na década de 1830, por Alexis Tocqueville, que o aplicou para descrever os senhores burgueses que observou na América. Como haviam feito aquisições de bens materiais e possuíam melhores meios de sobrevivência, esses burgueses viviam separados das massas. Assim, “o individualismo de Tocqueville, associado às invenções impertinentes da ainda adolescente cultura americana do século XIX, chegou a ser, *grosso modo*, um dos ideais mais antigos da burguesia europeia” (Elliott, 2018, p. 466). Os teóricos críticos europeus, nas décadas de 1920 e 1930, começaram a questionar o ideal liberal desses indivíduos isolados. Surgiu, então, no discurso da teoria crítica social, o conceito de individualismo manipulado, a partir das guerras globais e do holocausto no século XX. De acordo com esse discurso, os indivíduos dentro do ideal individualista estariam submetidos a manipulações das ideologias políticas e forças sociais, capitalistas e econômicas. Após as guerras da primeira metade do século XX, nas décadas de 1950 e 1960 surgiu um individualismo que, na

compreensão de Elliott (2018), não é tão arrogante como a primeira descrição de Tocqueville, nem tão tragicamente ameaçado como colocavam os teóricos críticos alemães, aparecendo mais isolado, com um determinado conformismo. E na década de 1990, como efeito da globalização, surgiu o individualismo reflexivo.

Embora o individualismo contemporâneo advenha de origens antigas, apresenta autonomia bem *sui generis*, acarretando rupturas e extinções de padrões morais, estéticos e cognitivos, em consequência da radicalização da modernidade contemporânea e do próprio individualismo (Domingues, 2002). Os indivíduos necessitam exercitar sua capacidade reflexiva, discutida anteriormente a partir de Giddens (1991).

Por seu turno, Beck (2011) interpretou que há individualização quando o indivíduo se torna uma referência central nas ações no mundo social, em um processo de formação e constituição social. Esse processo, com suas ambivalências e contradições, pode ser interpretado pelo indivíduo como chance ou fardo, ampliando ou limitando suas ações. Westphal (2010, p. 428) explicou que:

No lugar de religião, tradição e Estado sobrevêm novas exigências, controles e obrigações aos indivíduos na sociedade moderna. O indivíduo deve autodirigir-se, controlar-se e decidir sobre sua vida, inclusive nos aspectos relativos à proteção social e às condições de trabalho. Se na sociedade tradicional o indivíduo adentrava nessa por nascença, na sociedade atual a inclusão demanda esforço ativo individual. Consolida-se a biografia a da escolha, da construção, do malabarismo, da ruptura, do risco. Apesar das novas liberdades, há muito esforço e desgaste. A individualização se constitui numa dinâmica social, não repousada sobre as decisões livres dos indivíduos, mas é uma obrigação, aos quais as pessoas estão destinadas.

Beck (2011) não considerou que os processos de individualização na modernidade contemporânea tenham sinais negativos, apesar de apontar que as novas trajetórias individuais impõem riscos mais proeminentes. Afinal, tendo as pessoas que programar a vida de forma mais incerta, os indivíduos passam a ser os agentes de construção de suas próprias histórias, que não mais são herdadas. Desse modo, o indivíduo possui características específicas na modernidade tardia, porquanto o *self* se constrói e reconstrói a partir de um projeto reflexivo, no qual os desencaixes são profundamente acentuados.

Considerando-se o indivíduo como um agente reflexivo, em concordância com o que foi postulado por Giddens (1991), percebe-se que essa reflexividade implica o

posicionamento de cada um e a copresença. A reflexividade moderna refere-se ao monitoramento que é intrínseco a toda atividade humana. Domingues (2002, p. 60) apontou que a reflexividade apresentada por Giddens (1991) é de cunho eminentemente racionalista, pois “trata-se de serem todas as atividades sociais suscetíveis de revisão sob a luz de nova ‘informação’ e ‘conhecimento’”. Sobretudo quando Giddens (1990, p. 3 *apud* Domingues, 2002, p. 61) relacionou seu raciocínio, de forma explícita, à herança cartesiana, modernista e racionalista, a questão configura um significado ainda mais definido, pois

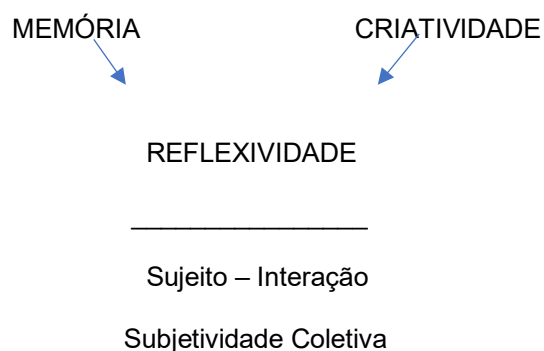
A dúvida, um aspecto generalizado da razão crítica moderna, permeia a vida cotidiana bem como a consciência filosófica, e forma uma dimensão existencial geral do mundo social contemporâneo. A modernidade institucionaliza o princípio da dúvida radical e insiste que todo conhecimento assume a forma de hipóteses: afirmações que podem bem ser verdadeiras, mas que se acham em princípio abertas à revisão e podem ter de ser abandonadas em algum momento.

Diante da crítica à concepção racionalista dada por Giddens (1991) à reflexividade, Domingues (2002) avançou neste conceito abarcando multidimensionalmente a articulação na vida social e os processos mentais dos indivíduos. Para Domingues (2002, p. 64), a reflexividade é exercida em três esferas fundamentais nas quais a identidade se forma, à medida que estas se entrecruzam na maioria dos fenômenos concretos experienciados cotidianamente: “a cognitiva, a moral (que inclui *lato sensu* a ética, se não nos atemos à distinção hegeliana)¹⁵ e a estética (tanto em sentido *lato* quanto técnico)”. Já a identidade é exercida em três dimensões. A primeira diz respeito à reflexividade não-identitária típica do processo primário, do “isso”, considerando o conceito freudiano de inconsciente. A segunda se refere à reflexividade prática presente nas ações cotidianas. A terceira abarca a reflexividade racionalizante “quando nos distanciamos, em graus variados, do mundo e de nós mesmos, e buscamos sistematicamente dirigir nossa atenção e nossas faculdades para aspectos que concernem a nós como indivíduos, para nossa ação e para o mundo” (Domingues, 2002, p. 64). São esses seis aspectos que interagem e compõem o tecido da vida social.

¹⁵ Hegel, ao contrário de se ocupar em estabelecer um princípio supremo do agir, preocupou-se, na moralidade, em determinar as condições de responsabilidade subjetiva; e, na eticidade, mostrar o desdobramento das vontades livres. É que, para Hegel, a moralidade indaga sobre a autodeterminação das vontades livres, ou seja, pelos propósitos, pelas intenções, enfim, pelos objetivos que movem a conduta do sujeito (Macedo, 2012, p. 121).

A reflexividade racionalizante preconizada por Domingues (2002) não recusa o caráter reflexivo à reflexividade prática. Na verdade, requer essa reflexividade, pois atua de fato a partir de um *continuum*, sendo essa diferenciação didática. Como reiterou Domingues (2002, p. 64),

[...] é no jogo mútuo entre a memória reflexivamente organizada – com suas dimensões individual e variavelmente coletiva, compartilhada – e a criatividade diuturna dos agentes – indivíduos e subjetividades coletivas – que todos aqueles seis aspectos analiticamente distintos se consubstanciam no curso das interações que compõem o próprio tecido da vida social, como sugerido na figura que se segue.



Domingues (2002, p. 55) defendeu a ideia de que

A reflexividade possui, na verdade, um caráter em grande medida coletivo, sem prejuízo de seus aspectos individuais; outrossim o individualismo e os processos de individualização só se fazem inteligíveis ao levar-se em conta processos sociais mais profundos que a ele se vinculam.

Ainda se pode pensar a própria modernidade como detentora de suas tradições reflexivamente organizadas e de outras tradições como elas, desde sempre, também reflexivamente tecidas, nas três dimensões (não identitária, reflexividade prática e reflexividade racionalizante) ontem e hoje. Dentro dessa perspectiva, não é possível negar a vinculação entre a vida social e os processos mentais dos indivíduos.

Berger e Luckmann (2012) consideraram que o pluralismo moderno talvez seja o fator mais importante de crises de sentido. A modernidade representa um aumento quantitativo e qualitativo de pluralização, com migrações, crescimento populacional, crescimento de cidades, economia de mercado e industrialização, fatores que forçam pessoas de diferentes origens a conviver de forma pacífica, tendo o Estado de Direito e a democracia como mediadores desta convivência. Os meios de

comunicação divulgam os modos de viver e pensar de forma plural, os diversos aspectos caracterizados pela abrangência (globalização) e por sua velocidade. Como consequência, ocorre a crise de sentido, antecedida por um enorme relativismo dos sistemas de valores e da interpretação destes.

Após a Segunda Guerra Mundial, que gerou desemprego, crises econômicas e políticas, as crises migratórias, que eram avaliadas como transitórias, tornaram-se permanentes, antevendo-se um pluralismo cada vez mais intenso no futuro, hoje tornado realidade. Tendo em vista esse contexto, como vislumbrou Vilaça (2003, p. 26),

O pluralismo religioso só será possível no quadro de uma sociedade democrática e culturalmente pluralista, isto é, onde o poder se encontra disperso por várias organizações, porque somente em tal situação é possível a coexistência dos seus elementos num mesmo campo sem monopólio de qualquer um deles.

A partir de uma ótica específica (modernidade), em uma sociedade mais complexa, urbanizada e industrializada, Luckmann (2014) destacou que a religião reflete uma institucionalização especializada. Como nas sociedades mais simples, o modelo religioso deixa de ser o único, englobante e representante do sagrado. A crença é privatizada e novas formas de vivenciar a religiosidade surgem com novos especialistas, gerando novas formas de interiorização do cosmos sagrado. O agente social vive a religiosidade de modo próprio, individual e plural no seu todo, sendo o que o autor denominou bricolagem religiosa. Ele também discorreu sobre a secularização interna das instituições, pois elas possuem uma certa porosidade. Por outro lado, diferentes referenciais religiosos vão sendo propagados na sociedade.

Bauman (1998) concluiu que, na pós-modernidade, os indivíduos necessitam de especialistas para que se tornem cada vez mais autossuficientes. Esses especialistas lhes oferecem orientações sobre como resolver dificuldades, tornar-se mais prósperos e obter prazer e outras boas sensações. No entanto, há diferença significativa entre esses especialistas e os líderes religiosos da era pré-moderna, que primavam por refletir sobre temas como a morte e as insuficiências humanas.

É necessário, portanto, analisar cautelosamente o processo de pluralização em paralelo com a privatização. Em conformidade com a reflexão de Vilaça (2003), em uma análise a partir da tendência liberal, o bem-estar da sociedade necessita da

pluralidade de grupos de interesse, religiões e classes sociais em competição. Porém, ignora-se o fato de que em uma sociedade de desigual prestígio e poder, a competição torna-se inviável. Nessas sociedades liberais democráticas, percebe-se a subordinação e a marginalização de grupos religiosos. Isso é ainda mais grave quando as religiões minoritárias, como os novos movimentos religiosos, são consideradas um problema social e sociológico. Na cena pública, há uma linha tênue entre a religião e a política, pois regimes autoritários buscam legitimidade na religião. Por outro lado, a religião também pode se manifestar contra as elites políticas, por meio de denúncias sobre comportamentos imorais e corruptos. Em relação a matérias mais complexas, como o aborto, trava-se ferrenha luta entre diferentes vertentes políticas e religiosas.

Nessas discussões, percebe-se que o indivíduo no mundo contemporâneo tem tendência ao isolamento diante das exigências do sistema capitalista de competição e consumo. Há um potencial reflexivo que une o individualismo ao coletivo. No entanto, o indivíduo lida com uma pressão e uma vontade de pertencimento que pode ajudá-lo em suas buscas e transformações, mas também pode se tornar um aspecto de submissão perante as incertezas de não conseguir o almejado.

Discorrer e refletir sobre a secularização até aqui é não ignorar a sua importância e os seus reflexos a partir dos conceitos como individualismo, reflexividade e pluralismo religioso, envolvidos nesta discussão, que estão presentes nos movimentos espirituais contemporâneos. Não tenho a intenção de verificar a sua validade como paradigma, nem abarcar uma discussão sobre o seu papel na totalidade do fenômeno religioso.

2.2 NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS E A ESPIRITUALIDADE CONTEMPORÂNEA

Hervieu-Léger (2015) frisou que, a partir da modernidade, a religião institucional perdeu sua marca como determinadora da totalidade individual, social e reguladora do universo cultural. Os indivíduos, contudo, não abandonaram as dimensões sagradas e as indagações existenciais. Essas buscas passaram, então, a

ocorrer de forma muito particular, seguindo uma lógica própria a partir da modernidade, de modo que prevaleceu uma autonomia emocional e racional. A partir dos fragmentos, frutos da secularização, houve uma recomposição de novas maneiras de experienciar o sagrado. Não há necessidade de uma instituição legisladora para que o sagrado seja vivenciado. A experiência religiosa pode se manifestar na intimidade do indivíduo e ele próprio afirmar a verdade, porquanto há fluidez das crenças e a religiosidade pode estar presente em todos os lugares.

Na concepção de Hervieu-Léger (2015), o que converte o indivíduo religioso é o reconhecimento das crenças herdadas e não necessariamente a crença em Deus. A partir do ritmo acelerado da modernidade tardia e da volatilidade dos acontecimentos, a busca religiosa também sofre um efeito consumista. Portanto, na modernidade tardia, as crenças religiosas vêm experienciando transformações e gerando uma religiosidade em movimento. Apesar de distanciados das instituições religiosas, os indivíduos vivenciam um intenso avivamento da religiosidade e da espiritualidade. Há uma forma particular de se relacionar com o sagrado e o transcendente pelas pessoas consideradas “sem religião”.¹⁶

Nessa nova perspectiva do fenômeno religioso, para além das doutrinas e das instituições religiosas, surgem narrativas e vivências terapêuticas, jornadas pessoais e experiências espirituais, em um movimento designado Nova Era. Deve-se destacar que a busca das origens dos novos movimentos religiosos a partir do termo *New Age* [Nova Era] é essencial para a compreensão das mudanças e das transformações religiosas e culturais que ocorreram a partir da segunda metade do século XX.

Woodhead e Heelas (2000) afirmaram que o termo Nova Era parece ter sido utilizado desde o século XIX, e talvez até antes, atingindo sua maturidade no século XX, a partir de 1960. Os autores fizeram críticas ao termo, uma vez que se apresenta muito carregado emocionalmente, por ter sido amplamente divulgado pela imprensa. Esses autores passaram a usar o termo Espiritualidades de Vida, focando seus estudos na dimensão espiritual. Foi assim que, muitos daqueles que estão envolvidos

¹⁶ Por certo, em decorrência dos questionamentos sobre as instituições religiosas, tem havido crescente aumento no número de pessoas que se intitulam “sem religião”. Assim, comparando-se o Censo de 2010 com uma pesquisa do Datafolha do início de 2022, os “sem religião” passaram de 8% para 14% da população brasileira. No Rio de Janeiro e em São Paulo, os jovens entre 16 e 24 anos que se autodenominaram “sem religião” somaram 34% e 30% dos entrevistados, ultrapassando os que se declararam evangélicos, que foram 32% e 27%, os que se denominaram católicos, 17% e 24%, e os que disseram que professam outras religiões, 17% e 19%, respectivamente (Lemos; Nunes, 2022).

com a busca interior, passaram associar a Nova Era com o que os autores consideraram ser consumista, trivial, na forma de “espiritualidade de Hollywood” (Woodhead; Heelas, 2000, p. 112). A partir da década de 1980, com a ampliação do movimento e das mudanças de seus propósitos, essas críticas se intensificaram. Pinto (2022, p. 43) teceu a seguinte consideração sobre o termo Nova Era:

O *New Age* é um termo heterogêneo e polissêmico [...] É heterogêneo de duas formas: na sua constituição (interna) e no seu uso – o que nos remete para a sua polissemia. A heterogeneidade interna é relativa à diversidade de movimentos (mais ou menos organizados), crenças individualizadas e espiritualidades que constituem o *New Age*. É importante ressaltar que o termo é dificilmente balizado porque o seu “conteúdo permanece extremamente vago” [...] dificultando uma definição comum.

Relembrou Pinto (2022) que apenas a partir da Segunda Guerra Mundial o movimento Nova Era apresentou manifestações de um movimento mais ao menos unificado. Por conseguinte, esse é um marco histórico e cronológico relevante para iniciar a compreensão acerca das influências que o geraram.

Há uma série de influências que resultaram no aparecimento do movimento Nova Era. Entre elas, podem-se citar o Idealismo Romântico, os ensinamentos pagãos (como celtas, druidas, maias, germânicos, helênicos) (Pinto, 2022), as recomposições dentro do judaísmo e do cristianismo, nomeadamente assentes em um esoterismo influenciado pela gnose (Hanegraaff, 1996, 2012) e fundamentações da mediunidade e do *channeling*, com base na procura de sustentação científica (como o kardecismo), influências filosóficas não cristãs, como neopitagorismo, estoicismo, neoplatonismo (Pinto, 2022), teosofia moderna e antroposofia (sob as influências de Helena Blavatsky e Alice Bailey para a primeira e de Rudolf Steiner para a segunda), ocultismo (denominação que abarca espiritualismo, rosacruzianismo e mesmerismo) (Hanegraaff, 2012).

Percebe-se que o que compõe o movimento Nova Era não é algo novo e nem somente uma renovação de componentes e tradições antigas, mas talvez uma bricolagem, fruto do modo de vida e da manifestação de uma sociedade pós-moderna. Por isso, devem ser levados em consideração as fundamentações históricas e o solo contemporâneo de sua manifestação.

Assim, o movimento Nova Era pode ser dividido em dois momentos: o primeiro se iniciou no período logo após a Segunda Guerra Mundial e se estendeu até o

começo da década de 1970; o segundo se iniciou no final da década de 1970 e perdura até os dias atuais. Por seu turno, Hanegraaff (1996) diferenciou a expressão Nova Era em dois possíveis sentidos: o primeiro, em uma perspectiva milenarista, com a expectativa de uma época melhor que a atual, dando a ela um sentido estrito (*stricto sensu*), e o segundo, em uma perspectiva mais ampla (*lato sensu*), com foco no presente.

No primeiro período (*stricto sensu*, 1950–1970), o movimento era formado por indivíduos ascéticos, alternativos, utópicos e até apocalípticos, com forte discurso antirreligiões institucionais. Como visão apocalíptica, entenda-se um comportamento passivo, à espera de eventos que destruiriam a civilização antiga para que pudesse surgir uma Nova Era. Os cultos aos objetos voadores não identificados (OVNIs) na década de 1950 e as comunidades utópicas das décadas de 1960 e 1970 são exemplos disso. Hanegraaff (1996, p. 97, tradução minha)¹⁷ o caracterizou como:

[...] movimento idealista inicial como o Nova Era *strictu sensu* (ou seja, Nova Era em um sentido restrito). Este movimento teve suas raízes principalmente na Inglaterra, um país onde tradicionalmente a Teosofia e a Antroposofia têm sido fortemente representadas.

A curiosidade e a busca por OVNIs era motivada pela crença de que estes transportavam para a Terra habitantes de outros planetas com inteligência superior à dos humanos e sua aparição estaria relacionada à anunciação da chegada de uma Nova Era. Esse novo tempo seria caracterizado por uma nova e superior consciência espiritual. O novo ciclo evolutivo da Terra sofreria uma resistência por parte da humanidade materialista. A transição seria, então, difícil, com a manifestação de catástrofes e calamidades públicas, tendo como resultado a falência socioeconômica e política de nossas sociedades.

Os indivíduos sintonizados com a nova consciência superior estariam protegidos de diferentes formas. Consequentemente, sobreviveriam às tragédias e estariam à frente da Nova Era, a Era de Aquário, termo advindo da astrologia, representando uma nova direção pautada por iluminação espiritual, abundância,

¹⁷ “[...] idealistic movement as *New Age sensu stricto* (i.e., New Age in a restricted sense). This movement had its roots primarily in England, a country where Theosophy and Anthroposophy have traditionally been strongly represented.”

felicidade, posicionamentos pacíficos e uma visão unitária. A Era de Aquário viria para contrapor-se ao dualismo e ao materialismo característicos da Era de Peixes, anterior.

O movimento se organizou através de comunidades urbanas e/ou rurais que buscavam uma vida harmônica com a natureza, por meio de um estilo de vida sustentável e contrário ao sistema presente na cultura dominante. Houve uma centralidade em busca de atividades e visões que propiciassem a chegada de uma Nova Era ou Era de Aquário. Buscaram-se valores comunitários e altruístas em favor de servir a humanidade. Aos poucos, o componente apocalíptico foi sendo diluído e as comunidades “alternativas” passaram a viver como se a Nova Era já estivesse acontecendo, sendo os seus integrantes os representantes de uma vanguarda evolutiva. Hanegraaff (2005, p. 6497) citou a transformação que foi ocorrendo na atitude dos movimentos:

Na atitude desses primeiros adeptos da Nova Era, representados por porta-vozes populares como David Spangler¹⁸ (1945-) ou George Trevelyan¹⁹ (1906-1996), pode-se ver uma importante mudança em relação à perspectiva dos grupos de OVNI da década de 1950. Considerando que a “visão apocalíptica” acentuada desses implicava numa atitude essencialmente passiva de “espera pelos grandes eventos” que destruiriam a civilização antiga e inaugurariam uma Nova Era, as comunidades alternativas da década de 1960, como Findhorn,²⁰ enfatizaram cada vez mais a importância de uma postura ativista, construtiva.

O segundo período (*lato sensu*) eclodiu no final da década de 1970 (Hanegraaff, 1996), com uma ampla variedade de atividades e ideias alternativas realizadas por um número crescente de pessoas. Começou a se tornar um movimento e correspondeu ao reconhecimento coletivo do fenômeno *cultic milieu* (meio cultural ou ambiente cultural). A despeito de sua diversidade, pode-se considerar esse fenômeno como constituinte de uma entidade única, relativamente estável, com

¹⁸ David Spangler, nascido em 1945, nos Estados Unidos, é um filósofo espiritualista e teórico, que se autodenomina “místico prático”, considerado um dos criadores do movimento Nova Era e elemento importante na construção da Findhorn Foundation, um centro de educação espiritual no norte da Escócia (Institute for Mystical Experience Research and Education, 200-).

¹⁹ George Trevelyan, carinhosamente chamado de “o avô do movimento da Nova Era”, foi orador e professor. Plantou as sementes de uma nova visão de mundo espiritual, ministrou cursos pioneiros em uma ampla gama de assuntos acadêmicos, culturais e práticos. Em 1971, fundou o *Wrekin Trust* [Fundo Wrekin], instituição de caridade educacional dedicada à natureza espiritual do homem e do universo (https://sirgeorgetrevelyan-uk.translate.google/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-PT&_x_tr_pto=sc).

²⁰ A *Findhorn Foundation* [Fundação Findhorn], localizada no norte da Escócia, é uma associação sem fins lucrativos, cujos membros mantêm um modo de vida comunitária e de partilha. Uma das primeiras ecovilas a serem formadas, hoje é considerada uma das mais importantes, sendo exemplo em diversas áreas, como sustentabilidade, economia local e educação holística (<https://www.findhorn.org/>).

hierarquia interna de poder e autoridade. Campbell (1972, p. 122 *apud* Hanegraaff, 1996, p. 15, tradução minha)²¹ postulou que:

Na base das tendências unificadoras está o fato de que todos esses mundos compartilham uma posição comum como itens heterodoxos ou desviantes em relação às ortodoxias culturais dominantes. Este fato dá origem a uma consciência comum de desvio e a necessidade de justificar seus próprios pontos de vista à luz do ridículo ou da hostilidade expressos da sociedade em geral. Os porta-vozes dos vários movimentos cultuais, portanto, têm uma causa comum ao atacar a ortodoxia e defender a liberdade individual de crença e prática. Decorrente disso, há uma orientação predominante de compaixão e apoio mútuos, de modo que os vários movimentos cultuais raramente se criticam uns aos outros. Pelo contrário, manifestam acentuada tolerância e receptividade para com as crenças uns dos outros, as quais, embora sejam em parte resultantes dessa preocupação comum com a liberdade de crença e a resistência a qualquer sugestão de dogmatismo, recebe também um grande estímulo da presença da tradição mística. Como essa tradição enfatiza que o simples ideal de unidade com o divino pode ser alcançado por uma diversidade de caminhos, ela tende a ser ecumênica, supereclesiástica, sincretista e tolerante em perspectiva. Essas tendem, de fato, a ser características do *cultic milieu* em geral, quer o conteúdo da crença seja ou não místico no sentido de perseguir o objetivo da experiência extática. Como resultado, as tendências fragmentárias presentes no *milieu*, por causa da enorme diversidade de itens culturais, são mais do que contrabalançadas pela pressão contínua para a sincretização.

Como características predominantes neste período, e ainda presentes no *ethos* da Nova Era, estão a manifestação contra as ortodoxias, a defesa da liberdade de crenças e das práticas espirituais e a prática da tolerância a diferentes grupos de buscadores. Afinal, há a crença de que diferentes caminhos podem levar à unidade com o Divino aqueles que almejam alcançar e vivenciar extaticamente este propósito.

A tendência à sincretização tem sido estimulada e reforçada pelos meios de comunicação. Por conseguinte, o *cultic milieu* tem sido mantido vivo através de livros, palestras, revistas e reuniões. A união é concretizada e compartilhada a partir da

²¹ "At the basis of the unifying tendencies is the fact that all these worlds share a common position as heterodox or deviant items in relation to the dominant cultural orthodoxies. This fact gives rise to a common consciousness of deviance and the need to justify their own views in the light of the expressed ridicule or hostility of the larger society. The spokesmen for the various cultic movements thus have a common cause in attacking orthodoxy and in defending individual liberty of belief and practice. Arising from this there is a prevailing orientation of mutual sympathy and support, such that the various cultic movements rarely engage in criticism of each other. On the contrary they display a marked tolerance and receptivity towards each others' beliefs which, although partly stemming from this common concern with liberty of belief and resistance to any suggestion of dogmatism, also receives a great stimulus from the presence of the mystical tradition. Since this tradition emphasizes that the single ideal of unity with the divine can be attained by a diversity of paths it tends to be ecumenical, super-ecclesiastic, syncretistic and tolerant in outlook. These tend, in fact, to be characteristics of the the cultic milieu in general whether or not the belief content is mystical in the sense of pursuing the goal of ecstatic experience. As a result, the fragmentary tendencies present in the milieu because of the enormous diversity of cultural items are more than counteracted by the continuing pressure to syncretization."

ideologia de “busca”, que acontece longe das instituições convencionais, vistas como inadequadas.

Hanegraaff (2005) salientou que o ambiente de culto da Nova Era se manifestava como um fenômeno difuso e os participantes eram indivíduos que protestavam contra a cultura e as instituições religiosas dominantes. A partir desse ambiente, novos e inúmeros movimentos religiosos surgiram, alguns com hierarquias, regras e doutrinas, enquanto outros eram mais efêmeros e cultivavam atitudes pacifistas e tolerantes. Esses grupos efêmeros apareceram e desapareceram, e os indivíduos (buscadores) podiam participar de muitos grupos ao mesmo tempo, sem ter de fazer escolhas. Esse tipo de ambiente cultural foi mais amplo e característico nos movimentos Nova Era da década de 1980.

Hanegraaff (1996) relatou que a identificação de Campbell (1972 *apud* Hanegraaff, 1996) do *cultic milieu*, visto como místico e incluindo tradições pagãs e pré-cristãs, assim como ciências e tecnologias desviantes, é muito importante para determinar o que deve ou não ser considerado como Nova Era dentro do campo mais amplo dos novos movimentos religiosos. O movimento Nova Era *lato sensu*, reconhecido através do *cultic milieu* no fim da década de 1970, conforme enunciou Hanegraaff (2005, p. 6499), passou a ser reconhecido por si mesmo e as

[...] pessoas que participavam de várias atividades “alternativas” começaram a se considerar parte de uma comunidade internacional invisível de indivíduos com pensamentos semelhantes, cujos esforços coletivos estavam destinados a transformar o mundo em um lugar melhor e mais espiritual.

A partir da década de 1980, o termo Nova Era tornou-se genérico, sendo usado para designar o ambiente de culto mais complexo e extenso, e o que era *stricto sensu* foi incorporado pelo movimento Nova Era *lato sensu*. Essa fusão gerou muita preocupação e críticas. Enquanto o movimento original tinha como objetivo a ética a serviço da humanidade e a defesa da metafísica teosófica e filosófica relativamente coerente, o movimento dos anos 1980 tinha características comerciais, sendo a “espiritualidade” negociada atendendo aos desejos de uma clientela individualista, por intermédio de uma miscelânea de ideias. O foco passou a ser o indivíduo e não mais a sociedade. Um aspecto relevante dessa mudança, destacado por Hanegraaff (2005, p. 6499), foi a influência do aspecto geográfico, pois

[...] enquanto o movimento original era baseado na Inglaterra e se pautava em tradições ocultistas que lá foram influentes desde muito tempo, o novo movimento era dominado pelas então chamadas metafísica e tradições do Novo Pensamento, típico da cultura alternativa estadunidense. A mudança de valores voltados para a comunidade em valores centrados no indivíduo é um reflexo desse desenvolvimento.

No entanto, desde a década de 1990, a denominação Nova Era passou a ser rejeitada por muitos buscadores, pois começaram a percebê-la carregada de associações indesejadas. Isso dificultou a identificação de grupos pertencentes a esse movimento e o termo “espiritualidade” passou a ser mais utilizado pelas pessoas adeptas dos novos movimentos espirituais. A despeito dessa rejeição, com base em certos estudos, pode-se dizer que o fenômeno Nova Era continua muito vivo (Possamai 2001; Stern 2015b).

Na pesquisa feita por Possamai (2001) em 1996–1997 com 35 pessoas de Melbourne, Austrália, descritos como praticantes da Nova Era, 79% criticaram de forma negativa esta denominação e 9% não se consideravam pertencentes a ela, mesmo tecendo comentários positivos sobre o movimento. Hanegraaff (2005) chamou atenção para que os pesquisadores fossem prudentes e não analisassem essa situação como o declínio do movimento Nova Era. Stern (2015b) desenvolveu para a sua dissertação de mestrado uma escala de adesão dos ideais do movimento Nova Era para superar esse desafio da investigação dos novaeristas. Como corroborou Stern (2015a, p. 257):

A elaboração de nossa escala partiu desse pressuposto. Objetivamos desenvolver um instrumento que pudesse quantificar a afinidade às principais tendências novaeristas, independentemente do respondente se considerar ou não um adepto do movimento da Nova Era.

O fato é que o termo Nova Era foi sendo gradualmente substituído por outros termos, como “espiritualidades”, e tantos outros, tais como campo religioso ampliado, religião difusa, religiosidade ou identidade religiosa flexível-flutuante, nebulosa místico-esotérica, crédulos difusos, religiosidade inorgânica, nebulosa polivalente da Nova Era, diversidade de identidades, diversidade nas formas de adesão, querela dos espíritos, orientalização do ocidente, *Nueva Bob Era*, *New Age* Popular (Oliveira, 2012). E, assim, esse movimento foi garantindo cada vez mais espaço dentro da cultura dominante, na qual a dimensão espiritual tornava-se cada vez mais

profissionalizada. A tendência da busca espiritual não era mais rejeitar ou confrontar o sistema, mas adaptar-se e assimilar as regras para pertencer. Essa busca individualizada da espiritualidade combinou muito bem com a cultura contemporânea de consumo, estando presente na sociedade democrática vigente a insistência para que os indivíduos tivessem autonomia pessoal em relação à religiosidade/espiritualidade (Hanegraaff, 2005).

Possamai (2019) afirmou que várias mudanças culturais e sociais, desde a modernidade até a modernidade tardia, foram fundamentais para o aparecimento e o desenvolvimento de novas espiritualidades na sociedade ocidental. Embora os termos “religião popular” e “misticismo” tivessem uma separação semântica mais clara durante a modernidade, na modernidade tardia, o misticismo está se tornando cada vez mais popular e a religião popular, cada vez mais mística. Possamai (2019) complementou que as novas espiritualidades são adaptações modernas tardias do que era habitualmente chamado de misticismo ou religião popular e não são inerentemente novas. Ele defendeu, então, que não são novas e devem ser situadas como um fenômeno em um contexto cultural e mencionadas como espiritualidades da modernidade tardia.

Em relação ao misticismo, Possamai (2019) considerou que uma prática mais intelectualizada e individualista seria a religião secreta da classe educada, citada por Campbell (1978 *apud* Possamai, 2019), seguida por pessoas de classe média alta em oposição ou complementação à religião oficial. “Envolve uma ligação mais profunda e mais pessoal com o divino e uma reflexão mais forte e mais pessoal sobre a mensagem religiosa do que aquela proporcionada pelas autoridades institucionais” (Possamai, 2019, p. 2, tradução minha).²² Há, ainda, as classificações do misticismo e do misticismo técnico, conceitos do sociólogo Troeltsch (1950 *apud* Possamai, 2019). O primeiro é quando o místico tem uma relação pessoal e profunda com o divino e faz uma reflexão pessoal da mensagem religiosa. No segundo, o místico rompe com a religião institucionalizada e cria sua própria doutrina e prática. Possamai (2019, p. 3, tradução minha)²³ considerou que

²² “It involves a deeper and more personal connection with the divine, and a stronger and more personal reflection on the religious message than that provided by institutional authorities.”

²³ “[...] 21st-century spiritualities are the outcome of the gentrification process of popular religion and of the democratization of mysticism. What were once seen as the superstitions of the lower classes and the texts and practices of the mystical intelligentsia are an accepted part of consumer culture, easily accessible on Web 2.0.”

[...] as espiritualidades do século XXI são o resultado do processo de gentrificação da religião popular e da democratização do misticismo. O que era visto como superstições das classes mais baixas e os textos e práticas da intelectualidade mística são uma parte aceita da cultura de consumo, facilmente acessível na Web 2.0.

Ainda constatou Possamai (2019) que na modernidade tardia houve diminuição das diferenças entre classes sociais no que se refere à antiabordagem da religião institucionalizada. Um aspecto importante verificado por Possamai (2019) se refere ao fato de observar como outros autores (Champion, 1995; Heelas, 1996 *apud* Possamai, 2019) já vinham alertando para uma mudança histórica no movimento Nova Era. Eles observaram que, a partir da modernidade tardia, os buscadores começaram a dar mais ênfase às técnicas experienciais e ao autoconhecimento, relegando o conhecimento ensinado a segundo plano, ocorrendo uma substituição gradual da leitura e da escrita pelas práticas vivenciais espirituais. Lipovetsky (1993 *apud* Possamai, 2019, p. 90, tradução minha)²⁴ analisou esse fenômeno como sendo a “segunda revolução do individualismo que ocorreu na modernidade tardia”, sendo o conhecimento sobre si mesmo o mais importante para o indivíduo.

Possamai (2019) também discutiu o fato de que, a partir da modernidade, o conhecimento místico, até então secreto, passou a ser acessível em muitas prateleiras das livrarias e na Internet. O que precisava de dedicação e estudos prolongados, além de licença para ser revelado, pôde, então, ser consumido com muita facilidade. Bauman (1998, p. 223) também afirmou que a experiência de revelação, êxtase e transcendência, que era privilégio da “seleta ‘aristocracia da cultura’ — santos, eremitas, místicos, monges ascetas, *tzadikim* ou dervixes — [...] foi posta pela cultura pós-moderna ao alcance de todo indivíduo [...]”.

Entendo que o *ethos* da Nova Era, independentemente dos buscadores espiritualistas aceitarem ou não serem referidos por esta denominação, pode ser definido como um fenômeno antigo que vem evoluindo ou recebendo as influências das mudanças sociais e culturais. Como opinaram Guerriero *et al.* (2016, p. 11), mesmo estando dentro de uma religião específica, uma pessoa pode manifestar atitudes e valores da Nova Era. Após fazer um levantamento das características que compõem o *ethos* da Nova Era, Guerriero *et al.* (2016) salientaram que os novaeristas

²⁴ “[...] second revolution of individualism that occurred in late modernity [...]”

não precisam apresentar todas elas, mas são elementos que indicam uma nova forma de experienciar a espiritualidade. Os elementos foram divididos em três categorias: quadro metaempírico de significados (crenças, valores, mitos), sistemas de práticas e formas de organização e adesão. Na categoria quadro metaempírico de significados, os autores citaram bem e mal, ciência espiritualizada, cosmos, energia, Eu Superior, evolução espiritual, força do pensamento, holismo, intuição, magia, morte, mudança de consciência, natureza, Nova Era, psicologização da religião, relativismo, ser humano, seres espirituais, visão de futuro e visão do passado. Em relação aos sistemas de práticas, consideraram busca por estados alterados de consciência, canalização, experiência pessoal, ligação com a natureza, ligação corpo-mente-espírito, práticas relacionadas a outras religiões; rituais, seminários, cursos e retiros e terapias alternativas. Nas formas de organização e adesão, incluíram instabilidade organizacional, praticantes, organização em redes, organizações institucionalizadas, seminários, curso e retiros. Para maiores detalhes, sugiro consultar o trabalho original de Guerriero *et al.* (2016).

No que concerne aos estudos para a compreensão acerca das novas formas de buscas espirituais, Frigerio (2020) advertiu que precisamos estar atentos ao registro que temos das categorizações que herdamos dos autores clássicos, que estudavam religião focados no mundo cristão europeu e ainda influenciam a nossa percepção atual, mesmo considerando que o mundo religioso mudou. Frigerio (2020, p. 22, tradução minha)²⁵ enfatizou que se deve ter cautela e refletir em relação a

[...] como ver a religião fora dos grupos que costumamos considerar “religiosos” e sem cair, repito, na falácia do individualismo reificado (um indivíduo que escolhe “autonomamente” sua religião, dispensando vínculos e interações sociais religiosas significativas).

Em relação aos estudos sobre religião, Frigerio (2019) argumentou que o monopólio abarca sempre crenças legítimas e não o total de crenças religiosas. O autor acredita ser imprescindível considerar os diferentes níveis de identificação social, coletiva e individual para melhor compreender as ações sociais, além da regulação das religiões não católicas. Adicionalmente, apontou a relevância de não super enfatizar a sistematização e a institucionalização da definição de “religião”, a

²⁵ “[...] cómo ver la religión por fuera de los grupos que usualmente consideramos como ‘religiosos’ y sin caer, repito, en la falacia de un individualismo reificado (un individuo que elige ‘autónomamente’ su religión, prescindiendo de ataduras e interacciones sociales religiosas significativas).”

qual está condicionada à tipologia cristã, “que vê a *igreja*, a *seita* e o *misticismo* individual como protagonistas excludentes”, assim deixando muitos grupos, crenças e práticas religiosas ausentes das análises (Frigerio, 2019, p. 94).

Os agrupamentos que fazem parte da Nova Era, que se diferenciam dos movimentos religiosos tradicionais, são categorizados como aqueles que desenvolvem mais a espiritualidade e menos a religião. Assim, não se investiga a sua relevância com possíveis produções de significados “religiosos” (Frigerio, 2020). Frigerio (2019) salientou que nos estudos dos novos agrupamentos deveriam ser investigados os diversos contextos de interação social dos quais os indivíduos fazem parte, mesmo não tendo uma organização ou uma persistência de manutenção grupal por um longo período. É possível que, mesmo não fazendo parte do modelo tradicional, produzam práticas e significados religiosos/simbólicos e não sejam pura e tão somente classificados como “autônomos”.

Quando se classifica o movimento Nova Era como individualista, termo tão relevante que dediquei parte do subitem 2.1 desta tese para refletir sobre ele, é preciso lembrar dos inúmeros grupos que o compõem. Ademais, como em todo grupo, há uma interação recíproca entre os indivíduos, o que os torna entrelaçados em uma relação de troca. Portanto, o individualismo pode ser refletido utilizando a reflexividade racionalizante de Domingues (2002) explicitada anteriormente, evitando a generalização desta característica e ampliando a reflexão sobre este aspecto. Como colocou Ammerman (1997), a ênfase exclusiva nas experiências e crenças pessoais dos fiéis ignora a influência social e cultural que a religião exerce sobre os indivíduos. A autora salientou a necessidade de reconhecer e analisar os fatores coletivos que moldam a prática religiosa, como a tradição, os rituais e a organização comunitária, para que se possa atingir uma compreensão mais completa e precisa das diversas expressões da religiosidade contemporânea. Enfim, Ammerman (1997) e Frigerio (2020) defenderam a ideia de que não se deve cair em ontologias grupalistas ou individualistas, ou se limitar a preconceitos católico-cêntricos ou modernistas quando se investigam as práticas religiosas e espirituais das pessoas.

Porém, é interessante perceber que as bricolagens espirituais realizadas e as buscas por diferentes possibilidades de maior satisfação existencial parecem características de parte dessa identidade moderna que oscila em aberturas para aspectos extraordinários, como os OVNI, e os símbolos e ritos sagrados tradicionais.

E no campo sociopolítico, parece acontecer uma semelhança nesse movimento pendular, como vimos anteriormente.

Frigerio (2019) propôs que a diversidade religiosa deve ser caracterizada pela quantidade de diferentes seres supra-humanos demandados, e nas diversas formas de se relacionar com estes seres nas inúmeras e complexas reinterpretações dos seus atributos, nos diferentes e efêmeros grupos que criam e transmitem símbolos representativos destes seres, e de suas diversas formas de compreendê-los. O fato desses grupos não pertencerem a uma categoria quantitativamente significativa nas pesquisas, não quer dizer que não existam ou que não sejam importantes, visto que

[...] estas múltiplas visões das maneiras de se relacionar com os seres supra-humanos têm complexas repercussões sobre concepções nativas sobre a saúde, a justiça, as relações de gênero, a política, as relações com o poder e os poderosos, a conflituosidade ou solidariedade nos laços sociais, etc. Da mesma forma que são múltiplas as formas em que nos relacionamos com seres supra-humanos, também o são as maneiras em que essas relações afetam as distintas dimensões de nossa existência, muito além das consideradas (apenas) como “religiosas” (Frigerio, 2019, p. 113).

Na tentativa de cunhar um conceito que abarque as diferentes formas de vivenciar a espiritualidade/religiosidade na atualidade, sem reduzir a importância e a complexidade de cada contexto, sugiro que a denominação “novas espiritualidades” seja modernamente considerada como “espiritualidades culturais”, vez que aqui já aponte que não são realmente novas. Afinal, o termo “novas”, na verdade, é antigo, advindo de longínquas tradições. A história da espiritualidade prova que a chamada “espiritualidade tradicional” esteve alheada das grandes fontes, como a liturgia (ritos e linguagens incompreensíveis), a Palavra revelada (analfabetismo e mediação clerical) e a Igreja (piedade centrada na salvação individual).

Quando nos abrimos para compreender uma determinada cultura, estamos diante do plural, do diverso e das diferenças. Consequentemente, descortina-se uma visão fértil e múltipla acerca daquela cultura, o que promove o exercício do entendimento e da tolerância. Então, abarcar como cultural e mais amplo aquilo que vem sendo erroneamente qualificado como novo talvez possa propiciar uma compreensão mais reflexiva e, ao mesmo tempo, mais complexa, incluindo o indivíduo complexo/cultural sem separá-lo do transcendente. Desvendar esse invólucro cultural que serve para manifestar de diferentes formas o que o ser humano tem em comum, pode ser um caminho a ser explorado, de tal sorte que a compreensão e a aceitação

das diferenças possam tornar o indivíduo mais espiritualizado. Não seria a compreensão das espiritualidades culturais um caminho para essa aproximação humana?

No presente estudo, meu desafio se centrou em compreender como as identidades que buscam desenvolver a espiritualidade se percebem e atuam no complexo contexto político, econômico e social do Brasil em crise. Parti do cenário macro, que descrevi no Capítulo 1 desta tese, para compreender como, em um território sobre o qual habitam os entrevistados da pesquisa, estes percebem e vivenciam a relação espiritualidade/inserção social em tempos pandêmicos. Para auxiliar nessa compreensão, no subitem 2.3 faço uma investigação sobre o movimento Nova Era no Brasil.

2.3 A NOVA ERA NO BRASIL

Quando o Brasil foi descoberto, ocupou no imaginário europeu muitas percepções arquetípicas, nos campos mítico e simbólico, o que foi denominado arqueologia místico-esotérica (Silva, 2000). Esse imaginário social, repleto de misticismo, perdura até os dias de hoje. Como bem argumentou Sanchis (1997, p. 38-39),

Impossível abstrair a vivência das religiões africanas no Brasil de certa impregnação católica, impossível imaginar nosso catolicismo de fato, como despido de ressonâncias africanas.

Sem falar de uma cristalização paradigmática: a figura de Exu, presença polivalente e ambígua, mantém viva a circulação misteriosa de sentido: orixá intermediário entre os deuses e os homens, nas tradições mais próximas à África, figura ambivalente na umbanda, contaminada pelo diabo católico, apesar de se enquadrar no mundo do bem através da purificação do batismo, antes de virar de vez o demônio pentecostal, a ser neutralizado e expulso.

Oliveira (2011a) destacou que as relações de poder entre colonos e colonizados devem ser lembradas quando analisamos o plano cultural, ressaltando o simbolismo que o catolicismo tem nesta relação, já que está diretamente entrelaçado no projeto político e cultural entre Portugal e a América. “A cruz católica não representou apenas o cristianismo, mas também toda uma concepção de mundo eurocêntrica que constituiu a realidade brasileira” (Oliveira, 2011a, p. 142). Houve uma

série de disputas e pressões no campo religioso em nosso país. Por conseguinte, é preciso ter consciência disso diante do sincretismo religioso.

O Brasil adentrou o século XX com inúmeras possibilidades religiosas, influenciadas pela cultura local e pelas imigrações. No final da segunda metade do século XX, nas décadas de 1960 e 1970, houve o *boom* da Nova Era no país, apresentando uma realidade peculiar em relação a outros países (Pierruci, 2004). Ocorreu uma articulação entre as práticas e os discursos do movimento Nova Era e a cultura popular vigente. Ao valorizar elementos da cultura popular estigmatizados, como os do xamanismo, que necessitavam de uma reconstrução valorativa em torno de seus significados, a Nova Era os ligou a mudanças não apenas religiosas, mas políticas, identitárias e étnicas (Oliveira, 2011b).

Andrade (2009) partiu do eixo religioso como tema central para reconstruir a história cultural brasileira e recuperar a trajetória dos cinco séculos de formação do Brasil. Ela asseverou que “o brasileiro é marcadamente religioso e isso se reflete em sua vida cotidiana, na capacidade de expressão de múltiplas formas de fé religiosa, de modo que suas condutas e crenças religiosas constituem parte fundamental do *ethos* da cultura brasileira” (Andrade, 2009, p. 108). Quando os portugueses aqui chegaram e empreenderam o projeto salvacionista católico, introduzindo a catequese e criando irmandades religiosas para evangelizar as populações nativas, escravas e os colonos, estes grupos absorveram todos estes ensinamentos à sua maneira. Dessa forma, compuseram seu novo aprendizado mesclando os múltiplos rituais e as crenças diversas de origem indígena e africana, além das divindades pagãs portuguesas. Andrade (2009) ainda revelou que os brasileiros eram denominados entusiastas e sentimentais, porque experimentavam o novo sem abandonar as crenças antigas.

Características brasileiras peculiares reforçam o sincretismo e a abertura para novos movimentos religiosos/espirituais desde os primórdios, apesar do sincretismo e dos processos sincréticos logo terem sido associados a religiões ligadas ao universo popular ou de populações iletradas (Andrade, 2009). Em sua pesquisa, Andrade (2009) identificou o catolicismo como a tradição que deixou as marcas mais profundas no Brasil ao longo destes 500 anos, ainda que mestiçado por crenças e rituais completamente estranhos à sua origem. Com a intensificação da abertura para o

pluralismo religioso, o espiritismo kardecista e o protestantismo foram conquistando espaços cada vez mais amplos.

Sabe-se que o espiritismo desembarcou no Brasil em 1860, no Rio de Janeiro, ao passo que a teosofia por aqui chegou em 1896, em uma revista no Paraná (Silva, 2009). No início do século XX, houve a emergência de sociedades iniciáticas. Oliveira (2011a, p. 145) se dedicou a esse aspecto e mencionou que,

No início do século XX, temos aqui a emergência de uma pluralidade de sociedades iniciáticas, como a primeira loja teosófica em 1902, Circulo [sic] Esotérico da Comunhão do Pensamento em 1909, A Sociedade Antroposófica em 1935, A Sociedade Teosófica Brasileira em 1916, a Rosacruz Amorc em 1956 e a Rosacruz Áurea em 1957. Todas estas encontram-se ainda em atividade e possuíam um caráter determinante sobre a Nova Era no Brasil. Nos anos posteriores também houve uma profusão de templos de religiões de caráter oriental, fundados por migrantes chineses, japoneses etc.

Andrade (2009, p. 110) destacou que a história religiosa no Brasil tem sido caracterizada por ciclos, porquanto “períodos de maior racionalização da fé se sucederam a períodos de maior influência da dimensão emocional da fé”. Quando se impôs a catequese aos povos originários, africanos e colonos, foi necessário recorrer a uma racionalização. Já no período barroco, houve uma expressão teatral e emocional da fé. Logo em seguida, se instaurou o combate anticlerical e religioso, que contribuiu para a secularização e o pluralismo religioso. Atualmente, há um retorno à dimensão emocional através de práticas corporais que compõem o espetáculo e a teatralização da experiência religiosa.

Outros aspectos contribuíram para a conformação da Nova Era no Brasil, tais como a movimentação cultural e política em torno da contracultura. O tropicalismo, como movimento contracultural libertário, denunciava a realidade política e social do Brasil (Oliveira, 2011b). Entre os artistas que compunham o movimento estavam os cantores Caetano Veloso, Rita Lee, Gal Costa e Gilberto Gil, o pintor e artista plástico Hélio Oiticica, o cineasta Glauber Rocha, além de outros (Santana, 2022).

Magnani (2000, p. 19) reiterou que:

O cantor Raul Seixas quem [sic] explorou explicitamente em suas composições aspectos mais místicos, chegando inclusive a participar, juntamente com o então parceiro Paulo Coelho, de sociedades iniciáticas inspiradas na doutrina do famoso esoterista inglês Aleister Crowley. Os títulos de alguns de seus discos – Por exemplo Aeon, Gita, este último contendo a música ‘Sociedade Alternativa’ – atestam essa tendência.

Nos anos 1980 e 1990, houve uma avalanche de produtos que passaram a ser consumidos pelo adeptos e simpatizantes da Nova Era, tais como livros de autoajuda e esoterismo, terapias alternativas, objetos místicos. Paulo Coelho, que em décadas anteriores fazia parceria em composições musicais com Raul Seixas, destacou-se como escritor nesse período, popularizando-se a partir de sua escrita literária mística, de fácil leitura, sendo reconhecido pela classe média nacional e internacionalmente (Silva, 2000).

Assim, muitos elementos compuseram a Nova Era no Brasil, desde aspectos religiosos até movimentos socioculturais, adquirindo aqui caráter idiossincrático ao associar, em dado momento, suas práticas e discursos com aqueles presentes na religiosidade popular, dessa forma adquirindo um caráter completamente inédito (Oliveira, 2011a, 2012). Apesar desse ineditismo, no início da difusão da Nova Era no Brasil, estava muito mais presente e era altamente aclamada uma feição universal, com referências aos indígenas norte-americanos, aos incas, a Castañeda, ao xamanismo siberiano, além de todo o esoterismo europeu e filosofias orientais, do que a valorização indígena local e os rituais religiosos ayahuasqueiros, como União do Vegetal e Santo Daime (Magnani, 2006). Diante de uma abundância de práticas, teorias e combinações socioculturais que abrangem uma batelada de realidades, religiosas e não religiosas, Amaral (1999) afirmou que toda esta diversidade conduz a uma vivência caleidoscópica.

Oliveira (2011b) refletiu sobre a dinamicidade do campo religioso no Movimento Nova Era no Brasil. O autor destaca que o movimento neo-esotérico apresenta uma busca voltada para o *self*, com possibilidades cada vez maiores de ressignificação, reconstrução e incorporação de novos elementos, assim como o caráter predominantemente individualista da Nova Era, pode ganhar novas referências a partir do caráter congregacional presente nas religiões brasileiras. Diante destas possibilidades cabe observar as peculiaridades do fenômeno. Outro aspecto destacado por alguns autores é a chegada da Nova Era no Brasil por agentes sociais de classe média/alta (Amaral, 1999; Magnani, 2000), o que acarreta que o discurso da Nova Era reflete o interesse destas classes. Porém, nota-se com o passar do tempo que os símbolos e práticas mais populares passam a compor a Nova Era brasileira, mesmo que um tanto modificados, tal como os rituais para utilização da ayahuasca.

Oliveira (2011b) contestou ao relembrar que Amaral (2003) negou que a Nova Era no Brasil tenha um indigenismo, afirmando que tais elementos apenas refletem o que acontece em todo o mundo, sendo característico do movimento. Oliveira (2011b) reconheceu o caráter agregador e criativo da Nova Era, porém destacou que, no Brasil, os elementos da religiosidade popular foram sendo adotados *a posteriori*, tornando a Nova Era no Brasil idiossincrática.

Verifiquei que, ao longo dos anos, houve mudanças no Brasil na abordagem *Core Energetics*, pesquisada neste trabalho, vinda dos Estados Unidos e com influência do seu criador europeu, com a inclusão de muitos elementos simbólicos provenientes da cultura religiosa popular brasileira, assunto que abordarei nas discussões acerca desta pesquisa. Tendo em vista que vários fenômenos compõem a Nova Era, deve-se tomar cuidado para não generalizar os conceitos, mas ampliar o número de pesquisas visando melhor compreender esse diversificado movimento.

CAPÍTULO 3 – CORE ENERGETICS: ABORDAGEM PSICOTERAPÊUTICA CORPORAL, ENERGÉTICA E ESPIRITUAL

A compreensão acerca da abordagem terapêutica em *Core Energetics* que aqui relato abarca o meu contato pessoal com as técnicas que a envolvem, inclusive os significativos encontros que tive com o seu criador, John Pierrakos, quando este ministrou aulas anualmente na segunda turma de formação para terapeutas, entre 1997 e 2001, na UNIPAZ de Brasília, DF (Fotografia 2). Também inclui as pesquisas biográficas e entrevistas que realizei com terapeutas que acompanharam de perto a trajetória de John Pierrakos.

Fotografia 2. John Pierrakos autografando para mim o livro de sua autoria, durante o curso da segunda turma de formação em *Core Energetics*, 1998, Brasília, DF.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Como pesquisadora, mantenho distância do objeto estudado. Porém, o entusiasmo em compreender mais profundamente a abordagem *Core Energetics*, assim como as transformações que foram ocorrendo ao longo do tempo, me fazem questionar, investigar e refletir sobre este trabalho classificado por John Pierrakos como um processo evolutivo.

Neste estudo, traço um percurso incluindo a origem das psicoterapias corporais desde a fase psicanalítica de Wilhelm Reich, passando por Alexander Lowen, que junto com John Pierrakos desenvolveu a Bioenergética, até a criação da abordagem *Core Energetics*. Não descrevo o percurso feito por Lowen e Pierrakos quando criaram a Bioenergética, visto que já desenvolvi este tópico em minha dissertação de mestrado (Nunes, 2020). Aqui apresento aspectos do trabalho reichiano que incluem o período durante o qual Reich se interessou por temas sociais, políticos e de inclusão, além dos questionamentos e análises feitos pelo autor em relação aos regimes autoritários a partir da percepção do homem “encouraçado”. Além disso, em uma abordagem histórica, avanço citando as fases de seu trabalho até a sua morte. Em seguida, discorro sobre o percurso feito por John Pierrakos a partir do encontro com Eva Broch, incluindo o relato de um terapeuta de *Core Energetics* que entrevistei e participou ativamente daquele momento histórico. Com essa entrevista, tive a intenção de resgatar um período para o qual não encontrei registros, de modo a poder observar as nuances das mudanças na abordagem ao longo dos anos, considerando o contexto estadunidense daquela época, até que esses conceitos chegassem ao Brasil. Na sequência, volto ao tema da Nova Era discutido no Capítulo 2 desta tese a fim de reconhecer a abordagem terapêutica em *Core Energetics*, criada neste contexto e inserida neste movimento.

A ruptura de John Pierrakos e Alexander Lowen ocorreu a partir do momento em que o primeiro desejou incluir na abordagem Bioenergética os conceitos de consciência e energia advindos de Reich, ampliando os estudos de campo energético e aura e deixando mais explícito o conceito de espiritualidade. Em adição a isso, o termo espiritualidade passou a interessar Pierrakos a partir do seu contato com as palestras canalizadas pelo Guia de Eva Broch. No entanto, a incorporação do conhecimento místico e sagrado não foi aceita por Alexander Lowen. O novo interesse e a ampliação proposta por John Pierrakos culminaram na ruptura de sua parceria de trabalho com Lowen e na criação da terapêutica denominada *Core Energetics*.

Sigo as orientações de Ammerman (1997) e Frigerio (2020), que sugeriram o cuidado em observar uma abordagem estudada no contexto da Nova Era, não a classificando a partir de conceitos religiosos tradicionais. Adicionalmente, tenho cautela quanto ao termo individualismo e investigo a sua relevância. Finalizo este capítulo apresentando os princípios da abordagem *Core Energetics* e como se dá o processo terapêutico proposto.

3.1 DE WILHELM REICH A JOHN PIERRAKOS

3.1.1 Wilhelm Reich: a vida entrelaçada com a obra

Core Energetics tem suas bases na teoria reichiana, já que seu criador foi aluno e paciente de Wilhelm Reich. Entretanto, como foi desenvolvida depois de Reich, é considerada uma abordagem neo-reichiana, ou seja, John Pierrakos introduziu mudanças na forma de mobilizar o corpo, ampliou a teoria reichiana e criou sua própria escola. Assim, considero importante rever as raízes desta abordagem, que faz parte desta pesquisa.

Conforme Albertini (2011), Wilhelm Reich nasceu em 24 de março de 1897, em uma aldeia da Galícia, Dobrzynica, que então fazia parte do antigo Império Austro-Húngaro e, portanto, viveu em um período entre guerras. Pouco tempo depois de seu nascimento, sua família mudou-se para Jujintz, na província de Bukovina, no lado germano-ucraniano da Áustria, onde adquiriram extensa propriedade rural. Sua trajetória fez parte da virada do século XIX para o século XX e sua teoria foi desenvolvida a partir de um roteiro combinado entre vida pessoal e obra (Albertini, 1994). Ele percorreu um caminho marcado pelo comprometimento com propostas de intervenção social, lutou na Primeira Guerra Mundial e foi testemunha da ascensão nazista. Além do mais, construiu e esteve presente na luta coletiva como estudante de medicina e de psicanálise (Reich, 1995, 1996). Consequentemente, a riqueza observada na mescla entre sua vida e sua obra é muito instigante e interessante.

Reich ingressou na Faculdade de Medicina da *Universität Wien* [Universidade de Viena] em 1918, seguiu carreira e foi um dos jovens psicanalistas mais próximos de Sigmund Freud. De acordo com Ilse O. Reich (1978 *apud* Albertini, 2015, p. 198),

Reich nunca perdeu a admiração por Freud e um dos pertences que mais tinha apreço era uma fotografia do criador da psicanálise postada em sua biblioteca [...] onde podia-se ler: “Herrn Dr. Reich zur freundlichen Erinnerung and Sigm. Freud. März 1925” [Senhor Dr. Wilh. Reich uma amigável recordação de Sigm. Freud. Março 1925].

Deixou Viena em 1930 e mudou-se para Berlim na expectativa de encontrar psicanalistas mais progressistas e interessados nas questões sociais e nos estudos sobre a função do orgasmo (Bedani, 2007). Durante a Segunda Guerra Mundial, Reich já era conhecido e foi atacado preconceituosamente, como outros judeus. Os fatos de ser psicanalista e de participar do Partido Comunista acirraram ainda mais os ataques contra ele (Bedani, 2007). Os avanços do fascismo assombraram Reich, o que o inspirou a publicar, em 1933, o livro *Psicologia de massas do fascismo* (Reich, 1988), analisando a aceitação das normas totalitaristas pelas massas, que deveriam ser rejeitadas.

Em decorrência das perseguições nazistas, Reich deixou Berlim e o trabalho social que lá havia desenvolvido e retornou a Viena. Logo, seguiu para a Dinamarca e, depois, para a Suécia e a Noruega, onde fortaleceu suas pesquisas laboratoriais na *Universitetet i Oslo* [Universidade de Oslo] por volta de 1934 (Bedani, 2007).

Nessa mesma época, ficou encantado com a ideias de Malinowski, principalmente por seus escritos sobre os padrões culturais de comportamento sexual. Os dois estabeleceram um relacionamento pessoal que durou de 1933 até 1942, quando Malinowski faleceu. Em 1932, Reich divulgou as ideias do sociólogo no livro *Irrupção da moral sexual repressiva* (Reich, 198-?). Quando Reich estava sofrendo difamações na Noruega, Malinowski o elogiou em uma carta, citando que havia ficado impressionado com o seu pensamento original e profundo, além de apresentar personalidade genuína, com caráter aberto e corajosos pontos de vista (Albertini, 2015). Bedani (2007, p. 100, aspas no original) destacou que

Reich, em suma, encontrou na obra de Lange²⁶ uma profunda análise sobre a importância do mundo sensorial; deparou-se, nos livros de Bergson²⁷, com o problema epistemológico de associar os âmbitos qualitativo e quantitativo; e localizou, nos trabalhos de Freud, recursos teóricos que sustentavam seu projeto de integrar “sensação” e “excitação”.

Bedani (2007, p. 101) relatou que Bergson chamou atenção para o “movimento vital que se produz em profundidade”, que aponta para a imprevisibilidade e a indeterminação que ocorrem na natureza mesmo que o pensamento mecano-materialista descreva uma série de regularidades físico-químicas no domínio vivo. Bedani (2007, p. 102-103, aspas no original) ainda esclareceu que

Já no princípio de sua obra, Reich deu-se conta que as teorias científicas sempre se assentam em orientações filosóficas e metodológicas. Esse aprendizado certamente contou com a contribuição da filosofia bergsoniana: “Instintivamente, senti a assertividade dos esforços [de Bergson] em refutar tanto o materialismo mecanicista, quanto o finalismo” [...]. Desde o começo de seu trabalho, Reich adotou, a nosso ver, a diretriz bergsoniana de que “a teoria do conhecimento e a teoria da vida parecem-nos inseparáveis uma da outra” [...].

Em 1939, Reich mudou-se para os Estados Unidos (Matthiesen; Bessani, 2020). Como se pode notar, sua vida foi pautada por muitas mudanças e interrupções, mas isto não o fez desistir de seus estudos e experimentos. Entre 1939 e 1957, vivendo nos Estados Unidos, Reich potencializou suas pesquisas nos campos da física e da biologia, o que resultou na descoberta da energia orgônica. Simultaneamente, também desenvolveu pesquisas sobre o câncer e, em 1940, criou o acumulador de energia orgônica para fins terapêuticos. Entre 1940 e 1941, lecionou na *New School for Social Research* [Nova Escola de Pesquisa Social], uma instituição educacional em nível de pós-graduação de Nova York.

²⁶ “[...] Friedrich Albert Lange (1828-1875), ativista político, jornalista e filósofo alemão (Lange integrou a corrente neokantiana, constituída por pensadores que estavam interessados em fazer a filosofia de Kant dialogar com o conhecimento científico). “Geschichte des Materialismus...” causou forte impacto no jovem estudante de medicina, e continuou ecoando ao longo da obra reichiana. Em diversas oportunidades, Reich fez menções a Lange e em *Ether, God and Devil* incluiu o filósofo alemão no rol de autores que influenciaram significativamente suas pesquisas” (Bedani, 2007, p. 97).

²⁷ “[...] pensador francês Henri Bergson (1859-1941), Prêmio Nobel de Literatura de 1927. O impacto da filosofia bergsoniana nas pesquisas científicas e metodológicas de Reich foi considerável, e ecoou de diferentes maneiras por toda a sua obra” (Bedani, 2007, p. 66). “[...] um ‘vitalista’ que [...] valeu-se da produção científica, mas desenvolveu suas reflexões estritamente na esfera da Filosofia” (Bedani, 2007, p. 59). “[...] influenciou significativamente o começo do trabalho reichiano” (Bedani, 2007, p. 56).

Reich ficou tão encantado com a região de Rangely, no Maine, Estados Unidos, que escolheu esse município para morar. Ali ele construiu um centro de pesquisas denominado Orgonon e, em associação com seus colaboradores, passou a publicar em periódicos as suas descobertas (Matthiesen; Bessani, 2020).

No desenvolvimento de sua teoria, Reich analisou o momento histórico que tanto influenciou sua trajetória. Ele considerou que os conceitos autoritários advindos de educação rígida familiar, escola e religião se refletiram em governos totalitários. Dessa forma, relacionou o contexto micro com as questões sociais latentes no momento histórico vivenciado por ele. Em sua obra, estão presentes narrativas autobiográficas que nos ajudam a compreender a teoria que desenvolveu. Sua autobiografia pode ser acompanhada em seus livros *Paixão de juventude* (Reich, 1996) e *A função do orgasmo* (Reich, 1995). No que diz respeito aos primeiros 25 anos de sua vida, a principal referência é a autobiografia contida na sua primeira obra (Reich, 1996), publicada pela primeira vez em 1988, cerca de 30 anos após a sua morte. Trata-se de um diário escrito de 1918 até 1922, período em que cursou medicina em Viena. Posteriormente, Reich acrescentou outras recordações ao material original (Albertini, 2011).

Interessante observar em *Paixão de juventude* (Reich, 1996) que as experiências sexuais de Reich em sua infância e juventude e a trágica morte de sua mãe influenciaram seu interesse pelos estudos sobre a sexualidade. Reich (1996) relatou que sua educação aconteceu em casa, através de preceptores contratados por seu pai. Um desses preceptores teve um caso amoroso com sua mãe. Em uma determinada ocasião, pressionado por seu pai, ele delatou esse fato. A partir desse evento, a família entrou em crise profunda. Reich foi encaminhado para uma cidade próxima para continuar seus estudos; a mãe, sofrendo pressão e castigos do marido, cometeu várias tentativas de suicídio, atingindo seu intento na terceira vez, quando ingeriu excesso de medicamentos e faleceu. Logo após a morte da mãe, o pai desenvolveu um quadro depressivo, agravado por situação financeira comprometida, contraiu tuberculose e morreu em 1914. Reich ficou órfão aos 17 anos e se alistou para servir na Primeira Guerra Mundial.

O contato que Reich manteve com a natureza, durante a infância e a adolescência, o inspirou a se interessar pela origem da vida e pela compreensão da sexualidade. No segundo livro considerado autobiográfico, *A função do orgasmo*

(Reich, 1995), o autor detalhou suas descobertas acerca da fórmula do orgasmo, apresentando relatórios e ensaios clínicos sobre seus pacientes, seu relacionamento e divergências com Freud e, principalmente, a diferença entre eles em relação à pulsão ou ao instinto de morte, motivo que os afastou.

Pode-se dividir a obra de Reich em quatro fases: a psicanalítica, a análise do caráter, a vegetoterapia carátero-analítica e a orgonoterapia (Calegari, 2001). A fase psicanalítica (1924–1930) foi o período em que Reich foi discípulo de Freud, tendo se associado muito cedo à *Weiner Psychianalytische Vereinigung* [Associação Psicanalítica de Viena], com 27 anos. Antes disso, contudo, Reich e outros estudantes já se reuniam para estudar e investigar os aspectos psíquicos, biológicos e sociais relacionados à sexualidade. Esse grupo criou o *Wiener Seminar für Sexuologie* [Seminário de Sexologia de Viena] e permaneceu desenvolvendo atividades de 1919 a 1922. Foi como presidente desse seminário, e buscando informações a respeito da sexualidade, que Reich conheceu Freud (Bedani, 2007) e, então, passou a ser o seu primeiro assistente no *Wiener Psychoanalytischen Ambulatorium* [Ambulatório Psicanalítico de Viena] (Câmara, 2009).

Antes mesmo de fazer parte do grupo de psicanalistas, o interesse de Reich pelo estudo e a compreensão da sexualidade já estava presente. Em seu diário, ele registrou, em 1º de março de 1919, a seguinte anotação:

Talvez a moral fale contra isso, mas minhas experiências próprias, minhas observações a respeito de mim mesmo e dos outros, levaram-me à convicção de que a sexualidade é o núcleo em torno do qual toda vida social, assim como a vida espiritual interior do indivíduo, gira - quer a relação com esse núcleo seja direta, quer seja indireta. [...] lembro-me de que durante a infância a sexualidade consciente foi despertada dentro de mim aos quatro anos de idade... (Reich, 1996, p. 84).

Interessante observar nesta citação de Reich (1996), acima transcrita, que ele ainda bastante jovem tenha percebido tão intensamente as suas vivências internas e as tenha correlacionado com aspectos tão profundos do ser humano, quais sejam sexualidade e espiritualidade. Ele já demonstrava grande e profundo interesse pela compreensão da existência dentro dos aspectos corpo/mente/espiritualidade sem se esquecer do inter-relacionamento destes com o aspecto social.

Entre 1924 e 1930, já estudando com Freud, Reich dirigiu um seminário técnico para avançar nos estudos de casos de clientes que apresentavam resistência

à análise. Até aquele momento, alguns conceitos fundamentais da psicanálise ainda estavam sendo desenvolvidos, tais como a compreensão da repressão e das diferentes técnicas analíticas para tratar os conflitos emocionais e os sintomas trazidos pelos pacientes. Discuti em detalhes essa fase da obra de Reich em minha dissertação de mestrado (Nunes, 2020). O aprimoramento da prática clínica acontecia no *Wiener Psychoanalytischen Ambulatorium* [Ambulatório Psicanalítico de Viena], criado em 1922, em que havia atendimentos à população de baixa renda, prática pela qual Reich tinha muito interesse para enriquecer a sua percepção sobre os diversos tipos de neurose (Albertini, 2011; Boadella, 1985; Raknes, 1988; Silva, 2008). Reich (1995, p. 72) fez o seguinte relato em relação aos atendimentos às pessoas de baixa renda:

A clínica psicanalítica tornou-se em um manancial de observações dos mecanismos das neuroses em pessoas pobres. Trabalhei nessa clínica desde o dia da sua abertura, como primeiro assistente médico; trabalhei ali durante oito anos, ao todo; no fim, como diretor eleito. Os horários de consulta viviam apinhados de gente. Havia industriários, funcionários de escritório, estudantes e trabalhadores rurais. A afluência era tão grande que nós não dávamos conta, sobretudo depois que a clínica se tornou conhecida entre o povo. Cada psicanalista concordou em oferecer gratuitamente uma sessão diária. Mas não foi o suficiente. Precisávamos destacar os casos mais passíveis de análise. Isso nos obrigou a procurar descobrir os meios de avaliar as possibilidades de tratamento. Mais tarde, convenci os analistas a dar uma contribuição mensal. Queria empregar esse dinheiro para contratar um ou dois médicos pagos; assim, podia esperar-se que o nome de “clínica” viesse a ser um dia justificado. Segundo os padrões do tempo, acreditava-se que o tratamento requeria uma sessão diária, durante pelo menos seis meses. Uma coisa se tornou logo clara: *a psicanálise não é uma terapia para aplicação em massa.*

Na época, um jovem psicanalista com menos de 30 anos de idade, Reich apresentava-se preocupado com a situação social das pessoas e começou a questionar a necessidade de prevenção das neuroses e a limitação da psicanálise enquanto atendimento social. Começou a perceber que a situação econômica e social dos pacientes estava diretamente vinculada às demandas trazidas por eles (Albertini, 2011).

No início da década de 1930, Reich intensificou seus estudos sobre a estruturação social repressora, tendo como foco as instituições formadoras da personalidade do homem, como a família, a escola e as organizações religiosas. Sua ideia era que boa parte das neuroses humanas teria como origem as influências socioculturais, características de um período histórico, em vez de pertencer à

categoria de dificuldades universais e temporais. Conforme ele, essas limitações poderiam ser minimizadas a partir de técnicas que envolvessem mudanças no campo da sexualidade (Reich, 1995).

Para ele, a repressão ou a inibição sexual desencadearia sensação de impotência diante da vida e, a partir disto, as pessoas teriam predisposição a aderir a ideologias autoritárias, como a nazifascista. O fascismo se apoia na igreja, na família e na escola tradicional. Essas instituições possuem um véu de moralidade disfarçado por um aspecto protetivo e por comportamentos que satisfazem impulsos destrutivos secundários, julgam e repreendem o que é considerado diferente do estabelecido nesses ambientes. Nesses espaços, as pessoas aprendem e adquirem valores conservadores, tais como submissão à ordem vigente, inibição da sexualidade e obediência sem questionamentos às regras. Por consequência, desenvolvem uma mistura de comportamentos dóceis, ascéticos e temerosos. Surge, então, o medo da liberdade (Reich, 1988).

Entre 1922 e 1926, Reich elaborou e consolidou a “teoria do orgasmo”. Apoiado em suas práticas clínicas e na sua visão energista, com embasamento na obra de Freud, o autor se empenhou em identificar a fonte energética que alimentaria as perturbações psíquicas. Nessa linha, ele defendeu que o núcleo da neurose se fundamenta na incapacidade do organismo em descarregar satisfatoriamente seus impulsos de excitação sexual; com base nisso, as tendências pré-genitais seriam determinantes nas patologias neuróticas (Reich, 1995). A solução para o desaparecimento ou a amenização dos distúrbios neuróticos seria a recuperação da descarga genital sexual satisfatória, o que significaria o restabelecimento da potência orgástica, definida por ele como uma dimensão bioenergética do fenômeno, ou seja,

A capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo. Nem um único neurótico é orgasticamente potente, e as estruturas de caráter da esmagadora maioria dos homens e mulheres são neuróticas. No ato sexual livre de angústia, de desprazer e de fantasias, a intensidade de prazer no orgasmo depende da quantidade de tensão sexual concentrada nos genitais. Quanto maior e mais abrupta é a “queda” da excitação, tanto mais intenso é o prazer (Reich, 1995, p. 55).

Reich (1995, p. 58) também destacou a importância do afeto e da sensualidade na relação amorosa:

O orgasmo em ambos os sexos é mais intenso quando coincide neles o ápice da excitação genital. Esse é muito frequentemente o caso entre homens e mulheres capazes de concentrar afeição e sensualidade em um companheiro que corresponde a essa afeição e sensualidade. É regra quando a relação amorosa não é perturbada nem por fatores internos, nem externos. Nesses casos, a atividade fantasista, consciente pelo menos, está de todo ausente; o ego absorve-se, e está plenamente concentrado, nas sensações de prazer. A capacidade de concentrar a personalidade afetiva inteira na experiência orgástica, apesar de quaisquer contradições, é outra característica da potência orgástica.

Para Reich (1995), à medida que a pessoa trabalhasse suas defesas, flexibilizando suas couraças, o fluxo energético de seu corpo aumentaria. Em vinculação a isso, ela amenizaria suas crenças limitantes (repressoras e preconceituosas) e poderia viver plenamente a sua sexualidade.

Em 1928, ainda em Viena, dando continuidade ao trabalho desenvolvido no *Wiener Psychoanalytischen Ambulatorium* [Ambulatório Psicanalítico de Viena], mas então com um viés mais preventivo, Reich fundou a *Sozialistische Gesellschaft für Sexualberatung und Sexuallforschung* [Sociedade Socialista para Aconselhamento Sexual e Pesquisa Sexual]. Nessa empreitada, contou com a colaboração de outros psicanalistas, como Annie Angel, Edmund Bergler e Annie Reich (sua primeira mulher, com quem teve as filhas Eva e Lore), oito médicos e um advogado. Com o apoio desse grupo e em parceria com o *Kommunistische Partei Österreich* [Partido Comunista Austríaco], foram criados seis centros de aconselhamento espalhados por bairros de Viena (Albertini, 2011).

A experiência de superlotação vivida no *Wiener Psychoanalytischen Ambulatorium* [Ambulatório Psicanalítico de Viena] se repetiu. Eram oferecidos palestras e aconselhamentos sobre sexualidade de acordo com os princípios da economia sexual²⁸ (Albertini, 2011), com o restabelecimento da potência orgástica e da capacidade de amar. Em 1929, quando Reich estudou a relação entre a psicanálise e o marxismo, constatou a consolidação entre o despertar da consciência sobre as

²⁸ “A saúde psíquica depende da potência orgástica, isto é, do ponto até o qual o indivíduo pode entregar-se, e pode experimentar o clímax de excitação no ato sexual natural. Baseia-se na atitude de cunho não neurótico da capacidade do indivíduo para o amor. As enfermidades psíquicas são o resultado de uma perpetuação da capacidade natural de amar. No caso da impotência orgástica, de que sofre a esmagadora maioria, ocorre um bloqueio da energia biológica, e esse bloqueio se torna a fonte de ações irracionais. A condição essencial para curar perturbações psíquicas é o restabelecimento da capacidade natural de amar. Depende tanto de condições sociais quanto de condições psíquicas” (Reich, 1995, p. 15-16).

leis econômicas e a exploração do proletariado. Porém, ele já acenava para uma diferença, pois

Sociologicamente, o marxismo era a expressão de uma tomada de consciência das leis económicas, da exploração de uma maioria por uma minoria; da mesma forma, a psicanálise era a expressão de uma tomada de consciência da repressão sexual social. [...] Existe no entanto uma diferença essencial: enquanto uma classe explora e a outra é explorada, o recalçamento sexual é um fenómeno que engloba as duas classes. Historicamente, do ponto de vista da história da humanidade, o recalçamento é mesmo mais antigo do que a exploração de uma classe por outra. Mas não é quantitativamente igual nas duas classes (Reich, 1983a, p. 121).

Independentemente das correntes de conhecimento que Reich pontuava em seus estudos, esse tipo de comentário provavelmente foi gerando discordâncias tanto na *International Psychoanalytical Association* [Associação Psicanalítica Internacional] quanto no *Kommunistische Partei Österreich* [Partido Comunista Austríaco]. Reich estava interessado em compreender o funcionamento do homem, não importando com o que ele estivesse comprometido no momento. Como afirmou Câmara (2009, p. 50), Reich se preocupava com o futuro da psicanálise e fazia as seguintes indagações:

Desembocaria ela em uma ciência burguesa? De revolucionária passaria a ser reacionária? Para ele, a psicanálise e o marxismo deveriam trilhar o caminho da demolição da religião institucionalizada, da ideologia sexual burguesa e encampar uma revolução social e sexual ao mesmo tempo.

Concomitantemente, Reich fazia críticas em relação à vida sexual dos jovens, que era vinculada ao contexto social repressivo. Em adição a isso, também criticava o fato de a mulher ser desconsiderada na sociedade patriarcal. Nessa conjuntura, a família, a igreja e a escola eram consideradas pelo autor como produtoras de um acordo ideológico com o Estado e com a classe dominante. Para ele, a repressão sexual produziria pessoas que se sujeitavam ao *status quo* com obediência e muita rigidez. Não apenas a espontaneidade sexual era comprometida, mas também a criticidade e a curiosidade intelectual. Assim, Reich buscava uma política sexual libertadora, associada a uma práxis social revolucionária, para que daí surgisse uma nova sociedade comunista que respeitasse os jovens e tivesse valores solidários e justos (Câmara, 2009).

Ainda em relação ao momento em que Reich analisou as conexões entre a psicanálise e o marxismo, Bedani (2007, p. 84) comentou que o autor percebia que “política e sexualidade são domínios fortemente interligados e mutuamente

dependentes.” Desse modo, surgiu a sexologia política, fruto de leituras e da experiência com o movimento de esquerda no qual ele se envolveu. Bedani (2007, p. 85) destacou que o grupo partiu do princípio de que “a miséria sexual era essencialmente causada por condições enraizadas na ordem social burguesa, miséria essa que não podia ser eliminada completamente, mas podia ao menos ser atenuada mediante uma ajuda individual”.

Em 1930, Reich mudou-se para Berlim, ampliou os atendimentos sociais e, em parceria com o *Kommunistische Partei Deutschlands* [(KPD) Partido Comunista da Alemanha], fundou a *Deutschen Reichsverband für Proletarische Sexualpolitik* [Associação do Reich Alemão para Política Sexual Proletária], mais conhecida como *Sexpol*, que chegou a ter 40 mil participantes. Com o crescimento do movimento da *Sexpol*, logo houve críticas sobre os atendimentos e aconselhamentos sexuais, pois estes teriam passado a ser mais importantes que as causas defendidas pelo KPD. Reich permaneceu na Alemanha até 1933, de onde foi obrigado a sair por causa da ascensão nazista. Porém, continuou seus estudos para compreender por que parte da classe proletária se submetia às ideias fascistas (Bedani, 2007).

Ao analisar e explicar a base material de uma dada estrutura social que se transforma em uma superestrutura ideológica, Reich (1979) preconizou que o sistema social dominante molda e doma a estrutura de caráter. A estrutura de caráter é composta de conceitos tradicionais que negam a vida, reprimem a sexualidade e comprometem as capacidades reflexivas. Trata-se de uma estrutura psíquica que carrega e concomitantemente propaga milenares valores e crenças patriarcais e autoritárias. Através da análise do caráter, percebe-se a origem social de uma pessoa, fixada de forma congelada em seu caráter. A estrutura de caráter das pessoas de uma determinada geração reproduz os valores e as ideologias das instituições sociais vigentes naquela época (Reich, 1979).

Paralelamente aos estudos sociais das classes trabalhadoras, Reich desenvolvia a segunda fase do seu trabalho, a análise do caráter (até 1933). Essa foi sua primeira técnica terapêutica e a mais próxima do referencial teórico da psicanálise. Em 1927, no *Tenth International Psychoanalytic Congress* [Décimo Congresso Psicanalítico Internacional], que ocorreu em Innsbruck, na Áustria, Reich propôs o conceito de “blindagem de caráter”, o qual, segundo ele, se formaria como resultado do choque existente entre as exigências do instinto do indivíduo e o mundo exterior,

que em geral frustra estas exigências (Reich, 1979, p. 188). O Ego²⁹ vai se tornando blindado por causa da repressão ocorrida no processo educativo, enquanto o ato repressor de quem educa sobre o instinto libidinal primário, denominado Id³⁰, gera medo e receio.

Conforme apurou Albertini (2015), Reich publicou escritos sobre a análise do caráter até 1933. Nessa fase, ele propunha que as atitudes do caráter deveriam ser interpretadas sistematicamente a fim de auxiliar o paciente a expressar as emoções reprimidas nelas contidas. Essa técnica visava tratar o caráter em vez dos sintomas. Fazia-se uma definição clara dos objetivos da terapia e a diferenciação econômico-sexual entre saúde e comportamento neurótico; como era uma técnica que suscitava resistência, esta era tratada com o uso de várias formulações, as quais não serão aqui esmiuçadas; as interpretações durante a análise deveriam seguir uma ordem a partir do quadro neurótico, partindo das camadas mais superficiais para as mais profundas; buscava-se distinguir os vários tipos de caráter e a conexão da formação destes com as situações conflitantes da infância (Boadella, 1985). Para Boadella (1985, p. 46), além de aliviar os sintomas, Reich queria dissolver a blindagem de caráter para conduzir “a uma mudança de personalidade de alcance mais efetivo, na qual todos os aspectos de funcionamento de uma pessoa eram passíveis de apresentar melhora”. As mudanças dependeriam da capacidade da análise de penetrar na couraça e liberar pensamentos e sentimentos que haviam sido reprimidos ao longo do desenvolvimento infantil. Desde o útero, há várias fases do desenvolvimento humano que influenciarão tanto na formação do caráter da pessoa quanto na forma como esta se relacionará com os eventos durante a sua vida.

Na visão reichiana, o caráter teria camadas. A camada mais superficial seria a aparência ou a imagem que a pessoa expõe no convívio social. A segunda camada, inconsciente, seria formada por impulsos e fantasias, que teriam qualidades negativas e perigosas. A terceira camada, mais interna e profunda, a qual Reich denominou de fundamental, compreenderia os impulsos saudáveis e espontâneos (Boadella, 1985; Calejari, 2001; Reich, 1979). A pessoa que age a partir da camada mais profunda, de

²⁹ O Ego é o princípio de realidade, do prazer modificado pelo desenvolvimento da razão, exercendo uma série de funções, como perceber, lembrar, pensar, planejar e decidir (D’Andrea, 1987).

³⁰ A partir do Id, parte original do aparelho psíquico do indivíduo ao nascer que constitui a porção herdada, se desenvolvem o Ego e o Superego. Como o Id está voltado para satisfazer as necessidades básicas da criança no início de sua vida, sua atividade consiste de impulsos que obedecem ao princípio do prazer e evitam a dor (D’Andrea, 1987).

maneira autorregulada, seria aquela com um caráter genital, saudável. E o caráter neurótico poderia variar qualitativamente, conforme o grau de repressão dos impulsos naturais (Reich, 1979, 1983b, 1995). No subitem 3.1.2, quando apresento a abordagem *Core Energetics*, explico as semelhanças dessa classificação com o mapa da consciência elaborado por John Pierrakos. Como caráter genital (saudável), Reich (1983b, p. 118) considerou que a sociedade encorajada não suportou o amor emanado por Jesus Cristo, enfatizando que

[...] o fato é que ninguém antes dele dispunha de uma estrutura de caráter que não apenas enxergasse o problema central da origem do homem, mas que VIVESSE A VIDA DE DEUS, tal como ela deve ser compreendida aqui, como *Vida da Natureza, incluindo os órgãos genitais não mutilados*³¹ e o AMOR ao PRÓPRIO AMOR.

Enquanto Freud considerava a libido de uma forma mais abstrata, Reich a compreendia como uma energia concreta e represada pela couraça muscular (Reich, 1979, 1995). Apenas o caráter genital seria capaz de descarregá-la adequadamente, uma ideia que se articula com o conceito de potência orgástica, isto é, com a capacidade de realização sexual plena. O caráter genital manteria a economia libidinosa sem estase, ou seja, sem aprisionamento. Nesse período, Reich percebeu a neurose em seu aspecto econômico-sexual (Calegari, 2001). Durante o trabalho terapêutico, quando Reich observava, tocava o corpo do paciente e sugeria movimentos que ele considerava não apenas uma energia psíquica teórica, sua intenção era intervir de forma somática, mobilizando a energia e transformando crenças e comportamentos, sendo o corpo um veículo para essas mudanças.

A diferença entre Freud e Reich não estava limitada somente ao conceito de libido. Outro conceito compreendido de forma muito diferente pelos dois psicanalistas é a pulsão de morte. Reich acreditava que, diante das dificuldades, o indivíduo estaria sempre buscando a vida, mesmo que inconscientemente fizesse um movimento distorcido. Em relação ao comportamento masoquista, Freud o percebia como instinto de morte, enquanto para Reich, o caráter com características masoquistas possui uma carga contida em sua blindagem. Esse excesso de energia contida causa sensação de angústia e, para liberar esta percepção desagradável, o indivíduo desenvolve comportamentos (sintomas) autoagressivos. Essas atitudes teriam por objetivo o alívio

³¹ Crítica à circuncisão.

e a liberação do incômodo, sendo uma busca pela vida e não pela morte ou pelo sofrimento, como interpretava Freud (Barreto, 2000; Calegari, 2001).³² Calegari (2001, p. 12) argumentou que

Para Reich, o masoquismo constituía uma situação dinâmica em que a blindagem do caráter e a contenção muscular superficial eram tão grandes que impediam a expansão e a descarga energéticas. A auto e a hetero agressão não seriam expressões de um instinto de morte, e sim do próprio impulso vital, buscando romper a contenção e lograr o alívio da estase energética.

Reich (1988) esclareceu que o indivíduo médio possui uma estrutura de caráter dicotômica, apresentando tendências revolucionárias e reacionárias. Ao mesmo tempo que almeja uma vida cultural e sexual plena com transformações sociais, possui em sua bagagem uma moral patriarcal que o torna receoso, apático e com muitas dificuldades em se responsabilizar por suas escolhas. Reich (1988, p. 46-47) advertiu que

Tanto a moralidade sexual, que inibe o desejo de liberdade, como aquelas forças que apoiam interesses autoritários, tiram a sua energia da sexualidade reprimida. Agora, compreendemos melhor um ponto fundamental do processo do “efeito da ideologia sobre a base econômica”: a inibição sexual altera de tal modo a estrutura do homem economicamente oprimido, que ele passa a agir, sentir e pensar contra os seus próprios interesses materiais.

Entorpecido desde cedo pela família autoritária e enquadrado em um sistema social que absorve sua força de trabalho, o indivíduo, a despeito de seus anseios libertários, acaba colaborando justamente com a classe que o explora (Bedani, 2007). Essa forma de encarar a vida descrita por Reich (1988) é consequência de um sistema familiar opressor e de um sistema social no qual o trabalho é fonte de exploração. Nas sociedades autoritárias, a contenção energética, em que não há uma descarga sexual satisfatória, é um meio usado para subjugação e alimento para as patologias neuróticas e submissão à ordem política autoritária e dominante. Apesar de vislumbrar a libertação, a pessoa apoia a classe que a explora. Em relação a isso, Reich (1988, p. 20) apontou que

A psicologia marxista, desconhecendo a psicologia de massas, opôs o “burguês” ao “proletário”. Isso é psicologicamente errado. A estrutura do caráter não se limita aos capitalistas; atinge igualmente os trabalhadores de todas as profissões. Há capitalistas liberais e trabalhadores reacionários. O

³² Minhas anotações pessoais durante a aula ministrado por Dimas Calegari no Curso *De Reich ao Coração*, em Brasília, DF, de agosto de 2003 a agosto de 2004.

caráter não conhece distinções de classe. Por isso, os conceitos puramente econômicos de “burguesia” e “proletariado” foram substituídos pelos conceitos de “reacionário” e “revolucionário” ou “libertário”, que se referem ao caráter do homem e não à sua classe social. Esta alteração foi forçada pela peste fascista.

Os membros da cúpula do KPD, ao qual Reich era filiado, se incomodaram com a ênfase dada por ele aos estudos da sexualidade, pois acreditavam que deveria ser dado destaque à revolução social. Como Reich acreditava que a revolução sexual e a revolução social deveriam ocorrer juntas, sua relação com o KPD foi se tornando cada vez mais frágil (Bedani, 2007; Câmara, 2009).

Conforme as análises acerca deste período (Bedani, 2007; Câmara, 2009), a seguinte frase usada por Reich (1988, p. 194) foi crucial para o seu afastamento do KPD: em relação às “[...] novas tentativas democráticas e revolucionárias não há quaisquer perspectivas de êxito para um programa de liberdade, enquanto não for transformada a estrutura sexual biopática dos homens”. Reich insistia que a verdadeira revolução social democrática só poderia acontecer a partir da transformação da estrutura sexual biopática degenerada dos homens. Em decorrência dessas divergências com a alta cúpula do KPD, Reich foi expulso dele em 1933. Em agosto de 1934, Reich também foi formalmente expulso da *International Psychoanalytical Association* [Associação Psicanalítica Internacional] (Bedani, 2007; Câmara, 2009). Wagner (1996, p. 60) esclareceu que

Não há dúvida de que Reich pertencia ao grupo de psicanalistas que situava o conflito humano na fronteira entre indivíduo e sociedade. E que ele e outros representantes dessa facção sofreram, além da perseguição nazista (como praticamente todos os representantes da psicanálise), uma outra perseguição, e esta vinha de dentro da própria instituição psicanalítica. Além de Reich, outros psicanalistas de esquerda foram orientados, pelas instituições psicanalíticas a que estavam filiados, a abandonar a militância política.

A posição de esquerda de Reich era clara e, naquele momento, as discussões em torno dos termos psicanalíticos não estavam isentas do viés ideológico. Na perspectiva de Wagner (1996), Freud e seu grupo de Viena desejavam uma ciência psicanalítica pura, sem viés ideológico, mas parece que Freud estava ficando mais à direita em relação aos acontecimentos políticos e sociais daquele momento.

A revolução sexual proposta por Reich, e muitas vezes mal interpretada, estaria muito além da esfera pelo direito ao amor e à sexualidade. Ela faria parte de um extenso projeto de transformação social e humana. Seria a transformação de um contexto social que deixaria de ser cerceador e repressor da vida. Essa liberdade de expressão do viver é algo fundamental para a formação de indivíduos saudáveis e criativos. O pensamento reichiano é transdisciplinar e também sistêmico, pois considera o indivíduo em sua complexidade e a partir das relações estabelecidas. É uma forma ampla de perceber o indivíduo e de considerar que as relações provocam ou mantêm as distorções, havendo um reflexo estreito entre a família e as interações sociais nos comportamentos cotidianos.³³

Câmara (2009) relatou que o que definiu a transição de Reich da psicanálise para a vegetoterapia carátero-analítica, a terceira fase de seu trabalho, foi a conferência proferida por ele em 1934, em Lucerna, Suíça, *Contato psíquico e corrente vegetativa*. Nessa conferência, Reich

[...] define de uma vez por todas, que o material verbal emergente deveria ser analisado só após o trabalho sobre as defesas latentes do caráter, ou seja, ele propõe que inicialmente se flexibilize a blindagem de caráter e com a sequência do processo terapêutico chegar-se-ia ao estabelecimento da potência orgástica (Câmara, 2009, p. 61).

Reich (1979, 1995) enfatizou a importância do trabalho corporal e a compreensão do funcionamento do sistema nervoso autônomo (SNA), responsável pelos movimentos involuntários do corpo. O SNA deveria ser estimulado por meio de exercícios físicos e respiração mais profunda, com a intenção de melhorar a potência energética, equilibrando a pulsação vital e, conseqüentemente, despertando memórias que deveriam ser ressignificadas.

Como explicou Boadella (1997) de forma bem didática, Reich descrevia o funcionamento do corpo humano comparando-o ao movimento de uma ameba ou de uma água-viva, organismos que possuem ritmo de contração e expansão. A ameba move o protoplasma para o deslocamento, expandindo-se de forma natural. Diante do perigo ou de algum estímulo nocivo, ela se retrai e até cria um encapsulamento de proteção se este estímulo estressor for muito demorado. No corpo humano, diante de

³³ Minhas anotações pessoais durante a aula ministrado por Dimas Calegari no Curso *De Reich ao Coração*, em Brasília, DF, de agosto de 2003 a agosto de 2004.

uma situação prazerosa, há sensações de correntes que percorrem o corpo do centro para a periferia, as chamadas correntes vegetativas. Por outro lado, em situações nas quais ocorre desprazer, há ansiedade e as correntes mudam a direção para o interior, gerando angústia. A partir dessa percepção, Reich iniciou uma nova fase, denominada vegetoterapia carátero-analítica. Para isso, começou a medir a carga bioelétrica presente no corpo humano durante os movimentos de contração e expansão, relacionando-os ao SNA, simpático (SNAS) e parassimpático (SNAP), e hipotetizando que a libido seria uma bioeletricidade (Calegari, 2001).

Reich também dividiu o corpo em sete faixas, as quais denominou anéis ou segmentos. Essas faixas, ou anéis perpendiculares ao maior eixo do corpo, funcionam de forma independente. Por meio delas, podem ser avaliados sintomas físicos, mentais e emocionais quando o seu funcionamento está comprometido. Os anéis são denominados: visual, oral, cervical, peitoral, diafragmático, abdominal e pélvico (Boadella, 1985; Calegari, 2001). Na prática terapêutica reichiana, foram desenvolvidos exercícios corporais a fim de movimentar os anéis corporais e restabelecer, de forma harmoniosa, a pulsação energética (contração e expansão) proveniente do SNA para amenizar e curar os sintomas (Lowen; Lowen, 1977; Pierrakos, 1997; Reich, 1979). Esses exercícios foram sendo aprimorados pelos discípulos de Reich, os quais foram criando outras abordagens, tais como as neo-reichianas (Bioenergética, *Core Energetics*) e pós-reichianas (Somatopsicodinâmica).

No decorrer do processo psicoterapêutico, quando o cliente apresenta uma queixa física ou emocional ou uma crença mental, é possível identificar o/s anel/éis correspondente/s a estas queixas e, por intermédio de exercícios corporais, flexibilizar as tensões a fim de restabelecer a pulsação (contração, expansão e relaxamento) dos segmentos comprometidos. Além disso, também há indicativo sobre a fase do desenvolvimento infantil a que esses sintomas se relacionam (Lowen, 1982; Lowen; Lowen, 1977; Pierrakos, 1997; Reich, 1979).

Reich (1995, p. 274) enunciou que a vegetoterapia carátero-analítica complementa a análise do caráter, pois

Uma vez que a força da vegetoterapia muscular haja sido experimentada, há tentação de abandonar o trabalho simultâneo nas incrustações do caráter e concentrar-se somente na vegetoterapia. Mas a experiência prática logo nos ensina que é tão inadmissível excluir uma forma de trabalho quanto a outra.

A vegetoterapia carátero-analítica baseia-se na observação corporal e na interpretação dos mecanismos psíquicos. Através da mobilização corporal, a energia presa nas blindagens do caráter seria liberada. A partir dessa intervenção, haveria um retorno dos movimentos involuntários (regidos pelo SNA). Quando o movimento involuntário pélvico acontecesse conjuntamente com a conexão amorosa, a plena capacidade de descarga orgástica seria restabelecida. A compreensão acerca dessa energia liberada (bioeletricidade), de seu funcionamento e da origem da vida foram fontes de inspiração para que Reich desenvolvesse a quarta fase do seu trabalho, a orgonoterapia, que talvez seja a mais polêmica, por se basear em biofísica, uma abordagem holística avessa ao dualismo consagrado no Ocidente pelo pensamento cartesiano (Calegari, 2001).^{34,35}

Câmara (2009) discorreu sobre a evolução de Reich em relação ao conceito de energia. Como psicanalista, Reich a designava como libido ou energia sexual. Naquele momento, já questionava Freud, não aceitando a ideia de uma energia abstrata, mas instigado a compreender o movimento concreto da libido. Como analista de caráter e vegetoterapeuta, a energia era por ele percebida como bioenergia, ou energia de vida. E como organoterapeuta, a definiu como energia cósmica, primordial, orgônica, promovendo uma ampliação da percepção e do funcionamento energético.

As pesquisas laboratoriais de Reich se iniciaram em 1934–1939, na Noruega, onde ele se refugiou e lecionou no *Psykologisk Institutt* [Instituto de Psicologia] da *Universitetet i Oslo* [Universidade de Oslo]. Quando se mudou para os Estados Unidos, em 1939, ele continuou e intensificou esses estudos. Reich desenvolveu pesquisas na área de biologia, porquanto queria verificar se a fórmula tensão-carga-descarga-relaxação, descrita quando desenvolveu a teoria da função do orgasmo, seria válida e aplicável para as formas simples de vida, como os animais primitivos e as formas vegetais (Boadella, 1985; Calegari, 2001).

É importante enfatizar que essa fase da teoria reichiana aconteceu quando Reich questionou a origem da vida e desejou descobrir isto através dos experimentos laboratoriais. Entretanto, como relatou Bedani (2007), desde os primórdios de sua obra, quando ainda não podia investigar laboratorialmente a singular força vital, ele

³⁴ Minhas anotações pessoais durante a aula ministrado por Dimas Calegari no Curso *De Reich ao Coração*, em Brasília, DF, de agosto de 2003 a agosto de 2004.

³⁵ Para mais informações sobre hipóteses energetistas reichianas e as proposições da física, sugiro consultar Bedani (2007).

julgava ter identificado esta energia, dentro de uma certa lógica que rege a energética dos impulsos sexuais. Desde a década de 1920, foi fortemente influenciado pelos referenciais energetistas freudianos e por concepções de índole vitalista. Compreender a origem e a pulsação energética até chegar ao entendimento acerca do mecanismo do câncer compunha a percepção da relação do indivíduo com a natureza, uma relação holística, de acordo com a qual, cada célula, órgão e organismo pulsante interage por meio da mesma energia vital presente em todo o universo. Por isso, a necessidade de relatar neste trabalho este percurso, mesmo sendo composto de aspectos biológicos e também revelando os momentos difíceis vividos por Reich no final de sua trajetória. Para compreender em maior profundidade o entrelaçamento da vida de Reich com a sua trajetória de pesquisador, considero crucial este relato histórico para mostrar as diferentes áreas do conhecimento percorridas por ele, tais como filosofia, psicanálise, física, biologia, psicologia, sexologia, sociologia e psiquiatria. Embora haja críticas à última fase de seu trabalho, considero que ele tentou promover uma integração buscando a compreensão da origem da vida sem abandonar os aspectos sociais, econômicos e culturais que ele não apenas estudou, mas experienciou profundamente em sua vida.

De maneira incansável, Reich estudou e acompanhou ao microscópio o processo de putrefação de tecidos vegetais e animais. Dessa forma, descobriu e selecionou as menores células que preservam a pulsação e a organização energética, as quais denominou bions.³⁶ Calegari (2001, p. 14) explicou que as pesquisas feitas por Reich

[...] com os bions levou-o à descoberta de que não só os tecidos vivos se desorganizavam nos bions, como estes, sob condições especiais, podiam reorganizar-se originando protozoários e bactérias. Acompanhou assim o processo de geração espontânea da vida em laboratório.

Além desse trabalho, Reich começou a desenvolver pesquisas para o entendimento e a busca da cura do câncer. Assim, descobriu os bions sapa (obtidos a partir da areia da praia), que emitiam radiações (Boadella, 1985; Calegari, 2001). Em suas pesquisas sobre o câncer, Reich (2009, p. 153) chegou à conclusão que “o

³⁶ “Os bions são vesículas microscópicas carregadas de energia orgonal; desenvolvem-se a partir da matéria inorgânica por meio do aquecimento e da dilatação. Propagam-se como bactérias. Desenvolvem-se também espontaneamente na terra ou, como no câncer, a partir de matéria orgânica em degeneração” (Reich, 1995, p. 316).

encolhimento biopático no câncer é, com efeito, a consequência de uma contração crônica, gradual do aparato vital.” Em conjunto com as pesquisas sobre o câncer, Reich também desenvolveu estudos sobre a energia vital, o que era sua pretensão desde a década de 1920. Com esse intento, construiu o acumulador de energia, que consistia em caixas feitas de várias camadas. A parte externa era composta de material orgânico (madeira), que tinha a capacidade de absorver a energia do ambiente, ao passo que a parte interna era constituída de material inorgânico (metal e lã) e tinha a capacidade de irradiar a energia absorvida.

Ao manipular com luvas os bions sapa, originários da areia, Reich verificou que eles apresentavam efeito eletroscópico,³⁷ que desaparecia em contato com a água, quando as luvas eram lavadas. Contudo, esse efeito retornava quando os bions sapa eram expostos ao sol (absorviam energia). Desse modo, ele verificou que havia uma energia que permeava tudo, a qual denominou energia orgônica. Então, Reich começou a estudar as propriedades dessa energia de cor azul, verificando sua pulsação (contração e expansão), bem como a sua capacidade de deslocamento a partir de movimentos espiralados e de ondas. A energia orgônica é primária, anterior à matéria e à vida (Boadella, 1985; Calegari, 2001).

No entrelaçar desses experimentos, Reich passou a utilizar o acumulador de energia orgônica para tratar pacientes com câncer. O acumulador era utilizado para restabelecer a pulsação vital do organismo contraído e resignado e, assim, regredir os tumores cancerígenos. Em associação ao tratamento com o acumulador, também havia o trabalho terapêutico, que investigava as causas e buscava transformar as crenças que reforçavam o estado de resignação e apatia da pessoa afetada.³⁸

Reich compreendia as biopatias, como a hipertensão, a asma e o câncer, considerando a presença da anorgonia, isto é quando há paralisação de todo o organismo, que se resigna diante de uma vivência emocional desagradável. Como consequência, de acordo com sua perspectiva, há encolhimento celular e formação dos sintomas. Em relação ao câncer, Reich (2009, p. 218) concluiu que:

O crescimento de uma célula cancerosa em um lugar específico é, na realidade, apenas uma fase no desenvolvimento da doença geral chamada câncer. Designamos esta doença sistêmica de biopatia de encolhimento carcinomatosa. O tumor canceroso não é sequer a parte mais importante da

³⁷ Presença de carga elétrica.

³⁸ Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

doença, é apenas a mais aparente, e foi, até o presente momento, o único fator visível e palpável da biopatia do câncer.

Reich observou que esse mecanismo de pulsação, absorção de energia, carga e descarga acontece desde essas substâncias menores, por ele chamadas de bions, mas também em células, nos órgãos, em todo o corpo e no universo. O conceito advindo da fórmula do orgasmo foi, então, ampliado, passando a ser a fórmula específica da origem da vida. Desde a menor partícula até o universo como um todo, tudo pulsa. Para Reich (2003, p. 157), o organismo vivo é “uma parte organizada do oceano cósmico de orgone”. O estudo reichiano da sexualidade não trata especificamente do aspecto genital. Nessa perspectiva, a sexualidade é uma fonte de vitalidade e de encontro (interação), prazer e criação presente em todas as formas de vida.

Reich denominou orgonome a essa forma geral da vida e observou o seu desenvolvimento empregando experimentos com matéria orgânica e movimentos de contração e expansão repetidos, tanto sob altas temperaturas quanto sob congelamento. Ele verificou que, ao congelar, a energia orgônica criou uma periferia, na forma de uma energia condensada, a qual mantinha o material plasmático interno. Essa energia interna propiciou que o cerne fosse impulsionado no sentido da onda energética livre no cosmo, mas o material existente na periferia a conteve (Nunes, 2020). Calegari (2001, p. 34) assim interpretou essas descobertas de Reich:

Forma-se o conflito básico dentro da vida, representado pela força estruturante da periferia e as formas plasmáticas livres internamente. Vai então acontecendo um alongamento da força vital, e a estrutura material periférica dobra sobre si mesma, retornando ao ponto inicial. Forma-se assim a estrutura orgonômica básica da vida.

De acordo com Calegari (2001), na concepção de Reich, todos os conflitos que existem nas vidas das pessoas são decorrentes desse conflito inicial entre a energia e a matéria contidos no sistema vital. Portanto, a busca de contato pelos seres vivos antecede a experiência do prazer, uma vez que experimentam anseio de fusão e superposição desde os bions. Calegari (2001) frisou que esses dois aspectos ocorrem no cosmos e geram matéria, constituindo o impulso gerador de uma nova vida. Há uma necessidade inata, biológica, de interação e fusão, de troca entre as pessoas e destas com o ambiente. Esse é um aspecto muito importante da teoria

reichiana que reverbera na abordagem *Core Energetics* e a fundamenta. Através da interação com o outro e com o ambiente, composto de um aparato social, histórico e econômico, o indivíduo se forma, se defende, entra em conflitos e busca a pulsação vital para se aproximar da essência amorosa (Calegari, 2001; Pierrakos, 1997; Reich, 2003).

No caso do organismo humano, quando há disfunção, ocorre acúmulo de energia e os catabólitos não são eliminados. Consequentemente, a energia acumulada fica parada e se transforma em energia DOR,³⁹ que é, então, encapsulada pela energia OR (orgônica). Essa seria a origem do encouraçamento humano, descrito nos primeiros estudos de Reich, nesse momento compreendido energeticamente, sendo o mesmo processo que ocorre na formação de tumores (Calegari, 2001). Calegari (2001, p. 30) esclareceu que “Em termos de energia, o encouraçamento é o sequestro e a ocultação de energia DOR!” Novamente, há diferença de percepção entre Reich e Freud, pois o primeiro defendia que há uma pulsão de vida sempre presente, não considerando a pulsão de morte.

Ficou demonstrado por meio de experimentos, feitos por Reich (1995) e alguns replicados por Calegari (2001), que há semelhança de funcionamento nas células e no organismo humano como um todo. No processo de expansão e contração ocorrem absorção, metabolismo e descarga. E as distorções desse funcionamento acarretam doenças físicas e dificuldades relacionais e sociais.

Pensar a partir de um funcionalismo orgonômico é perceber a natureza dentro e fora de si. Ao deslocar sua atenção para o cosmos, Reich fez a conexão do homem com o planeta e o universo, que são sistemas orgonóticos. Desenvolveu o conceito de superposição, porquanto desde os bions há um anseio de fusão, que é anterior à experiência de prazer. Em seres vivos mais desenvolvidos, resulta no contato, na excitação e na relação sexual (Calegari, 2001), na integração para troca de conhecimento, afetos e contatos sociais.

A busca em realizar o abraço genital ou a sobreposição cósmica, simbolicamente seria a busca e a união com Deus, ao pertencimento. Na perspectiva de Reich, o maior obstáculo a essa entrega, a essa fusão, é o encouraçamento, pela

³⁹ DOR (do inglês *deadly orgon*, orgone mortal) é a energia OR paralisada em sua pulsação.

rigidez que afasta o ser da pulsação natural presente no centro bioenergético (Boadella, 1985; Calegari, 2001; Câmara, 2009).

Assim sendo, na concepção de Reich (2003), a sexualidade e o anseio religioso têm a mesma raiz. Com a repressão e a hegemonia patriarcal, cria-se a divisão religiosidade/sexualidade. Retornar à casa, compreender o funcionamento bioenergético, se libertar das couraças é estar novamente em comunhão com Deus (Reich, 2003), a qual inclui o corpo que pulsa de forma saudável.

Albertini (2003) esclareceu que, apesar de Reich ter enfatizado o estudo do orgasmo sexual, este estaria ligado aos demais domínios da existência. Estar livre das repressões, tendo um fluxo energético livre, seria o fator primordial para a realização do abraço genital e da comunhão com o universo.

Câmara (2009) lembrou que, em conformidade com o pensamento reichiano, o indivíduo só se sente bem e realizado à medida que percebe a felicidade do outro, porquanto o outro lhe propicia a sua consciência de humanidade. Ainda nessa linha de pensamento, o conceito de democracia do trabalho estaria vigente em sociedades nas quais a autogestão social contribui para a autorregulação do indivíduo, tendo como fundamento que o trabalho é vitalmente necessário, o que soa um tanto utópico. Dado que a autogestão social está articulada à autorregulação individual, conclui-se que a orgonoterapia seria um dos instrumentos de modificação dos homens e das relações sociais. Todavia, Câmara (2009) afirmou ser ingênuo o fato de acreditar que o indivíduo se autorregula e promove a autogestão social.

A última empreitada de Reich foi a preocupação com a natureza. Nessa fase, fez experiências no deserto e análises sobre as suas inquietações ecológicas. Essa preocupação só se tornaria globalmente importante mais de 25 anos depois (Calegari, 2001).

Por volta de 1947, as críticas contra Reich e seus experimentos se intensificaram. Em 1948, ele publicou trabalhos sobre a biopatologia do câncer. Em 1954, com a intervenção do órgão controlador de alimentos e medicamentos dos Estados Unidos, *Food and Drug Administration* [Administração de Alimentos e Medicamentos], Reich e seus colaboradores do Orgonon foram investigados e contra ele foi instaurado um processo em razão da comercialização dos acumuladores de energia orgônica, considerados ineficazes para o propósito. Como Reich não cumpriu o mandado que

ordenava a destruição tanto dos acumuladores de energia orgônica quanto da literatura sobre a energia orgônica, e nem compareceu ao julgamento, foi condenado a dois anos de prisão. Em 11 de março de 1957, foi preso na *United States Penitentiary* [Penitenciária Federal] de Lewisburg, na Pensilvânia, Estados Unidos. Por ordem judicial, seus livros e instrumentos de pesquisa foram destruídos e em 3 de novembro de 1957, ele teve um ataque cardíaco e morreu na prisão (Câmara, 2009).

Reich foi um homem à frente do seu tempo. Deixou um testamento no qual solicitou que vários documentos e pesquisas elaborados por ele deveriam ser abertos 50 anos após a sua morte (Matthiesen, 2007). Isso aconteceu em 2008, em um evento no *Orgonon Institute* [Instituto Orgonon], em Rangeley, ME, Estados Unidos, com uma apresentação aberta ao público. Durante o evento, um grupo de cientistas, terapeutas e pesquisadores, de vários países, pôde vislumbrar uma parte do material. Em 30 e 31 de outubro e 1º de novembro de 2010 foi realizado o I Congresso Internacional Wilhelm Reich, promovido pelo Instituto *Core Energetics* do Brasil, com sede em Atibaia, SP. O Diretor do *Orgonon Institute* [Instituto Orgonon], Kevin Hinchey, estava presente e trouxe materiais inéditos (fotos, anotações, manuscritos, filmagens) de Reich. Até aquela ocasião, três anos após a abertura dos arquivos, menos de 20 pessoas haviam acessado os materiais, entre as quais estavam um médico e cinco familiares de Reich.

De concreto, até agora, o que se obteve desse material foi o documentário realizado por Kevin Hinchey e Glenn Orkin, intitulado *Love, work and knowledge: the life and trials of Wilhelm Reich* [Amor, trabalho e conhecimento: a vida e as provações de Wilhelm Reich] (Love..., 2018). A partir do acordo entre o *Wilhelm Reich Museum* [Museu Wilhelm Reich] e a *Countway Library of Medicine* [Biblioteca de Medicina Countway] da *Harvard Medical School* [Faculdade de Medicina de Harvard], quem desejar pesquisar algum desses documentos pode entrar em contato através do site do Museu (<https://wilhelmreichmuseum.org/about/wilhelm-reich-archives/>).

Carvalho (2021) mencionou o silenciamento sobre Reich em dois grupos psicanalíticos que ele pesquisou no pós-doutorado, ao propor discutir alguns aspectos da teoria reichiana. Ele refletiu, “Será um silêncio, ao mesmo tempo, condição de possibilidade do acontecimento e acontecimento [...] Será a história desse silêncio a sombra de uma história negada, ou, quiçá, a vergonha de uma história mal contada

[...]?” (Carvalho, 2021, p. 181). O autor ainda complementou que, além desse silêncio oral percebe-se um silêncio a partir da negação da escrita da história reichiana pelos psicanalistas, que excluem de seus textos tanto o tempo em que Reich fez parte da Sociedade Psicanalítica quanto as suas contribuições. Carvalho (2021, p. 182) enfatizou que

[...] não se pode negar a Reich o mérito de ter sido um dos primeiros a pensar seriamente na proposta de uma psicanálise materialista, dialética, historicamente referenciada, a se engajar politicamente na sua construção e a escrever sobre isso – ainda que seja possível, do ponto de vista contemporâneo, mas sem desrespeitar a historicidade de sua produção, apontar alguns equívocos nessa empreitada.

Similarmente, há a omissão da presença e da contribuição de Reich na biografia de Freud escrita por Gay (2012), talvez o maior pesquisador de Freud, obra em que outros autores contemporâneos destes dois psicanalistas são lembrados. Não se pode afirmar a razão para essas omissões, apenas especular que possam ser decorrentes dos conflitos vividos por Reich e descritos anteriormente. Porém, é intrigante perceber que, a despeito de tanto tempo ter se passado, esse estigma ainda permanece e, mesmo havendo as críticas teóricas aos experimentos científicos de Reich, não há motivo racional para essa exclusão histórica de contextos para os quais ele contribuiu tanto.

Estudar, ler e reler a teoria reichiana entrelaçada com a brava história de luta de Reich, superações e morte, me traz muitas reflexões e questionamentos. Alguns respondidos, outros ainda em amadurecimento. Embora possa parecer piegas, afirmo que ele foi alguém que estava à frente do seu tempo, que as dores e frustrações vividas por ele foram motores para muitas contribuições para humanidade. A descoberta da função do orgasmo foi revolucionária e perdura com vital importância para a saúde emocional, mental e física dos indivíduos, indo além do contato genital, podendo ser muito explorada e propiciando várias descobertas. Apesar da última fase do seu trabalho ser questionada, em minha percepção, fez com que Reich ampliasse e integrasse todas as experiências que teve até então, atingindo uma dimensão maior, em que o coletivo estudado e vivenciado na sua fase de pesquisas sociopolíticas pôde ser integrado com a Terra e o universo, um resgate muito atual que precisamos encetar e que Reich não teve tempo para organizar e defender.

Mesmo em face de toda a minha admiração por sua obra, me coloco na posição de me aprofundar e questionar aspectos da teoria reichiana, pois acredito que pode ser ampliada e rediscutida a partir do atual contexto histórico, por exemplo no que se refere aos estudos de gênero. Além disso, vejo a importância de sugerir que a comunidade terapêutica pesquisada nesta tese revise continuamente a obra de Reich, analisando-a sob uma perspectiva crítica, e dentre os vários aspectos a serem lidos e revistos haverá a possibilidade de ampliar o olhar para as desigualdades sociais e aperfeiçoar os trabalhos terapêuticos sociais para amenizar este quadro.

3.1.2 John Pierrakos e a criação da abordagem psicoterapêutica em *Core Energetics*

John Pierrakos nasceu na Grécia, em 8 de fevereiro de 1921,⁴⁰ em um pequeno vilarejo, chamado Neon Oitylon, banhado pelo mar Mediterrâneo, com montanhas íngremes e plantações de oliveiras. Eu o conheci em 1997, em Brasília, DF, na segunda turma de formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*. Aqui transcrevo o que ele mesmo relatava sobre a sua origem, informações que fazem parte das minhas anotações, feitas quando assisti as aulas por ele ministradas. Neon Oitylon era um lugar privilegiado pela beleza natural, porém havia naquela sociedade muitos conflitos advindos do machismo, bastante presente na comunidade. Na Grécia, o machismo era denominado *philotimo*. Para defender sua honra, os homens se matavam uns aos outros. A religião predominante era a ortodoxa grega, que pregava a repressão da sexualidade e o sacrifício da carne para a elevação do espírito.

Pierrakos relatou ter crescido rodeado por mulheres: a mãe, três irmãs mais velhas, várias primas e tias. Como o pai trabalhava viajando, ficava poucos dias em casa, após vários meses de ausência. Era um homem muito disciplinado e sério, o patriarca da família. Pierrakos tinha muito medo do pai e nos contou que eles nunca mantiveram um relacionamento próximo, de modo que pudessem brincar ou conversar. Além disso, nutria vergonha por saber que o pai havia percebido o seu interesse sexual por algumas meninas com as quais ele convivia.

⁴⁰ Para mais informações, sugiro o vídeo intitulado *The life of John Pierrakos* (<https://www.youtube.com/watch?v=2T35u50kdfE>), além das obras de Borine (2006) e Burger (2014), ambos alunos de John Pierrakos.

Em contraponto, sua mãe era afetiva e muito próxima a ele. Carinhosamente, o chamava de *effendi*, palavra em turco que significa mestre, comumente usada para mostrar estima ao primogênito. Pierrakos comentou que o amor recebido pela mãe o tornou seguro para, futuramente, ser capaz de expressar amor para as mulheres que se tornaram significativas para ele (Borine, 2006).

A mudança para Atenas aconteceu quando Pierrakos tinha 9 anos, o que foi considerado por ele como uma alteração muito drástica em sua vida, porque o privou do contato com a natureza. Isso o deixou muito chateado e cheio de raiva, a qual expressava e extravasava ao jogar futebol (Borine, 2006).

Em 1939, com 18 anos, foi convidado pela irmã e pelo cunhado para morar com eles em Nova York. Nesse período, a Europa estava se preparando para entrar em guerra e esse convite veio como uma proteção. Em Nova York, se matriculou na *Columbia University* [Universidade de Colúmbia] para cursar medicina e tinha notícias do alistamento dos primos, que foram lutar na Segunda Guerra Mundial. Em 1944, ainda na faculdade de medicina e estagiando no Exército, tornou-se cidadão americano. Ao final do curso de medicina, decidiu permanecer em Nova York e fazer doutorado em psiquiatria, o que o deixou muito excitado e ampliou muito a sua percepção em relação à vida. Pierrakos lembrou que quando tinha 15 anos, ainda morando na Grécia, havia lido em uma revista um artigo sobre dois homens que chamaram sua atenção. Um era Freud, que havia descoberto o inconsciente, e o outro era Reich, que tinha descoberto a energia de vida. Naquela tenra idade, esses assuntos já o entusiasmavam.

Quando estava morando em Nova York, um dia Pierrakos indagou uma amiga se ela já havia ouvido falar em Wilhelm Reich. Ela respondeu afirmativamente e sugeriu que ele lesse o livro *A função do orgasmo* (Reich, 1995). Após ler o livro e ficar emocionado, considerou aquele material muito importante, pela forma de compreender a vida e a sua origem. Essa mesma amiga sugeriu para Pierrakos trabalhar com Reich, o que ele achou um absurdo, pois não via a possibilidade de se aproximar e colaborar com um gênio. Após um tempo, porém, Pierrakos criou coragem e procurou Reich para que este fosse seu analista e ele o aceitou como paciente. Pierrakos descreveu essa experiência como um inferno. Reich ridicularizou seu bigode lhe perguntando: “Que taturana é essa que você tem sobre a boca?”. Em

adição a isso, criticou seus ternos, feitos por um alfaiate.⁴¹ E quando Pierrakos mostrou-se interessado em conhecer a energia orgônica, Reich o levou para o laboratório e o colocou dentro do acumulador de energia orgônica (Borine, 2006).

Pierrakos continuou as sessões com Reich, embora se sentisse subjugado. O analista se apresentava ao cliente com um rosto grande e uma voz poderosa e o desafiava a expressar raiva contra a autoridade masculina. Durante as sessões, Reich lhe pedia que permanecesse somente de shorts, observava seu corpo e fazia considerações sobre a sua pouca capacidade respiratória, comentando que ele não estava “vivo o bastante”. Pierrakos nos disse que Reich tinha razão, pois naquele momento se sentia como “um cadáver assustado”.⁴²

Reich o indagava sobre a sua vida e a sua sexualidade, tocava as partes bloqueadas do seu corpo, pedia que intensificasse a sua respiração e movia a sua energia, solicitando que batesse os pés e os braços. Pierrakos comentou que nessa primeira fase do trabalho, Reich só se preocupou em mover a sua energia, não lidando de forma direta com a sua personalidade, apesar de constantemente afrontá-lo. Nesse momento histórico, Reich estava sofrendo pressão por parte das autoridades por conta dos acumuladores de energia orgônica, como já mencionei, e a *American Psychiatric Association* [Associação Psiquiátrica Americana] o considerava uma ameaça.

A despeito de fazer parte do grupo de Reich e de acreditar em seu trabalho, Pierrakos avaliou que todos ao redor de Reich estavam lidando de forma muito precária com os problemas. Temendo perder sua licença médica, Pierrakos decidiu se afastar do grupo. Esse fato o deixou muito transtornado, porque Reich teve papel crucial em sua vida. No contato com Reich, ele percebeu o amor que vinha dele e se conectou a este amor (Borine, 2006; Burger, 2014).

Enquanto Pierrakos relatava essa parte de sua história, se emocionava, considerando que traiu Reich. Isso aconteceu tanto na minha turma de formação quanto na primeira turma de formação em *Core Energetics* no Brasil, conforme relato de Burger (2014, p. 195):

John falava de dois assuntos que invariavelmente o levavam às lágrimas: Reich e Eva. Tinha um enorme respeito por Reich, uma veneração, e dizia

⁴¹ Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

⁴² Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

que o havia traído. Ele partilhava, muito emocionado, que houvera um momento em que seguir a postura de Reich levaria os médicos a perderem [sic] suas licenças profissionais nos EUA, e John e outros se recusaram a seguir essa postura. John tinha uma ambiguidade a esse respeito. Sabia que sua decisão havia sido correta, mas, em meio ao choro, colocava-se de joelhos e implorava perdão a Reich, seu grande mestre.

Reflito em relação a esse episódio, repetido algumas vezes, e me debruço sobre nesta reflexão quando percebo a necessidade de um resgate da teoria político-social de Reich na formação em *Core Energetics*. Ao me deparar com o relato de dor que por vezes presenciei, intuo que trazer a luta reichiana contra a opressão e a importância da integração deste aspecto político e social no trabalho com *Core Energetics* pode ser uma forma de amenizar a dor da traição de Pierrakos. Esse é um aspecto que vale uma reflexão coletiva.

Depois de alguns anos trabalhando como psiquiatra em um hospital de Nova York, Pierrakos abriu um consultório particular na Aldeia de Greenwich, momento em que conheceu Alexander Lowen. Eles compartilharam o mesmo consultório e participavam juntos do grupo de Reich. Nesse período, Pierrakos estava casado e tinha duas filhas. Trabalhando junto com Lowen, desenvolveram a Bioenergética (Borine, 2006). Juntos, fundaram o *Institute for Bioenergetic Analysis* [Instituto de Análises Bioenergéticas] em Nova York, em 1956 (Lowen, 1982). A Bioenergética⁴³ foi fundamentada no que tinham aprendido com Reich sobre energia e as defesas de caráter.

Lowen (1982) afirmou que a Bioenergética foi concebida a partir das experiências vividas em seu próprio corpo. Ele e Pierrakos fizeram uma parceria e este, embora mais jovem, o atendia como terapeuta. Assim, durante três anos, eles testaram os exercícios corporais. Pierrakos e Lowen compartilhavam um mesmo ponto de vista expresso por Lowen (1982, p. 34) da seguinte forma: “[...] não acredito que seja um direito nosso pedir a outras pessoas o que nós mesmos não estamos preparados para pedir de nosso corpo. Por outro lado, não acredito que possamos fazer pelos outros o que não podemos fazer por nós mesmos.”

⁴³ Para saber mais sobre a fase de parceria entre John Pierrakos e Alexander Lowen, sugiro consultar Nunes (2020).

Por volta de 1964, Pierrakos recebeu de um paciente o texto de uma palestra canalizada por Eva Broch o que o impressionou profundamente. Eva era uma dançarina austríaca, nascida em 1915 em Viena. Seu pai foi um famoso romancista que tinha entre seus amigos o escritor Rudolf Steiner, criador da antroposofia, mencionado no subitem 2.2 desta tese, relacionando-o como um dos influenciadores do surgimento do movimento Nova Era. Eva deixou a Áustria em decorrência da invasão nazista, mudando-se para Nova York em 1941 com seu primeiro marido. Em 1951, em uma visita à Suíça, ela conheceu uma médium e começou a se interessar pela literatura sobre fenômenos psíquicos e comunicação espiritual.⁴⁴ Em entrevista que concedeu a Charles Rotmil, escritor e fotógrafo, sobrevivente do Holocausto, que participou dos grupos de *Pathwork*, ela assim discorreu sobre essa época:

Então comecei a meditar a primeira vez na minha vida. Aí tive uma experiência interessante... Quase que me esqueço disso. Eu estava sentada, meditando, era verão, perto havia uma janela aberta. De repente, pela primeira vez, houve algum tipo de sinal. Isto foi em Zurique, na véspera de ano novo em 1950. Na Suíça, eles tocam todos os sinos de igreja. Foi então que eu senti alguma coisa, um poder incrível, como o poder de Cristo... como se os anjos estivessem lá. Eu não tinha nenhum conceito de tais coisas, mas foi alguma coisa tão forte que me forçou a ajoelhar. Foi incrível! Aí eu deixei isto de lado e esqueci completamente. Aquilo foi como um anúncio das coisas por virem. Este foi o mesmo ano em que eu fui levada à médium, sem saber o significado disto. Então, veio tudo muito rápido (Rotmil, 2013).

Eva desenvolveu a clariaudiência e, ao ouvir vozes internas, tornou-se canal para a manifestação de um Guia. Porém, para que o trabalho realmente fluísse, ela se dedicou durante um ano e meio a trabalhar suas próprias questões pessoais, como relatado em sua entrevista a Rotmil (2013):

Então eu me concentrei realmente por um ano e meio mais ou menos; totalmente concentrada no meu próprio caminho. O canal só funcionava para isto. Somente me dizia tudo o que eu precisava a meu respeito. É por isto que quando eu ouço falar de pessoas que recebem mensagens fabulosas [...] mas que não se trabalham, fico muito desconfiada.

Ao retornar para os Estados Unidos, Eva formou um grupo de estudos ao seu redor e começou a canalizar palestras de seu Guia, as mesmas que interessaram John Pierrakos e que o fizeram procurar Eva. De 1957 a 1979, ela proferiu 258 palestras do Guia sobre a natureza da realidade psicológica e espiritual e sobre o

⁴⁴ Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

processo de transformação pessoal. Com base nos conteúdos dessas palestras, Eva criou uma metodologia espiritual e psicológica de autoconhecimento e autotransformação, denominada *Pathwork*.⁴⁵ Através de leitura, interpretação e meditações acerca do conteúdo das palestras, confrontam-se o ego e as negatividades e invocam-se as forças espirituais e da vontade para que a autotransformação ocorra, de modo que haja contato com o Deus interior e o despertar da espiritualidade.

Borine (2006, p. 26) descreveu o relato de John Pierrakos sobre o seu encontro com Eva:

Em nosso primeiro encontro, seus olhos escuros irradiavam direto nos meus; ela era uma pessoa vibrante e bela, um ser magnífico. Nós descobrimos, rapidamente, que nossos trabalhos se completavam. O que ela fazia em seu trabalho não era terapia, mas estava além de ser. Ela falou sobre modos para eu integrar e personalizar minha luta e meu trabalho. No momento era tudo muito excitante e claro que nós nos apaixonamos.

Na entrevista concedida a Charles Rotmil, Eva contou a sua versão sobre a primeira vez que entrou em contato com Pierrakos:

Voltei de Harkness no dia 4 de julho de 1966 e encontrei a carta do John Pierrakos: “Sou um psiquiatra de Nova Iorque e o material é muito incrível e eu gostaria de comprar todas as palestras e gostaria de falar com você.” Foi assim que o conheci (Rotmil, 2013).

Pierrakos destacou que, com o passar do tempo, foi percebendo que faltava algo em seu trabalho e em sua vida. Ademais, seu primeiro casamento não estava bem e acabou em divórcio. Simultaneamente, Pierrakos e Eva começaram a estudar juntos e a trocar experiências de trabalho. Como consequência dessa proximidade, eles se apaixonaram e se casaram em 1971. Ele sempre mencionava que os anos que viveu com ela foram os mais felizes de sua vida. Era muito interessante ouvi-lo falar do seu amor por Eva. Ele se emocionava e contagiava as pessoas que estavam ao seu redor. Eu o ouvi dizer, durante uma aula do treinamento que fiz com ele em Brasília, DF: “Ela era minha alma companheira. Havia uma conexão profunda entre nós, uma rendição e entrega. E eu também era a alma companheira dela.” Pierrakos

⁴⁵ Para esclarecimentos sobre a metodologia *Pathwork*, sugiro consultar Pierrakos (2007), Pierrakos e Saly (2007), Pierrakos e Thesenga (2000, 2016, 2017), assim como os sites <http://www.pathworkbrasil.com.br/pathwork-no-mundo.php> e <http://www.pathwork.com.br/index.php>.

considerava que o encontro profundo e amoroso com Eva, juntamente com o novo conhecimento que ela trouxe para seu trabalho, o transformaram.⁴⁶

A parceria profissional de Jonh Pierrakos com Alexander Lowen durou aproximadamente 20 anos, o que foi muito importante para o aprofundamento e a ampliação dos estudos reichianos, bem como para o desenvolvimento da Bioenergética e, posteriormente, *Core Energetics*. Entretanto, quando Pierrakos decidiu incorporar a dimensão espiritual em seu trabalho, após conhecer Eva, Lowen abominou esta inclusão dos conhecimentos vindos dela no trabalho psicoterapêutico. Como consequência, sua parceria com Pierrakos começou a se desfazer em 1972 (Lowen, 2007).

Foi, então, que *Core Energetics* surgiu, a partir da conjunção entre psiquiatria, teoria e experiências terapêuticas com Reich, Bioenergética e os ensinamentos do Guia de Eva. Em relação a isso, Pierrakos nos revelou:

Meu encontro e trabalho com Eva mudaram a minha forma de trabalhar, pois diminuí o foco nas defesas e agora observo e acolho o criativo, o Eu espiritual que há na pessoa. Minhas intervenções podem cortar e limpar as defesas, mas faço isso com muito amor e respeito. Meu trabalho não está a serviço do Ego; houve uma mudança. Eu sei que quando estou trabalhando consigo fazer o que faço porque estou profundamente conectado com a minha essência.⁴⁷

Ele sempre enfatizava um aspecto essencial no trabalho em *Core Energetics*: “Eu continuo trabalhando minhas questões pessoais. Isso possibilita eu ir mais fundo no trabalho com as pessoas.”⁴⁸ Esse aspecto do seu trabalho ficou muito claro quando em seu último encontro com a segunda turma de formação no Brasil, em outubro de 2000, da qual eu fazia parte, ele propôs um trabalho cujo tema era a liderança a partir do coração. Em um determinado momento, ele se colocou diante do grupo de alunos, formado por mais de 60 pessoas, e pediu que cada um expusesse o que sentia por ele como dirigente do trabalho. Assim, recebeu muitos elogios e muitas críticas. Depois de mais de uma hora de trabalho, ele humildemente disse que percebia as projeções, mas que também reconhecia o que ainda precisava transformar em sua personalidade. Para finalizar, disse que levaria para a sua terapia muito do que havia

⁴⁶ Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

⁴⁷ Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

⁴⁸ Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

sido ali colocado. Na ocasião, ele estava com 79 anos de idade, mas mantinha sua humildade em reconhecer a necessidade de continuar trabalhando para transformar os aspectos negativos de sua personalidade. Enfatizava a importância da revelação da verdade de cada um para dissipar as dificuldades e retornar à convivência amorosa.

Após o encontro e o casamento com Eva, Pierrakos fundou o *Institute for the New Age* [Instituto da Nova Era] e juntos criaram a comunidade chamada *Pathwork Center* [Centro *Pathwork*], em Phoenixia, NY, Estados Unidos, em 1972. Como visto no Capítulo 2, na década de 1970 havia uma efervescência de busca por autoconhecimento e espiritualidade e essa comunidade parece ter feito parte do movimento Nova Era. Eram pessoas que buscavam autoconhecimento, contato espiritual, uma vida mais próxima da natureza e em comunidade.

Em 12 de julho de 2023, realizei uma entrevista on-line com Jac Conaway,⁴⁹ que mora em Nova York e talvez seja uma das poucas pessoas que ainda vive que conviveu com Eva e John Pierrakos quando estes já estavam casados e morando no *Pathwork Center* [Centro *Pathwork*].

Considere importante dialogar com uma pessoa que viveu o período inicial da criação da abordagem *Core Energetics*. O seu depoimento foi permeado com relatos de sua busca por autoconhecimento e conflitos pessoais, mudanças profundas que ocorreram em sua vida, impressões e vivências com os criadores de *Core Energetics* e *Pathwork* e sua permanência neste caminho evolutivo que se sustenta até hoje.

Jac Conaway relatou que conheceu John Pierrakos em 1972, quando ele e a sua primeira esposa o procuraram para fazer psicoterapia logo após o nascimento de sua segunda filha, ocasião em que a esposa teve depressão pós-parto. Pierrakos trabalhava em Washington, DC, em um instituto que era parte do *Institute for Bioenergetic Analysis* [Instituto de Análises Bioenergéticas] de Nova York, e ainda mantinha a parceria com Lowen. Durante esse processo psicoterapêutico, Jac

⁴⁹ Jac Conaway, psicoterapeuta em *Core Energetics* e *Helper* [Ajudante] em *Pathwork*, tem atualmente 87 anos e ministra aulas nos cursos de formação em *Pathwork* e *Core Energetics* em vários países, inclusive no Brasil. Tem em seu currículo dois títulos de mestre, em física do solo e em ciências do solo, ambos obtidos na *University of Maryland* [Universidade de Maryland], assim como um título de doutor em agricultura pela *University of California* [Universidade da Califórnia] (<https://www.linkedin.com/in/jac-conaway-phd-1ab534a/>).

Conaway e sua esposa Barbara⁵⁰ resolveram fazer o treinamento de quatro anos em Bioenergética. Naquela ocasião, conforme seu próprio relato durante a entrevista, Jac Conaway teve a seguinte impressão de John Pierrakos:

Ele tinha uma personalidade muito forte, o inglês dele não era muito bom e, eventualmente, nós passamos a entender o que ele queria dizer, mas era muito forte. A gente achava que ele era louco. Então, nós começamos a ver que havia uma sinceridade profunda naquele homem. E nós nos acostumamos à forma dele se expressar. Então, podíamos chegar na essência daquilo que ele estava trazendo. Com o passar do tempo, ficávamos ansiosos pela vinda dele. Ele morava em Nova York e vinha até Washington nos ensinar (tradução minha).

A sinceridade de Pierrakos é uma característica citada pelas pessoas que conviveram com ele e que eu entrevistei. Essa sinceridade trazia aproximação e confiança. Em minha convivência com ele como aluna, e durante os trabalhos terapêuticos que ele fez comigo, sua presença, assertividade e profunda amorosidade sempre foram marcantes.

Jac Conaway compartilhou comigo que “John estava nos guiando para todo um mundo novo de experiências físicas, mas também de experiências espirituais” (tradução minha). Nesse período, começaram a ouvir falar sobre *Core Energetics* e rumores que John Pierrakos e Alexander Lowen estavam com dificuldades na relação de trabalho. Todos estavam muito excitados em saber a diferença entre Bioenergética e *Core Energetics* e começaram a criar expectativa de um treinamento nesta nova abordagem.

Em 1975, Jac Conaway e sua esposa terminaram o treinamento em *Core Energetics* e no verão foram conhecer o *Pathwork Center* [Centro *Pathwork*]. Segundo Jac Conaway, o verão na comunidade fez com que ele e a esposa repensassem muitas coisas e, então, eles resolveram ficar no *Pathwork Center* [Centro *Pathwork*].

⁵⁰ A cientista, psicoterapeuta e agente de cura de renome internacional, Barbara Ann Brennan, falecida em 3 de outubro de 2022, dedicou sua vida à pesquisa explorando o campo da energia e dos domínios da consciência humanos. Ela fez curso de graduação em física, mestrado em física atmosférica, doutorado em filosofia e doutorado em teologia. Foi cientista pesquisadora no campo de astrofísica do *Goddard Space Flight Center* [Centro de Voo Espacial Goddard] e *National Aeronautics and Space Administration* [Administração Nacional Aeronáutica e Espacial]. Estudou Bioenergética na *Community of the Whole Person* [Comunidade da Pessoa Integral], em Washington, DC, pertenceu à primeira turma que se diplomou no *Dr. John Pierrakos Institute* [Instituto Dr. John Pierrakos], atualmente *Core Energetics Institute* [Instituto *Core Energetics*] e foi *Senior Pathwork Helper* [Ajudante de *Pathwork* Sênior]. Fundou a *Barbara Brennan School of Healing* [Escola de Cura Barbara Brennan], em Deerfield Beach, FL, Estados Unidos, onde desenvolveu um programa de quatro anos sobre ciência de cura holística (Brennan, 2018; <https://barbarabrennan.com/about-barbara>).

Ele me explicou que “Eventualmente, as palavras ‘Nova Era’ apareciam e também faziam parte das palestras. Era um movimento que estava acontecendo no mundo inteiro, especialmente nos círculos de psicologia” (tradução minha).

O fortalecimento de diversas práticas místico-esotéricas configura os anos da contracultura. Foi um momento em que parte da juventude estava se contrapondo ao sistema, buscando experienciar e vivenciar outros padrões de comportamento.

Nos estudos sobre Nova Era, há um eixo histórico composto de romantismo/contracultura. O romantismo deixou raízes no espiritualismo anglo-saxão, no espiritismo francês e na teosofia, além de outros grupos cristãos pós-protestantes (D’Andrea, 2000). A contracultura nos Estados Unidos impulsionou novos padrões de comportamento a partir de encontros de diversos segmentos culturais e reivindicatórios, motivados por movimentos a favor dos direitos civis e pela luta da ampliação dos direitos das minorias. Esses movimentos surgiram nos Estados Unidos e se difundiram pela Europa e por países latinos. Era um momento em que os jovens estavam frustrados com o sistema, tanto com o socialismo tradicional burocrático quanto com a direita capitalista repressora. Os jovens passaram a se rebelar através de suas ideias, seus corpos, comportamentos e formas de vestir. Na década de 1960, o movimento hippie teve início nos Estados Unidos, e ocorreram diferentes manifestações culturais permeadas por shows e manifestações contra a guerra e todo o sistema capitalista opressor. De um lado, a guerra, e de outro, o sonho da vida em comunidade (Carmo, 2000).

Nesse cenário sociocultural que nosso entrevistado estava inserido havia muitas indagações em relação ao seu trabalho burocrático e à sua vida pessoal. Jac Conaway morou no *Pathwork Center* [Centro *Pathwork*] por 13 anos. Era um estilo de vida mais próximo da natureza, em que o desenvolvimento humano e espiritual se dava em um ambiente de convivência e trabalho, uma comunidade da Nova Era.

Quando eventualmente se divorciou, lá encontrou o apoio da comunidade, fez sessões de terapia com John e Eva Pierrakos e trabalhou como terapeuta. Havia 40 pessoas morando na comunidade, sendo nove crianças. Na entrevista, ele assim descreveu aquele momento de sua vida:

Naquela época, eu tive meu primeiro treinamento em *Core Energetics*. Eu descobri como me divorciar. O John era o meu terapeuta em *Core Energetics*. Eu tinha sessão com ele a cada duas semanas. E eu tinha sessões com a Eva e com o Guia [...] E todos nós que morávamos lá na comunidade nos

encontrávamos para fazer grupo de processo [terapêutico] a cada duas semanas pra manter tudo limpo entre nós lá (tradução minha).

Jac Conaway mencionou que John e Eva “eram rei e rainha” e que John era “subserviente” a Eva. Talvez houvesse uma idealização ou um encantamento dele com o conhecimento novo que ela trazia. Segundo Jac Conaway, “Eva era claramente aquela que estava no comando da relação deles e do *Pathwork*, mas isso não incomodava ninguém” (tradução minha).

A experiência de Jac Conaway no *Pathwork Center* [Centro *Pathwork*] foi positiva; porém, em sua opinião, foi difícil para muitos. Um dos objetivos da Comunidade era trazer à tona tudo o que geralmente se esconde vivendo em sociedade. Desse modo, os que ali conviviam deveriam “falar sobre tudo, o que era a espiritualidade, o que era homossexualidade, o que era sexualidade. E também o que era raiva, conflito, antissemitismo” (tradução minha). Um dos anseios daquelas pessoas era revelar o que estava suprimido, porquanto “naquele momento, era algo que estava sendo falado nas ruas. Todo mundo falava sobre isso” (tradução minha).

De acordo com o relato de Jac Conaway, os membros do *Pathwork Center* [Centro *Pathwork*] sentiam a necessidade de se contrapor ao sistema agressivo dominante que financiava guerras, oprimia as minorias e incentivava o consumismo. Os jovens estavam ansiosos pela busca de um caminho de mais paz e sentido.

Em relação ao trabalho desenvolvido na Comunidade, Jac Conaway esclareceu que “A intenção de Eva era que os conceitos do *Pathwork* iriam iluminar muitas coisas diferentes, como o teatro, a ciência etc. E a abordagem *Core Energetics* do John seria o oferecimento do *Pathwork* para a psicologia” (tradução minha). Em resumo, *Pathwork* seria um grande guarda-chuva influenciando diferentes áreas, ao passo que *Core Energetics* seria uma vertente influenciando a psicologia.

O projeto de Eva estava inserido na contracultura. Como explicitou Carmo (2000), a contracultura foi uma revolução nos costumes ocidentais, representou a ação e as ideias da juventude da época diante da imposição simbólica, política e material.

Diferentemente da prática política dos partidos tradicionais, deu-se início a uma nova forma de contestação e mobilização social [...] muitos jovens acreditavam na possibilidade de tornar realidade o sonho de um mundo novo. Cabelos longos, roupas coloridas, misticismo oriental, muita música e drogas.

Uma série de manifestações culturais novas refletiam e provocavam novas maneiras de pensar, modos diferentes de compreender e de se relacionar com o mundo e com as pessoas (Carmo, 2000, p. 51).

Jac Conaway me contou que “Havia pessoas que usavam os conceitos de *Pathwork* para fazer investimentos na Bolsa de Valores. Nós discutíamos como fazer isso” (tradução minha). Naquela altura dos acontecimentos, *Pathwork* já era uma organização legal e *Core Energetics* estava começando.

Quando Eva faleceu, em 1979, John Pierrakos entrou em depressão, conforme observou Jac Conaway. As pessoas tinham a expectativa de que Pierrakos assumisse a direção do *Pathwork*, mas isto não aconteceu. Depois de uns seis meses, os diretores que já atuavam assumiram a direção. Os treinamentos em *Core Energetics* continuaram acontecendo, pois já havia muitos professores formados.

Um fato que na opinião de Jac Conaway influenciou a separação de *Pathwork* e *Core Energetics* foi que, logo após o falecimento de Eva, John se aproximou amorosamente de outra mulher, a venezuelana Dora Gomez. Ela começou a querer comandar e John, até certo ponto, se submetia. Jac Conaway salientou que “Ela decidiu que seria a nova Eva” (tradução minha), e isto causou muita estranheza na direção do *Pathwork*. Para Jac Conaway, esse fator foi uma fonte de conflito muito grande, que perdurou por alguns anos. Como Dora também era terapeuta, ela queria ter muita influência em *Core Energetics*. Esse fato provocou grande mudança, pois John separou *Core Energetics* de *Pathwork* em 1983. Desse modo, foi criada uma nova diretoria para *Core Energetics*, os espaços físicos foram separados e a Comunidade em Phoenixia seguiu funcionando até 1998. Jac Conaway me confidenciou o que a separação entre *Pathwork* e *Core Energetics* significou para ele:

Eu não gostei e eu expressei isto. Eu tentei convencê-lo [John Pierrakos] de que isso era um erro, mas ele não me escutava. Ele não deu atenção para mim e nem para as pessoas que concordavam comigo. E aí, nós descobrimos que isso não era algo em potencial, que ele já tinha colocado as coisas para funcionar, já tinha chamado advogados para traçar esses planos. Então, nós logo aceitamos, porque não tínhamos forma de parar, impedir. Houve uma cisão interna entre a nossa conexão com a Eva e *Pathwork* e a nossa conexão com o John e *Core Energetics*. E foi muito difícil integrar isso. Ainda existe em mim e em algumas outras pessoas. É muito interessante que nessa conferência no Canadá, em Ottawa, há três semanas, ainda estava lá. Conversei várias vezes com John. Mas ele estava basicamente dizendo: “Já foi. Isso já está feito. Não tem o que falar”. E nós sabíamos que a Dora estava basicamente por trás disso [...] Eu continuei participando dos dois [*Pathwork* e *Core Energetics*]. Outras pessoas se dividiram. Eu continuei morando em Phoenixia. Você pode ver, por exemplo, no Brasil, como há pouca interação entre as duas organizações (tradução minha).

Jac Conaway afirmou que a terceira esposa de John Pierrakos, Dora, não tinha nenhuma relação com *Pathwork*. O interesse dela era estar no comando de *Core Energetics*, o que muitas pessoas não aceitaram. Inúmeros conflitos foram enfrentados e John e Dora se separaram. Embora ela tenha se afastado, ocorreram muitos prejuízos financeiros.

Tanto *Core Energetics* quanto *Pathwork* estavam se expandindo bastante em várias partes do mundo, como explicou Jac Conaway. A partir dessa crise, os diretores convenceram Pierrakos que era importante haver um líder de treinamento que não fosse ele. Assim, Stuart Black se tornou o segundo diretor de *Core Energetics* em Nova York. Além disso, Pierrakos era diretor de institutos no México, na Suíça e na Alemanha. Outros institutos foram sendo abertos e novos dirigentes os foram assumindo. No Brasil, Karine Wilner assumiu a direção dos treinamentos em Brasília, DF, da primeira turma, que teve seu início em 1993, e da segunda turma, que se iniciou em 1997, e da qual fiz parte.

Jac Conaway ainda me contou que, como Pierrakos foi ficando cada vez mais suave, com o passar do tempo ele foi sentindo muito mais facilidade para se comunicar com seu mestre. Perguntei a Jac Conaway se ele percebeu mudanças em John Pierrakos a partir da sua vinda para o Brasil para realizar os treinamentos. Ele disse acreditar que John recebeu influência muito positiva no contato com a cultura e com as pessoas aqui no Brasil.

3.1.3 Fundamentos teóricos da abordagem psicoterapêutica em *Core Energetics*

3.1.3.1 *Core Energetics* e Nova Era

A abordagem terapêutica definida por John Pierrakos como um método evolucionário, denominada *Core Energetics*, começou a ser desenvolvida por volta de 1970. Inclui cinco níveis da existência humana: físico, emocional, mental, vontade e espiritual. Há três princípios ou teses que compõem essa abordagem:

A primeira é a de que a pessoa humana é uma unidade psicossomática. A segunda é a de que a fonte de cura reside no interior do self e não num agente externo, seja ele um médico, Deus ou as forças do cosmos. A terceira é a de

que toda existência forma uma Unidade que se move em direção a uma evolução criativa, tanto do todo como dos seus inúmeros componentes (Pierrakos, 1997, p. 15).

Considerar o corpo como um território, é restabelecer uma conexão com nossos ancestrais. Gleiser (2024, p. 13) lembrou que

[...] a conexão com a natureza por nossos ancestrais era sagrada e misteriosa, animada por espíritos. Não havia uma separação entre o natural e o sobrenatural, dado que os espíritos coexistiam nos animais, nas árvores e nas montanhas. Durante milênios tradições indígenas honraram esta tradição. Com certeza estas culturas acreditavam que somos parte da coletividade da vida, que nossa existência é frágil, e que vida e planeta são inseparáveis.

Há nos estudos de Reich e Pierrakos o resgate dessa integração, porquanto o corpo tem memória, história e passado que interagem e fazem parte da natureza e do cosmos. Pierrakos (1997) observou que, a partir da década de 1960, os movimentos em prol dos direitos civis, as lutas contra as discriminações, o compromisso com a ética, o combate às desigualdades, a defesa dos direitos das mulheres e a preocupação em preservar o meio ambiente promoveram importantes mudanças na sociedade, embora muito ainda precise ser feito. O autor afirmou acreditar que tudo isso são mensagens advindas de uma Nova Era. Ainda reiterou que “Essa consciência, cada vez mais difundida, honra a responsabilidade pessoal e indica uma dependência cada vez menor em relação a convenções estabelecidas, instituições e autoridades” (Pierrakos, 1997, p. 259).

Uma crise de valores passou a ser percebida pelas pessoas, ao mesmo tempo em que se desenvolvia uma consciência acerca das distorções sociais e os indivíduos começaram a direcionar suas verdades interiores para buscar meios de corrigir estes desequilíbrios. Dessa maneira, surgiram movimentos individuais e coletivos, que cresceram e se retroalimentaram. Consequentemente, os três princípios que norteiam *Core Energetics*, citados acima, passaram a ser buscados mais ou menos conscientemente e ativados por muitas pessoas, pois estas sentiram necessidade de corrigir “a unidade fragmentada de energia, consciência e experiência dentro de si mesmas” (Pierrakos, 1997, p. 260).

A partir da compreensão de que a fonte de cura para as distorções individuais e da sociedade reside dentro de cada um, fomenta-se a vontade de assumir a

responsabilidade pela própria vida, agir a partir da vontade, não colocando a responsabilidade ou a expectativa em um agente externo (Pierrakos, 1997). Portanto, há um movimento coletivo de despertar para as mudanças que envolvem aspectos sociais, políticos e econômicos. Juntamente com isso, ocorre a percepção de que para que essas mudanças ocorram, faz-se necessária a transformação individual, de modo que a construção do coletivo seja mais saudável. Dessa forma, ocorre uma interação entre o coletivo e social, um influenciando o outro. Como opinou Weigand (2006, p. 71): “Uma criança não nasce num vácuo, mas nasce para um casal, que pertence a uma família, inserida num grupo social, onde existem crenças e ritos religiosos que fazem parte da cultura”.

O conceito de potencial energético descrito por Reich, apresentado no início deste capítulo, está presente nos princípios da energética da Essência, e os profissionais que os adotam buscam realizar um trabalho terapêutico para resgatar e potencializar o manancial energético de cada indivíduo e possibilitar trocas e transformações. Há um despertar da consciência do todo e da unidade da vida, o que resulta em compreensão renovada da criação e confiança na evolução (Pierrakos, 1997; Reich, 1995, 2003).

Um dos objetivos do movimento Nova Era foi restabelecer o contato comunitário que auxilia as pessoas a recuperar a relação consigo e com os outros. A busca do contato com a natureza para resgatar o ritmo natural e ter mais respeito e conexão também faz parte disso (Guerriero *et al.*, 2016). Para Pierrakos (1997), a humanidade está à beira de uma nova era, que seria um estágio de desenvolvimento no qual as questões humanas podem atingir um equilíbrio mais duradouro, sendo indispensável criar atividades de movimento energético não mais para restaurar os desequilíbrios, mas visando ativar o centro criativo, porquanto o foco principal não é curar as neuroses. Em sua opinião, essa posição está pautada em quatro pilares. O primeiro é o pilar da informação. Há um acúmulo de conhecimento sobre o desenvolvimento humano e o desenvolvimento interior, bem como sobre as relações que promovem diferentes interações entre os indivíduos e com o meio ambiente.

Quando se nega o potencial criativo (Eu Superior), presente na Essência do indivíduo e com potencial para promover interações criativas e transformadoras, criam-se estagnações no processo evolutivo. Esse potencial criativo é real e foi por seu intermédio que, ao longo das eras, muitas mudanças positivas ocorreram nos

seres humanos. Afinal, é através do movimento, quer seja força combatendo força, quer sejam forças se juntando coletivamente, que as transformações ocorrem. Pierrakos (1997, p. 265) declarou que “Conseguimos dar passos tremendos quando, intencionalmente, juntamos forças para explorar integralmente a realidade, como aconteceu nas épocas de ouro: a Grécia de Péricles, a Renascença e o Iluminismo”.

O segundo pilar citado por Pierrakos (1997) é o da intenção. Além do conhecimento e da facilidade de acesso que a humanidade hoje tem para obtê-lo, a intenção de agir e pensar positivamente por parte de grupos cada vez mais extensos em busca de soluções, segundo o autor, está mais presente. Em sua análise, ele apontou que as diferenças socioeconômicas e políticas provocaram muitos conflitos e guerras e que disto resultou muito aprendizado. Esses conflitos deixaram claro que, por um lado, as desigualdades e o progresso humano não são compatíveis e, por outro, as transformações positivas individuais e coletivas podem gerar mudanças globais por meio de boas intenções e ações. A busca de mais igualdade, como complementou Pierrakos (1997), vem da onda restauradora da essência do indivíduo. A troca de conhecimento e a mutualidade entre pensamentos e contribuições a partir de diferentes áreas de conhecimento está crescendo e este é um fator que contribui para um pensamento mais amplo de busca de soluções mais eficazes. Pierrakos (1997) também considerou que os desequilíbrios materialista e formalista do Ocidente se mantiveram, contrariando o interesse das necessidades humanas interiores e a necessidade que os seres humanos têm de se colocar organicamente no universo. Há, portanto, um desafio para a construção da síntese da dicotomia entre obter sentido diante do acesso a tantos dados e conhecimento e manejar a necessidade do ser humano de se integrar física, emocional, mental e espiritualmente em ressonância com as forças cósmicas.

O terceiro pilar que sustenta a crença de Pierrakos (1997) no surgimento de uma nova era está diretamente relacionado com o segundo e se refere à responsabilidade pessoal integrada com a rede de valores públicos ou sociais. A partir da percepção energética reichiana, também adotada por Pierrakos (1997), os sistemas socioeconômico e político em que os indivíduos estão inseridos são como um corpo energético, que pode ser mobilizado para a solução de problemas a partir de um movimento individual e grupal e, assim, desobstruir as negatividades. Quando surge uma ideia transformadora através de um ou mais indivíduos, a força da vontade

e a intenção agregam mais e mais pessoas, formando um campo de força e transformação. Saliento aqui que alguns aspectos impostos por família, escola e igreja influenciam o indivíduo e o grupo social ao qual pertencem e podem gerar estagnação, apatia e subserviência, como discuti no subitem 3.1.1.

“O sistema social que não fornece soluções pode ser comparado ao indivíduo encorajado descrito por Reich”⁵¹ (Pierrakos, 1997, p. 267). Parte-se da premissa de que a transformação ocorre a partir do movimento individual que cria redes, não facultando a um dirigente ou a um sistema a responsabilidade pela mudança. A consciência de corpo social, a percepção da responsabilidade no processo de mudança individual e coletiva e a necessidade de movimento são aspectos que indicam uma nova era.

O quarto pilar que sustenta a confiança em uma nova era é a abertura do poder criativo que há nas pessoas, por intermédio de sua liberação a partir do centro humano, definido como essência ou capacidade amorosa (Pierrakos, 1997). A percepção dessa força criativa foi verificada por Pierrakos (1997), algumas vezes, em seu processo psicoterapêutico pessoal e no das pessoas com as quais trabalhou, ao liberar as defesas, flexibilizar as coraças musculares e transformar suas crenças. Pierrakos (1997, p. 267-268) reiterou que

[...] existem muitas maneiras comprovadas de se libertar o coração humano [...] Toda abordagem que leva a pessoa à sua Essência tem valor, porque leva à semente da evolução criativa. [...] o presente ciclo evolucionário da humanidade tende a corrigir a ênfase desproporcionada na mente exterior e nas conquistas materiais. [...] Estamos aprendendo que abrir o coração e o espírito abre também a razão e a vontade interiores à mente exterior. Essa abertura une a nossa verdade pessoal a todas as verdades, pois nossa Essência conhece apenas distinções – e não separações – na energia que emite e absorve.

O trabalho terapêutico corporal grupal seria uma das formas efetivas para iniciar a transformação caracterológica, afrouxando as defesas, libertando as pessoas do trauma e ativando a essência criativa.

⁵¹ Reich (1979) defendeu a ideia de que o caráter se forma como mecanismo de defesa do Ego, que protege o indivíduo das pulsões sexuais e da libido, ou seja, a energia psíquica inconsciente.

3.1.3.2 O mapa da consciência e os estágios da abordagem psicoterapêutica em *Core Energetics*

É imprescindível salientar que *Core Energetics* tem o foco na saúde inata do indivíduo, e não na doença ou no sintoma. Assim sendo, através do desenvolvimento do trabalho psicoterapêutico, propõe como objetivo restaurar o funcionamento do organismo como um todo, para que as partes comprometidas possam se restabelecer. “O terapeuta leva uma lanterna à Essência do paciente para iluminar a verdade mais interior, aquele Eu Superior que o trajeto vai encontrar” (Pierrakos, 1997, p. 201).

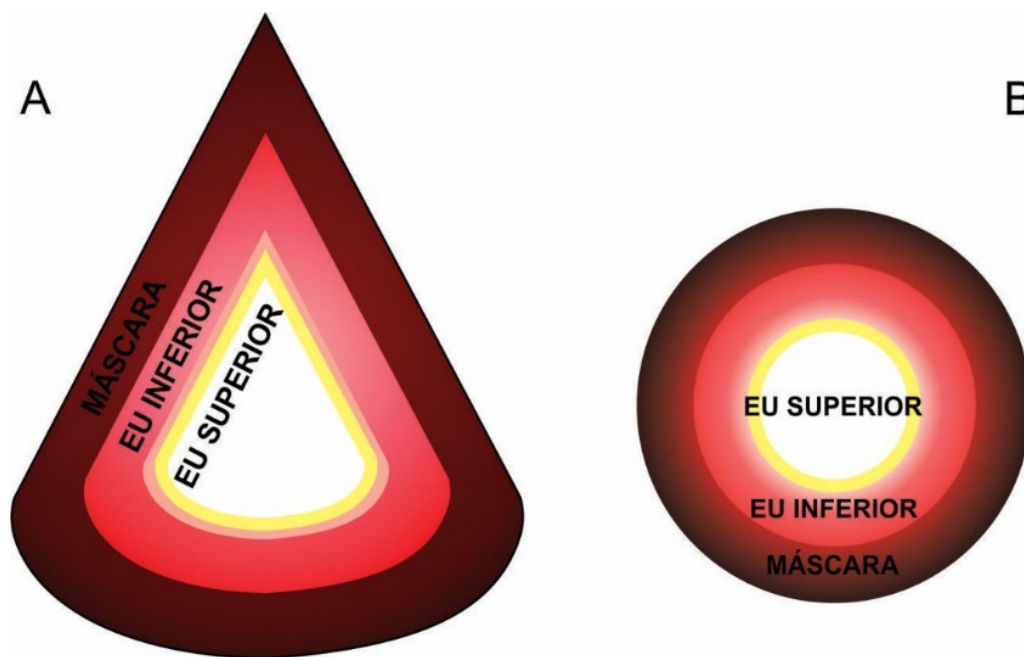
Nessa abordagem, considera-se o aspecto saudável da pessoa, que pode estar comprometido por uma série de fatores. As queixas e os sintomas apresentados no processo psicoterapêutico são pistas para melhor compreender o momento vivido pela pessoa, mas não são o principal foco do trabalho. Realiza-se um processo para limpar o caminho, de tal sorte que o Eu Superior, a luz da pessoa, volte a brilhar e ser reconhecida. Para isso, o trabalho segue determinadas etapas.

Contudo, antes de descrever essas etapas, é imperativo compreender o que Pierrakos (1997) considerou como mapa da consciência, por ele descrito como um cone composto por três camadas ou três níveis de energia (Figura 1). A primeira camada, ou centro vital, é composta de uma energia fluida, que pulsa de forma livre e desimpedida. Trata-se da Essência afirmativa, receptiva e amorosa, qualidades que conectam as pessoas com Deus, com a espiritualidade e com a confiança na pulsação criativa da vida.

Durante o trabalho psicoterapêutico, o desafio para o terapeuta, facilitador do processo, é estar em contato com a sua própria essência, para que possa efetivamente acompanhar e auxiliar no processo de transformação do cliente ou buscador. Para que isso ocorra, a busca evolutiva do terapeuta deve ser constante.

A mutualidade entre paciente e terapeuta é tal que se torna difícil descobrir um termo que define nosso papel. Tendemos a pensar em nós mesmos como guias ou ajudantes, baseando-nos no fato de que a pessoa conduz a busca de sua própria verdade, por seu trajeto único (Pierrakos, 1997, p. 202).

Figura 1. **A.** Representação do mapa da consciência preconizado em *Core Energetics* no formato de um cone. **B.** Secção do cone ao meio, mostrando os três níveis de consciência descritos em *Core Energetics*.



Fonte: Adaptada de Nunes (2020, p. 63).

Todo movimento ocorre a partir da essência, pois mesmo quando a substância e as qualidades amorosas e criativas se encontram distorcidas ou estagnadas, representadas na Máscara ou no Eu Inferior, ainda estarão no *self*, constituindo a essência. Esse é um princípio importante para que o olhar para as doenças e as distorções se torne cuidadoso e seja motivador para a criação de um novo movimento, o qual deve gerar compreensão acerca do que está acontecendo, isto é, o que influencia a distorção e promove a cura.

O movimento energético ocorre interna e externamente reciprocamente, uma vez que a vida interior flui juntamente como a vida exterior. As distorções e as doenças acontecem quando a pessoa nega ativamente o movimento interior e negligencia o movimento exterior (Calegari, 2001; Pierrakos, 1997; Reich, 1995). Indubitavelmente, há uma interação constante entre o movimento interno e o ambiente, mesmo quando a consciência deste fato esteja limitada. Por isso, é primordial compreender que a transformação individual dentro dessa perspectiva não abarca o individualismo mencionado por D'Andrea (1987), Guerriero (2021) e Teixeira (2021) quando analisam os movimentos espiritualistas que surgiram na Nova Era, mas busca-se a superação desse individualismo. Para que esse processo evolutivo ocorra, almeja-se que a

pessoa se sinta cada vez mais integrada com o outro, com o meio ambiente e com o cosmos. No dia a dia permeado pelas influências da modernidade tardia, os buscadores ainda mantêm posturas individualistas, porquanto há desafios para experienciar todos os aspectos vislumbrados por Reich para a transformação humana e por Pierrakos através dos princípios de *Core Energetics*.

Por intermédio do movimento energético da essência para fora, em contato com o ambiente social, as frustrações e as repressões acontecem. A energia pulsante desacelera, tornando-se mais densa para defender o indivíduo dos riscos da convivência. Esse movimento acontece no corpo físico e energético, e a compreensão desta dinâmica se deu através de Reich (1979, 1995, 2003), quando o autor estudou a vegetoterapia e a orgonoterapia, já citados anteriormente.

Reich (1979) postulou que, desde a fase embrionária até atingir a fase adulta, o corpo pulsante passa por diferentes experiências que despertam sensações de unidade e separação. A pulsação plasmática é efetuada nos seres unicelulares diretamente pela pulsação energética. Nos sistemas vivos mais desenvolvidos, a pulsação plasmática, ou seja, o movimento dos fluidos internos (sangue, linfa, etc.) é conduzido pelos músculos lisos e coordenado pelo SNA, que se divide funcionalmente em dois subsistemas, SNAS e SNAP. Essa pulsação, comandada pelo SNA, acontece por meio de dois tipos de movimentos. O primeiro tipo engloba movimentos de expansão, comandados pelo SNAP, através dos quais a energia, e como consequência os fluidos plasmáticos, se movimentam do centro para a periferia, o que se denomina genericamente emoção, qualificada como raiva, prazer e expressão de choro (dor). Nesses movimentos, os vasos sanguíneos se dilatam e a pele fica avermelhada e quente. O segundo tipo diz respeito aos movimentos de contração, controlados pelo SNAS, através dos quais a vida recua, sendo as emoções primárias ligadas a eles o medo e a angústia. Durante esses movimentos, os vasos sanguíneos se contraem e a pele se torna pálida e fria. Na pulsação, há movimentos de expansão e contração, e através destes ocorre o reconhecimento de si, do próprio corpo e do outro, em ressonância ou dissonância com o ambiente. Através desses movimentos, o corpo se molda, formatando a musculatura, criando crenças e comportamentos. O movimento pulsatório é o movimento da vida. Essa explicação dada em relação ao corpo acontece desde a menor partícula da matéria (bions), descoberta por Reich,

como visto anteriormente, passando pelas células, órgãos e o corpo como um todo, chegando ao universo.

Deve-se refletir sobre a essência como um aspecto da natureza humana que une os seres humanos a partir dessas qualidades amorosas e criativas, que todos possuem. Contudo, é essencial considerar que, como as pessoas não possuem as mesmas condições sociais de desenvolvimento e sobrevivência, o caminho para despertar ou sustentar sua essência é diferenciado, dependendo das condições socioeconômicas e culturais de cada indivíduo. Portanto, é necessário considerar que não temos igualdade para nosso desenvolvimento, e sim equidade. No trabalho de transformação em *Core Energetics*, é preciso trabalhar para eliminar as vulnerabilidades e transformar as diferenças.

Já a segunda camada do mapa da consciência possui qualidades agressivas e impulsos inconscientes negativos, que agem na intenção de proteger a essência amorosa (energética da Essência) ou o núcleo plasmático que pulsa (teoria biológica reichiana). Essa camada foi denominada secundária por Reich (1979) e Eu Inferior por Pierrakos (1997, p. 25), que preconizou que “Estes dois níveis representam a verdadeira realidade interior das pessoas”.

O meio social tem muita dificuldade em acolher e atender inteiramente as necessidades espontâneas da criança a partir do momento do nascimento (e até antes, ainda no ambiente intrauterino). A reação agressiva de proteção, a partir da segunda camada energética, também é desprezada, rejeitada e/ou negada pelo meio externo. Como exemplo, cito as birras infantis, com a demonstração de agressividade a partir do grito ou do choro e os traumas mais profundos de rejeição relacionados às condições sociais desta criança. Assim, uma outra camada, ainda mais densa, se forma para a adequação ao mundo social. Essa terceira camada, denominada periférica ou superficial por Reich (1979) e de Máscara por Pierrakos (1997), vai se formando ao longo do desenvolvimento infantil. A formação da Máscara abrange “o elemento de autoconsciência, o ego, o agente do pensamento autoconsciente e da vontade exterior. [...] Também é constituída de uma camada inconsciente, que influencia nas ações e percepções da pessoa” (Pierrakos, 1997, p. 25).

A Máscara é a camada que auxilia as pessoas em sua adaptação ao meio externo, ao convívio social, com a criação de papéis sociais qualificados conforme a necessidade adaptativa. A partir da Máscara, as pessoas recebem qualificações tais

como competentes, autoritárias, boazinhas, entre outras. A Máscara é a representação das qualidades da essência que foram distorcidas pelo indivíduo ao longo do seu desenvolvimento, por medo de perder o amor, de ser rejeitado, e/ou de ser machucado, de sofrer preconceitos raciais e de gênero. Como exemplos dessa distorção, cito a qualidade da pessoa genuinamente inteligente, que se torna “competente”, o líder nato, que se torna “autoritário”, a bondade amorosa, que passa a ser experienciada de forma submissa, tornando a pessoa “boazinha”. Além disso, também há as Máscaras que são desenvolvidas para lidar com preconceitos, transformando até mesmo o corpo físico (alisando e colorindo os cabelos, branqueando a pele). Através da percepção da Máscara pode-se perceber de forma mais ampla as influências colonizadoras. A Máscara pode indicar aspectos individuais e coletivos, consciência individual e de massa (Pierrakos, 1997; Pierrakos, 2007).

A partir da percepção de qualidade energética do mapa da consciência, são estabelecidas as etapas ou os planos do trabalho psicoterapêutico em *Core Energetics*, levando-se em consideração que este plano é didático, pois como se trata de trabalho energético, cada camada trabalhada abre espaço para diferentes dimensões e descobertas. É possível abrir mão ou flexibilizar o uso de uma defesa, ou Máscara, e se tornar mais flexível e amoroso em um determinado aspecto e, posteriormente, observar uma outra defesa vir à tona e, assim, sucessivamente. Em relação à dinamicidade da vida, diferentes aspectos vão aparecendo a partir das interações, advindas de novas relações ou de novas formas de se relacionar. O principal aspecto a ser considerado no início do trabalho é a percepção corporal. Afinal, o corpo representa a história congelada da pessoa (Boadella, 1985; Reich, 1979, 1995). A energia está aprisionada no corpo e o molda com base nas experiências de vida e das defesas desenvolvidas a partir de cada estratégia adotada pela pessoa, em cada fase do desenvolvimento infantil. Essas defesas e bloqueios, que podem ser percebidos no corpo adulto, ajudam a revelar a história do sujeito, que nem sempre está consciente dela.

Reich (1979, 1995) iniciou os estudos sobre as estruturas de caráter e Lowen e Lowen (1977), Lowen (1982) e Pierrakos (1997) deram continuidade a eles, observando e analisando mais detalhadamente as estratégias de defesa que moldam o corpo. Ao longo do tempo, as nomenclaturas utilizadas para classificar as defesas e os diferentes tipos corporais também passaram por mudanças (Lowen, 1982;

Pierrakos, 1997; Reich, 1979). Com a intenção de tornar essa terminologia mais flexível e mutável, John Pierrakos passou a nomear as defesas conforme suas características energéticas: estratégia esquizoide fragmentada ou dividida, estratégia oral ou subcarregada, estratégia masoquista ou sobrecarregada, estratégia psicopata ou deslocamento superior e estratégia rígida, enfatizando o aspecto energético delas.⁵²

Na primeira etapa do trabalho em *Core Energetics*, há o reconhecimento e a penetração da Máscara, em um momento relativamente curto, durante o qual há um alívio em relação à queixa que levou a pessoa a buscar o processo terapêutico e a admissão da falsificação da realidade interior. Também ocorre uma interação entre a auto-observação e as distorções vividas diariamente e entre o funcionamento do corpo e o movimento corporal (Pierrakos, 1997). A partir da percepção corporal e da visualização das estratégias de defesa predominantes, torna-se possível fazer uma leitura corporal e definir os exercícios que serão utilizados nos atendimentos.

Os movimentos corporais aumentam o nível de energia do corpo, como em qualquer exercício que estimule o aumento da capacidade respiratória. As atividades são planejadas para aumentar a capacidade dos movimentos involuntários que ocorrem nos músculos lisos, glândulas e músculo cardíaco comandados pelo SNA. Como mostrado anteriormente, no subitem 3.1.1 desta tese, quando mencionei a fase em que Reich desenvolveu a vegetoterapia, a pulsação do SNA estimula impulsos espontâneos, aumenta o fluxo de energia vital e ativa os aspectos mais sutis das defesas do caráter. O trabalho corporal, mais do que a expressão verbal, gera abertura para que as distorções emocionais e psíquicas se tornem conscientes e possam ser ressignificadas (Pierrakos, 1997).

Reich (1979) também deu os passos iniciais nos estudos sobre a importância da retomada do fluxo energético corporal através do estímulo do SNA. Outros autores contemporâneos continuaram estudando essa matéria e desenvolvendo técnicas para trabalhar as defesas advindas do desenvolvimento da personalidade e para amenizar e curar efeitos traumáticos (Berceli, 2013; Levine, 2012).

⁵² Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001. Para mais detalhes sobre as características de cada defesa, sugiro consultar Nunes (2020).

Na psicoterapia em *Core Energetics*, diferentemente da análise reichiana, em que há uma sequência no trabalho (segmento ocular ao pélvico) para flexibilizar as couraças, o trabalho acontece a partir das queixas trazidas pelo cliente. Outra diferença entre a intervenção reichiana e da *Core Energetics* é que na primeira o cliente fica em uma posição mais passiva e o psicoterapeuta intervém no corpo, ao passo que na segunda há intervenções do terapeuta por meio de toques e massagens, porém, os movimentos que o cliente se esforça para fazer são mais importantes que os induzidos pelo terapeuta. Existem três razões que justificam esse argumento, quais sejam, os exercícios feitos pela pessoa energizam o corpo imediatamente, a pessoa percebe o seu potencial e, com o passar do tempo, vai se criando um vínculo com a cura e o bem-estar de forma orgânica. Esse último aspecto pode ser semelhante ao conceito de autorregulação utilizado por Berceli (2013) quando emprega exercícios para curar o trauma e ensina a pessoa a se autorregular a partir do movimento do corpo e da respiração.

Na Bioenergética, desenvolvida por Lowen e Lowen (1977), Lowen (1982) e Pierrakos (1997), vários movimentos voluntários e de respiração são utilizados para estimular as vibrações visando restabelecer a saúde a partir da força vital. Outra postura também adotada por Lowen e Lowen (1977), Lowen (1982) e Pierrakos (1997), e explorada e analisada mais profundamente por Weigand (2006), é o *grounding* ou enraizamento, que ocorre a partir da postura em pé, com o intuito de promover vibrações e liberar tensões crônicas. A partir da exploração dessa postura, a pessoa percebe uma conexão com o chão e, através do despertar da sensação de força e vida nos pés e nas pernas, surgem sentimentos de segurança advindos desta postura (Weigand, 2006). Esse conceito foi se ampliando e diferenciando, o que não cabe aqui pormenorizar, porém o trago para rememorar a afirmação de Pierrakos (*apud* Weigand, 2006, p. 75) de que a postura de *grounding* é primordial em *Core Energetics*, porquanto, em sua concepção, “sem *grounding* teríamos pessoas espiritualizadas, mas sem consistência para atuar no mundo. Seriam como almas sem corpo”. Isso demonstra que a busca espiritual dentro dessa abordagem perpassa o autoconhecimento integrado com a percepção corporal.

Os exercícios corporais utilizados no trabalho em *Core Energetics* também evocam a expressão da fala, de sentimentos negativos e da força vital, variando as posturas deitada e em pé. Pierrakos (1997) argumentou que, além de liberar as

emoções, a energia quantitativa liberada com a mobilização corporal através de vibrações auxilia a pessoa a compreendê-la e a se responsabilizar por ela. Weigand (2006, p. 41) confirmou que

[...] o movimento vibratório representa uma volta à vida. A dor, vista como sinal de impedimento do movimento da vida nos tecidos, pode ser ultrapassada se for trabalhada em um limiar tolerável que facilite a liberação de tensões. O resultado é o alívio e, como consequência, o prazer.

A segunda etapa do trabalho terapêutico visa a liberação do Eu Inferior. Move-se o corpo para buscar, através da consciência corporal, os padrões inconscientes e a expressão dos sentimentos e das atitudes negativas. Enquanto há negação e bloqueio desses sentimentos negativos, a pessoa contrai o corpo e diminui a energia vital que traz a potência de vida (Pierrakos, 1997). O cliente e o terapeuta descobrem o padrão de negação presente no corpo físico, na estratégia de defesa, na aura e nas situações conflituosas, criadas na sessão e no cotidiano. Busca-se o significado das atitudes negativas, a intenção de mantê-las camufladas e como são racionalizadas.⁵³

Como bem argumentou Calegari (2001) quando discorreu sobre a teoria de Reich, a percepção já ocorre no nível dos seres unicelulares, pois cada célula de nosso organismo se percebe e, a partir desta percepção, está apta a desempenhar as demais funções para as quais se especializou. A função primária da percepção leva ao desenvolvimento da vivência psíquica, enquanto a pulsação plasmática origina a vivência corporal. Além disso, a partir dessas duas funções primárias, vivência corporal e psíquica, as pessoas organizam sua consciência. Consequentemente, movimentando o corpo, aumentam a percepção e obtêm mais consciência.

A tendência em sabotar o potencial criativo vai muito além da compreensão volitiva, pois está inserida profundamente em camadas de sentimentos presentes desde o nascimento, lembrando sempre do aspecto socioambiental que o permeia. É imprescindível liberar as emoções, que fornecem energia para manter as atitudes defensivas e, em seguida, compreender como e porque as emoções são mal direcionadas. Trata-se de um trabalho de autoconsciência e autodireção, para o qual a mente e a vontade são acionadas (Pierrakos, 1997).

⁵³ Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

As negatividades não conscientes e não mobilizadas se unem com a Máscara e, daí, surgem os julgamentos agressivos e os preconceitos. A energia estagnada nesse processo causa sensação de apatia e os corpos se apresentam “encouraçados”, como Reich conceituou, ou os seres humanos se mostram normóticos, como definiram Weil, Leloup e Crema (2017), tendo a doença da normalidade, carecendo empregar diferentes recursos comportamentais para seu ajustamento ao sistema.

Ainda no segundo estágio, quando são evocadas as negatividades primais não distorcidas (agressividade protetora), o cliente para de culpar o outro e/ou o sistema e assume as emoções negativas que sente. Trata-se de uma tomada de consciência muito importante para que a pessoa assuma os sentimentos negativos que foram úteis para a sua sobrevivência. Além disso, a pessoa é encorajada, aos poucos, a expressar esses sentimentos, assim percebendo a força que esteve paralisada para esconder suas negatividades (Pierrakos, 1997).

Muitas experiências que a pessoa teve ao longo da vida e evocaram ódio, raiva ou medo, e não foram expressas por conta da proteção da Máscara, estão escondidas. Há uma compreensão profunda de que esses sentimentos primitivos estão defendendo a essência, e isso é encorajador para que sejam expressos. A partir da sua experiência, Pierrakos (1997, p. 216) advertiu que “Esse movimento é, muitas vezes, doloroso e amedrontador”. À medida que essas emoções negativas são expressas, a essência vai se manifestando e uma força nova e motivadora surge. Com a liberação energética, o corpo e o Ego ficam mais potentes, sendo capazes de explorar com mais facilidade a relação entre as negatividades primais e as defesas periféricas.

O trabalho terapêutico em *Core Energetics* evolui à medida que a pessoa aprende a aumentar seu potencial energético, a liberar os incômodos e a autorregular sua energia/força. Com vontade, energia e força pode-se caminhar para substituir as intenções e os conceitos negativos por positivos.

Para Pierrakos (1997), o trabalho consiste em uma dura batalha de liberação dos bloqueios físicos e das emoções para que os conteúdos inconscientes possam se tornar conscientes, de modo que sejam compreendidos e transformados. Quando a compreensão ocorre só no nível intelectual, a mudança não é efetiva.

É fundamental realizar o movimento e evocar sons. Esses movimentos podem despertar memórias e sentimentos, como a raiva. A partir da raiva expressa há um aprofundamento na sensação corporal, o que pode levar até a imagem em que houve uma rejeição ou um abandono logo após o nascimento ou outro evento ocorrido durante a infância. A raiva se transforma em dor. A energia mobilizada traz força para que a pessoa se observe e, aos poucos, compreenda o fato ocorrido, sem se perder nas emoções que desestruturam os seus comportamentos e afetam a sua vida. Tudo isso é apoiado pelo *grounding*, sempre presente no processo (Pierrakos, 1997).

Pierrakos (1997) elucidou que os antigos padrões de comportamento e pensamento podem retornar, porque a vontade pode estar presente acima e abaixo da autoconsciência. A pessoa escolhe manter a estratégia de defesa por medo que, ao expressar as emoções primárias, possa ser punida como na infância. Todas as formas de bloqueio estão relacionadas com a recusa em perceber o fluxo de energia no organismo, ou seja, em sentir a emoção. A recusa mental está ligada a uma ideação negativa no plano da vontade, porque há tendência de retirar-se do movimento da vida, por ser isto uma experiência mais conhecida. Unidos, esses dois impedimentos formam uma atitude negativa sistêmica. A consciência fica restrita pela limitação existencial e pela influência da história individual de negação. Dessa maneira, a pessoa constrói conceitos incompletos, crê no potencial da essência, mas não vive isso (Pierrakos, 1997). Esse aspecto, de que se pode crer na essência, mas não a deixar se manifestar, é percebido em muitos discursos religiosos e espiritualistas. Pode-se hipotetizar que esses indivíduos desenvolveram a máscara da espiritualidade/religiosidade. Imperioso considerar que a mudança ocorre por meio de um processo contínuo ao longo de toda a existência, pois há situações individuais e coletivas, dentro do contexto de um sistema carregado de opressões e preconceitos.

Renunciar às crenças negativas significa encarar a realidade e construir novos caminhos de pensamento. A mente consciente precisa dar forma aos conceitos positivos e, com a força da vontade, desenvolver a intencionalidade positiva para escolher a vida e não se encolher e se retirar dela (Pierrakos, 1997). Confiar na mudança de comportamento passa pela confiança no outro e na segurança de se manifestar de uma nova forma no antigo contexto social.

O processo de identificação e retirada da Máscara e de reconhecimento e expressão das negatividades primais abre espaço para a manifestação do Eu

Superior. Certamente, é um trabalho longo de abertura e resistência, devendo-se levar em consideração que

[...] A Energética da Essência continua onde param outras abordagens terapêuticas: depois da resolução das disfunções [...] o terceiro e quarto estágios são destinados a desenvolver o caminho da pessoa em direção à unificação com toda a existência. [...] No terceiro estágio, a prática fundamental é a meditação, que ajuda a reorientar a consciência e a intencionalidade, do negativo para ao positivo. [...] O objetivo do trabalho é ajudar o ser humano a libertar sua Essência (Pierrakos, 1997, p. 221-222).

Conforme idealizou Pierrakos (1997), a terceira etapa do trabalho em *Core Energetics* compreende centrar-se no Eu Superior. Nesse momento, o cliente já recuperou boa parte do seu funcionamento energético, tornando-se capaz de reconhecer as suas qualidades genuínas, deixando acontecer mais livremente o movimento de dentro para fora, utilizando a força do Eu Inferior para colocar limites contra as agressões externas, adquirindo consciência acerca do uso da Máscara e, quando se sente inseguro, a utilizando como forma de proteção temporária. Também sente mais confiança no Eu Superior e tem maior percepção das intencionalidades negativas que impedem o fluxo criativo e amoroso. E, assim, o processo continua.

A quarta etapa é a descoberta do plano de vida, que consiste em ampliar todos os sentimentos básicos, que foram explorados na terapia até o momento, para o tempo e o espaço futuros, tendo confiança de que tudo está de acordo com a Consciência Superior e o movimento de reciprocidade. Pierrakos (1997) advertiu que o trabalho de potencializar a essência criativa e amorosa em cada ser humano deve acontecer durante toda a vida. Ora com o auxílio de uma pessoa (terapeuta, guia), ora sozinho, com técnicas de autoconhecimento e dedicação. Para o autor, sempre haverá novas resistências, bloqueios e áreas de negatividade que devem ser trabalhados. Em muitos momentos de sua obra, ele mencionou a dificuldade que o ser humano tem em confiar no movimento “para fora” a partir da força amorosa.

A resistência que a pessoa mantém no corpo, como descreveu Timmermans (2018), está relacionada ao sim e ao não à vida. O não à vida estaria ligado ao Eu Inferior, que sabota o processo de transformação; porém, a maioria das pessoas não tem consciência dessa dinâmica. Quando se auxilia a pessoa a ter consciência e a expressar corporalmente o “não”, ela ficará mais consciente de como se abstêm do “sim” e da sua realização e satisfação real. Em todo o processo de resistência e de

sustentação desse “não”, há muita força que, ao ser mobilizada no corpo, enseja a possibilidade de mudança e o acolhimento do “sim”. O trabalho em *Core Energetics* enfatiza a importância da transformação das negatividades porque

Não existem atalhos. É ilusório acreditar que se pode agir diretamente da Essência, através de um ato de vontade, sem primeiro penetrar na Máscara e nas defesas de caráter para redirecionar as energias negativas. Quando purificadas, essas energias contêm muita beleza, verdade e criatividade (Pierrakos, 1997, p. 274).

Ao incluir as palestras que compõem o trabalho do *Pathwork* desenvolvido por Eva Pierrakos em sua obra, Pierrakos (1997) defendeu que os métodos que podem transcender a psicoterapia tradicional, incluindo a espiritualidade, podem auxiliar o ser humano a descobrir seu mais alto potencial de transformação e realização. A junção entre as práticas psicológicas e as espirituais, como é feito em *Core Energetics*, dá bom resultado. *Core Energetics* vai além da psicoterapia, porque trata os processos neuróticos como questões colaterais, e ultrapassar estas dificuldades é apenas uma etapa do trabalho, que tem como meta principal ativar a Essência, o Eu Espiritual do ser humano. Em toda a explicação acerca dessa abordagem, Pierrakos (1997) salientou que realizar o trabalho de transformação não é uma tarefa fácil e pode ocorrer durante toda a vida da pessoa.

A espiritualidade é o estado mais profundo e de mais sentido para a existência humana, pois faz parte da nossa realidade, que inclui desafios, derrotas e conquistas. Para alcançar essa fonte de confiança, bem-estar e prazer, torna-se necessário assumir as negatividades, sentir e expressar a dor, pois, acima de tudo,

Espiritualidade não é nada abstrato. São todas as manifestações de amor, e em todos que estão apaixonados. No estado de amor temos uma vontade, uma vontade que vem do coração. Esta vontade tem de ser alimentada com energia e fogo o tempo todo (Pierrakos, 2016, p. 66, tradução minha).⁵⁴

Adotando os conceitos vindos do *Pathwork*, a confiança na essência ou no Eu Superior deve ser acionada na quarta etapa do trabalho. Espera-se que a pessoa, depois de mergulhar e transformar parte de suas negatividades, possa abrir mão do controle e deixar o processo a cargo de Deus, conforme colocou Thesenga (2016). A autora considerou a prece, a meditação e a invocação das energias do Eu Superior

⁵⁴ “Spirituality is not anything abstract. It is all manifestations of love, and in all who are in love. In the love state that have a will, a will from the heart. This will has to be fed with energy and fire all the time.”

como instrumentos importantes em todo o processo de transformação. Só assim seria possível enfrentar as profundezas do Eu Inferior, pois “Precisamos invocar as energias espontâneas do Eu Superior, e a orientação e a graça de Deus e do espírito mundial de Deus, para que a transformação se efetue” (Thesenga, 2016, p. 226). Por seu turno, Pierrakos (1997, p. 224) salientou que “existe um princípio criativo e unificador, para o qual caminham todas as criaturas vivas. Muitos o veneram como Deus. Eu o venero como o deus que todo ser humano é”. Em contrapartida, Reich (2003, p. 84) opinou que “A consciência da lei do amor leva à consciência da lei da vida que por sua vez leva à consciência de Deus”.

Calegari (2001) teceu uma simbologia a partir da teoria reichiana com o homem, Deus e o Diabo. Na cabeça racional, com ideologias, crenças e controle, está o “homem”. No peito, estão presentes os anseios de ser amado, valorizado, acolhido e há alegria, amor e espontaneidade. No coração, residem a alma e uma parcela de Deus em nós. Na pelve, há toda possibilidade de prazer, mas intensamente contida e reprimida, é matizada com conceitos de feiura, sujeira, maldade e pecado, sendo aí assentado o Diabo.

Ainda salientou Calegari (2001) que a existência de Deus e do Diabo fora do indivíduo são expressões simbólicas das vivências fragmentados decorrentes dos bloqueios internos (corporais, mentais e emocionais). O conceito de Deus se torna cada vez mais separado e distante conforme a pessoa percebe a distância e o bloqueio dos seus próprios sentimentos, da Essência ou do Eu Superior. Analogamente, cria-se uma imagem de um Diabo tanto mais assustador quanto mais intensos e perversos forem os impulsos negativos contidos, disfarçados pela Máscara. Esses impulsos negativos contidos alimentam a maldade e o fermento cria e avoluma o Diabo.

O homem encorajado vive a tensão e busca o controle sobre as próprias sensações que desconhece e sobre o ambiente. Anseia por relaxamento, por sentido, pelo divino. Teme o Diabo, alimentado pelos impulsos perversos conscientes e inconscientes. Há uma harmonia entre o homem, Deus e o Diabo desde que um não invada o espaço do outro (Calegari, 2001).

Ao tecer suas considerações a esse respeito, Calegari (2001) ponderou que a mente racional (o homem) observa os problemas, tenta resolvê-los, mas não os compreender, vivenciá-los e integrá-los. Deus está distante do homem, em outro

reino. Caso o homem se aproxime dele, um conflito maior surge, pois como Deus e o Diabo têm a mesma natureza, ambos estão ligados às sensações viscerais e a vigilância ao aproximar-se de Deus precisa ser redobrada. Quanto mais a pessoa se abre para as vivências místicas, mais energias negativas ela tem de enfrentar. Como Deus está conectado com a vivência peitoral profunda, está mais próximo da cabeça do homem. Já o Diabo está mais distante, no centro expensor sacral, e o seu império está fadado à obscuridade, apesar de ser vital. Como está contra o homem e a estrutura social, será perseguido, exorcizado, queimado e crucificado, preso e submetido a experiências medicamentosas. Para sofrer essas perseguições, o homem não precisa aceitar o Diabo, basta estar a favor da vida, como ocorreu com Jesus, Galileu, Reich e tantos outros.

O Diabo é a expressão do medo das partes ocultas. A única solução apontada por Calegari (2001) reside na integração do ser humano sem a negação de nenhuma das partes. Acredita o autor que, em algum momento futuro, a evolução humana caminhará para abarcar o humano, o divino e o diabólico. Nesse momento, esses conceitos não farão mais sentido, pois são fruto de uma divisão interna. Precisamos baixar a cabeça, reconhecer o amor e acolher o Diabo.

Thesenga (2016) explicou que a transformação e a integração não ocorrem de forma linear. Os estágios se sobrepõem ou se entrelaçam. Durante um certo tempo, pode-se trabalhar a Máscara, mover o Eu Inferior, transformar muitas negatividades. Em outro momento, é preciso aguardar, se recolher, fortalecer o Eu Superior, a intencionalidade positiva, a luz, para ir mais fundo na compreensão dos aspectos difíceis de serem transformados. Trata-se de uma espiral, que vai se aprofundando cada vez mais.

3.2 CORE ENERGETICS NO BRASIL: ADVENTO, TRANSFORMAÇÕES E COMPREENSÃO DA REALIDADE CONTEMPORÂNEA

A partir deste subitem, aponto em uma realidade local. Ao atracar o barco na abordagem descrita no Capítulo 3 desta tese (*Core Energetics: abordagem psicoterapêutica corporal, energética e espiritual*), sob as influências dos aspectos discutidos no Capítulo 2 (*A busca de sentido existencial: mudanças*

religiosas/espirituais a partir da modernidade), convido meus leitores a desembarcar comigo no solo (contexto) descrito no Capítulo 1 (*O Brasil durante e após a pandemia de COVID-19*). Assim, juntos, poderemos interagir como um universo composto de um grupo de pessoas que fazem parte da “Comunidade *Core Energetics* no Brasil” e, ao pinçar uma amostra desta comunidade, eu os conduzirei a uma pesquisa de campo.

A vinda de John Pierrakos para o Brasil trouxe novos elementos para a abordagem *Core Energetics*, como a introdução de determinados ritmos musicais no trabalho corporal, além do interesse dele pelos aspectos culturais e místicos aqui presentes. Após sua morte, o trabalho no Brasil continuou com uma equipe majoritariamente brasileira, de modo que a inserção da nossa cultura e de necessidades específicas dos indivíduos de nosso país se fez presente. O momento da pandemia de COVID-19, somado às dificuldades impostas por um cenário político de ultradireita, intensificou muitas reflexões na comunidade, incluindo pautas sobre gênero, racismo e decolonialismo.

Rever o conteúdo biográfico e entrevistar alguns personagens que compõem a história da *Core Energetics*, desde os primórdios nos Estados Unidos e no Brasil, me auxiliaram a tecer a compreensão acerca deste campo fértil, que visa transformar o ser integral (físico, mental, emocional e espiritual), investigar e responder as perguntas que me instigam para validar (ou não) a hipótese proposta na construção desta tese. Vejamos se, na atualidade, essa abordagem busca, através da Rede Brasil *Core Energetics*, refletir sobre o contexto socioeconômico e político no qual os membros desta comunidade estão inseridos e se flerta com a possibilidade de realizar ações coletivas.

3.2.1 A chegada da abordagem psicoterapêutica em *Core Energetics* no Brasil

Em 1993, chegou ao Brasil a abordagem terapêutica denominada *Core Energetics*. Para situar historicamente o evento, colhi alguns relatos de pessoas que participaram de formas diferentes do processo de chegada de John Pierrakos em terras brasileiras a fim de reconstruir partes desta trajetória, que não tem muitos registros. Tive o intuito de perceber um pouco mais a relação entre a personalidade

de John Pierrakos e o movimento *Core Energetics* no Brasil, além de me aproximar do criador desta abordagem psicoterapêutica, suas buscas aqui no Brasil e a espiritualidade.

Em 19 de março de 2023, estabeleci contato via WhatsApp com Luiz Otávio Campello Montezuma,⁵⁵ que na época da vinda de John Pierrakos para o Brasil fazia parte da administração da UNIPAZ em Brasília, DF. Ele prontamente concordou com sua participação neste estudo e, em 5 de junho de 2023, respondeu aos meus questionamentos me enviando um texto pela mesma via. Dessa forma, ele me relatou que

Reuniões de Colegiado, realizadas todas as quintas-feiras pela manhã na Universidade Internacional da Paz em Brasília, sempre fizeram parte do processo da condução administrativa e pedagógica da UNIPAZ. Dessas reuniões participavam a presidência da Fundação Cidade da Paz, a reitoria da UNIPAZ, tendo como reitor Pierre Weil, e coordenadores dos diversos projetos da instituição. Em uma dessas reuniões de Colegiado, ocorrida no ano de 1992, discutiu-se sobre terapia corporal e a importância da UNIPAZ contar com uma formação que tivesse este enfoque. Naquele momento, a Senhora Ruth Grinberg, que à época participava da equipe, sugeriu que convidássemos o Dr. John Pierrakos, que havia sido cliente do Dr. Wilhelm Reich, e havia colaborado com o Dr. Alexander Lowen no que veio a ser chamado de Bioenergética, e teria desenvolvido um novo trabalho denominado *Core Energetics*. Decidiu-se, então, convidá-lo, por meio de um número de fax do *Institute of Core Energetics* [Instituto de *Core Energetics*], sediado em Nova York, a vir à UNIPAZ, em Brasília, para dar um primeiro seminário. Para nossa surpresa, a resposta afirmativa e a programação para a vinda foram praticamente imediatas.

Ainda complementou Luiz Otávio Campello Montezuma que, por ter fluência em inglês, foi escolhido para auxiliar as demandas de Pierrakos e ser seu interlocutor no processo de comunicação com os profissionais que estavam interessados em organizar o curso aqui no Brasil. Assim, ele me contou que

Ao longo deste período, acabamos desenvolvendo uma relação de profunda amizade e confiança, em relação à qual sinto uma profunda gratidão. Durante todos esses anos, aproximadamente 8 anos, demonstrava uma contínua preocupação e cuidado com o acompanhamento e o tratamento da filha, que sofria de esclerose múltipla e permanecia em Nova York. Somou-se a isso, já ao final do período de formação do segundo grupo, um enorme abatimento e tristeza em função de um grande desfalque aplicado por um antigo funcionário de sua confiança pessoal às reservas financeiras do *Institute of Core Energetics* [Instituto de *Core Energetics*] em Nova York. Pouco tempo depois, em fevereiro de 2001, nosso precioso amigo veio a falecer. E a

⁵⁵ Luiz Otávio Campello Montezuma, 66 anos de idade, casado, graduado em engenharia civil e pós-graduado em mecânica dos solos, mora em Brasília, DF. Ele fez formação em *Core Energetics* na segunda turma no Brasil, de 1997 a 2001, junto comigo, mas não atua como terapeuta em *Core Energetics*.

condução da formação da turma subsequente foi assumida pela Dra. Karyne Wilner, então diretora daquele instituto.

Luiz Otávio Campello Montezuma decidiu ser aluno da segunda turma de formação em *Core Energetics* no Brasil e manteve uma relação próxima com Pierrakos. Quanto aos aspectos pessoais que ele citou em seu relato, Pierrakos compartilhava com a turma de alunos estes desconfortos que vivia na época. Em relação à sua filha, que estava doente, em uma vinda ao Brasil, John Pierrakos resolveu fazer uma visita ao centro espírita Casa de Dom Inácio de Loyola, na cidade de Abadiânia, GO, para fazer uma consulta com João de Deus.⁵⁶ Ao voltar da consulta, estava bastante reflexivo e relatou para a turma de alunos, da qual eu fazia parte, que não havia tido uma boa sensação naquele lugar.

Burger (2014) declarou que acompanhou Pierrakos em uma visita ao Vale do Amanhecer, em Planaltina, DF. Lá, Pierrakos fez muitas perguntas e examinou tudo o que lhe foi possível. No dia seguinte, não estava se sentindo bem e disse para Burger que a energia de lá não era muito boa e isto o havia afetado. Outra cena descrita por Burger (2014) foi a visita de Pierrakos ao Templo da Legião da Boa Vontade em Brasília, DF, onde ele caminhou até o centro da espiral desenhada no chão e ficou em silêncio por alguns minutos, deixando o seu corpo vibrar, concentrado, sem se importar com as pessoas que lá estavam.

O lado místico de Pierrakos, criticado por Lowen (2007), aparecia nas buscas espirituais que ele fazia aqui no Brasil. Em sua autobiografia, Lowen (2007, p. 94) desabafou que “Um dos desastres que se abateu sobre a bioenergética foi a guinada de Pierrakos para o misticismo”. Ele também tinha muitas críticas ao trabalho de Eva, pelo qual John se encantou. Chegou ao ponto de dizer que John estava desenvolvendo delírios, alegando que Reich criticava o misticismo, pois era naturalista. Na visão de Lowen (2007, p. 95), a partir de Reich, “o misticismo decorre da interpretação dos eventos sob prisma dos sentimentos íntimos de cada um [...], a ciência não tem lugar no misticismo, ao passo que sensações e sentimentos não encontram espaço na ciência.” Lowen (2007) fez colocações bem duras, não levando em consideração o quanto Pierrakos (1997) pesquisou sobre energia e aura, tendo

⁵⁶ Médium e curandeiro que foi preso em dezembro de 2018, julgado por crimes sexuais, entre outros, e condenado a penas que já somam quase 500 anos de reclusão (Costa, 2023).

realizado experimentos com testes no departamento de física da *Princeton University* [Universidade de Princeton] e, além disso, citou os estudos e a influência do filósofo francês Henri Bergson a partir do conceito de *élan vital*.

Provavelmente, no período em que Lowen e Pierrakos viveram a ruptura, a partir da chegada de Eva na vida de John, muitos sentimentos estavam envolvidos, os quais justificam os comentários de Lowen (2007). No estudo antropológico da religião, Geertz (2017) considerou a necessidade de uma análise dos significados presentes nos símbolos que formam a religião propriamente dita, do relacionamento destes sistemas simbólicos com os processos socioestruturais e psicológicos e da importância desta estrutura simbólica para a nomia do sujeito. Ao se debruçar sobre o tema espiritualidade e descrever a sua importância para o ser humano, e se aproximando do que Geertz (2017) enunciou sobre religião a partir da cultura, Lowen (1995, p. 15) salientou que

Se aceitarmos a ideia de que os seres humanos são criaturas espirituais, também teremos que admitir que a saúde está relacionada com a espiritualidade. Estou convencido de que a perda do senso de ligação com outras pessoas, com os animais e com a natureza tem como resultado uma séria perturbação mental. Num nível cultural, chamamos essa perturbação de anomia. Num nível individual, descrevemo-la como uma sensação de isolamento, solidão e vazio que pode levar as pessoas a uma depressão ou, em casos mais graves, a um retraimento de natureza esquizoide.

Naquele momento de ruptura, Lowen (1995) adotou o paradigma holístico, relacionando a vitalidade corporal com a espiritualidade, até certo ponto semelhante ao que trouxe Pierrakos na abordagem *Core Energetics*. Coincidentemente, ambos defenderam a importância de incluir o corpo e movimentá-lo nesse processo.

O primeiro trabalho realizado por John Pierrakos no Brasil, um seminário no curso de pós-graduação de psicologia transpessoal da UNIPAZ, ocorreu em julho de 1993. Sobre esse momento, ouvi diferentes relatos, que transcrevo abaixo.

Quando eu cheguei lá, era uma tenda daquelas de casamento, branca, maravilhosa, na quadra de esportes da UNIPAZ, em frente à Casa da Cachoeira. E assim, pros meus olhos completamente arregalados, havia 250 pessoas lá. Aquele homem era fascinante... O modo como ele fazia o trabalho corporal... E a primeira fala dele, explicando Eu Inferior, Eu Superior e Máscara... Alguma coisa que eu conhecia daquele desenho clássico do livro *A função do orgasmo* [Reich, 1995], em que Reich coloca no centro o cerne

biológico, a formação da angústia, ele explicou sobre uma perspectiva da espiritualidade (Lucia Helena Dessaune de Alencastro).⁵⁷

John mencionou que viria ao Brasil dar um seminário em 1993. Aida indicou meu nome para ser o tradutor. Tivemos cerca de 250 pessoas participando do evento. Então, ficou claro que havia interesse em oferecer a formação no Brasil. Em 2 de julho de 1993, uma sexta-feira, às 15h, começou o primeiro trabalho de John Pierrakos no Brasil. A UNIPAZ providenciou um toldo gigantesco para cobrir a quadra externa, a fim de receber as pessoas provenientes de todo o Brasil. John e eu ficávamos de pé, num tablado central, com dois microfones. Ele conduzia trabalhos individuais, depois explicava o que havia feito. Ele provocava, seduzia, tinha amplo repertório para que algo verdadeiro ocorresse. Não tinha medo (Miklos Burger).⁵⁸

Embora as pessoas que entrevistei tenham lembrado que o primeiro trabalho de John Pierrakos no Brasil foi um tanto caótico, conforme me descreveu Lucia Helena Dessaune de Alencastro, no final do terceiro dia, ele compartilhou com os participantes que estava completamente apaixonado pelo campo de energia do Brasil e pelos brasileiros. Complementou que gostaria de dar continuidade a esse processo, aqui fazendo uma formação em *Core Energetics*. Ainda informou que quem estivesse interessado poderia se inscrever, porque ele estaria disponível para trabalhar mais dois dias (segunda e terça). Imediatamente, cerca de 100 pessoas se inscreveram.

Em relação ao elevado número de pessoas, Lucia Helena Dessaune de Alencastro esclareceu que, inicialmente, John Pierrakos foi convidado para um seminário no curso de pós-graduação em psicologia transpessoal da UNIPAZ.

⁵⁷ Realizei duas entrevistas on-line com Lucia Helena Dessaune de Alencastro, tendo sido a primeira em 15 de junho de 2023, durante 47 minutos, e a segunda em 13 de julho de 2023, durante 1 hora e 38 minutos. Ela é graduada e pós-graduada com John Pierrakos, pelo *Institute of Core Energetics* [Instituto de *Core Energetics*] em Nova York, conselheira espiritual do *New York Pathwork board* (*CorePath1*) [Conselho de *Pathwork* de Nova York (*CorePath1*)], especializada em didática dos ensinamentos canalizados por Eva Pierrakos no *CorePath teacher training* [Treinamento de professores *CorePath*], com Erena Bramos e Jac Conaway, especializada em terapia reichiana, com Dimas Callegari, especializada em constelação familiar pelo *Hellinger-Institut Landshut* [Instituto Hellinger de Langshut], na Alemanha, especializada em *trauma releasing exercises* [exercícios de liberação de trauma], com David Bercelli, especializada em educação e gestão ambiental, pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, pedagoga, orientadora educacional, criadora do Viver *Core*, da Universidade Federal de Goiás e Universidade de Brasília, diretora geral e pedagógica da Rede Brasil *Core Energetics* e co-autora do livro *Flexibilizando a couraça muscular* (Resende, 2022).

⁵⁸ Realizei contato com Miklos Burger via email em 20 de março de 2023, que imediatamente respondeu às perguntas que enviei. Em abril de 2023, gentilmente, me enviou via postal dois dos livros de sua autoria (Burger, 2014, 2015) para me auxiliar nesta pesquisa. Psicólogo, 69 anos, especializado em psicologia clínica, graduado e pós-graduado em *Core Energetics*, que embora não atue como terapeuta nesta abordagem incorporou os ensinamentos de John Pierrakos em tudo o que realiza.

Contudo, como o custo era muito elevado, o convite se estendeu para mais pessoas, chegando a aproximadamente 250 inscritos para um trabalho corporal grupal.

Por seu turno, Milton Fernandes⁵⁹ me declarou que este número de pessoas foi muito surpreendente, visto que naquele momento Pierrakos nem era muito conhecido no Brasil. Naquela época, muitos profissionais interessados em psicoterapia corporal tinham como maior referência Alexander Lowen. Milton Fernandes comentou que “Eles conseguiram um *workshop* de 250 pessoas que eu até hoje não entendo. E penso que Pierrakos nunca imaginou trabalhar com tantas pessoas em um grupo. Formou-se um campo poderoso de preparo para a formação.”

Luiz Otávio Campello Montezuma disse que a UNIPAZ teve de contornar várias situações difíceis em relação ao evento, incluindo ameaças de alguns psicólogos em chamar o Conselho de Psicologia para interditar o trabalho, pois ficaram assustados com as catarses que ocorreram em um grupo tão grande. John Pierrakos solicitou que a UNIPAZ convocasse os terapeutas presentes, que faziam parte do quadro de profissionais daquela instituição, para auxiliá-lo, apesar de não terem experiência em relação à abordagem *Core Energetics*, e assim o trabalho aconteceu.

Em fevereiro de 1994, teve início a primeira turma de *Core Energetics* no Brasil. Até então, John Pierrakos havia ministrado cursos nos Estados Unidos, Alemanha, Holanda, Itália, Suíça e México. Ele veio acompanhado por Karine Wilner, uma das professoras do *Institute of Core Energetics* [Instituto de *Core Energetics*] de Nova York (Burger, 2014). De acordo com Lucia Helena Dessaune de Alencastro, a primeira turma tinha 75 inscritos, incluindo pessoas de Portugal, Argentina, estados do Nordeste, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Brasília. Havia muitos profissionais que já haviam feito cursos de Bioenergética, sendo alguns considerados referência em sua área de atuação, como Dimas Calegari, médico e psicoterapeuta, profundo conhecedor da obra de Wilhelm

⁵⁹ Tive a oportunidade de entrevistar Milton Fernandes presencialmente em uma cafeteria em Goiânia, GO, em 14 de junho de 2023, durante 30 minutos. Sociólogo, 74 anos, graduado pela *Sorbonne Université* [Universidade Sorbonne], Paris, França, e pós-graduado em sociologia do desenvolvimento pela mesma universidade, pós-graduado em planejamento ambiental pelo *Instituto Agronómico Mediterráneo de Zaragoza* [Instituto Agronômico Mediterrâneo de Saragoça], Saragoça, Espanha, psicoterapeuta em *Core Energetics*, dinâmica energética do psiquismo, professor na Rede Brasil *Core Energetics*. Atualmente, reside em Vitória da Conquista, BA e ministra *workshops* em várias localidades do Brasil.

Reich, Odila Weigand, psicóloga, psicoterapeuta e uma das fundadoras do Ligar Instituto de Psicoterapia Corporal e Desenvolvimento Humano, em Americana, SP.

O trabalho com essa primeira turma aconteceu durante cinco dias, com aulas teóricas, práticas de leitura corporal e trabalho terapêutico. Lúcia Helena Dessaune de Alencastro assim discorreu sobre aquele evento:

Nesse primeiro módulo, eu fiquei, em princípio, muito assustada, porque o John pegou algumas pessoas pelo pescoço e abaixou o pescoço das pessoas. E as pessoas não cediam e ficavam brigando e se arrastavam com ele pelo salão no entorno. Todo o nosso trabalho era feito conosco só com roupa de banho. E aí, quando esfriava ou chovia, a gente continuava com a roupa de banho, enrolados em lençóis. Com o passar do tempo, ele cedeu para que mantivéssemos a roupa de banho embaixo da roupa que estivéssemos vestindo. Havia espelhos na sala e um foco muito grande na observação corporal. Na segunda vez que ele veio, estávamos em uma grande roda e ele chamava cada um pra caminhar em direção a ele [...]. Na vez que eu andei em direção ao John, ele estava no centro e 75 pessoas em torno. Eu caminhei e ele falou: “Todos estão vendo a forma que ela faz? Quem identifica os olhos dela?”. E ele falou pra mim: “Pare de me olhar com esse olho aspirador”. *Vacuum cleaner eyes*. Se não fosse Milton Fernandes, terapeuta baiano, que tava hospedado na minha casa, eu não teria voltado, porque eu fiquei em pânico de todas as pessoas olharem e ouvirem ele me chamar de *vacuum cleaner eyes* [risos]. Ele fazia coisas tão mais intensas com outras pessoas que, no final, eu acabei acolhendo a visão do Milton: “Olha, ele só falou isso! Ele te acolheu. Ele não te descascou” [risos].

Burger (2015) descreveu esse movimento citado por Lucia Helena Dessaune de Alencastro, com o qual Pierrakos agarrava o cliente pela nuca em um golpe inesperado. Explicou que é profundamente curativo para a pessoa orgulhosa e rígida. Diante da surpresa, a pessoa que costuma controlar suas ações e emoções a maior parte do tempo se percebe vulnerável e entra em contato com uma fragilidade profunda.

Burger (2014) explicou que o fato de John Pierrakos solicitar aos alunos que ficassem de sunga e biquini tinha como finalidade que eles aprendessem a fazer a leitura corporal e percebessem onde havia os bloqueios energéticos. Durante esse processo, eram exaustivamente estudados os cinco tipos de estratégias de caráter: esquizoide (fragmentado), oral (subcarregado), masoquista (sobrecarregado), psicopático (deslocamento superior) e rígido.

Quando Pierrakos vinha uma vez por ano ao Brasil, cada estudante passava pela leitura corporal com ele durante os quatro anos do curso. Ele chamava

individualmente cada aluno, que lhe relatava como se encontrava naquele momento e uma leitura corporal era realizada.⁶⁰

Como descrito por Lucia Helena Dessaune de Alencastro, ele apontava o que percebia na Máscara da pessoa e, muitas vezes, era difícil receber os seus comentários. Era uma revelação do que a pessoa passou a vida toda buscando esconder de várias formas. Durante os trabalhos corporais, muita raiva era expressa. Por baixo da raiva, a dor surgia e também era expressa. Assim, os alunos iam encontrando a verdade e muita emoção e amor afloravam.

Afirmou Burger (2014) que John Pierrakos fazia qualquer coisa, inclusive confrontar o cliente verbal e fisicamente (como o exercício explicado anteriormente) para que a verdade surgisse e a cura ocorresse. Burger (2014, p. 195) observou que

Quando o trabalho é verdadeiro, ninguém fica distraído, todos se emocionam. John era um mestre, Karyne Wilner, era um John de saias, sua dedicação era total. Pam, a outra professora que veio dar um módulo, era diferente. Era formada também por Barbara Brennan, era mais tranquila, mas seus trabalhos eram igualmente profundos.

Ainda reiterou Burger (2014) que os alunos dividiam suas predileções, antipatias, projeções e transferências entre os três professores. Lucia Helena Dessaune de Alencastro discorreu sobre as suas impressões acerca de algumas professoras:

Karine veio no segundo módulo, com Lisa. E, pra mim, a coisa mais maravilhosa foi que ela trouxe uma palestra inteira do Guia da Eva Pierrakos: A compulsão para recriar e superar as feridas da infância. E foi uma clarificação imensa de todo o processo que estava acontecendo comigo. E Odila Weigang compartilha até hoje uma coisa assim: “eu vivi e me aprofundi intensamente na Core com John Pierrakos. E eu aprendi Core Energetics com Karine”. Karine, ela entrava, cuidava das sessões e ela voltava pro ponto da teoria que devia ser dada. Uma coisa muito inspiradora e, ao mesmo tempo, fraca, na minha formação foi a terceira professora, Pamela Chubuck, porque Pamela podia chegar 40 minutos atrasada, uma hora atrasada, deitar como aquela deusa maravilhosa que ela é, assim, na cama, com um recamier, e levar a gente a fazer minhocário. E ficarem 75 pessoas arrastando como minhocas. E, no final, ela considerava que havia dado todo o módulo proposto, o que não era verdade, porque ela não tinha dado nem um terço daquilo que fora proposto. No entanto, foi ela que trouxe toda a parte sutil da mandala, foi ela que trouxe maravilhosamente o trabalho de pêndulo. No segundo ano, eu já estava na minha separação e tava muito abalada com a separação. E ela fez a leitura do pêndulo comigo. E ela reorganizou a minha base, não mexeu no segundo chacra, foi pro terceiro, quarto chacra, reorganizando. E os colegas perguntaram pra ela: “Por que você não mexeu no segundo chacra pra ela, que estava invertido?”. E, aí, ela perguntou pras pessoas: “Vocês não estão com o coração aberto pra sua colega? Ela está

⁶⁰ Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

em dor profunda! Fechar o chacra neste momento é proteção! Não se mexe nisso!" Grande aprendizado.

Na entrevista com Lúcia Helena Dessaune de Alencastro, ela enfatizou a importância que a integração entre a corporeidade e a espiritualidade teve em seu processo. Ela descreveu a relevância que os estágios propostos durante a formação em *Core Energetics* tiveram para ela.

Então, esses estágios da *Core* foram muito importantes. O primeiro, reconhecer a autoimagem idealizada, perceber que eu acreditava que pra eu sobreviver, eu entendia que para ser aceita, que se eu fosse 100% aquilo, tudo daria certo. E que se eu reconhecer essa autoimagem idealizada, eu vou conseguir descolar dela, e aí começar a ter um fluxo real do meu campo de energia, e isso vai refletir a partir desse movimento interno no mundo, também se tornou estrutural pra mim. Apesar de que eu posso dizer isso pra você agora, naquele momento, eu nem poderia reconhecer que era isso que estava acontecendo.

Apesar dos receios despertados pela figura de psicoterapeuta de John Pierrakos, todos os entrevistados nutrem admiração por ele. Burger (2014, p. 196) comentou que

John era um homem que não se escondia. Quando tinha raiva, era raiva mesmo; quando expressava amor, era amor de verdade; tristeza, seja o que fosse; tudo era intenso, sua origem grega, adorava dançar; conquistava-nos por sua honestidade.

Essa forma de se colocar diante das pessoas e, inclusive dos clientes, foi um dos aspectos que incomodou Alexander Lowen no final da parceria com John Pierrakos. Em sua autobiografia, Lowen (2007) descreveu uma ocasião em que Pierrakos foi dar uma palestra sobre negatividade e Lowen estava na plateia com sua esposa. Em um determinado momento, Pierrakos começou a discorrer sobre os seus próprios sentimentos negativos e os que tinha em relação a Lowen, inclusive a inveja. Lowen se sentiu ofendido com essa atitude de John.

Na abordagem *Core Energetics* há muita ênfase na significância de assumir as negatividades que são percebidas em relação às situações e às pessoas. Além disso, também é relevante a forma de expressar essas sensações sem apontar para o outro, mas assumindo o próprio sentimento.

Lucia Helena Dessaune de Alencastro considera que a formação em *Core Energetics* a trouxe para o planeta, a enraizou. Destacou que teve uma formação em

uma escola muito boa, a partir dos 10 anos de idade, que aguçou muito o seu senso crítico; porém, para a admissão nessa instituição, naquela época, se fazia um teste de QI, e isto a forçou a conviver, como relatado por ela, “com muitos gênios nacionais que tão por aí, que eram meus colegas, e era muito estranho”. Ela disse que tinha outros interesses. Afinal, morava no Rio de Janeiro, onde estava começando o surfe, e usava biquini e minissaia, o que a tornava “esquisita”. Alguns anos mais tarde, começou a namorar. Estava em pleno movimento *hippie* e participava do movimento estudantil. Muitos amigos foram presos. Ela, então, resolveu deixar a faculdade de desenho industrial e ir morar com o namorado em uma vila de pescadores na Bahia. Lá, ela começou a estudar com um grande teósofo, que havia sido aluno de Helena Blavatsky, e então começou “a introdução teórica real e profunda da minha prática na espiritualidade.” Estudou Reich, eubiose, teve contato com Rosa Cruz, fez trabalhos profundos a partir do livro Tibetano dos Mortos e teve uma experiência iniciática. E ela concluiu: “Então, até hoje, eu busquei essa unidade, e a *Core* me dá clareza muito grande de que eu estou fazendo realmente a jornada da alma.” No relato de Lucia Helena Dessaune de Alencastro, que hoje está com 72 anos, fica clara uma trajetória de buscas espirituais dentro de um contexto permeado pelas influências da Nova Era.

3.2.2 A permanência da abordagem psicoterapêutica em *Core Energetics* no Brasil

A formação em *Core Energetics* seguiu com a segunda turma, que teve início com 102 alunos em 1997 e foi concluída com 60 alunos em 2001, da qual eu fiz parte. A formação também aconteceu em São Paulo e Atiabaia, SP. Entretanto, houve alguns conflitos, que não cabe aqui relatar. Atualmente, a única formação que segue ocorrendo no país e sendo reconhecida pela comunidade internacional de *Core Energetics* é a Rede Brasil *Core Energetics*, que ainda acontece na sede da UNIPAZ, sob a direção geral e pedagógica de Lucia Helena Dessaune de Alencastro e a direção executiva de Silvana Aparecida dos Santos.

A segunda turma de formação ainda tinha a presença de professores e assistentes internacionais, que vinham do *Institute of Core Energetics* [Instituto de *Core Energetics*] de Nova York, México, Itália e Alemanha. Dez alunos da primeira turma se tornaram assistentes na segunda turma.

O curso era dividido em: graduação, em um período de quatro anos, com três módulos de cinco dias cada por ano (500 horas) e pós-graduação, em um período de um ano, com três módulos de cinco dias cada. No primeiro módulo da formação da segunda turma, o salão da UNIPAZ estava em reforma e as aulas foram ministradas em uma chácara perto da UNIPAZ, em um local com um grande salão para eventos e lindas piscinas naturais. No segundo dia de aula, foi solicitado pelos proprietários do local que a turma se retirasse devido ao grande caos que aconteceu quando John Pierrakos propôs um trabalho de expressão corporal trabalhando os conceitos de Máscara, Eu Inferior e Eu Superior, descritos no subitem 3.1.3.2 desta tese.⁶¹

Durante esse trabalho, cada aluno deveria reconhecer a sua Máscara predominante, ou seja, a defesa que desenvolveu para ser aceito socialmente. Devíamos continuar o exercício expressando as negatividades que escondíamos por detrás da Máscara batendo uma raquete em um cubo. Muitos participantes iam acessando suas dores a partir dos movimentos e expressando suas emoções através de gritos e choros. O Eu Superior era manifestado a partir do momento em que a pessoa tinha coragem de expressar sua verdade, assumindo suas defesas, negatividades, dores e o amor. Como éramos 110 pessoas, a comoção e o barulho foram muito intensos e quem estava de fora, apenas observando, ficou um tanto confuso ou apavorado.

Ao final do trabalho proposto por Pierrakos, todos os alunos da segunda turma fomos tomar banho nas piscinas naturais. Da janela, ele observava a todos com um belo sorriso. Na aula teórica, ocorrida após a experiência de reconhecimento da Máscara, Pierrakos relatou que ficou admirado com as belas auras que todos apresentavam depois de trabalho tão intenso. Ele disse que parecia ver uma linda pintura grega ali da janela, pulsando uma energia que ele dizia ser plástica.⁶²

O movimento, a expressão, tanto de agressividade quanto de alegria, dos alunos da formação em *Core Energetics* chamam atenção. Assim, vez ou outra, há acontecimentos que, com o tempo, se transformam em histórias engraçadas. Foi isso que aconteceu com os proprietários do local, que em algum momento assistiram de longe as manifestações corporais e, no fim do primeiro dia de curso, interromperam o contrato de locação. A segunda turma foi deslocada no segundo dia de formação do

⁶¹ Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

⁶² Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

primeiro módulo para uma sinagoga no Plano Piloto em Brasília, DF, onde havia um grande salão. A partir do terceiro dia, a UNIPAZ pôde acolher novamente os alunos e professores na sala que foi ampliada para este fim, e o curso lá permaneceu acontecendo até o final da formação. Nós pudemos voltar à mesma chácara quatro anos depois para ali realizar nossa festa de formatura. Não sei se os proprietários eram outros ou se ignoraram a identidade do grupo.⁶³

Lowen (2007) realçou que Pierrakos era forte e tinha as sólidas características dos homens gregos. Na sala de atendimento que dividiam, Pierrakos fez a opção pelo azul claro, pois ele precisava de uma ligação com a luz e os aspectos etéreos da vida. Pierrakos sentia os pacientes com muita clareza e visualizava a aura ao redor dos seus corpos, assim como os seus campos de energia orgônica.

Lucia Helena Dessaune de Alencastro comentou que Pierrakos dava a seguinte orientação para os assistentes:

Vocês observam toda a turma e eu, mais do que qualquer coisa. Não fiquem na posição de um aluno que está revisando o curso, mas observando a energia que eu estou mandando para o grupo, porque de todo o trabalho que eu faço, 40% é de atenção individual e 60% é do grupo. E eu quero que vocês aprendam isso me observando. As sessões só acontecem no salão e só eu que faço.

Há uma importância muito grande no processo de interação energética que ocorre entre as pessoas. Se bem conduzida, essa interação auxilia na catalização de reações emocionais, as quais serão trabalhadas terapeuticamente. Outro ponto muito considerado é a confiança, que deve ser constantemente alimentada entre os participantes. Por esses motivos, solicitava-se que os alunos não se relacionassem amorosamente, a fim de não se apartar do grupo; contudo, se algum interesse amoroso/sexual ou conflito surgisse, o fato deveria ser revelado e trabalhado terapeuticamente.

Ainda me contou Lucia Helena Dessaune de Alencastro que todos os dias John Pierrakos almoçava com os assistentes e era feita uma reunião no horário do almoço. Todos tinham de relatar como havia sido a manhã de trabalho e quais os sentimentos negativos que os assistentes perceberam. Ele lhes perguntava: “Onde estava o seu Eu Inferior esta manhã em relação a mim, aos seus colegas e aos

⁶³ Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

alunos?” Pierrakos sempre reforçava que, para estar na verdade, era preciso ter coragem de revelar as negatividades.

A segunda turma seguiu e Pierrakos vinha uma vez por ano, mas em 2000 ele veio duas vezes. Em sua última visita ao Brasil, em outubro de 2000, ele chegou alguns dias antes do módulo da graduação, ofereceu sessões individuais para algumas pessoas, ministrou palestras no Congresso Nacional e no Banco Central e aulas teóricas e práticas para a segunda turma durante cinco dias. Ele apresentava certa ansiedade ou urgência, fato comentado por algumas pessoas do grupo de alunos. Demonstrava necessidade de passar seu conhecimento e certa impaciência com a dificuldade das pessoas que não expressavam a verdade.

Em fevereiro de 2001, quatro meses depois da última vinda ao Brasil, John Pierrakos faleceu em seu apartamento em Nova York, pela manhã, no horário em que costumava meditar antes de ir para o consultório trabalhar. Ele completaria 80 anos alguns dias depois.

Foi muito triste o módulo seguinte, que aconteceu em março, logo após a sua morte. Foi ministrado por Karine Wilner, que se tornou diretora do *Institute of Core Energetics* [Instituto de *Core Energetics*] de Nova York. Foi interessante observar os diferentes sentimentos que John despertava nas pessoas. Enquanto a maioria dos alunos chorava e sentia sua falta, alguns relataram que, ao saber de sua morte, sentiram um grande alívio, pois não o teriam mais apontando suas Máscaras. Em julho, aconteceu a nossa formatura sem a presença de John Pierrakos, naquele local onde ele havia realizado um intenso trabalho.⁶⁴

Lucia Helena Dessaune de Alencastro me relatou que Karine Wilner se reuniu com os assistentes da primeira turma de graduação a fim de verificar se alguém gostaria de ficar na coordenação do Brasil em 2002. De acordo com suas próprias palavras, ela se voluntariou sem nem perceber. De uma forma que ela não entende até hoje, o seu braço se levantou e na sua cabeça só havia o pensamento se repetindo várias vezes: “não deixa morrer...”. Como apoio na parte administrativa e financeira, ela teve Ana Maria Gomes, médica hematologista, que seguiu com ela por alguns anos, até ser substituída por Silvana Aparecida dos Santos, atual diretora executiva.

⁶⁴ Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

Algumas mudanças aconteceram, de acordo com Lucia Helena Dessaune de Alencastro. Professores brasileiros começaram a ministrar aulas e a direção pedagógica em Nova York passou a ser realizada por Lisa Loustanau, que era mais flexível. Depois de um certo tempo, ela sugeriu que fosse criado um instituto de *Core Energetics* no Brasil (Rede Brasil *Core Energetics*), oficializado em 13 de fevereiro de 2009 e reconhecido pela diretoria do *Institute of Core Energetics* [Instituto de *Core Energetics*] de Nova York.

Depois da morte de John Pierrakos, algumas divisões aconteceram e, em 2014, após muitos movimentos em busca de integração, foi realizado um encontro na Alemanha, perto de Berlim, que foi denominado *Core Energetics International Leadership Conference* [Conferência Internacional de Liderança em *Core Energetics*], e reuniu todos os diretores dos institutos internacionais e professores de alguns institutos para reconstruir a união entre os membros da comunidade internacional de *Core Energetics*. O Brasil estava muito bem representado e, naquela ocasião, a terapeuta Thais de Queiroz e Silva apresentou sua dissertação de mestrado (Silva, 2014), que desenvolveu na Universidade de Brasília, tendo como tema a abordagem *Core Energetics*.⁶⁵

Conforme dados disponibilizados pela Rede Brasil *Core Energetics*, há 14 institutos participantes da *International Association of Core Energetics* [Associação Internacional de *Core Energetics*] espalhados pelo mundo: um no Brasil, em Brasília, DF, três no México, quatro nos Estados Unidos, um na Itália, um na Alemanha, um na Holanda, um na Polônia, um na Grécia e um na Austrália (<https://coreenergetics.org.br/>). Em 2023, foi fundada a *International Association of Core Energetics* [Associação Internacional de *Core Energetics*] (<https://www.iace.info/>). A Rede Brasil *Core Energetics* tem as maiores turmas, o maior número de alunos, o maior número de assistentes e o maior corpo docente. Apenas no Brasil há atendimento social como requisito da formação de terapeutas em *Core Energetics*, a partir do terceiro ano do curso de formação.

Desde a reunião que ocorreu na Alemanha em 2014, a cada dois anos vêm acontecendo congressos internacionais de *Core Energetics*, denominados *Core Convention* [Convenção Core]. O primeiro após a morte de Pierrakos ocorreu na Itália,

⁶⁵ Minhas anotações pessoais durante o encontro na Alemanha.

em 2016 (<https://www.core-energetica.it/core-energetica-international-convention-2016/>), o segundo na Holanda, em 2018 (<https://www.youtube.com/watch?v=XGdL9Z24MqU>), o terceiro foi adiado por causa da pandemia de COVID-19, tendo ocorrido no México em 2022 (https://www.facebook.com/2022coreconvention/?_rdc=2&_rdr).

Em sua entrevista, Lucia Helena Dessaune de Alencastro frisou que no evento realizado no México, a Rede Brasil *Core Energetics* se destacou quando apresentou os trabalhos sociais realizados pela turma de pós-graduação, correspondente ao quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*. Conforme ela, toda a comunidade internacional mostrou interesse em conhecer mais sobre essa atuação. Ela também relatou que quando assumiu a coordenação do curso, em novembro de 2002, na terceira turma, como educadora não podia aceitar oferecer uma formação com poucas horas de atendimento e supervisão. Com base nisso, estabeleceu que, a partir do terceiro ano de formação em *Core Energetics*, os alunos começariam a fazer atendimentos sociais sob supervisão, ideia prontamente acatada pelo *Institute of Core Energetics* [Instituto de *Core Energetics*] de Nova York. Ela afirmou:

Para mim, dentro do meu histórico vindo de militância, movimento estudantil, era muito importante que a fraternidade universal e espiritual que a *Core Energetics* se propõe se espelhasse no planeta como uma irmandade social.

Atualmente, o curso para formação de terapeutas em *Core Energetics* tem duração de quatro anos e, a cada ano, acontecem três módulos de cinco dias cada um, perfazendo um total de 480 horas de aulas. Há atividades entre os módulos, denominadas grupo de processo, nas quais os alunos se reúnem com psicoterapeutas e assistentes para trabalhar suas questões pessoais e fazer exercícios corporais. Nos dois primeiros anos da formação, são realizadas muitas vivências aliadas com a teoria. Desse modo, os alunos têm a oportunidade de se dedicar a seus processos pessoais. No terceiro e quarto anos da formação, acontecem os atendimentos individuais pelos alunos durante o estágio social supervisionado. Há outras atividades necessárias para que ocorra a certificação, tais como cumprir um determinado número de horas de terapia dentro da abordagem estudada, passar por avaliação escrita anual e, por fim, submeter-se a três avaliações de prática de atendimento, acompanhadas

por uma banca composta de dois ou três professores/terapeutas, após o cumprimento de todos os requisitos anteriores.

Alguns movimentos aconteceram ao longo dos anos, na tentativa de divulgar e apresentar a abordagem terapêutica em *Core Energetics* para a comunidade. Um desses movimentos foi a criação de um curso teórico-vivencial de introdução à *Core Energetics*, elaborado por Lucia Helena Dessaune de Alencastro e Milton Fernandes, que se tornou um curso de extensão. Inicialmente, foi ministrado na Faculdade de Educação Física e, depois, no curso de Musicoterapia, ambos da Universidade Federal de Goiás, e em 2017, na Universidade de Brasília. Atualmente, esse mesmo formato de curso é denominado Viver *Core* e acontece em Goiânia, GO e Aracaju, SE, tendo por objetivo apresentar a abordagem teórica e vivencial. As pessoas que concluem o curso Viver *Core* e se interessam em fazer a formação de terapeuta em *Core Energetics* podem ingressar no terceiro módulo do primeiro ano do curso de formação.

A possibilidade de inserir o trabalho de *Core Energetics* em comunidades carentes ficou ainda mais clara para Lucia Helena Dessaune de Alencastro quando ela fez o curso de terapia comunitária,⁶⁶ junto com Silvana Aparecida dos Santos, com o psiquiatra Adalberto Barreto, no Ceará, em 2009. Esse curso acolhe e promove mudanças profundas nas comunidades e cria redes sociais.

Na terceira turma de formação de terapeutas em *Core Energetics* (2002–2005), iniciaram-se os atendimentos sociais sob supervisão. Na ocasião, Lucia Helena Dessaune de Alencastro foi convidada para ir a uma rádio falar sobre *Core Energetics* e anunciou o trabalho social. A procura foi muito grande, com centenas de pessoas interessadas. A grande demanda provocou um recuo no projeto, pois perceberam que não havia terapeutas e supervisores suficientes para atender tantas pessoas. Outra iniciativa foi a abertura de um consultório na sede da UNIPAZ, no qual os alunos da

⁶⁶ “A TCI é uma Prática Integrativa e Complementar em Saúde (PICS) genuinamente brasileira, que nasceu no Ceará em 1987, pelo trabalho coletivo do psiquiatra, teólogo e antropólogo Adalberto de Paula Barreto e do advogado Ailton Barreto, diante da necessidade de lidar com os sofrimentos e angústias de pessoas atendidas no Centro de Direitos Humanos da Comunidade do Pirambú, a maior favela do estado. É uma terapêutica com foco nos cuidados em saúde mental, que proporciona espaço de acolhimento e partilha de sentimentos e experiências de vida, onde [sic] os recursos e competências das pessoas são mobilizados por meio da ação do próprio grupo, promovendo a construção de redes sociais” (Barreto *et al.*, 2020, p. 7).

formação de terapeutas em *Core Energetics* atendiam socialmente sob supervisão. Depois de certo tempo, o consultório fechou.

Durante o curso da décima turma de formação de terapeutas em *Core Energetics* (2017–2019), a psicóloga de uma unidade de saúde do município de São Sebastião, DF convidou uma aluna para que conduzisse um grupo psicoterapêutico corporal para adolescentes que buscavam o serviço para obter apoio emocional. Havia grande demanda, inclusive com filas de espera. Em três meses de trabalho, segundo o relato de Lucia Helena Dessaune de Alencastro, os profissionais de psiquiatria e psicologia avaliaram que houve redução da prescrição de medicamentos e melhora do quadro emocional dos adolescentes assistidos. Contudo, em virtude de uma obra realizada no local em que se reuniam esses grupos, o trabalho foi interrompido.

Ainda uma nova iniciativa foi realizada pela diretoria da Rede Brasil *Core Energetics* no ano de 2022. Iniciou-se uma turma do curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*, cujo programa foi elaborado tendo como requisito para certificação o desenvolvimento de trabalho terapêutico em local que atendesse pessoas de baixa renda. Vários trabalhos foram desenvolvidos, envolvendo diferentes perfis, desde grupos de gestantes até um idoso com 103 anos de idade. Foi com essa turma de quinto ano que realizei parte da pesquisa de campo para esta tese.

Percebe-se que houve várias tentativas de desenvolver um trabalho social com diferentes iniciativas envolvendo terapia em *Core Energetics*. Porém, até o momento, nenhum grande movimento se sustentou a longo prazo.

A atual diretora da Rede Brasil *Core Energetics*, Lucia Helena Dessaune de Alencastro, ponderou que, ainda hoje, a mentalidade colonialista e a branquitude permeiam a abordagem *Core Energetics*. Afinal, trata-se de uma escola pequena, voltada para privilegiados das classes média e média alta e com cursos caros. Ela considera que, neste momento, está sendo feita essa reflexão para que, desde o primeiro ano da formação, os alunos possam praticar experiências sociais. A partir da linguagem utilizada na abordagem *Core Energetics*, ela opinou que “Há uma imagem impregnada na substância da alma que cria um molde que não é social, é um molde de branquitude”. Como solução para transformar essa Máscara, ela sugeriu a execução de um trabalho psicoespiritual e corporal para flexibilizar esse molde

psicossociocultural, ou seja, a Máscara de uma espiritualidade orgulhosa. Lucia Helena Dessaune de Alencastro pensa que, à medida que essa flexibilização acontecer, haverá o reconhecimento da essência e o estabelecimento de um observador objetivo. Por seu turno, quando esse observador objetivo se encontrar com um grupo social que faz parte da atividade da escola, desenvolverá uma verdadeira irmandade. A diretora ressaltou que “Ainda temos uma espiritualidade mascarada e sem *grounding* porque ela não considera a realidade da vida social e política encarnada”.

É interessante observar que há muitos anos, desde a quarta turma de formação de terapeutas em *Core Energetics* (2005–2009), inúmeras tentativas vêm sendo feitas para implantar um trabalho social efetivo utilizando esta abordagem. Uma crítica feita por Lucia Helena Dessaune de Alencastro se relaciona à dificuldade em discutir sobre racismo nas reuniões de diretores internacionais de institutos de *Core Energetics*. Ela considera que há ainda muito aprendizado para que a comunidade internacional de *Core Energetics* tenha mais noção acerca da pirâmide social da humanidade.

Um aspecto que ela abordou durante a entrevista em relação ao período da pandemia de COVID-19 foi o fato de ter tido a oportunidade de fazer uma série de cursos introdutórios sobre psicologia preta, branquitude, decolonialismo, racismo e diversidade de gênero. Avaliou que os cursos oferecidos on-line ampliaram as possibilidades de escolha. A partir disso, ela pôde optar por cursos que a acolheram como mulher, idosa, branca e heterossexual, aprendendo muito. Em sua opinião, este é o momento de trazer essas discussões para a Rede Brasil *Core Energetics*. Parece que a comunidade brasileira será porta-voz de muitas transformações, o que começou a se perceber na última *Core Convention* [Convenção Core], realizada no México em 2022. Atualmente, a Rede Brasil *Core Energetics* se prepara para iniciar a 14ª turma de formação de terapeutas em *Core Energetics*, planejada para começar em novembro de 2023 (<https://coreenergetics.org.br/novaturma2022/>).

A partir desse histórico da abordagem *Core Energetics* no Brasil, ressalto que é imprescindível que os psicoterapeutas que a adotam ou a comunidade formada por eles reflitam continuamente a respeito das influências da modernidade tardia sobre o individualismo que precisa se tornar mais reflexivo dentro da perspectiva de reflexibilidade discutida por Domingues (2002) e apresentada neste trabalho. Em

adição a isso, devem atentar para os aspectos oriundos dos movimentos espiritualistas no que refere à neutralidade política, funcional à adaptação conservadora e conjuntural ao *status quo*. Miguel (2020) fez um apanhado histórico muito interessante sobre o espiritismo brasileiro, que influencia a visão espiritualista de muitos participantes desta pesquisa. O autor examinou o discurso de neutralidade e alienação, assim como o desinteresse político no espiritismo brasileiro, refletindo um conservadorismo capitalista e uma minoria que abriga princípios socialistas. Seria bastante interessante conduzir uma pesquisa sobre a influência dos aspectos da espiritualidade brasileira nos estudos do *Pathwork*, que compõem a abordagem *Core Energetics*.

CAPÍTULO 4 – A PESQUISA DE CAMPO: A PESQUISADORA EM INTER-AÇÃO

4.1 PERCURSO METODOLÓGICO

A fim de responder às questões sobre as quais venho refletindo desde o início desta tese, chega o momento de apresentar como o processo deste estudo ocorreu e como os dados e resultados foram obtidos. A minha relação de reciprocidade com o campo de *Core Energetics*, e agora interagindo através de uma nova ação, me revela como pesquisadora em inter-ação, isto é, faço parte do processo e me coloco em ação para compreender mais profundamente o tema abordado e sugerir mudanças e/ou avanços a partir da conclusão desta pesquisa. O hífen adotado representa o momento solitário de elaboração de signos e significados, durante os quais, como pesquisadora, senti angústias, satisfações, muitas dúvidas e tive inúmeras indagações.

A ação aconteceu através de um processo interno e subjetivo, a partir do qual eu teci reflexões e me percebi ocupando novos espaços perceptivos e incorporando novos movimentos em meu trabalho como pesquisadora e psicoterapeuta em *Core Energetics*. Cabe esclarecer que não se trata de uma interferência direta no campo, mas muitas vezes uma postura mais indagativa e racional do que inebriada por uma admiração internalizada ao longo dos anos em que mantive contato com a abordagem em diferentes atividades. Ademais, abre-se a concreta possibilidade de uma colaboração ativa futura a partir deste processo de ampliação de conhecimentos em relação à abordagem *Core Energetics*. González Rey (2011, p. 28) ressaltou que, quando a ciência requer que o pesquisador se mantenha distante e controle a sua subjetividade, desconsidera

[...] o caráter interativo e subjetivo do nosso objeto, o qual é condição de sua expressão comprometida na pesquisa. Sem implicação subjetiva do sujeito pesquisado, a informação produzida no curso do estudo perde significação e, portanto, objetividade.

Para González Rey (2011), a pesquisa, portanto, não é um processo que possui regularidade e tampouco é descontínua. Durante o processo de pesquisa, novos problemas e desafios são criados com frequência pelo pesquisador. Vivenciei muito esse aspecto à medida que fui elaborando novas indagações.

Com base nos ensinamentos de González Rey (2011), há a construção de uma linha rígida sobre a qual são organizadas as etapas específicas do processo, orientando-se pelas ideias, intuições e diferentes opções que surgem. Tudo isso está inserido no incompreensível, profundo e até confuso tecido do estudo. Todavia, o destaque no papel ativo do pesquisador não reduz a compreensão da posição do próprio objeto do conhecimento, que também é ativo, participante desse processo, frequentemente muito mais do que o pesquisador presume. Nesse sentido, uso a palavra “ação” para compor o termo inter-ação.

Desde a elaboração do projeto, passando pela revisão da literatura e culminando com a aproximação corporal do campo de pesquisa, fui desenvolvendo um novo e mais profundo olhar acerca desse universo, ao qual já havia sido apresentada desempenhando outros papéis, como aluna, cliente, terapeuta, professora e pesquisadora com outro foco. Questionar a sensibilidade e a espiritualidade despertadas através do autoconhecimento faz parte de um processo reflexivo e meditativo sobre as minhas próprias resistências à ação. Compreender a realidade socioeconômica e política do Brasil e a forma de viver e participar desta realidade em uma pandemia é questionar profundamente o meu próprio papel nesta existência.

Vários requisitos foram preenchidos para a viabilização deste estudo. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), obtendo sua aprovação (CAAE: 63820522.2.0000.0037) (ANEXO A) para que o estudo fosse iniciado. Recebi a autorização da Rede Brasil *Core Energetics* para a realização da pesquisa de campo, através da diretora executiva da instituição, Silvana Aparecida dos Santos, que emitiu uma declaração como instituição coparticipante (ANEXO B). Realizei extensa revisão de literatura utilizando livros, artigos publicados em periódicos científicos, jornais, revistas e vários filmes disponíveis na plataforma Youtube. Conduzi esta pesquisa em conformidade com a Declaração de Helsinque (World Medical Association, 2013) e a regulamentação brasileira sobre os princípios éticos para pesquisas médicas envolvendo seres humanos (Brasil, 2013).

Adotei como metodologia de pesquisa a abordagem qualitativa, que tem como objetivo esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta, o que fazem e que sentido isto tem. Dessa forma, fui revisando todas as referências que

julgava pertinentes ao objeto estudado, pois conforme preceituou Chizzotti (1995, p. 79 *apud* Piana, 2009, p. 168),

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Aos poucos, fui tentando entender as interações e os processos harmônicos ou conflituosos que faziam parte da observação e da literatura estudada e tecendo análises e reflexões, de modo a compor os processos sociais envolvidos no presente estudo. Assim, fui definindo e refinando as hipóteses ao longo desta pesquisa (Flick, 2009).

A revisão da literatura foi útil para verificar o estado da questão e analisar os elementos observados durante a pesquisa de campo. Em adição a isso, contribuiu tanto para a busca por pesquisas realizadas referentes ao tema estudado quanto para a investigação teórica do presente estudo. Como bem colocou Gil (2002, p. 44 e 45 *apud* Piana, 2009, p. 120),

[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

O campo pesquisado se trata do curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*, realizado pela Rede Brasil *Core Energetics* e ministrado na UNIPAZ. Os psicoterapeutas formados durante os quatro anos e que já atuam profissionalmente, como descrito no subitem 4.2 desta tese, retornam para realizar três módulos (dois módulos de cinco dias e o módulo final de três dias), conforme apresentado no programa do curso (ANEXO C). O curso de aperfeiçoamento foi coordenado pela psicoterapeuta em *Core Energetics* Márcia Viana Pereira, com a participação de discentes do Brasil, das cidades de Salvador, BA, Brasília, DF e Goiânia, da Grécia e dos Estados Unidos. Essa turma foi composta de 27 alunos, todos psicoterapeutas formados em *Core Energetics*.

Ao visitar algumas vezes o campo de pesquisa, assistindo às aulas, conversando informalmente com os participantes e professores, caminhando e contemplando a beleza da natureza que compõe o cenário da Granja do Ipê, sede da UNIPAZ, onde ocorreram as aulas, adotei o olhar de uma pesquisadora que faz parte da comunidade estudada. Porém, tive o cuidado de intercalar momentos de aproximação e afastamento, com o intuito de observar e tecer minhas percepções sob as perspectivas do distanciamento e da interação com os participantes da pesquisa. Como explicitiei anteriormente, a abordagem *Core Energetics* é corporal e vivencial. Portanto, para compreendê-la, é preciso experienciar as técnicas empregadas e perceber as transformações advindas disto. Assim sendo, coloquei meu corpo, minha corporeidade, a serviço de compreender os discursos acerca das experiências relatadas além da minha racionalidade, ativando minhas sensações e diferenciando o meu papel naquele momento, já que há um registro de parte desta compreensão no meu próprio corpo.

Oliveira (2000) nos ensinou que, em uma pesquisa etnográfica, as faculdades de ver e ouvir são primordiais; no entanto, são condicionadas pelas disciplinas e paradigmas que conhecemos. Vimos, observamos, mas nem sempre compreendemos o que vimos, e aí precisamos indagar, entrevistar. Ao entrevistar, a relação dialógica é um processo e, para que ele ocorra, faz-se necessária a abertura do pesquisador, de maneira a estar na mesma “altura” do pesquisado, ou seja, exercendo observação participante. Essa aproximação também pode limitar o trabalho de pesquisa, tornando o observador participante um mero levantador de hipóteses. Contudo, Oliveira (2000, p. 34) apontou a importância da escrita como mais uma saída ou uma possibilidade para não haver o reducionismo da observação (ver e ouvir):

[...] os dados contidos no diário e nas cadernetas de campo ganham em inteligibilidade sempre que rememorados pelo pesquisador; o que equivale dizer que a memória constitui provavelmente o elemento mais rico na redação de um texto, contendo ela mesma uma massa de dados cuja significação é melhor alcançável quando o pesquisador a traz de volta do passado, tornando-a presente no ato de escrever. Seria uma espécie de presentificação do passado, com tudo que isso possa implicar do ponto de vista hermenêutico, ou, em outras palavras, com toda a influência que o “estando aqui” pode trazer para a compreensão – *Verstehen* – e interpretação dos dados então obtidos no campo.

Para mim, ler e reler meu diário de campo, assistir e reassistir às gravações e examinar as fotos que tirei durante as minhas observações foi como fazer um crochê

cheio de cores e pontos diferentes, com o capricho e o cuidado de unir as partes para visualizar o todo e ir buscando uma serventia para o manto crochettato. Ler várias vezes as entrevistas, sentir o impacto das respostas, separar, categorizar, foi dando forma a uma realidade já minha conhecida, mas com diferentes cores, nuances e texturas, com a rica possibilidade de preencher espaços ainda vazios.

Outra forma de observação que me fez me aproximar e compreender mais profundamente a comunidade *Core Energetics*, e que anotei em meu diário de campo, foi a participação em encontros temáticos on-line. Tive a oportunidade de participar de dois eventos com inscrição gratuita feita antecipadamente pela plataforma Sympla, promovidos pela comunidade e liderados por um ou mais terapeutas/professores. Assim, acompanhei os encontros: *Peste emocional: energia e consciência*, em 7 de outubro de 2022, das 19h30 às 21h30, que ocorreu poucos dias antes das eleições presidenciais, ocasião em que a comunidade *Core Energetics* estava muito mobilizada, e o conceito de peste emocional estudado por Wilhelm Reich foi discutido; *Eros, amor e sexualidade*, em 2 de novembro de 2022, das 19h30 às 21h30, com um casal de professores americanos, Kathleen e Ken Goldberg.

Também participei das aulas presenciais do curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*, de 2 a 6 de novembro de 2022 e de 10 a 12 de março de 2023, na UNIPAZ. Fui adicionada a um grupo de WhatsApp intitulado “Comunidade Core”, aberto a todos que concluíram ou estão em formação em *Core Energetics*, que tem por objetivo propiciar a troca de experiências sobre trabalhos pessoais individuais ou em grupo com base em *Core Energetics*, fornecer apoio e promover o compartilhamento pessoal e o suporte técnico. Um dia por semana, às segundas-feiras, o grupo é aberto para a divulgação de postagens de outros assuntos relacionados à psicoterapia corporal (trabalhos, *workshops*, lives realizadas pela comunidade, busca de apoio em causas coletivas, entre outros). O grupo, criado em 12 de agosto de 2019, tem 165 participantes, sendo três administradores.

Como já mencionado anteriormente, realizei três entrevistas diretas de forma aberta, que foram gravadas, com Jac Conaway (on-line), Lucia Helena Dessaune de Alencastro (on-line) e Milton Fernandes (presencial). Além disso, recebi um relato por escrito de Luiz Otávio Campello Montezuma (via WhatsApp) e informações por escrito

de Miklos Burguer (via email). Os conteúdos de todos esses depoimentos coletados por mim estão descritos no Capítulo 3 desta tese.

Antes de iniciar a coleta de dados, expliquei de forma clara a cada participante deste estudo os objetivos e a relevância da pesquisa, bem como a importância da contribuição dada pelos entrevistados. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi lido e assinado pelos entrevistados, bem como a solicitação de autorização para o uso dos dados e a gravação das entrevistas em meu celular para facilitar a transcrição do material e sua posterior análise (APÊNDICE A). Nos casos das entrevistas on-line, as autorizações foram assinadas antecipadamente, durante o curso, quando as agendamos.

A coleta de dados da pesquisa qualitativa se deu por meio de entrevistas guiadas por questionário semiestruturado composto de 39 questões, divididas em temas (APÊNDICE B). Para a construção do questionário semiestruturado para esta pesquisa e a sua avaliação, utilizei a técnica de análise temática. Escolhi essa técnica e esse tipo de questionário por acreditar na importância de o entrevistado ter liberdade em discorrer sobre o tema em questão sem se aprisionar a uma indagação previamente formulada (Minayo, 2016). Obtive muitas informações por intermédio de observação e interação com as falas dos participantes da pesquisa e as suas atitudes durante as entrevistas individuais. Empenhar-se para elaborar boas questões pertinentes ao tema estudado pode suscitar revelações que indicam sistemas de valores, símbolos e normas que compõem as representações sociais (Minayo, 2016). Neste estudo, meu empenho se deu através das leituras das referências selecionadas na revisão, bem como do exercício exaustivo de levantar hipóteses e estabelecer objetivos a serem alcançados.

O questionário semiestruturado foi dividido em quatro partes temáticas, além da caracterização do perfil sociodemográfico dos participantes: na primeira parte, abordei as experiências e as percepções dos entrevistados acerca da pandemia de COVID-19; na segunda parte, enfoquei a relação estabelecida pelos participantes com a abordagem *Core Energetics*; na terceira parte, tratei da relação dos entrevistados com a espiritualidade/religiosidade durante a pandemia de COVID-19 e a influência da formação em *Core Energetics* nestes aspectos; a quarta parte versou sobre a avaliação dos entrevistados acerca da situação sociopolítica e econômica do Brasil durante a pandemia de COVID-19. A divisão por assuntos teve como meta auxiliar na análise dos dados a partir da análise temática.

A divisão a partir de temas compreende um feixe de interconexões apresentado através de uma palavra ou de frases que evocam sentido em relação aos questionamentos realizados. “O tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos que serve de guia à leitura” (Bardin, 1979 *apud* Minayo, 2014, p. 315). Ao fazer a análise temática, busca-se desvendar os núcleos de sentido, que constituem uma comunicação, “cuja *presença* ou *frequência* signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado” (Minayo, 2014, p. 106, *itálico no original da autora*).

Entrevistei 12 profissionais psicoterapeutas que atuam na abordagem *Core Energetics*, com idades entre 28 e 54 anos, sendo dois do sexo masculino e 10 do sexo feminino, participantes do curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*. A definição da amostra se deu através da escolha aleatória dentro do grupo de 27 participantes que constituíam o corpo discente no momento desta pesquisa (Fotografia 3).

Fotografia 3. Grupo de alunos do curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics* durante uma vivência psicoterapêutica, 2023, Universidade Internacional da Paz (UNIPAZ), Brasília, DF.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Quando cheguei ao campo, fui apresentada como pesquisadora pela Diretora Lucia Helena Dessaune de Alencastro. Ela explicou que eu estaria presente nas aulas

e aplicaria um questionário semiestruturado aos alunos que concordassem em participar deste estudo, os quais poderiam agendar a entrevista.

Durante as entrevistas, apliquei aos 12 participantes o questionário semiestruturado desenvolvido para esta pesquisa, que foi utilizado como roteiro, e cada novo conceito apresentado pelos participantes foi investigado. Oito dos participantes da pesquisa foram entrevistados de forma presencial na UNIPAZ, local em que o curso de formação estava sendo realizado, em sua área de convivência, durante o intervalo de almoço, nos dias 2 a 6 de novembro de 2022, com duração máxima de 60 minutos cada; dois participantes foram entrevistados de forma presencial no período de 10 a 12 de março de 2023, também na UNIPAZ; dois participantes foram entrevistados de forma on-line nos dias 18 de novembro de 2022 e 17 de março de 2023; em adição a isso, uma das entrevistas presenciais foi refeita de forma on-line em 14 de abril de 2023.

Rosa e Arnoldi (2008) suscitaram o fato de o entrevistado, algumas vezes, responder às questões da entrevista sem muita reflexão. Romanelli (1998 *apud* Rosa e Arnoldi 2008) advertiu que isso deve ser cuidadosamente observado na análise, por ser um dos pontos mais perigosos e densos da entrevista. Portanto, é importante o papel do entrevistador responsável pelo processo de executar uma profunda avaliação, classificando e categorizando as respostas, organizando-as de acordo com o conteúdo e com o tema, selecionando as palavras e solicitando ao entrevistado melhor ou mais profunda explicação. Esse é, de fato, um indicador da complexidade do processo de pesquisa. Durante a organização, a categorização e a tematização das respostas das entrevistas, fui observando e lembrando que, no nosso encontro presencial para a entrevista, um determinado entrevistado estava preocupado com um outro compromisso e isto se refletiu nos dados coletados. Então, marquei um novo encontro on-line para realizar um detalhamento em algumas questões, como citado no final do parágrafo anterior.

Ao longo do processo de coleta de informações, fui incluindo mais questionamentos, a fim de aclarar os temas pesquisados, de modo a confrontar o que fui obtendo com as teorias que demarcam o objeto estudado. Segui a orientação de Minayo (2014) no que se refere ao critério de saturação, que se trata do conhecimento que o pesquisador vai formando à medida que consegue compreender a lógica interna do grupo e a consistência que vão adquirindo as respostas.

A pesquisa qualitativa propicia a obtenção de informações sobre valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões dos participantes do estudo (Minayo, 2014). Adicionalmente, investiguei o universo dos significados, dos motivos e das aspirações em cada conversa, em cada observação e em cada entrevista.

Examinar o mundo dos significados empregando a pesquisa qualitativa leva ao entendimento de uma realidade não visível, a qual precisa ser exibida e decodificada pelos pesquisados e compreendida e interpretada dentro de um contexto socioeconômico e cultural pelo pesquisador (Minayo, 2016). Minayo (2014, p. 57) apontou que “[...] as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos”.

Vale explicitar que, ao final do módulo de conclusão do curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*, foram apresentados, individualmente ou em duplas, trabalhos sociais realizados durante este período, oportunidade em que também aproveitei para realizar mais observações. Partindo da premissa citada por Minayo (2014, p. 198) em relação à pesquisa qualitativa:

Muitos atores sociais importantes costumam ser descobertos no decorrer da pesquisa e se deve promover sua inclusão progressiva na amostra [...], o número de pessoas é menos importante do que o empenho em enxergar a questão sob várias perspectivas.

A autora ainda enfatizou que cabe ao pesquisador ser um indagador persistente e insistente, que mentalmente se posiciona sempre entre as referências teóricas e as informações observadas e dos seus observados (Minayo, 2016). Malinowski (1978, p. 22) reforçou a importância do pesquisador se apropriar do conhecimento científico e continuar aberto para acolher as novidades:

Conhecer bem a teoria científica e estar a par de suas últimas descobertas não significa estar sobrecarregado de ideias preconcebidas. Se um homem parte numa expedição decidido a provar certas hipóteses e é incapaz de mudar seus pontos de vista constantemente, abandonando-os sem hesitar ante a pressão da evidência, sem dúvida seu trabalho será inútil.

Conforme Romanelli (1998 *apud* Rosa e Arnoldi, 2008), o entrevistador deve se relacionar com o entrevistado de forma particular, não apenas por meio do diálogo propriamente dito, mas também por intermédio de indagações. Como o entrevistador

assim procedendo não expressa julgamento, o entrevistado fica totalmente livre para apresentar as suas ideias e até mesmo os seus sentimentos. Ademais, “O pesquisador deve inserir-se na dinâmica histórica do fenômeno participativo, caso contrário seria formalização artificial parar a comunidade para que possa ser avaliada” (Demo, 2005, p. 245). No presente caso, o fato de eu ser conhecida e reconhecida na comunidade *Core Energetics* facilitou a comunicação e o contato empático com os participantes, mesmo com aqueles com os quais eu estava estabelecendo contato pela primeira vez.

A subjetividade entre o pesquisador e o entrevistado é importante para obter dados relevantes que contribuirão para a consecução dos objetivos propostos na pesquisa (Rosa; Arnoldi, 2008). Cabe ao entrevistador ter a capacidade de não se envolver emocionalmente e aproveitar a situação para aprofundar-se na questão mobilizadora, pois é assim que dados inéditos aparecem. Minha atuação há bastante tempo como terapeuta, desenvolvendo e praticando o ato de estar presente a partir do Eu Observador,⁶⁷ foi uma aliada para a realização desta pesquisa.

Como bem explicou Portelli (1997a *apud* Paulilo, 1999), “[...] a palavra ‘entrevista’, em uma grande diversidade de situações, dá – incorretamente – a ideia de uma perspectiva unilateral. No entanto, ‘entre-vista’, como o próprio nome diz, comporta mais do que uma única perspectiva.” Dessa maneira, “a entrevista pode ser construída como um ‘encontro social’, cujas características, entre outras, seriam a empatia, a intuição e a imaginação” (Martins e Bicudo, 1989 *apud* Paulilo, 1999). Nesse sentido, todas as entrevistas são formas especiais de conversação e, portanto, interativas no ambiente presencial ou virtual.

Através da análise temática, aqui proponho uma integração entre os dados que obtive por intermédio da pesquisa da literatura com aqueles que registrei durante minhas observações realizadas no campo e as respostas que registrei durante as entrevistas. Para iniciar a análise dos dados, na primeira etapa, organizei todo o material e transcrevi as entrevistas gravadas. Na transcrição e nos excertos apresentados ao longo desta tese, mantenho as características próprias da oralidade dos atores estudados. Além da orientação que me foi dada pela professora Dra. Carolina Teles Lemos sobre como tratar os dados, utilizei a análise temática seguindo os passos de Minayo (2014), ou seja: efetuei a pré-análise dos dados, com leitura

⁶⁷ “Eu Observador é constituído de objetividade, imparcialidade, amor e compaixão para muitos outros eus. Ele acolhe todo o tipo de percepção” (Nunes, 2014, p. 173).

flutuante em contato intenso com o material, tendo como pano de fundo as hipóteses iniciais, as emergentes e as teorias relacionadas ao tema; constituí o corpus, observando o universo estudado em sua totalidade e verificando a validade qualitativa do material, aplicando a exaustividade, isto é, avaliando se o material contemplava todos os aspectos incluídos no roteiro; avaliei a representatividade da amostra, verificando se o material abarcava as características essenciais do que pretendi na pesquisa; observei a homogeneidade, avaliando se os critérios eram precisos em relação aos temas, às técnicas utilizadas e aos atributos dos interlocutores; atentei para a pertinência do conjunto de materiais coletados, observando se os documentos analisados eram adequados para dar resposta aos objetivos do trabalho. Percorrendo esse caminho, procurei seguir as diretrizes orientadas por Minayo (2014, p. 317):

Nessa fase pré-analítica determinam a *unidade de registro* (palavra-chave ou frase), *unidade de contexto* (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), *os recortes*, a forma de categorização, a modalidade de *codificação* e os *conceitos teóricos* mais gerais (tratados no início ou levantados nesta etapa, por causa de ampliação do quadro de hipóteses ou pressupostos) que orientarão a análise.

A segunda etapa, de exploração de material, consistiu em realizar a categorização das palavras que mais apareciam no conjunto de respostas referente a cada tema do questionário semiestruturado através da redução do texto a palavras e significados, obtendo ideias ou temas relevantes. A terceira etapa englobou o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação deles, relacionando-os com o quadro teórico desenhado.

Na etapa da análise da pesquisa qualitativa, considerei o conteúdo explícito contido no texto e analisei o significado latente de todas as palavras, que se encontravam misturadas ao texto. Nessa fase, realizei a análise comparativa entre os participantes que apresentaram maiores índices de variáveis que caracterizam a presença da espiritualidade com aqueles que não as apresentaram.

Verifiquei a relação entre o geral e o particular, o concreto e o abstrato, a teoria e a prática. Vale salientar que, como utilizei um procedimento de análise qualitativa, na fase de análise dos dados apurei o conteúdo subjacente ao que estava sendo expresso (Minayo, 2016). A partir das teorias, metodologias e epistemologias escolhidas, estabeleci diálogos entre os pensadores das áreas de ciências da religião, psicologia humanista, psicologia transpessoal, sociologia, antropologia e outras disciplinas que se inter-relacionam.

Durante a realização deste trabalho, enfoquei o tema espiritualidade como recurso para o equilíbrio da saúde e a ampliação da capacidade amorosa perceptiva e solidária em relação ao próximo, acarretando a promoção de ações sociais pelos profissionais que fizeram a formação e atuam como psicoterapeutas em *Core Energetics*.

4.2 RESULTADOS

4.2.1 O campo de pesquisa: psicoterapeutas corporais em *Core Energetics* ou buscadores no *ethos* da Nova Era?

Os participantes da pesquisa se mostraram muito disponíveis e generosos para contribuir com a entrevista. Houve momentos de emoção, silêncio, surpresas e respirações profundas para a busca de respostas que precisavam de reflexão. Ao final, obtive comentários de agradecimento pela pausa, pelo mergulho e pela observação de um cotidiano muitas vezes vivido de forma automática. Houve a validação de um momento muito proveitoso e que, provavelmente, surtiria mais reflexões e ampliação de percepções. Afinal, como alertou Bakthin (1986 *apud* Minayo, 2014, p. 205),

Por meio da comunicação verbal as pessoas “refletem e refratam” conflitos e contradições próprias dos sistemas sociais e políticos de suas formas de dominação, em que a resistência está dialeticamente relacionada com a submissão das pessoas na vida cotidiana. “Cada época e cada grupo social tem seu repertório de forma de discurso, marcado pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política” [sic] (aspas no original).

Esse grupo de pessoas fez sua formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics* durante quatro anos em diferentes turmas. Eles retornaram para fazer o quinto ano, considerado uma pós-graduação para os profissionais que já atuam como terapeutas. O grupo entrevistado foi composto de 12 pessoas, cuja caracterização é apresentada no Quadro 1. Trata-se de um grupo pertencente às classes média (B, C) e média alta (A), conforme a estratificação dos domicílios brasileiros em 2023 (Ribeiro, 2023). Um aspecto importante a ser considerado quanto às classes sociais dos participantes é que as pessoas que fazem a formação em *Core Energetics* precisam dispor de recursos financeiros para pagar o curso. Além disso, já atuam como psicoterapeutas e têm uma renda que advém desta profissão.

Quadro 1. Caracterização dos participantes desta pesquisa.

Participante	Sexo	Idade (anos)	Estado civil	Escolaridade	Renda familiar (salários mínimos)	Período de atuação em <i>Core Energetics</i> (anos)
P1	F	43	Casada	Mestrado	Acima de 10	6
P2	F	37	Casada	Mestrado	Acima de 10	6
P3	F	47	Solteira	Ensino superior	Acima de 10	6
P4	F	28	Solteira	Ensino superior (cursando)	Entre 1 e 3	2
P5	F	46	Casada	Pós- graduação	Entre 8 e 10	6
P6	F	50	Casada	Mestrado	Acima de 10	17
P7	M	51	Casado	Ensino superior	Acima de 10	11
P8	F	54	Casada	Pós- graduação	Acima de 10	12
P9	F	36	Solteira	Pós- graduação	Entre 3 e 5	6
P10	M	48	Solteiro	Ensino superior	Acima de 10	4
P11	F	36	Solteira	Ensino superior incompleto	Entre 3 e 5	6
P12	F	42	Casada	Doutorado	Acima de 10	2

Em relação ao tempo de conclusão do curso de formação, o grupo entrevistado apresentou uma variação de 2 a 17 anos, como pode ser verificado no Quadro 1. Todos os participantes atuam como terapeutas na abordagem *Core Energetics* desde que concluíram o curso, e alguns exercem outra atividade paralelamente.

Na análise das entrevistas, apresento a compreensão e o histórico de crenças que permeiam o imaginário e as práticas religiosas/espirituais dos psicoterapeutas corporais participantes. Também aponto como esses aspectos influenciaram sua busca pela formação, as transformações corporais, emocionais e espirituais que ocorreram durante os anos de sua participação na Comunidade *Core Energetics*, assim como a ampliação da sua visão de mundo.

Em seguida, descrevo como o grupo vivenciou o momento pandêmico abrangendo todos os danos causados pelo vírus, tais como as mortes, as consequências da doença e os desequilíbrios socioeconômicos e políticos decorrentes da pandemia de COVID-19. Por fim, analiso o envolvimento dos participantes no momento de crise vivido com ações sociais solidárias e com os trabalhos sociais desenvolvidos como requisito do curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*.

Durante as entrevistas, percebi que os participantes expressam o *ethos* da Nova Era. Guerriero (2021, p. 37) assim definiu *ethos*: “compreende tudo aquilo que diz respeito ao valores subjetivos [...] ao que é sentido, e não proferido”. Esse *ethos* da Nova Era vai muito além do conceito de religiosidade e não é mais percebido como estranho, vez que mesmo as pessoas que fazem parte e são praticantes de uma religião tradicional podem ter características pertencentes a este movimento (Guerriero, 2021). Como maior marca da Nova Era, tem-se a diversidade de religiões ou um conjunto de crenças e rituais que o adepto pratica. O mito fundante da Nova Era, ou seja, seu elemento central, é a busca de uma realidade profunda e genuína denominada espiritualidade do *self* (Guerriero, 2021).

Conforme os ensinamentos de Hanegraaff (1999) e Woodhead e Heelas (2000), discutidos no Capítulo 2 desta tese, a melhor categoria de análise que se adapta ao contexto da Nova Era é da espiritualidade, uma realidade mais ampla que, quando despertada e vivida, une as pessoas entre si e ao sagrado. Entre as principais

crenças novaeristas está a compreensão de que o cosmos ou a energia cósmica faz parte de uma teia de significados que constitui uma ampla consciência. O indivíduo é uma centelha dessa energia universal, compreendido como um ser integral, composto de corpo, mente e espírito, e deve buscar a perfeição através de um caminho de elevação que continua após a morte (Guerriero, 2021).

Alguns dos princípios que norteiam a abordagem *Core Energetics*, pesquisada neste estudo, são que o indivíduo é uma unidade psicossomática, que a sua cura está no interior do *self* e que toda a existência forma uma unidade que se move em direção a uma evolução criativa tanto do todo (cosmos) como dos seus inúmeros componentes. Esses preceitos estão fundamentados na teoria orgônica de Wilhelm Reich (Pierrakos, 1997). Não é imposto que o indivíduo deva buscar a perfeição, como mencionou Guerriero (2021) no postulado da Nova Era, mas cada um de nós possui um potencial criativo que pode ser acessado através de um processo profundo de autoconhecimento, o qual contribuirá para a evolução do indivíduo em interação com tudo e todos ao seu redor.

Como definiu Teixeira (2021, p. 74), “no contexto novaerista, noções assimiladas da psicologia, como *self* e ego por exemplo são articuladas com elementos de diversas culturas não ocidentais [...] formando um ideário aparentemente multicultural”. Já para o criador da abordagem *Core Energetics*,

[...] muitas pessoas querem corrigir a unidade fragmentada de energia, consciência e experiência dentro de si mesmas [...] preencher as brechas que existem entre elas próprias e o seu meio físico e social. Nesta Nova Era há um ressurgimento da consciência do todo e da unidade da vida (Pierrakos, 1997, p. 260).

Todos os participantes da pesquisa empreenderam uma caminhada de autoconhecimento e, ao longo dela, fizeram cursos de psicologia nas abordagens humanistas e transpessoais.

Fiz formação em Gestalt-terapia, constelação familiar, terapia sistêmica, clown, teatro terapêutico, eneagrama. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

Ah! Fiz a formação em psicologia transpessoal no Instituto Serra da Portaria com o Nilton Ferreira em Goiânia. Fiz CorePath e quinto ano agora. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação)

[...] curso de formação em bases reichianas com Dimas Calegari; psicologia transpessoal, massoterapia, tarô de autoconhecimento, constelação familiar, psicopedagogia. (P8, sexo feminino, 54 anos, casada, pós-graduação)

Já fiz formação em psicodrama, da área clínica. E processo psicoterapêutico. Minha própria psicoterapia eu já fiz na Gestalt terapia, psicodrama, na transpessoal e depois foi corporal. Ah, eu fiz uma... não fiz uma formação, mas foi uma capacitação da neurobiologia interpessoal, agora, recentemente. (P12, sexo feminino, 42 anos, casada, doutorado)

A escolha pela formação ocorreu a partir de interesses relacionados à continuidade do anseio em compreender mais sobre si mesmos e a existência humana, além dos aspectos corporais e espirituais que envolvem esta busca. Todos os participantes, de forma explícita ou através de conhecimentos e crenças herdadas, vêm em uma busca de mais compreensão sobre a religiosidade/espiritualidade, o que veremos mais à frente. O conceito de espiritualidade de vida envolve uma nova postura diante das experiências religiosas, principalmente o vivenciar com autonomia, invocando o sagrado na vida subjetiva (Heelas; Woodhead, 2005).

Foi há muito tempo atrás. Basicamente, pelo componente da espiritualidade. Nem sabia o que era. Já tinha uma busca espiritual e este tema que me chamou a atenção. Hoje desenvolvo várias coisas. Minha vida que é Core, Core. (P1, sexo feminino, 43 anos, casada, mestrado)

Na época, eu entrei num grupo de estudos do livro “Não temas o mal” (das palestras do Guia do Pathwork) aqui em Goiânia e eu já tava num trabalho de autoconhecimento que eu comecei lá na Índia. Então, a Core chegou num lugar que fazia exatamente essa ponte de psicologia e espiritualidade, que de alguma forma fazia muito sentido pra mim. Inclusive, na época, tinha também uma outra formação que eu tava olhando. Mas, justamente por a Core dar esse abraço, psicologia e espiritualidade, foi que me tocou profundamente, assim. (P9, sexo feminino, 36 anos, solteira, pós-graduação)

Stern e Guerriero (2021) defenderam a ideia de que a busca pelo crescimento espiritual dentro do *ethos* da Nova Era abarca uma perspectiva religiosa. Afinal, pressupõe uma crença religiosa não empiricamente verificada de que “o pensamento altera a realidade e que a divindade está centrada no *self*” (Stern; Guerriero, 2021, p. 17).

Ao longo desta investigação, observei que, dentro de sua busca espiritual e por autoconhecimento, os participantes apresentaram vários elementos que caracterizam o grupo e a abordagem estudada como fazendo parte do *ethos* da Nova Era. Porém, questiono a afirmação de Stern e Guerriero (2021) no parágrafo anterior

e explico. Dentro da perspectiva da abordagem psicoterapêutica em *Core Energetics*, como vimos no Capítulo 3 desta tese, as transformações de crenças e padrões de comportamentos, com a intenção de experienciar uma realidade mais guiada pelo Eu Superior ou *self*, fazem parte de uma jornada que ocorre ao longo da vida. No decorrer desse processo terapêutico em *Core Energetics*, essas mudanças podem ser verificadas através de observação corporal, discurso e comportamento do cliente, e analisadas a partir de autores que fundamentam a abordagem e que foram apresentados neste estudo, como Reich, Lowen e Pierrakos. Essas transformações, ocorridas durante a busca de autoconhecimento e autotransformação, são também verificadas na presente pesquisa. Portanto, quando Stern e Guerriero (2021, p. 17) propuseram que “o pensamento altera a realidade”, levaram a uma redução de todo o processo e a uma generalização das abordagens que compõem o *ethos* da Nova Era. Tais redução e generalização reafirmam a importância de compreendermos cada abordagem que faz parte do contexto da Nova Era evitando equívocos. Como comentou Pierrakos (1997, p. 205),

A compreensão intelectual por si só não libera o entranhamento das raízes em nosso inconsciente mais profundo. Se lidamos com o conteúdo conceitual, mas deixamos intactos os bloqueios físicos e as emoções, a pessoa permanece controlada pelas crenças e sentimentos que se cristalizaram em todos os planos de seu ser.

Consequentemente, há uma interação entre o movimento corporal que propicia a compreensão das crenças que regem a vida e os padrões de comportamento. À medida que o corpo é trabalhado a partir de exercícios que liberam as emoções e oportunizam *insights*, as formas de perceber, racionalizar e pensar podem se flexibilizar e mudar ao longo do processo. As transformações do corpo, dos padrões de comportamentos e dos pensamentos tornam o indivíduo mais flexível, sensível, intuitivo e, assim, mais próximo da essência em contato com a espiritualidade. Portanto, podem ocorrer modificações de tal sorte que o cliente passa a pensar e vivenciar a realidade de maneira mais ampla e integrada e não de um modo simplista, porque “o pensamento altera a realidade”.

Pode-se afirmar que a perspectiva da abordagem *Core Energetics* é espiritualista e está enquadrada no *ethos* da Nova Era. Porém, cabe ressaltar que é relevante destrinchar conceitos que são colocados a partir de uma visão mística, como se não pudessem ser verificados. Parto do pressuposto que a espiritualidade vem

sendo explorada pela ciência através dos conceitos de quociente espiritual (Zohar; Marshall, 2000) e inteligência espiritual (Torralba, 2012). Complementarmente, argumento que, dentro do *ethos* da Nova Era, a experimentação de práticas é algo fundamental para a compreensão e a verificação de conceitos. Talvez seja mesmo necessário investigar de que lugar os autores que estudam a Nova Era desenvolvem seus discursos e teorias. Esse seria um passo importante para uma nova forma de pesquisa.

Guerriero (2021) explicou que os valores da Nova Era, iniciados nos anos 1960, durante o movimento de contracultura, passaram a fazer parte de um contexto maior da sociedade contemporânea. A partir dessa amplitude, ele designou um novo *ethos* da Nova Era. Já Hanegraaff (1999) entendeu que as espiritualidades podem estar presentes em contextos religiosos ou seculares. Na espiritualidade da Nova Era, os indivíduos podem vivenciar ou interpretar simbologias advindas de uma religião e, da mesma forma, os sistemas simbólicos não religiosos.

Magnani (2000) apontou que uma das convergências diretamente responsáveis pela consolidação da Nova Era no início dos anos 1970 (época em que surgiu *Core Energetics*, influenciada por estes fatos) ocorreu a partir das propostas de duas famosas instituições: o *Esalen Institute* [Instituto Esalen], na Califórnia, Estados Unidos, e a *Findhorn Foundation* [Fundação Findhorn], na Escócia, já mencionada no subitem 2.2 desta tese. O primeiro foi considerado um centro irradiador de pesquisas e técnicas voltadas para o desenvolvimento do potencial humano e o despertar das potencialidades do Eu, enquanto o segundo serviu de modelo de inspiração para as inúmeras comunidades rurais alternativas, como a citada por Jac Conaway na sua entrevista no subitem 3.1.2 deste trabalho.

Os participantes desta pesquisa demonstraram interesse pela busca espiritual e alguns frequentam diferentes tradições religiosas. Portanto, não há uma fronteira que impeça as suas buscas e vivências.

Volto a reafirmar, como discuti no Capítulo 2, o cuidado para não generalizar os grupos pertencentes ao *ethos* da Nova Era. Como pontuou Frigerio (2020), não devemos investigá-los a partir de conceitos cristãos europeus. A significância dos movimentos pertencentes à Nova Era não está relacionada com a criação de significados religiosos, mas sim com a importância do despertar ou do desenvolvimento da espiritualidade.

Para muitos dos participantes, a escolha pela formação em *Core Energetics* fez parte de uma jornada de buscas. Nas pesquisas biográficas dos buscadores da Nova Era, Sutcliffe (2014, p. 30-31, tradução minha)⁶⁸ destacou que comumente “A combinação de uma ‘perspectiva de resolução de problemas’ com a ‘inadequação’ de qualquer fonte de autoridade reaparece como um enredo comum nas biografias da nova era.” Há um conjunto de competências que formam a identidade do buscador e suas práticas de busca, que são necessárias para negociar e sustentar um ambiente estimulante, assim como para lidar com os aspectos desorientadores. A busca pode ser realizada em um nível concreto, por intermédio de práticas e técnicas, ou de forma abstrata, na pesquisa de fontes de significado e verdade. O registro aparece sempre de forma pragmática com certa inquietude. No caso dos participantes desta pesquisa, sua busca vem sendo realizada através de práticas concretas e também de grupos de estudo.

Participo de grupo de estudos de autoconhecimento com as palestras do Guia Pathwork. (P8, sexo feminino, 54 anos, casada, pós-graduação)

Tenho um grupo que a gente está lendo as palestras do Guia do Pathwork. O propósito do grupo é aprofundar sobre olhar para o nosso interior, a partir das palestras, e tem o propósito de crescimento mesmo, assim, de autoconhecimento. Tem uma jornada, né? De palestras que a gente vai ler e fazer as vivências e partilhar. Termina agora em dezembro. (P12, sexo feminino, 42 anos, casada, doutorado)

Os participantes, que já eram profissionais atuantes na área psicoterapêutica, alegaram que já haviam realizado um longo percurso dentro da psicologia. E acrescentaram que necessitavam de um contato mais profundo e amplo com a compreensão da existência humana. Surgiu para eles a necessidade de mudar, de ampliar os estudos e o entendimento acerca do ser humano transitando do paradigma cartesiano para o holístico, para melhor apreender as concepções de inteligência espiritual (Torralba, 2012) e/ou quociente de inteligência (Zohar; Marshall, 2000).

Na época, a escolha foi para aprofundar uma abordagem corporal, mas principalmente porque na Core Energetics tinha essa possibilidade de contato com a espiritualidade. Era um desafio para mim. Na época, era algo que eu realmente não considerava dentro da minha prática profissional. Eu possuía um desafio tanto profissional quanto pessoal. Foi o que me chamou a atenção na época. Eu podia ir para as outras áreas da psicoterapia corporal. Até fiz o

⁶⁸ “The combination of a ‘problem-solving perspective’ with the ‘inadequacy’ of any one source of authority recurs as a common plot device in new age biographies.”

introdutório da análise bioenergética. Mas, eu percebi que ia ser mais do mesmo, no sentido dessa coisa técnica, intervencionista, de conhecer. Mas, não ia trazer um diferencial no sentido de algo novo para a minha prática, como seria na Core Energetics. (P12, sexo feminino, 42 anos, casada, doutorado)

Torralba (2012) afirmou que a vida espiritual de uma pessoa é o resultado de inteligência. O ser humano busca o significado e o sentido da existência a partir da qualidade da inteligência espiritual, pois tem um anseio de plenitude que está além das vivências diárias. Diante das exigências e da velocidade do mundo contemporâneo, surge também o quociente de inteligência espiritual, que mede a capacidade de resposta dos indivíduos frente às diversas demandas da vida. A capacidade de refletir e indagar sobre as situações vividas, o sentido e o propósito de viver se origina a partir dessa inteligência (Zohar; Marshall; 2000). Então, a inteligência espiritual não está associada à religião e não se torna imperioso que as pessoas religiosas apresentem alto quociente espiritual (Zohar; Marshall; 2000).

A busca pela compreensão das sensações corporais também estava presente no momento da escolha da formação na abordagem *Core Energetics*, mas permeada com os anseios espirituais e as crenças intuitivas dos participantes.

Por causa do corpo, para aprofundar no conhecimento do corpo. O que tem no meu corpo que ele me diz e eu não estava escutando. O que ele tem para me dizer que eu não estou escutando. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

Teixeira (2021) asseverou que a tônica do discurso novaerista enfatiza muito o *self* individual como uma centelha divina, enquanto as experiências e as práticas terapêuticas recaem sobre o corpo. Há uma relação intrínseca entre corpo, energia e subjetividade. Esses aspectos apareceram nos discursos dos participantes. Assim, ao longo das entrevistas, e com a compreensão da abordagem pesquisada, todos pudemos compreender melhor esses conceitos. Afinal, o corpo é o lugar de experienciar as vivências cotidianas e o transcendente. Assim sendo, há uma busca incessante pelo bem-estar e a felicidade no aqui e agora, e não necessariamente a busca pela salvação ou a compreensão do significado do cotidiano têm valor espiritual.

Por que que eu escolhi? Bom, eu escolhi porque... porque eu acho que eu tava em um momento de descoberta. Primeiro, eu tava no momento de exploração. Antes de chegar na Core, eu tava fazendo parte de um grupo de biodança, e tava me tocando muito, naquele momento da minha vida, o

quanto que os sentimentos reverberavam no meu corpo e na forma de me relacionar, desse corpo de se relacionar com outros corpos. [...] E foi mais algo intuitivo. Tinha essa relação com o corpo, que era um lugar muito importante, um portal pra mim. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Primeiro, eu consigo perceber que o meu corpo faz parte, e que antes ele não estava... não fazia parte dos processos, assim. E, segundo, eu sinto que eu consegui trazer mais força, meu corpo mudou a forma, e eu tenho... eu sinto mais grounding, mais aterramento nele, e mais força. Foi consequência tanto de um direcionamento terapêutico quanto de um direcionamento de exercício físico também. Mas, eu só consegui sustentar o exercício físico porque estava em trabalho terapêutico, que eu nunca tinha conseguido. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

A pretensão em ser terapeuta, para aqueles que anteriormente não exerciam esta profissão, não era um objetivo no início. Para alguns, o fato de fazer terapia na abordagem *Core Energetics* os aproximou da possibilidade de fazer a formação. Para outros, a aproximação ocorreu a partir de um encontro intuitivo e de uma oportunidade de experimentar um novo caminho.

Nossa. Eu sinceramente não tenho uma resposta lógica pra isso. Porque assim, eu acho, eu sinto, eu intuo que foi um chamado da alma, mesmo. Porque eu nunca tinha feito terapia na minha vida antes da formação da Core. Então, eu cheguei na Core através de um panfleto que eu vi uma vez. Eu grávida do meu primeiro filho, que eu falei: “Nossa! Senti um chamado”. Vi aquele espiral, falei: “Nossa! Que coisa interessante”. Deu vontade de ir. Só que eu tava grávida e falei: “Como é de dois em dois anos, eu vou deixar pra ir depois”. [...] E aí, depois, quando abriu novamente, que eu já tinha tido filho, eu acho que minha filha tava com quase dois anos, aí, eu entrei na turma oito. [...] Eu cheguei na Core no puerpério do segundo filho. [...] Depois, veio a separação. [...] Então, eu sinto assim, que eu observando, eu lembrando de mim mesma, eu acho que eu demorei muito pra chegar de verdade. Eu acho que eu tava muito anestesiada. E com medo, também! Acho que eu tinha muito medo de entrar em contato com as coisas que tavam aqui que eu não sabia o que eram. [...] Mas, ao mesmo tempo, uma vontade de continuar. Sem muito entendimento emocional, assim, sabe? Então, eu fui. Eu senti que era um caminho importante pra mim. Então, eu continuei indo. Mesmo que eu não soubesse elaborar muito bem. “O que eu tô fazendo aqui?” Eu sei que eu tinha que ir! Era uma coisa que me chamava. (P11, sexo feminino, 36 anos, solteira, ensino superior incompleto)

Bom, de um lado, porque fazia terapia Core Energetics há muitos anos. [...] Aí, fiquei um bom tempo fazendo terapia e, num certo momento, eu acho que eu queria aprofundar o meu percurso terapêutico pessoal. Eu tava me aprofundando em ser terapeuta, mas não tinha essa ideia. [...] Não tava pensando em me tornar terapeuta. Na formação, comecei a preencher os requisitos, a fazer as coisas direitinho. Inclusive, da minha turma, foram só dois que conseguiram formar em julho com tudo já pronto. Eu fui um dos dois. [...] Eu já comecei dentro da formação e foi só ampliando. A coisa foi muito orgânica. [...] Mas, não tive uma loucura de vida, sabe? Sei lá! Ter que sair de um serviço público, coisa que algumas pessoas têm, né? De mudar. Foi acontecendo e ampliando. Tinha espaço pra isso. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

As falas dos participantes trazem referências de elementos como alma e intuição, que compõem o quadro metaempírico de significados dos discursos dos buscadores da Nova Era (Guerriero *et al.*, 2016). Como a alma está ligada ao Eu superior, à fagulha divina presente no interior de cada ser humano, traz a possibilidade de reencarnação. Por sua vez, a intuição se caracteriza como um processo mental instantâneo, uma capacidade advinda de um *insight* sempre confiável e sem uma explicação lógica.

Durante a formação em *Core Energetics*, através dos eventos e da comunicação diária via rede social, as turmas interagem e os participantes se sentem pertencentes a uma comunidade. Pode-se inferir que se trata de uma comunidade que foi se mantendo de diferentes formas, desde a criação da *Core Energetics* por John Pierrakos em Phoenix, onde havia uma comunidade que partilhava um espaço físico, descrita no Capítulo 3 desta tese. Por meio das influências pós-modernas, atualmente, a possibilidade de encontros e de trocas virtuais on-line tem unido o grupo nacional e internacionalmente. A comunidade é percebida como uma família e a comparação com uma comunidade religiosa desperta o imaginário de alguns. Há subgrupos que se reúnem para estudos, conversas terapêuticas e eventos festivos.

É uma comunidade. É minha família. Trouxe um pertencimento. Meus melhores amigos são da comunidade Core. Minha família também está envolvida. (P1, sexo feminino, 43 anos, casada, mestrado)

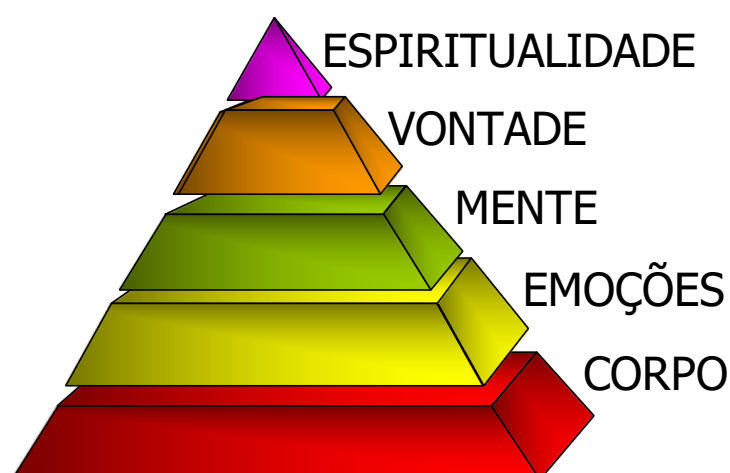
Então, eu tenho uma comunidade, as pessoas da Core. No fundo, é a minha “comunidade religiosa”. São as pessoas com as quais eu comungo. Eu tenho comunhão e estas coisas. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

No grupo de WhatsApp “Comunidade Core”, até o momento, não constatee nenhum grande movimento de forma espontânea para a promoção e a ajuda comunitária e social. Algumas pessoas, de forma isolada, pediram votos para Conselho Tutelar, divulgaram exposições em prol do Cerrado, pediram apoio para as paradas LGBTQIAP+, solicitaram fundos para comprar brinquedos para brinquedoteca comunitária em que dois membros da comunidade trabalham, entre outros assuntos. Nos meses que antecederam as últimas eleições presidenciais, houve uma organização entre alguns membros da comunidade para combater as notícias falsas em relação ao processo eleitoral. Além disso, foi confeccionado um

folder eletrônico com a foto de alguns participantes que apoiavam o candidato contrário ao governo vigente naquele período, com o título “Terapeutas *Core* pela Democracia”. A direção da Rede Brasil *Core Energetics* se posicionou contra o governo da época e apoiou o candidato opositor. O apoio da comunidade não foi unânime. Naquele período, foi promovido um encontro virtual para discutir o conceito de peste emocional, presente na teoria reichiana, sobre o totalitarismo e o fascismo, conforme citei no subitem 4.1 desta tese.

O trabalho psicoterapêutico em *Core Energetics* envolve o corpo, as emoções, a mente e a vontade (Figura 2). O trabalho corporal contribui para a expressão das emoções, as quais são compreendidas mentalmente. Com o aumento do fluxo energético advindo do trabalho corporal, há mais disponibilidade para acionar a vontade, que atua para a ocorrência de mudanças e transformações das defesas e negatividades. Ao longo do processo de autoconhecimento, vai acontecendo o desenvolvimento ou o despertar da espiritualidade, como apresentei no Capítulo 3 desta tese.

Figura 2. Reconhecendo o ser integral.



Fonte: Original da autora para este trabalho, com base em anotações pessoais e figura semelhante apresentada durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

O aumento da capacidade respiratória acarreta maior equilíbrio na pulsação energética, flexibilizando as coraças ou defesas musculares e facilitando maior contato com a essência ou Eu Superior. Um dos aspectos relevantes em relação ao corpo é a maior percepção da presença no aqui e agora, atribuída ao desenvolvimento do *grounding*, ou enraizamento, um aspecto muito importante enfatizado na abordagem *Core Energetics* e explicado no subitem 3.1.3.2 desta tese. Perceber-se mais “enraizado” propicia maior responsabilidade pelas decisões no dia a dia, favorece a segurança para lidar com emoções que geram vulnerabilidade e suscita mais assertividade e coragem para realizar mudanças. O *grounding* é a “capacidade de a pessoa entrar em contato consigo mesma e com o mundo exterior” (Weigand, 2006, p. 30). É nítida essa percepção na seguinte fala de uma participante:

Hoje percebo meus pés e permito que meu corpo vibre nos exercícios com mais segurança. Então, sinto o meu corpo mais entregue, mais fluido. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação)

Pela autoavaliação sobre como se sentem ao fazer os exercícios, tem-se um indicador de como os participantes percebem a força e o equilíbrio em lidar com as emoções e transportam estas vivências para o dia a dia.

Eu percebi que... Como é que eu vou explicar? Que eu tenho mais consciência corporal, que a minha relação com os meus pés mudou muito. Eu sinto muito mais o contato do meu pé no chão hoje. Tenho consciência que existe esse contato. Hoje, eu consigo permitir que o meu corpo vibre nos exercícios. [...] Posso confiar que meu corpo pode vibrar. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação)

Estar atento às sensações que o corpo emite é algo considerado imprescindível para ampliar a percepção e verificar se há ou não força disponível para movimentos e mudanças. Calegari justificou que

Só faz sentido o que pode ser sentido! O que pode ser sentido pelo corpo faz sentido para a pessoa e pode mudar seu comportamento. Ao organizarmos a identidade secundária, abandonamos o corpo e suas sensações profundas e passamos a olhar apenas para o exterior. Bloqueamos as sensações que entravam em choque com nossa identidade secundária. Afastamo-nos de nossa natureza profunda, perdemos o contato com as raízes naturais de nossa personalidade.⁶⁹

⁶⁹ Minhas anotações pessoais durante a aula ministrado por Dimas Calegari no Curso *De Reich ao Coração*, em Brasília, DF, de agosto de 2003 a agosto de 2004.

O movimento do corpo e a ampliação da respiração ocorrem durante os exercícios integrados com a atenção às sensações, conforme mencionou esta participante:

Eu percebi uma maior sustentação das emoções, das sensações corporais. Comecei a fazer contato, mesmo, principalmente contato do corpo em relação a medo, vivência de medo, de ansiedade e conseguir sustentar isso no corpo. Comecei a sentir mais presença no meu corpo [...] Atenta às sensações corporais. Maior preocupação com o cuidado com o corpo [...] Sustentação de viver a vida no corpo. (P12, sexo feminino, 42 anos, casada, doutorado)

Vários participantes relataram maior integração do corpo com as emoções e a mente, ou seja, a percepção de unidade, outro aspecto importante na abordagem psicoterapêutica estudada. Pierrakos (1997) enfatizou a importância de restabelecer o funcionamento saudável da unidade energética, psicossomática, ou seja, da pessoa inteira. Também afirmou que “não há patologia orgânica sem distúrbio emocional e não existe doença emocional sem consequências fisiológicas” (Pierrakos, 1997, p. 198). Os participantes indicaram a busca por essa integração nos seguintes relatos:

Sinto meu peito mais preenchido. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

Abaixo do diafragma era mais marcado, tinha mais tensão. Alargou um pouquinho. Depois, nos quatro anos, foi mudando, ficando mais integrado com o peito. (P9, sexo feminino, 36 anos, solteira, pós-graduação)

Em adição a isso, também mencionaram uma percepção clara entre mudança corporal e expressão de sentimentos. Há exercícios na abordagem *Core Energetics* para flexibilizar o diafragma e melhorar a respiração, integrando a pelve, o abdômen e o coração. O corpo se torna mais flexível, a respiração fica mais ampla e os sentimentos sexuais e amorosos são vividos de forma mais agregada. Calegari (2001) explicou que, ao trabalhar cada parte ou segmento do corpo, busca-se mobilizar a região, trazer a linguagem que signifique o que está acontecendo ali e, ao final de cada mobilização, promover uma integração autoperceptiva clara. O trabalho corporal integrado vai “desfazendo a base bioenergética sobre a qual se assentam as crenças errôneas a respeito de si próprio e da realidade exterior” (Calegari, 2001, p. 149).

Então, eu não sentia bem a coisa do corte diafragmático, um trabalho muito separado pra mim. O coração tava muito guardado, muito engavetado. A Core me ajudou a resgatar o coração, com certeza. Enfim, hoje eu sinto os

sentimentos do amor, ligados ao estado de amor. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

Então, na verdade, não foi mudanças que aconteceram no meu corpo, mas a forma como eu comecei a me relacionar com o meu corpo que mudou, sabe? De ver o que estava acontecendo aqui no meu peito, de entrar em contato com esse buraco. Então, isso foi mudando também. Esse corte no meu diafragma, que eu fui entrando em contato com esse lugar da separação que eu faço da sexualidade e do coração. (P9, sexo feminino, 36 anos, solteira, pós-graduação)

Para determinadas estratégias de caráter, há facilidade para se desconectar das sensações corporais, como é o caso da estratégia esquizoide ou fragmentada (subitem 3.1.3.2 desta tese). E o fato dessa estratégia estar mais presente surpreendeu essa participante:

Agora eu sei quando tenho estas sensações. Antes, eu nem sentia. Muitas vezes, não estava presente. Isso é muito bom! (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

O conceito de energia foi muito citado pelos participantes da pesquisa quando relataram a sua percepção corporal. Parte-se do princípio da existência de uma forma orgonômica, isto é, que o organismo humano é uma unidade energética, como denominou Reich (Calegari, 2001), e esta energia é moldada a partir da relação deste organismo com o meio. Teixeira (2021, p. 80) registrou que o conceito de energia utilizado na Nova Era partiu de

[...] uma tradução e ressignificação de elementos de diversos universos metafísicos e religiosos que ao serem traduzidos como um conceito científico amplamente reconhecido pelo senso comum - energia -, foram secularizados, sendo que esta conotação secular corroborou com a ideia [sic] de que os elementos novaeristas são científicos.

Bedani (2007) discutiu as hipóteses energistas que influenciaram os estudos reichianos e esclareceu muitos conceitos científicos. A energia orgônica advinda de Reich é considerada na abordagem *Core Energetics*, e pode ser analisada e avaliada a partir da metodologia de observação do trabalho psicoterapêutico realizado com o cliente. Calegari (2001) comentou que Reich (1995), em contestação a Freud, fez experimentos e inseriu o corpo na psicanálise com a pretensão de tornar a energia libidinal abstrata em energia libidinal concreta e observável. O conceito de energia,

para Reich (1995), está ligado ao movimento de pulsação presente na respiração celular que, ao se ampliar para todo o corpo, torna-se concreto e visível.

“A Energética da Essência parte da energia correta da Essência e não de distorções ou doenças específicas” (Pierrakos, 1997, p. 201). Isso significa que o trabalho visa desobstruir os obstáculos, ou defesas, que impedem a essência de fluir mais livremente. Relembrando suas histórias de vida, relacionando os eventos vividos e a forma como lidaram com esses eventos, os participantes da pesquisa compreenderam, a partir da teoria estudada, que seus corpos energéticos e musculares foram sendo formatados, assim como suas crenças. Através da mobilização das emoções e dos exercícios físicos, com a intensificação da respiração e o desbloqueio do diafragma a partir de massagens, acontecem mudanças físicas. Como resultado, lidar com as sensações corporais passa a ser diferente. A atividade corporal, ou a energia quantitativa, aumenta a consciência e facilita que esta consciência acesse a periferia defensiva (Pierrakos, 1997). Com esse acesso e estando consciente do que ele representa, o processo de mudança começa a acontecer.

Ao movimentar essa história congelada no corpo, surgem energia e força disponível para mudanças. “A forma expressa o movimento energético congelado. Devemos aprender a ler na forma do corpo o movimento energético corporal” (Reich, 1979 *apud* Calegari, 2001, p. 35).

Eu saí de uma estrutura de caráter que tinha uma sobrecarga muito ativa, e hoje eu me percebo mais na rigidez. (P8, sexo feminino, 54 anos, casada, pós-graduação)

Eu ganhei muitos quilos. [risos] Eu acho que eu ganhei uns sete quilos, e meu corpo mudou bastante com isso. Foi uma ótima mudança. Me agradou. Me deixou mais presente, com mais energia. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Eu identifico sobretudo na abertura aqui do peito. O meu peito era mais fechado. Então, eu vejo que trabalhei muito na minha subcarga. Diminuiu a subcarga do meu peito. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

O que eu sei foi o que eu ouvi. Então, assim, tinha gente dizendo: “Eu olhava para você e tinha medo!” Porque eu tinha uma energia, ainda tenho, uma parte minha, de energia deslocada. Mais energia e força da cintura para cima [...]. Então, isso mudou. (P10, sexo masculino, 48 anos, solteiro, ensino superior)

Em relação às transformações emocionais, os participantes destacaram a aquisição de uma capacidade de autorregulação das emoções. Como consequência, atingiram melhor compreensão das suas emoções e a permissão para senti-las. Autorregulação, função defendida por Reich (1995), é a capacidade biológica e natural do indivíduo de estabelecer uma relação íntima com o corpo, respeitando seu ritmo e percebendo as sensações mais profundas. Assim, demonstra a capacidade natural de manifestar prazer e revela o potencial para o desenvolvimento da autonomia. Para Reich (1995), vida é autorregulação. Nas falas dos participantes, foi notável a maior percepção que eles adquiriram em relação aos seus corpos e à atenção dada as mudanças corporais.

Gostaria de considerar aqui o conceito de autonomia trazido por Kamii (1990), de acordo com o qual, seria a capacidade de considerar os aspectos significativos na tomada de decisões para seguir na jornada que conduz a ações. Entre esses fatores significativos estão o cuidado e as considerações com os posicionamentos do outro. Assim, entre os participantes da pesquisa, houve a percepção de que, por meio dos trabalhos corporais em grupo, desenvolve-se um compartilhamento e um vínculo de cumplicidade e compromisso entre aqueles que ali estão. Eles exercitam esse aprendizado nas relações sociais do dia a dia.

Os participantes confirmaram a importância da liberação das emoções para familiarizar-se com elas e, assim, regulá-las e escolher o que e como expressar e sair da polarização.

Eu vejo que tenho um amadurecimento emocional, uma capacidade de suportar dor e angústia muito maiores do que eu tinha antes. Conseguir acessar uma sabedoria, mesmo, para lidar com as minhas emoções. Porque antes, eu não tinha uma educação emocional, sabe? Nem uma percepção. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Tenho mais equilíbrio, desenvolvimento da serenidade, menos intensidade nas emoções. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

Eu sinto que eu tô me permitindo sentir mais as emoções, sem querer tanto corrigi-las [...] Porque, antes, eu sentia as emoções como uma ameaça. Hoje, eu sinto como um alívio. [...] Antes, também, as emoções eram muito polarizadas. Hoje, eu percebo várias nuances. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação)

As emoções também são designadas a partir da percepção energética, como o termo “inundação”, que representa falta de controle sobre a onda emocional, ou o termo “congelamento”, significando que a energia fica presa, aquela região do corpo esfria e há ausência de sensações.

Eu... as emoções me tomavam. Eu sentia de uma forma muito intensa as emoções. A mudança corporal, eu sinto que me deu mais um aterramento, uma capacidade de fazer contato sem me desmanchar nas emoções. Menos inundação. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Eu fui entrar em contato com as minhas emoções, porque, até então, eu não dava muito valor a elas. Nunca tive muito espaço em casa pros meus afetos. Não tinha tanto valor. Então, na Core, eu aprendi a dar espaço pro que eu sentia [...] Eu fui aprendendo a mediar a minha hipersensibilidade. Como eu era hipersensível, não tinha espaço. Então, nem o hiper! A sensibilidade não podia existir. Então, eu ia pro congelamento. Então, uma das grandes diferenças foi que eu aprendi a mediar, né? (P9, sexo feminino, 36 anos, solteira, pós-graduação)

Pierrakos (1997, p. 205) esclareceu como se desenvolve o processo terapêutico ou de autodescoberta:

O trabalho começa liberando as emoções e vai gradualmente ajudando a pessoa a compreendê-las, a ter consciência delas, a se mover com elas, escavando os nós inconscientes de sentimentos e pensamentos volitivos, que sabotam o potencial qualitativo do sistema de energia.

Em relação às negatividades, foi citada a aprendizagem em lidar com a “raiva destruidora” por alguns participantes da pesquisa:

Ah! Eu saí da formação outra pessoa. Porque eu conseguia já me dar colo, ativar muito bem o Eu Observador. Então, eu tenho uma raiva destruidora. Eu comecei a entender qual tinha sido o gatilho que me levava a ter essa raiva, cuidar do motivo do gatilho, nutrir minha criança interna e regular a minha raiva e regular as minhas emoções [...] (P6, sexo feminino, 50 anos, casada, mestrado)

A abordagem *Core Energetics* avulta a necessidade de reconhecer e mobilizar as negatividades para que estas sejam transformadas. Talvez seja a abordagem psicoterapêutica que mais enfatize esse aspecto. Após reconhecer as defesas (Máscaras), o segundo estágio do trabalho psicoterapêutico em *Core Energetics* é a evocação das negatividades primais, não distorcidas, que protegem a essência. A exploração dessas negatividades primais é essencial para se alcançar o Eu Superior (Pierrakos, 1997). Thesenga (2016, p. 144) argumentou que “a negação do eu inferior

(negatividades) é um impulso pelo menos tão forte quanto a negação da morte; às vezes é ainda mais forte”. Esse é um território que precisa ser conhecido e explorado para se aprender a lidar com ele e transformá-lo. O intuito é transmutar a energia intencionalmente negativa e defensiva em energia bem-intencionada, assertiva.

Foi muito importante pra minha raiva, porque quando entrei, eu tinha muita dificuldade em lidar com as explosões de raiva. E utilizar as ferramentas de descarga, da Core, de expressão, com certeza, entre a formação e a terapia naquele período, foi um dos grandes trabalhos da minha vida. [...] Então, pude ver que a minha raiva não me matava, que eu podia expressá-la, que tinha um lugar seguro pra isso, que tinha ferramentas pra isso, que era possível, que eu não precisava esconder ela, mas também não precisava ser tomado por ela. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

Na abordagem *Core Energetics*, a dimensão espiritual acontece com uma abertura de canais, os quais vão ficando cada vez mais amplos com o reconhecimento e a retirada das Máscaras e o deslindamento de emoções negativas. Pierrakos (1997) ressaltou que o movimento em espiral do ser humano para dentro e para fora da essência é um processo contínuo e dinâmico. A abordagem *Core Energetics* continua do ponto em que param outras abordagens terapêuticas. Além de resolver as dificuldades, se propõe a mergulhar na descoberta de propósitos maiores e ativar a espiritualidade, a autorrealização, a compreensão e a unificação com toda a existência. Conforme descreveu Thesenga (2016), o Eu Superior começa a ser percebido a partir do plano do Ego e vai atingindo outros níveis, expandindo-se até os planos transpessoais de percepção e experiência unitiva de Deus.

Observei que a espiritualidade é percebida pelos participantes como uma dimensão que está integrada com o corpo, com as sensações e com o que ocorre no dia a dia. Alegam que é muito importante a convivência na comunidade para que o crescimento espiritual continue acontecendo. Descreveram a diferença entre viver a sensação de paz, plenitude e inteireza de forma solitária e compartilhando com outras pessoas, e consideraram a segunda uma experiência de comunhão até mais desafiadora. Então, há um propósito em ampliar a percepção de si na convivência com o outro. Contudo, parece que esse objetivo está relacionado com o próprio desenvolvimento e não com a importância de uma transformação social.

A partir do foco do autoconhecimento, o aspecto individualista pode ser considerado um individualismo ético, como defendido por D’Andrea (2000) em seu estudo sobre a posição dos indivíduos da Nova Era. O autor utilizou o conceito de

ética a partir do filósofo Foucault, apontando que “é a prática consciente da liberdade, em que o conhecimento de si é premissa para padrões de sociabilidade democráticos e igualitários” (D’Andrea, 2000, p. 219). Ainda completou que se a centralidade e a expansão do sujeito são irrevogáveis no movimento Nova Era, é preciso fomentar esta manifestação na comunidade e não contra ela.

A Core Energetics trouxe esta espiritualidade mais para perto. Antes, era dividida, mais distante. Hoje, conectei pelve, coração e o sentido da espiritualidade. [...] Sensação da espiritualidade no corpo. A dimensão da espiritualidade que experiencio na comunidade é horizontal; e a vertical é quando vou para espaço mais solitário e silencioso. Antes, era fácil ir para este individual. Mas, eu me perdia nas relações, queria agradar. Hoje, estou me relacionando de uma forma mais honesta e isto ajudou a integrar estas dimensões. (P1, sexo feminino, 43 anos, casada, mestrado)

O trabalho de autoconhecimento e autorregulação das emoções citado serve como recurso para a convivência comunitária e espiritual. Os participantes enfatizaram a importância de acreditar que há algo além do Ego. E as práticas espirituais passaram a ser compreendidas a partir das sensações corporais.

Houve um maior conhecimento e integração da consciência da espiritualidade no corpo. Lembrar que meu espírito está aqui o tempo todo, não só o eu e o ego. Sou daimista. Muitas vezes, tive insights da força do Santo Daime. Com os aprendizados da Core Energetics, de fazer e vivenciar no corpo o que eu aprendi nas páginas escritas, aquilo que estava escrito passa a ser também uma sensação, e é vivido na intensidade das emoções. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

O fato de crer que fazem parte de uma dimensão maior, que vai além do cotidiano, fez com que alguns participantes buscassem práticas para reavivar o contato com sensações mais profundas e sutis, além das práticas advindas da abordagem *Core Energetics*. Entre as práticas citadas, estão visitas a centros espíritas, a comunidades de Santo Daime e a terreiros de Umbanda, assim como meditações. À medida que se aprofundam no trabalho em *Core Energetics*, parece que aumentam sua curiosidade e busca, ou consumo de novas experiências transcendentais. Bauman (1998) considerou que o homem pós-moderno procura sempre, e de forma crescente, vivências máximas através de mestres da experiência, ou de seus produtos, para intensificar e realçar sensações. Diferentemente do propósito religioso de buscar o transcendente para afastar a insuficiência humana, o indivíduo pós-moderno quer atingir o seu potencial máximo a partir das práticas espirituais.

Espiritualmente, foi abrindo um chamado, para cada vez mais honrar o espaço disso na minha vida. E, coincidentemente, eu achei um caminho que eu nunca tinha achado. Já tinha buscado muitas coisas. E achei um caminho que fez muito sentido e que combinou com tudo, que inclusive o universo da Core traz. Então, assim, eu fui pro Daime a partir da Core. E o Daime, pra mim, fez muito sentido. [...] É uma comunidade organizada por uma colega que já fez Core. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação)

A minha espiritualidade mudou. [...] Foi durante o processo da Core. Lá pro final e no começo do CorePath, né? Que eu finalmente entrei num terreiro, que era uma prática que eu sentia muito o chamado de viver. Eu tinha entrado em contato na infância em alguns episódios. Mas, eu tive uma criação bem católica, daquele jeitinho bem tradicional. E que eu sinto que o contato com os conteúdos do guia, alguns conteúdos aqui dentro da Core, do CorePath, que foram afinando em mim, que realmente eu falei: “Nossa! Vou seguir essa intuição e esse chamado.” Então, eu sinto que a minha espiritualidade aguçou muito com a minha intuição. Acho que a Core também auxiliou. O trabalho de terreiro, o trabalho mediúnico me ajudou muito. E junto com isso, a Core também. O trabalho terapêutico me ajudou muito a afinar a minha intuição, o meu contato com esse extrassensorial. (P11, sexo feminino, 36 anos, solteira, ensino superior incompleto)

As imagens me ajudam quando elas se conectam com as forças da natureza. Uma vez, eu fui no pai de santo e tal. Ele abriu os búzios, falou os orixás que me acompanham. Eu falei: “Nossa! Faz muito sentido!” Por exemplo, Oxum, que é da água doce, que é da sensualidade, que é isso e tal. Alguns aspectos, assim, fazem sentido, porque me ajudam a reconhecer em mim que eu tenho isso. Então, mesmo Deus... Shiva, Shakti, Kali, que são os deuses do Hinduísmo, alguns aspectos que eles trazem, me ajudam a reconhecer esses aspectos em mim. Então, é isso. (P9, sexo feminino, 36 anos, solteira, pós-graduação)

Os participantes também enfatizaram a liberdade de experienciar essas práticas que auxiliam o encontro com um estado de maior plenitude, mas sem precisar de um “guru”, de dogmas e de instituições formais. Vivenciar a espiritualidade a partir da sensibilidade, do respeito à vida, ao outro e à natureza, a tudo que ocorre no cotidiano.

A espiritualidade, nesse sentido, é um modo de ser, uma atitude fundamental a ser vivida em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Fazendo tarefas domésticas, trabalhar em uma fábrica, dirigir um carro, conversar com amigos ou viver um momento de intimidade com um ente querido, as pessoas que criaram um espaço para a profundidade e para o espiritual; eles permanecem centrados, serenos e cheios de paz. Irradiam vitalidade e entusiasmo, porque por dentro estão cheios de Deus. Este Deus é o amor que, nas palavras de Dante, move o céu, as estrelas e os nossos corações (Hathaway; Boff, 2014, p. 381, tradução minha).⁷⁰

⁷⁰ “La espiritualidad, en este sentido, es un modo de ser, una actitud fundamental para ser vivida en todo momento y en todas las circunstancias. Haciendo las tareas del hogar, trabajando en una fábrica, conduciendo un coche, hablando con amigos, o viviendo un momento de intimidad con el ser amado, las personas que han creado un espacio para la profundidad y para lo espiritual; se mantienen centradas, serenas y llenas de paz. Irradian vitalidad y entusiasmo, porque en su interior están llenas de Dios. Este Dios es el amor que, en las palabras de Dante, mueve el cielo, las estrellas y nuestros corazones.”

Acho que foi o de deixar a espiritualidade mais presente. [...] Core junto com Pathwork trouxe uma matemática da espiritualidade. Ela é tão... ela é simples. Então, a espiritualidade é simples. [...] Eu consigo me autorresponsabilizar e a espiritualidade virou tudo que está em volta. Antes, eu não tinha. Eu estava muito longe. E parece que agora tudo é divino, tudo faz parte do divino e integrou isso. Então, a espiritualidade está muito aqui. Agora, não estou só, sabe? (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Então, no espiritual, eu acho que com a formação, abriu o caminho que eu acho que é a minha verdadeira espiritualidade. Ele não se fechou lá, porque depois, eu fui buscar através da pós, do CorePath. Mas, com certeza, eu encontrei um lugar, uma resposta, vamos botar assim, pra uma busca espiritual que, na minha história, foi criada dentro do Catolicismo e, depois, teve um afastamento da religião em si, do aparato religioso. [...] E encontrar essa resposta da espiritualidade no contato profundo com a própria essência, a essência como imagem, parte de Deus, esse Deus interior, conseguir juntar o processo de desenvolvimento psicoemocional com o processo de desenvolvimento espiritual numa única coisa, em um único processo, entende? Um único pacote! Pra mim, isso foi maravilhoso. Porque eu ansiava pra me libertar de dogmas, de "gurus"! Eu nunca segui nenhum guru, mas de referências religiosas externas. Então, acho que o contato com as palestras do Guia foi que eu tive pela primeira vez dentro da formação. Foi a grande abertura de espírito. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

A descoberta de sentir e acessar um "Deus" mais próximo, a partir de exercícios, traz sensação de alívio e libertação de determinadas imposições e culpas. Além disso, sentir Deus dentro de si, fazendo parte, aumenta a confiança intuitiva e a liderança firme e amorosa. Nas entrevistas, houve muitas menções sobre guiança interna, utilizada tanto no trabalho terapêutico com clientes quanto nos desafios cotidianos. Os participantes da pesquisa confirmaram a afirmação de Hanegraaff (2017) sobre o discurso dos novaeristas, que as estruturas religiosas tradicionais impediram por muito tempo que os crentes descobrissem a divindade que há dentro deles e que, finalmente, hoje isto é possível.

Houve uma transformação espiritual. A conexão espiritual. Eu acho que à medida que você vai se conectando com o seu corpo, você vai sentindo esse espiritual dentro de você. Então, eu fui criada numa família católica, mas eu entendi Deus, eu entendi corporalmente com as experiências, que esse Deus era eu. Que eu era o Deus. Que a centelha divina era eu. Não era uma coisa fora de mim. Essa união, essa sensação que a gente tem em vários exercícios, dessa integração, dessa unidade, é muito forte pra mim agora. (P6, sexo feminino, 50 anos, casada, mestrado)

Outro aspecto mencionado por uma participante foi a aquisição de recursos para desenvolver mais limites em relação às energias sutis e densas que provocam sensações de desânimo. Conforme o relato dela, essas energias estão presentes em

ambientes de trabalho nos quais há muitos desafios, seja por falta de recursos físicos, seja por falta de recursos emocionais. Movimentar o corpo, respirar de forma mais harmônica e reconhecer as próprias dificuldades e negatividades ajudam a lidar melhor com essas energias.

Na abordagem *Core Energetics*, considera-se a energia a partir da teoria orgonômica de Reich e do campo de energia da aura baseada no “princípio da reciprocidade - a lei que governa o movimento da energia interna e externa de todas as entidades. Este fenômeno pulsatório tem importantes implicações para a direção de cada vida humana”, como indicou Pierrakos (1997, p. 67). Há uma integração da compreensão do desenvolvimento da personalidade a partir do desenrolar da história da pessoa e do desenvolvimento físico com a formatação do corpo, a formação das defesas de caráter e a pulsação áurica. Dependendo da estratégia de caráter da pessoa, esta terá maior ou menor facilidade em lidar com os desafios cotidianos impostos e o corpo e o campo áurico reagirão conforme esta capacidade.⁷¹

Foi um grande aprendizado fazer terapia com a Lúcia e estar atenta aos outros campos. Eu não sei se isso entra no espiritual. E saber como cuidar deles, justamente por ter essa abertura. Eu não sei bem explicar o que são “os outros campos”. Vou tentar. Eu aprendi formas de me cuidar a partir de orações e de rituais, mesmo. Eu percebi que isso também me deu um contorno maior, uma proteção. Eu não sei como explicar. [...] Então, dependendo do ambiente que eu estava, com as pessoas que eu estava, eu me sentia sensível, eu ia entrando em lugares emocionalmente difíceis ou muito bons. Eu fui aprendendo que podia ser uma escolha minha, se eu queria abrir pra viver isso ou não. E nesse campo espiritual, a Core me ajudou muito a me cuidar nesse sentido. Aprendi a controlar, a pôr limites. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Thesenga (2016, p. 169) explicou que “em um momento de intimidade com outra pessoa, podemos saber que não passamos de uma expressão de uma única consciência humana universal”. Portanto, não faz sentido responsabilizar o outro e o ambiente por estar “pesado” ou “denso”. Ao perceber essa sensação, cabe à pessoa com maior capacidade de discernimento, no caso o terapeuta, cuidar de si para não interagir a partir dessas negatividades presentes e focar para transformar essas dificuldades. Importante salientar como a autora enfatizou o trabalho individual que a pessoa, no caso o/a terapeuta, deve fazer ao se incomodar com o ambiente “pesado”. No entanto, não discorreu sobre a importância de compreender a razão dessa

⁷¹ Minhas anotações pessoais durante o curso de formação em *Core Energetics*, entre 1997 e 2001.

densidade. Seria interessante nomear os aspectos sociais e econômicos e investigar outros fatores que refletem nessa relação e fazem parte da problemática trazida pelo/a cliente. Talvez assim se possam obter avanços em relação à individualidade ao torná-la reflexiva. Como ponderou Domingues (2002), através da reflexão entre dimensões coletivas e individuais, considerando-se a criatividade dos agentes individuais e coletivos, é que se pode ir compreendendo o que compõe o tecido social.

Ainda em relação à espiritualidade, os participantes aventaram uma série de atributos, como “uma força maior que tudo une”, “uma capacidade que existe no ser e pode ser sintonizada”.

Espiritualidade, para mim é sentir, entender, perceber que tem algo maior aqui, que tem algo que nos une, que eu faço parte do planeta, como um ser que tem uma função, uma tarefa a realizar. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Boff (2009, p. 177) enunciou que a espiritualidade “é anterior e mais originária do que as religiões” e está no nosso cotidiano como uma chama de sentido e propósito de vida. À vista disso, a espiritualidade se manifesta através de interações de amorosidade e respeito com a natureza e as pessoas, em uma comunhão da unidade com a diversidade e da diversidade com a unidade na diversidade. Para Thesenga (2016), as experiências de vida refletem o que a pessoa é em cada momento. Quando há insatisfações e dificuldades, é preciso explorar o território interior para encontrar os bloqueios e as possibilidades de uma vida mais plena. O melhor mestre espiritual é a vida, que mostra, através das experiências diárias, como cada um está. Para os participantes, a conexão com a espiritualidade é uma consequência do trabalho de autodesenvolvimento integrado com as vivências diárias, corroborando os ensinamentos de Thesenga (2016).

Pra mim, é conexão profunda com a vida. Pra mim, não tem diferença entre vida e Deus. E acredito que existe uma unidade e um desejo de voltar a fazer parte dessa unidade. E isso tudo é o caminho espiritual, de alguma forma. Então, é um se reconectar. Então, qualquer prática que me ajude a me reconectar com o Deus que eu sou, que tá dentro de mim, que tá em todos os irmãos e irmãs em volta, que tá na vida, na natureza, que tá no cosmos, qualquer ferramenta que me ajude a fazer isso, pra mim, é uma ferramenta espiritual. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

Eu não acho que a gente precisa se conectar a alguma coisa. Acho que conectados nós estamos. A essa fonte, a Deus, enfim, seja qual o nome que seja. Eu acho que nos falta, às vezes, é a sintonia. É como sintonizar um rádio. Acho que quando a gente perde um pouco a sintonia, dá uns chiados,

uns atravessamentos. Que eu esqueço, eu esqueço da minha natureza que é divina e que comunga com tudo que existe, com a natureza de uma maneira geral, porque eu sou parte dela. Então, pra mim, espiritualidade é me sintonizar novamente com o que eu sou de fato. Que eu sou natureza, sou planeta Terra, eu sou universo, eu sou junto com todas as outras coisas. Eu acho que, pra mim, isso é espiritualidade. O que que faz a espiritualidade existir? Acho que, na prática, é o quanto mais eu realmente me sintonizo com isso. O que me ajuda é o processo de autoconhecimento. É eu ter uma vida mais coerente entre o meu pensar, o meu agir e o meu sentir, por exemplo. Acho que isso é espiritualidade: buscar uma vivência coerente, uma vivência que pulse, na verdade, que me habita, seja ela qual for naquele momento. Acho que isso é manifestação da espiritualidade no dia a dia. (P11, sexo feminino, 36 anos, solteira, ensino superior incompleto)

Durante o processo do curso de formação, desde o seu início até o momento, os participantes experimentaram mudanças em relação à visão de mundo e à forma de lidar com as demandas diárias. O contato com os diferentes colegas no curso, “os buscadores”, despertaram curiosidade e estranheza em alguns, mas a convivência trouxe uma troca de experiências enriquecedoras. Apesar do interesse pela busca espiritual ser algo comum, ela apresenta diferentes nuances diante das crenças e percepções de cada um. Pode-se inferir que esse comportamento de abertura diante do novo também faz parte do *ethos* da Nova Era, como relatou Campbell (1972, p. 122 *apud* Hanegraaff, 1996, p. 15, tradução minha),⁷²

Os porta-vozes dos vários movimentos cultuais, portanto, têm uma causa comum ao atacar a ortodoxia e defender a liberdade individual de crença e prática. [...] Decorrente disso, há uma orientação predominante de compaixão e apoio mútuos, de modo que os vários movimentos cultuais raramente se criticam uns aos outros.

A minha visão de mundo... Cara! Eu venho de João Pessoa, da Paraíba! Na formação, abriu um mundo diferente. Porque a minha família é acadêmica. Minha mãe, engenheira, meu pai, professor da universidade de engenharia, entendeu? Então, eu lembro que era um universo paralelo aquilo, entendeu? Muita gente de outras áreas, muita gente com outra visão de mundo. Eu não sabia o que que era ayahuasca. Tinha gente que já fazia medicina de não sei o quê, entendeu? Eu lembro que o R., que era um colega meu, fazia parte da União do Vegetal. E eu, assim... Aquilo foi assim, “Nossa senhora! Como esse mundo é grande!” Sabe? Então, tinha pessoas com experiências bissexuais. Alguém que vivia esta experiência há 20 anos. Na minha visão... Minha irmã era homossexual. Então, era homossexual e heterossexual. Bissexual, isso não era uma coisa comum pra mim! E as pessoas na formação com essa história de “Eu acho que eu sou bissexual. Eu já casei com homem. Eu já casei com mulher”. E eu, assim, tipo, “que mundo grande é esse?” Entendeu? Então, foi um divisor de águas em relação a essa grandeza de mundo. Eu me abri pra diversidade das pessoas e do mundo como um todo, sabe? Ali,

⁷² “The spokesmen for the various cultic movements thus have a common cause in attacking orthodoxy and in defending individual liberty of belief and practice. [...] Arising from this there is a prevailing orientation of mutual sympathy and support, such that the various cultic movements rarely engage in criticism of each other.”

nossa, eu lembro! O meu colega falando desse negócio do Vegetal e eu pensando: “O que que é isso?” E, aí, eu fui entendendo, sabe? Uma outra forma e, assim, minha visão foi ampliando. (P6, sexo feminino, 50 anos, casada, mestrado)

O movimento coletivo, de grupo e comunidade, foi avaliado de forma positiva pelos participantes, infundindo-lhes coragem para enfrentar os desafios da autodescoberta.

Eu acho que há algumas coisas dentro da formação... Esses anos todos que eu tô dentro da Core, me ajudou muito. Eu acho que ter a coragem – eu acho que é isso, assim – ter a coragem de assumir as coisas que fazem sentido pra mim. Então, assim, acho que antes, eu ficava dentro da Máscara, mesmo. E esse contato com os conteúdos disso, que a gente chama de Inferior, me ajudou muito a fortalecer, mesmo, a minha força, o meu poder pessoal. De poder realmente trazer aquilo que é importante pra mim, né? De me colocar, de me comunicar com mais assertividade... Então, isso me ajudou muito, porque tinham coisas que eu pensava sobre visão de mundo, sobre o que eu acredito, que eu acho que nem eu mesma sabia que eu sabia. E, à medida que eu fui me comunicando, me revelando, esse processo de me revelar me ajudou muito a compreender realmente quem eu sou. (P11, sexo feminino, 36 anos, solteira, ensino superior incompleto)

O movimento individual de autodescoberta gera trocas, novas hipóteses, flexibiliza crenças e inspira novas ações criativas. Pierrakos (1997) alertou que quando não há um equilíbrio do potencial humano nos quatro domínios – corpo, mente, emoções e espiritualidade –, corre-se o risco de gerar radicalismos, de ordem emocional, espiritual, material, entre outros. Em relação à importância desse trabalho integrado, há uma passagem no livro de Thesenga (2016) em que ela relata a sua convivência com Eva Pierrakos. Certo dia, ela foi se encontrar com Eva depois de ter passado horas meditando, em um contato profundo com a espiritualidade, e Eva a questionou como estava a sua sexualidade com o seu marido.

O espaço que a sexualidade tinha na minha vida era de algo ainda pouco nobre, com espaço pequeno, de pouca importância em relação à vida e meio escondido. Muito ligada a essas visões, essas crenças religiosas. Então, é claro que não foi só a formação, mas a formação começou a quebrar a minha visão da sexualidade e eu comecei a me reapropriar um pouco mais dela, podendo integrá-la. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

As ações e escolhas vão se tornando mais integradas ao longo do processo de autoconhecimento, com uma vontade mais profunda, e são assumidas com mais responsabilidade.

Eu acho que no meu dia a dia, hoje, tem uma inteireza e tem uma consciência da escolha que eu faço, sabe? Pode ser que eu escolha ficar mal, mas eu estou sabendo que é uma escolha, sabe? [...] Tem algo vinculado ao propósito também, porque me reconectou com a minha alma, com a minha essência, entendeu? Eu tinha perdido isso. Na minha escolha profissional anterior, que era o direito, depois de tudo... que eu comecei a trabalhar, aí, foi perdendo o brilho, sabe? E, aí, a Core trouxe esse brilho de novo, assim, como atriz, assim, como construtora e responsável por estar aqui, mais conectada com o planeta, mais conectada com o meio ambiente, mais conectada com a minha responsabilidade sobre o todo. Inclusive uma responsabilidade social. Que eu sei que ela está aí, que ela pulsa em mim e que eu não consegui mover, né? Mas, que voltou a estar presente. E isso eu sei que é por conta da Core. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

O conceito de autorresponsabilidade presente na abordagem foi bem recebido por todos. Inclusive, passou a ser uma crença que instiga a constante investigação e o movimento para descobertas e mudanças. Essa crença parece trazer aspectos positivos. No entanto, corre-se o risco de criar um ponto cego para as diferenças sociais que inviabilizam muitos processos, o que não deve ser julgado como falta de responsabilidade ou ineficácia do indivíduo.

A Core traz uma outra perspectiva de como ver o mundo. Que eu sou absolutamente responsável por tudo o que está à minha volta. E isso não é pesado. Isso, pelo contrário, me traz a força e me conecta com a potência da minha criatividade, da minha capacidade de estar ou não aqui, e também conectada com as minhas emoções, com respeito ao meu espaço-limite e o tempo de transformação das coisas também. Acho que estou mais autorresponsável. Antes, tinha uma coisa do destino, de esperar Deus realizar as coisas. E do meu poder hoje estar mais comigo, da vida, de alguma forma. Por mais que eu esteja atravessando este lugar, eu sei que tem um lugar que vibra, que pulsa, que é alegre e que eu posso transformar, sabe? E eu não tinha essa consciência antes. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

A autorresponsabilidade também parece auxiliar na apropriação da vida e no pertencimento ao mundo dual e conflituoso que vivemos. A discussão sobre autorresponsabilidade ficou muito centrada na individualidade, não surgindo a oportunidade de abordar os aspectos sociais que podem influenciar este conceito.

Eu me senti mais pertencente a este mundo, porque, até então, antes, era assim: “Foda-se o mundo!”. Não tava nem aí pra eles! Humanidade torta, essa economia capitalista. O que mudou, pra mim, é que eu topei jogar esse jogo. Assim, porque eu tava sentindo mais as minhas pernas, porque eu tava em mais contato com meu próprio corpo, com as minhas emoções. Então, eu me sentia mais madura mesmo, pra “Agora tá, beleza! Então, eu posso me posicionar!” Porque, até então, eu me retirava. Eu senti do tipo: “Agora, eu posso jogar esse jogo! Eu tenho pernas pra jogar esse jogo.” (P9, sexo feminino, 36 anos, solteira, pós-graduação)

Eu percebo mais uma tensão em relação às questões da separatividade nas relações no mundo. E, antes, eu tinha uma postura muito de realmente reafirmar essa separatividade, gostar de ficar nessa separatividade, nessa dualidade, de achar que era isso ou aquilo. Uma necessidade de provar as coisas. E, agora, eu olho para o mundo, assim, incluindo tudo, não só comigo, mas o mundo! Tudo faz parte, né? A inclusão de... tanto o que está difícil, como o que está prazeroso, fazendo uma experiência maior do todo. Antes, eu deixava de lado ou, então, fazia uma contraposição muito forte em relação ao que não agradava ou não queria entrar em contato. Queria fazer valer aquilo que eu estava considerando enquanto visão do que eu achava que era correto. É claro que existe uma postura de... que, em alguns momentos, eu sinto uma separatividade ainda presente, mas bem mais flexível. Eu olho, eu vejo quando eu estou na separatividade. Eu tenho consciência dela. Isso mudou. (P12, sexo feminino, 42 anos, casada, doutorado)

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que há uma busca individual para se diferenciar e deixar as crenças e as identificações limitantes oriundas da família, da tribo e da nação, esse encontro pessoal abre espaço para a união mais verdadeira com o outro.

O que mudou: a vida não é só esforço, não é só trabalho. Poder me aproximar da abundância da vida, me permitir usufruir do prazer que essa abundância traz. Isso foi uma conquista ao longo dos anos, graças à Core. Por exemplo, os conflitos clássicos de quando você começa a atender socialmente e, aí, se depara com a necessidade de aumentar o valor. Isso tudo é uma visão de mundo. Eu tinha uma visão muito do missionário, do franciscano, do trabalhar muito, se esforçar muito e ganhar muito pouco. E isso era bom, isso era nobre, isso tinha valor. Então, essas visões que vinham na minha história foram questionadas gentilmente, amorosamente ao longo dos anos. E mudaram muito. Muito! (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

Como bem esclareceu Thesenga (2016, p. 93), “Quando compreendemos que toda a vida é uma só essência, embora sua expressão seja diversa, chegamos perto da realidade da evolução.” Tornar-se responsável por cuidar das partes obstruídas da personalidade abre caminho para o papel de agente de transformação, para os canais de vida e para a energia espiritual no planeta. Porém, esse não é um dom especial, mas fruto de trabalho duro, de constantes questionamentos e de implementação de mudanças (Pierrakos, 1997; Thesenga, 2016).

Adquiri uma visão mais humana, mais respeitosa com as diferenças, mais empática, mais compassiva. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

A visão de mundo mudou menos que os outros aspectos. Mas, também mudou. Eu percebo o mundo com um olhar mais espiritual. Eu acho que foi isso que mudou. Assim, tenho muito essa percepção de que somos todos humanos, buscando voltar pra uma união. E que todos temos... assim, uma

busca. Olho os seres humanos como seres em busca de união. Mas, com feridas, com dores, com sentimentos, com formas de se expressar, com bloqueios, com defesa. E como tudo isso se organiza individualmente e socialmente. É isso que mudou, mesmo. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação)

Durante as entrevistas, dialogamos sobre a experiência religiosa e o termo “religião” foi utilizado para observar o impacto desta denominação nos participantes. Constatei que todos eles sofrem o reflexo da religiosidade predominantemente cristã, como consequência de sua própria participação, durante um período de sua vida, de uma instituição religiosa ou a partir do processo familiar educativo. Conforme detectou Hervieu-Léger (2015), o que faz com que o indivíduo se torne religioso não é o fato de crer em Deus, mas de reconhecer as crenças herdadas. Contudo, em decorrência da fugacidade da contemporaneidade, ocorre um comprometimento da herança da memória coletiva e os “crentes modernos reivindicam seu ‘direito de bricolar’ e ao mesmo tempo de ‘escolher suas crenças’” (Hervieu-Léger, 2015, p. 64).

Nas minhas orações, eu peço muita ajuda para ver os lugares que eu preciso ver, para despertar. Então, são orações espontâneas, que em alguns momentos, ou que eu preciso de ajuda, ou que eu sinto uma profunda conexão, e eu agradeço, então. Tenho me conectado muito com a gratidão. E isso é direcionado para o universo, assim, sabe? Eu não tenho um Deus ou Deusa específica, nem uma energia específica à qual eu direciono isso. Mas, às vezes, tem, assim, um São Francisco... Talvez eu me conecte. São Francisco e Curupira. É! Me ajudavam muito no desmame noturno do meu filho. Então, eu acho que junto com o meu filho, só agradecer ele, meu São Francisco, pelo cuidado com a natureza, por proteger o nosso planeta, por ajudar a gente nessa transição que está acontecendo. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Tenho umas práticas, que faço desde criança, de acolher tudo que vem pra mim. Porque acredito que quando vem, é para aprendermos. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

Gosto da Oração de São Francisco. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Rezo. Ai, eu... o meu é mais o básico, mesmo. É Pai Nosso, Ave Maria e uma conversa pessoal com Deus. O Pai Nosso, Ave Maria, veio da infância. Eu tive... minha mãe foi muito aberta, me deixou frequentar... receber influências da Igreja Católica e influências do Espiritismo. Mas, a influência mais forte foi da Igreja Católica. E, aí, pequenininha, eu aprendi, pequenininha, assim, três, quatro anos, eu já sabia o Pai Nosso e a Ave Maria. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação)

Atualmente, não. Antes, eu rezava muito o Pai Nosso. Atualmente, eu estou rezando, assim, com as minhas próprias palavras. Eu tenho buscado... eu

gosto muito de música! Eu toco algumas músicas que eu sempre escuto, que para mim são orações, essas músicas. Eu gosto muito de mantras musicados, com significado. Acho interessante e, aí, fico escutando. O Pai Nosso vem da infância, dessa coisa católica, da minha vó. Mas, hoje, eu acho muito difícil eu rezar o Pai Nosso. Ontem, mesmo, eu fui em um batizado. Tinha o Pai Nosso. Engraçado que também ensinei o meu filho a rezar o Pai Nosso. (P12, sexo feminino, 42 anos, casada, doutorado)

A instituição religiosa desperta sentimentos negativos, qualificados como medo e alienação.

Olha, eu acho que, por exemplo, quando eu fazia parte da Igreja Católica, tinham tantas regras, tantos dogmas, tantos “tem que ser”, que isso me alienou de mim mesma. Além de me alienar da sociedade, do meu papel social, real e de me alienar das pessoas que não se encaixavam dentro daquele “tem que ser” da igreja. Então, me alienou. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Já questioneei bastante, nossa! Criei alguns conflitos. Primeiro, com A Igreja Católica, lá, quando eu era adolescente. Inclusive, eu tenho birra com Igreja Católica! Nossa! Gente! Pra mim, não faz o menor sentido. Embora, né? Depois de muitos anos, já adulta, já com filho, quando eu ia na missa com a minha mãe, às vezes, eu me emocionava, eu achava muito bonito. “Nossa! Que rito bonito! Agora eu entendo esse rito de uma outra maneira.” [...] Dentro do terreiro, também, muitas vezes, questioneei coisas lá dentro. Questionei essa própria questão da mediunidade. Essa coisa, como é que é receber. Eu sou médium de incorporação, como dizem, né? Então, às vezes, eu entrei muito em conflito com isso. (P11, sexo feminino, 36 anos, solteira, ensino superior incompleto)

Eu acho que quando eu vi além, eu me frustrei muito com... tanto com o funcionamento da igreja e com os dogmas que os “tem que ser”, mesmo. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Verifiquei no grupo um receio em afirmar que tem uma religião. Mesmo as pessoas que dizem frequentar um local para realizar as práticas espirituais, a princípio, dizem ter uma religião, mas logo se justificam, desqualificando esta denominação.

É uma religião do Santo Daime. Eu considero que poderia ir à igreja todos os domingos, mas, mesmo assim, não ser católica. Eu não faço tudo que é pedido e não me fecho só nesta crença. Eu frequento, usufruo do que faz bem e tem coisas que deixo de lado e nem pego para mim. Lá, a gente planta, encontra todo mundo para fazer mutirão. A gente planta agrofloresta, cipó e chacrona. Agrofloresta é para receber o cipó e a chacrona, que são duas plantas da Amazônia que são usadas para fazer o chá [ayahuasca]. As plantas que compõem o chá nascem na Floresta Amazônica. Então, precisa de uma floresta. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

Religião, hoje... não exatamente. Mas, eu tenho uma conexão muito grande com a Umbanda. A maneira como a Umbanda funciona, eu gosto muito. E com o ifá, que é uma metodologia, uma filosofia. A Umbanda, a gente chama

que é uma religião brasileira, porque é de uma sincronicidade de muitas coisas que surge a Umbanda. Embora já tinha ritos muito parecidos ali, tanto dos povos originários, dos indígenas, quanto também do que os africanos trouxeram pra cá. Fazendo muito o tronco do Candomblé, né? E, aí, a Umbanda nasce assim, de uma mistura de muitas coisas. Então, eu tenho uma conexão muito grande com isso. Ifá não, ifá já é um culto, uma filosofia, um desenvolvimento espiritual africano, mesmo, de algumas partes da África, oraculário. Então, tem todo um contato com isso, assim... Também com os orixás, mas de uma maneira um pouco diferente do que é feito com a Umbanda. Não tenho uma religião, mas sou ligada a essas tradições. Tenho muita conexão. (P11, sexo feminino, 36 anos, solteira, ensino superior incompleto)

Aletti (2012) salientou que a identidade religiosa se forma a partir de uma relação dialética com vivências subjetivas em uma tradição religiosa estabelecida, podendo haver debilitação ou enrijecimento desta identidade. O receio da dominação e do controle por parte da instituição religiosa pode estar vinculado a medos e a imagens infantis.

Quando criança, eu ia à missa e fui na catequese. Mas, não foi uma coisa muito regular, não. Eu saí, não concluí. Eu fui expulsa da catequese. Assim, não fui expulsa. Chamaram minha mãe para conversar e disseram que não era o momento para mim, que eu questionava muito. Foi muito frustrante. (P12, sexo feminino, 42 anos, casada, doutorado)

Esse mesmo aspecto foi verificado em pesquisa empírica realizada por Stringer (2008 *apud* Sutcliffe, 2014, p. 29, tradução minha)⁷³ na Inglaterra e “Com base nas evidências dessas etnografias cristãs europeias, ele argumenta que a maioria das pessoas não está interessada em ‘teologias sistemáticas sofisticadas... deuses transcendentais e... objetivos salvíficos’”. No entanto, os participantes da presente pesquisa demonstraram estar em busca de experiências religiosas, tais como a presença do sagrado, uma aspiração para estar em harmonia com o todo e um desejo de penetrar nos segredos que permeiam a existência. A busca “traduz um desejo de comunicar-se com as forças sensíveis presentes e atuantes no universo” (Libanio, 2012, p. 92). Berger (1985, p. 39) advertiu que

O sagrado é apreendido como algo que “salta para fora” das rotinas normais do dia a dia, como algo extraordinário e potencialmente perigoso, embora seus perigos possam ser domesticados e sua força aproveitada para as necessidades cotidianas.

⁷³ “On the evidence of these European Christian ethnographies, he argues that most people are not interested in ‘sophisticated systematic theologies... transcendent gods and... salvific aims’.”

Já Torralba (2012) considerou que os anseios que o indivíduo possui em dar mais sentido à sua existência baseiam-se em uma característica intrínseca da condição humana, que é a inteligência espiritual. O autor também destacou que todo ser humano pode desenvolver a sua espiritualidade independentemente da religião. Torralba (2012, p. 42-43) diferenciou a inteligência espiritual da consciência religiosa explicando que:

É apenas porque o ser humano possui esta forma de inteligência que pode viver a experiência religiosa, porém a inteligência espiritual é um dado antropológico, não uma questão de fé. [...] A crença religiosa é uma manifestação, um desenvolvimento da inteligência espiritual que consiste na adesão a um tipo de verdades que não pode demonstrar-se racionalmente, mas é objeto de fé.

A vida espiritual pode ser compreendida como o produto da inteligência espiritual. Nessa perspectiva, torna-se a abertura, o dinamismo e o movimento rumo ao transcendente.

Não tenho religião. Espiritualista, talvez. Olha, eu me sinto aberta a todas as formas de manifestação da espiritualidade. Não que sirva como caminho para mim, mas existe um respeito e uma conexão com diferentes divindades, ou diferentes manifestações de espiritualidade, seja da Umbanda, do Espiritismo ou do Catolicismo, do x, assim, sabe? Dos anjos, arcanjos... (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Não tenho religião. Eu sou de formação católica. Mas não sou assiduamente praticante. Mas, assim, os ensinamentos católicos tão em mim. Com certeza, me influenciam. E se eu tivesse que escolher outra, talvez eu pegaria um pouco do Budismo. Apesar que eu não sei tanto, mas eu sinto muita afinidade. Mas, eu não sou praticante. Eu não tenho nenhuma religião. Não tenho uma denominação, mas vivencio profundamente a minha espiritualidade, entende? (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

Não tenho religião. Tenho uma mestre. Sigo o Movimento Sannyas, corrente do Osho. São meditações ativas e faço retiro duas vezes por ano. Fui criada em um ambiente ateu. Não me encaixo em nada. É uma linha do Osho. Não tem doutrina. Sempre que tem retiro, acompanho on-line as meditações ativas. Momento de silêncio, conexão com a natureza. (P1, sexo feminino, 43 anos, casada, mestrado)

Avisto nas falas dos participantes a relevância de ter uma escolha ou diferentes escolhas e de ter a autonomia de buscar e praticar uma atividade religiosa. A instituição religiosa e a religião deixam de controlar a interação entre o indivíduo e o transcendente, o sagrado. O indivíduo contemporâneo quer autonomia em todas as suas escolhas.

Não frequento uma instituição. Vivo a espiritualidade no dia a dia. É algo meu. Não tem um ritual ou alguém cobrando. (P1, sexo feminino, 43 anos, casada, mestrado)

Seria como Hervieu-Léger (2015, p. 111) denominou a figura do convertido no qual se afixam

[...] traços de uma religiosidade em movimento, é, assim, antes de tudo, a do que está em uma “busca espiritual”, cujo percurso, muitas vezes longo e sinuoso, se estabiliza, ao menos temporariamente, em uma afiliação comunitária escolhida que traz identificação pessoal, social e também religiosa.

Graças a Deus hoje eu tenho uma religião que sigo com regularidade. E assim, sem me sentir obrigada, sem sentir peso. Porque, pensa! É maior que o paraíso, Marise. Eu vou uma vez por mês rindo, sabe? Pra tomar banho frio, pra dormir não sei onde. Cada dia eu não sei onde que eu vou dormir. Tem dia que é acampar, tem dia que é no salão, tem dia que é na casa de alguém. Vou com gosto! E é uma coisa que eu sempre quis e que eu nunca achava em lugar nenhum. O Daime é mais próximo da denominação espiritualista. É ter um compromisso com a espiritualidade. Então, é ter um compromisso tanto de práticas quanto de percepção do mundo e da vida. Uma forma de perceber o mundo, a vida, a partir do significado espiritual, da existência. E, aí, quando eu falo espiritualista, também, eu também tô querendo dizer que, assim, não tô enquadrada nas religiões tradicionais. É como se fosse um não binário da religião. Não tô enquadrada nas religiões tradicionais, mas também acolho tudo o que tem significado espiritual, de cada uma das religiões, pra mim. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação)

Hervieu-Léger (2015) também trouxe o conceito de peregrinos, que são as pessoas que transitam por espaços religiosos e não religiosos buscando experiências espirituais com o objetivo de satisfazer suas ânsias em busca de significado e propósito de vida.

Frequentei a Igreja Católica, fiz primeira comunhão, enfim, todas essas coisas, aí, eu fiz. Crisma... Foi ali, no final da adolescência pra vida adulta, tipo 17, 18 anos. Também foi a época que eu entrei pro teatro. Eu acho que isso também me ajudou bastante a querer romper. [...] Mas, fiquei muito tempo sem ir em missa, não frequentava. Dentro do terreiro, também, muitas vezes, questionei coisas lá dentro. [...] Foram momentos de muito conflito. De receber, sei lá, os guias. Guia tal falando não sei o quê. Entrar em choque com aquilo. “Nossa! Será que é isso, mesmo? Será que não sou eu?” Então, teve alguns questionamentos que foram muito importantes pra mim... (P11, sexo feminino, 36 anos, solteira, ensino superior incompleto)

Não tenho religião. Eu me considero espiritualista. Abrange todas as tradições, inclusive o ateu. Sou uma mistura de todos. Em muitos momentos, eu questiono. Sou igual a São Tomé e só acredito vendo! É uma fé científica. Não sei se isso existe. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

Hervieu-Léger (2015) comentou sobre essa mudança de sentido do praticante religioso que, ao mesmo tempo em que se distancia da obrigação de seguir as normas da instituição, estabelece uma organização própria a partir de suas necessidades, escolhas pessoais e internas. A condição religiosa moderna se caracteriza pela capacidade do indivíduo de produzir individualmente as significações de sua própria existência, através das diferentes combinações de experiências que ele se permite vivenciar. Mesmo sendo aparentemente contraditórias, ele encontra um caminho com sentido. Há a individualização e a privatização da experiência religiosa/espiritual a partir de uma mobilidade, como se pode depreender das seguintes falas dos participantes:

Eu vou pra missa. Minhas filhas tão fazendo o ritual da primeira eucaristia. Então, eu frequento a missa. As minhas filhas estão aprendendo os ensinamentos da igreja e os meus. Então, elas sabem que eu não concordo com muita coisa da igreja. Então, a gente tem um pacto subversivo que elas entendem que, se elas colocarem coisas como reencarnação, que Deus é dentro, elas não vão conseguir aprender a comunhão. Então, essa coisa do pecado, da punição, não concordo. [...] Elas sabem que muita coisa que eu as ensino não pode dizer nem para a catequista, nem para a avó, minha mãe, que é uma católica radical. Eu ajudo elas filtrarem. [...] Como eu não pratico a religião em termos de ir pra um lugar, uma instituição, elas me veem meditando. Elas me veem em uma conexão com Nossa Senhora, que é uma ligação muito forte que eu tenho. Mas, como eu não tenho esse ritual de fora, eu vou pra missa pra elas entenderem que existe um ritual. Tem uma missa aqui em Brasília com o Padre Vanilson, que é um exorcista daqui. É uma missa que eu as levo feliz, pra elas poderem experienciar, saber que existe. Porque traz outros elementos. Então, é uma missa que eu consigo entender melhor, sabe? Ele fala de matriz africana, ele fala de espiritualidade, de espíritos. Então, é essas que elas vão, que elas sabem que eu fico mais feliz. (P6, sexo feminino, 50 anos, casada, mestrado)

Eu tenho o hábito de fazer orações. De doutrinas diferentes. Não tenho uma específica. Mas, eu me conecto muito, por exemplo, com a Oração de São Francisco, às vezes, que é da religião católica. Mas, que me conecta com um lugar interno meu, não é... não tem a ver com a figura de São Francisco, mas... Os banhos de ervas, de sal grosso. Às vezes, eu procuro... Eu venho do interior. Então, eu procuro me benzer, às vezes, de procurar uma benzedeira quando eu sinto necessidade. Tudo com resquícios lá da minha infância, de conhecimentos que recebi dos meus ancestrais. Minha família é católica. Metade católica, metade evangélica. Por muito tempo, eu frequentei os dois espaços, mas nenhum daqueles espaços me chamou. Apesar de, na adolescência, eu ter feito parte muitos anos de grupo de jovens na Igreja Católica. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Eu frequento o centro espírita, mas eu não tenho uma religião. Eu me identifico com o Espiritismo e um pouco de Budismo, mas mais com o Espiritismo, hoje. Participo, mas não é regularmente. Mas, quando quero ir a um templo, ou lugar religioso, vou ao centro espírita. (P8, sexo feminino, 54 anos, casada, pós-graduação)

As minhas crenças, elas são bem flexíveis, elásticas. Eu não tenho certeza de nada! Eu estou sempre aberto, sabe? Para ver o que eu olho. Assim, eu vejo as pessoas, será que é, mesmo? É que, como eu não tenho nada muito fixo, assim, eu estou cansado, muito cansado de uns tempos para cá. E, aí, uma amiga já me falou: “Vamos na Umbanda, tomar um banho?” E eu respondo: “É uma boa!” Aí, outro falou: “Não! Vamos no Candomblé!” Mas, assim, lá tem uma coisa com animal que eu não acho tão legal. Então, eu acho que vou na Umbanda. Acho que eu vou, entendeu? Não vou dizer que tem uma coisa certa, que eu acredito naquilo ali. (P10, sexo masculino, 48 anos, solteiro, ensino superior)

4.2.2 *Core Energetics* no Brasil durante e após a pandemia de COVID-19: a espiritualidade em ação

A partir das análises feitas no subitem 4.2.1 desta tese, posso afirmar que os participantes desta pesquisa fazem parte do *ethos* da Nova Era e, como buscadores, fizeram a formação e a pós-graduação em *Core Energetics* e são parte da Rede Brasil *Core Energetics*. Neste subitem, analiso como os participantes lidaram com a pandemia de COVID-19 e quais ações solidárias individuais e coletivas promoveram durante o período pandêmico.

As entrevistas e os encontros para a coleta de dados se deram durante as atividades dos alunos do curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics* em 2022. Ainda havia certo receio, que pairava no ar, em relação à pandemia de COVID-19. As vacinas já haviam chegado, porém as memórias de um momento trágico único, experienciado de forma individual e globalizada, ainda estavam vívidas em cada um de nós.

Eu senti muita tristeza e revolta, porque ainda não tinha chegado a vacina. Revolta do porquê das filas estarem tão grandes! Meu tio morreu porque faltou ar, sabe? Naquela fase do pessoal precisar de oxigênio e não ter ainda. Foi difícil ouvir as notícias de toda a desorganização que o governo estava. Então, isso que me impactou. Foi uma revolta e uma tristeza com a perda. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Perdi, também, um amigo de infância, que tinha a minha idade. Ele já tinha sido vacinado e foi uma surpresa, porque ele era super jovem. Estava num movimento de expansão, de noivar, de procurar apartamento. Estava na busca pelos apartamentos e aconteceu isso! Foi muito rápido! Me tocou, assim, no lugar do medo da morte, num lugar de como nós somos vulneráveis. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Eu acho que esse luto coletivo, mesmo, que eu vivi. O susto. Foram pessoas que ficaram muito tempo em UTIs, porque tinham outras comorbidades. Eu fiquei muito preocupada com meus pais. Meu pai já tem 80, minha mãe tem

70 e tantos. E eu tenho uma irmã que é asmática, que trabalha na área da saúde. Um cunhado asmático, que é médico. Então, como eu convivia muito com eles, minha outra irmã também é médica, estava muito envolvida com tudo que estava acontecendo. (P6, sexo feminino, 50 anos, casada, mestrado)

E a investigação sobre a busca espiritual e as ações advindas dela estavam inseridas nesse contexto, povoado por um vírus invisível, que trouxe doença, medo e morte, em um panorama político brasileiro com muita instabilidade e desvarios. Diferentes interpretações foram realizadas a partir do contato com o vírus. A possibilidade diária de contrair a doença e o risco de morte impactaram os participantes de diferentes maneiras, aguçando os cuidados com a higiene e obrigando-os a permanecer em isolamento social.

Teve muito impacto, muito forte, quando percebi que a doença era grave. Meu amigo morreu antes da vacina chegar. E, aí, eu percebi claramente a gravidade, porque era uma pessoa muito saudável, nutricionista, não tinha nada de errado na saúde dele. Ele malhava muito e tinha, aparentemente, condições de lidar com a doença. Então, foi aquela coisa, aquela constatação que a doença pode levar todo mundo, né? Não é só pra quem é idoso, não é só pra quem tem problema respiratório. Tipo, ela pode matar qualquer um, mesmo. Então, foi quando eu entendi. Foi logo no começo. Aumentou meu medo. É literalmente. Assim. Visivelmente. Sim. Eu fiquei bem mais paranoica nos cuidados. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação)

A maioria dos participantes foi contaminada pelo vírus; alguns deles antes e outros depois de vacinados. Pude perceber que eles viveram esse momento vulnerável em conexão com a confiança nos recursos advindos da religiosidade/espiritualidade, além da busca pela compreensão do propósito da doença. O vírus pode ser interpretado como o inimigo, o mensageiro ou como aquele que veio para ensinar. Boff (2020) propôs a tese de que o novo Coronavírus veio através da natureza como expressão de autodefesa da Terra viva contra nós, seus predadores. Precisamos nos compreender para entender o vírus, e o inverso também é verdadeiro. Entre os participantes, houve relatos de que a doença e o momento de isolamento foram catalisadores de vivências espirituais profundas.

Foi forte. Eu acessei lugares muito profundos. Durante o processo [da doença], tive vários processos de emergência espiritual. Já tinha recebido três doses [da vacina]. Foi forte em relação aos sintomas físicos. Acessei um lugar em que estava deitada e a sensação era que o espírito estava saindo do meu corpo. Tive muito medo. Da segunda vez, atravessei. Tive muitos sonhos. Foi um despertar. Tive muitos insights e conexões com quem sou eu, meu papel, minha missão, uma perspectiva mais ampla. (P1, sexo feminino, 43 anos, casada, mestrado)

Houve a possibilidade de utilizar a vulnerabilidade advinda da pandemia como uma porta para a percepção de padrões de comportamentos que atrapalham a resolução das dificuldades cotidianas de forma mais assertiva. A doença física provocada pelo vírus causou sintomas mentais e emocionais.

Acho que, primeiro, me trouxe uma necessidade de ficar atenta a mim mesma e colocar limite, ainda que eu desagrade. Eu estava sozinha com o meu filho de 1 ano e 9 meses aqui em Brasília, sem meu companheiro. Então, foi muito difícil. Eu não pude contar com a rede de apoio, porque eu estava com COVID. [...] Foi desestruturador para mim. Foi muito difícil. E, aí, eu cheguei em um lugar de que eu não dou conta só. [...] Ele estava com 1 ano e 9 meses e demorou muito para se recuperar. Então, vem essa coisa do medo da morte, de tudo, muito forte. [...] Mas, aí que começou... aprofundou uma questão que já estava assim, sabe, rondando, que era a questão da depressão. Eu fiquei muito cansada, muito sobrecarregada. E, aí, eu entrei em um processo depressivo. E, agora, eu tenho trazido memórias e questões da infância de um jeito muito forte. Parece que o vírus estivesse re-ensinando um monte de coisas. Ainda há todo o resquício da doença. Afetou o meu pulmão e aí o pulmão dá tristeza, e aí a depressão, e aí vem a asma de novo. Me relembra um momento difícil da minha infância. Então, vejo essa vinculação com a minha história e uma convocação para estar presente e para olhar para isso, não deixar passar. Como uma oportunidade de cura, assim, também. O vírus trouxe muitas percepções, assim, da minha história. Em relação à dificuldade que tenho de colocar limites, ficou também muito forte. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Um dado importante a ser considerado no comentário anterior é que, a despeito das dificuldades reais enfrentadas e com o diagnóstico de um transtorno mental instalado, a participante teve a capacidade de refletir e buscar mecanismos para a sua melhora. Conforme Stroppa e Moreira-Almeida (2008, p. 427), “os estudos mais precisos demonstraram que os maiores níveis de envolvimento religioso tendem a estar inversamente relacionados com depressão [...]”. Nesta pesquisa, houve uma associação positiva entre os indicadores de envolvimento religioso e o bem-estar psicológico, físico e mental, além de afeto positivo e moral elevado. Foi perceptível que a busca de compreensão a partir da história de vida e do propósito existencial de cada participante os vem ajudando a superar as dificuldades e os sintomas de adoecimentos.

Ela [a pandemia] me fez aprofundar em muitas coisas. Ela me fez olhar pra minha saúde mental. E várias coisas ficaram claras, várias tendências minhas ficaram claras, como ansiedade, fobia. Uma “fazeção” de coisas, assim, obsessiva, sabe? Eu fiquei um pouco obsessiva. Aí, eu tive que encarar de frente a relação com a minha enteada, tive que encarar de frente a relação com meu marido. Tive que lidar com minha sogra com Alzheimer, morando dentro de casa. Então, assim, eu fiquei muito imersa num contexto muito duro. E, coincidentemente, eu tava num adoecimento físico que gerou um adoecimento mental. Que não tem a ver com a pandemia, mas estar vivendo isso durante a pandemia foi muito difícil. Porque eu tive menos acesso a

tratamento. E isso tomou uma proporção muito grande. Fiquei sete meses afastada por depressão, do trabalho. Com certeza, teve ganho. Porque eu acabei buscando fazer o meu trabalho pessoal, espiritual, emocional, físico. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação)

Os participantes da pesquisa reafirmaram a importância de práticas espirituais/religiosas durante a pandemia. Sabe-se que, diante de eventos como nascimento, amor, sofrimento e morte, a busca por apoio e adesão às práticas religiosas/espirituais é mais compreensível. As pessoas têm necessidade de objetos de fé nesses momentos. Estudo realizado pelo Dr. Luciano Bernadi, da Universidade de Pavia, na Itália, “demonstra que a utilização da recitação da Ave Maria e de mantras budistas são capazes [sic] de equilibrar a frequência respiratória, o ritmo cardíaco e a pressão arterial, sendo o equilíbrio destes biorritmos indicadores [sic] de uma boa saúde” (Servan-Schreiber, 2007, p. 196 *apud* Castro; Nunes, 2019, p. 130).

Foi através da meditação que eu consegui diminuir a ansiedade, regular a ansiedade que eu sentia e dar espaço para me conectar com minhas próprias emoções e para sentir o divino, o sagrado. Então, diminuí a aceleração e eu conseguia abrir espaço para todo o resto. E, de alguma forma, minha mediunidade, minha sensibilidade, aumentou muito. Então, com os meus clientes, a qualidade do campo que eu conseguia estabelecer com eles, era muito maior. Eu conseguia ver. Hoje, eu vejo algumas coisas, energias, movimentos, que antes eu não observava. E eu acho que isso veio da prática. Então, por exemplo, todas as minhas sessões, elas não começavam com meditação. Hoje, necessariamente, elas começam com um ou dois minutos de silêncio ou uma meditação guiada para a gente se conectar com aquele campo. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Foi essencial. Sem as práticas espirituais, teria surtado. Dava grounding. Um super suporte. Inclusive, se não é a espiritualidade na minha vida, eu não conseguiria. Eu medito todos os dias. O contato com a espiritualidade começou quando criança. Minha mãe é muito espiritualizada e eu era considerada médium. Então, ela me pedia para ver determinadas coisas e eu odiava. Quando eu nasci, a minha mãe era espírita; hoje, ela é mais budista. Com 12 anos, fiz um altar com duendes. Com 14 anos, li Sidarta Gautama, do Hermann Hesse. Eu sempre busquei conhecimento. Comecei a me interessar de uma forma mais entregue com Prem Baba. Eu o conheci em 2011. Antes, eu era budista, em 2008, escola Sati. Em 2009, comecei a meditar. Em 2011, conheci o Prem Baba e em 2013, me tornei discípula dele. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

Necessidade básica: cuidar da minha espiritualidade. Sem ela, eu sinto que até a minha higiene mental, nossa! A minha imunidade abaixa, o meu corpo responde quando eu fico muito tempo, sabe? Então, pra mim, ela é necessidade básica. Eu realmente preciso. Pra manter a minha saúde, eu preciso me sentar, focar em mim, focar no meu silêncio, focar até no meu barulho interno. Eu preciso desse momento, nem que seja dez minutos. (P9, sexo feminino, 36 anos, solteira, pós-graduação)

O momento pandêmico trouxe uma consciência mais clara da aceleração presente no mundo moderno e da resistência em sair deste movimento. O filósofo sul-coreano Byun-Chul Han constatou que o cansaço observado durante a pandemia de COVID-19 já fazia parte do cotidiano das pessoas, reflexo de uma sociedade neoliberal na qual a autoexigência, justificada pela manutenção da sensação de liberdade, acarreta um movimento de busca excessiva e, conseqüentemente, um cansaço. Explorar a si mesmo traz a sensação de liberdade (Retamal, 2021).

Apesar dos participantes terem hábitos meditativos, durante a pandemia de COVID-19, perceberam que vinham cultivando um excesso de atividades e tiveram a possibilidade de desacelerar.

Pra mim, foi um convite pra parar. Eu estava num fluxo muito grande de demandas e foi muito difícil pra mim me ver obrigada a parar, porque o meu corpo não estava olhando para isso. Inicialmente, eu resisti. E, aí, foi um momento, assim, de contato com uma briga interna, porque eu queria continuar naquele movimento, no automático, mas o meu corpo não tinha energia. Esse sintoma da falta de energia se estendeu por muitos meses depois da COVID. Então, assim, eu percebi o quanto que realmente foi um convite pra aquietar um pouco e estar mais atenta ao significado do momento. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Ah, pois é. Eu lembro que eu e a bebê pegamos. A gente ficou bem mal. Ela ficou bem mal. Foi no ano passado. Eu acho que ela já tinha um ano. [...] Foi bem difícil pra cuidar dela, né? Então, a gente ficou um tempo em casa, isoladas, mesmo, durante uns dez dias, mais ou menos. E eu acho que, assim, me fez refletir sobre muitas coisas, naturalmente, porque tive que parar durante um tempo e, então, fiquei muito em casa. Refleti sobre algumas coisas dessas correrias da vida, né? Tipo, “Nossa! Será que precisa ser dessa forma? Será que a gente não pode fazer de uma maneira que seja realmente mais confortável? Que não seja tanta correria? Que eu não me sinta tão cansada?” Eu percebi o quanto que era cansativa a rotina que eu estava estabelecendo pra mim mesma, né? Na minha casa, com as meninas. Então, acho que trouxe muito essa reconexão. (P11, sexo feminino, 36 anos, solteira, ensino superior incompleto)

Ficou claro que os participantes buscaram recursos psicoterapêuticos e espirituais para enfrentar as incertezas e o caos na economia durante o período da pandemia. Ao mesmo tempo em que todas as classes sociais foram afetadas, evidenciaram-se as desigualdades e os efeitos mais danosos nas classes sociais mais pobres e nas etnias negra e indígenas. Esse fato foi constatado em pesquisa de Santos *et al.* (2023), baseada em dados coletados no Portal da Transparência do Registro Civil de Óbitos de todos os estados brasileiros e suas respectivas capitais, com o objetivo de calcular as taxas de mortalidade por COVID-19 entre as diferentes

etnias/raças. Os pesquisadores concluíram que essas taxas foram maiores entre não brancos (pretos, pardos ou indígenas) em 25 unidades federativas e, entre as capitais, todas as 26 mostraram maiores taxas de mortalidade por COVID-19 entre não brancos, com a exceção apenas da capital federal, Brasília, DF. No estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, as taxas de mortalidade foram de 138/100 mil habitantes, 137,9/100 mil habitantes e 81,2/100 mil habitantes entre indígenas, pretos e brancos, respectivamente. Ou seja, foi cerca de 40% menor entre brancos em comparação com indígenas e pretos.

Os participantes do presente estudo se mostraram conscientes do privilégio de poder se cuidar de forma diferenciada durante a pandemia. Igualmente de ainda encontrar formas mais lucrativas para obter recursos financeiros, embora estivessem vivendo várias inseguranças internamente.

Eu entrei em contato com os meus privilégios. Me fiz tomar mais consciência dos meus privilégios. Eu acho que a forma de me relacionar com aqueles que eu identifico que não têm os mesmos privilégios que eu, é diferente. Eu percebo uma abertura, uma disponibilidade maior pra fazer contato com outro na dor e na vulnerabilidade. Enfim, seja social, seja qual for. Mas, pra mim, ficou muito essa coisa do social, que eu tive mais ligação nesse período. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Primeiro, eu quero dizer que, pra mim, foi bom. Foi um tempo bom. Assim, tirando toda essa coisa difícil, triste. Mas, digo, pra mim, pessoalmente. Porque eu moro em casa, porque tirei toda a questão do deslocamento que aqui em Brasília é muito grande. Então, sobrou muito tempo pra mim. Foi um momento que eu mergulhei dentro da casa, de curtir o meu espaço, melhorar o espaço, plantei muitas plantas nesse período. Vivenciei muito a relação da família, seja com a minha companheira e com o meu filho. [...] Eu me sentia como se fosse num retiro, entende? Numa coisa retirada, mas não totalmente isolada. E isso eu gostei. Então, me trouxe, por exemplo... eu comecei a fazer exercícios aqui em casa, de corpo, de Core, de meditação, de ritos de metal. Coisa que eu nunca tive a disciplina pra fazer. Comecei a me cuidar, a trazer algumas práticas que, normalmente, falo que não tenho tempo. Cuidei muito melhor da minha alimentação, porque a gente era obrigado a cozinhar o tempo inteiro. [...] Eu acho que foi um tempo pra também encontrar formas de ter prazer com coisas simples. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

Olha, uma coisa muito legal que aconteceu que os meninos, meus filhos, todos vieram para dentro de casa. As meninas, que moram em Goiânia, fecharam o apartamento, pegaram as plantas e vieram para casa. Aquilo foi mágico! Eu não entrei no medo da escassez. Eu pensava como criança: “Agora tenho a pousada toda pra mim! Posso nadar na piscina, pegar as cervejas do frigobar...” E eu ia para a piscina, tomava uma cervejinha. Fazia isso com minhas filhas. E quando começou a voltar, eu não queria que voltasse, porque eu criei uma bolha paralela. Foi perfeito o isolamento com a família. (P8, sexo feminino, 54 anos, casada, pós-graduação)

Eu tive um privilégio de, durante a pandemia, poder ir morar em Pirenópolis. Então, assim, realmente foi muito bom pra mim, sabe? Poder estar perto da natureza e poder estar trabalhando de lá. Então, pessoalmente, eu experimentei uma expansão no meu trabalho. Mas, também, essa conexão, de eu poder estar morando num lugar de natureza. Foi o que me ajudou, assim, inclusive a sustentar o consultório, desse pipoco... E podendo atender de um lugar em que eu tava me atendendo também. Foi muito importante, assim. Emocionalmente, me fez bem estar próxima da natureza. (P9, sexo feminino, 36 anos, solteira, pós-graduação)

Em relação à situação socioeconômica e política vivenciada durante a pandemia, como foi visto no Capítulo 1 desta tese, a crise brasileira vinha acontecendo desde 2013, sendo agravada ao longo dos anos e culminando com a eleição do então presidente Jair Messias Bolsonaro, que teve péssimas condutas durante a pandemia como dirigente do país. Ao longo das entrevistas, constatei como os participantes perceberam aquele momento socioeconômico e político e a gestão política e administrativa frente à pandemia e às influências das crenças religiosas/espirituais naquele contexto. Alguns participantes se mostraram críticos em relação aos caminhos adotados pelo governo federal, citando o desmantelamento de programas de políticas públicas e a volta do Brasil ao Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas. Além disso, teceram observações acerca do cotidiano que indicam as desigualdades sociais.

O II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de COVID-19 no Brasil revelou que 33,1 milhões de brasileiros não têm alimentação garantida, o que representa 14 milhões de novos indivíduos em situação de fome. Conforme apontou o estudo, 58,7% da população de nosso país convive com a insegurança alimentar em algum grau: leve, moderado ou grave (Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, 2022).

Caos, caótica, de muito abandono e, meu... Eu acho que nas políticas públicas, todas, assim, foi tudo desmontado. Na cultura, na saúde, na acessibilidade, na economia... Pra todo mundo está muito difícil! E acabaram as políticas públicas para mulheres, né? De inclusão para as mulheres, negros. Então, eu vivi por um tempo em Moreré, na Bahia, num lugar extremamente pobre, e parou de chegar [o poder público]. As pessoas, com muita clareza, falavam: “Olha, a prefeitura nunca mais veio. O governo do município também... A gestão do município nunca chegou aqui. Mas, antes, eles vinham. Ah, para fazer uma ponte que caiu!” Os moradores que tinham que fazer uma vaquinha para fazer, assim. Então, o Estado parou de chegar. A educação que se desfez. [...] Não teve um direcionamento do governo federal, alinhado para atender aos estados e municípios de uma forma horizontal, igualitária. [...] A gente teve uma babá, por exemplo, que evadiu da escola. E ela não quis voltar. A gente pagou o material escolar e tal e ela: “Ah, não quero, não! Não vou voltar! Já deu. Não quero mais! É muito

desinteressante.” Ela desistiu. E, aí, em um lugar extremamente turístico, em que qualificação profissional é muito importante, ela vai ficar para trás. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

O país tá quebrado, tá mais pobre, tá sofrendo. As pessoas tão em sofrimentos de diferentes tipos, não só econômico e social, mas tem um sofrimento psíquico em geral. E as instituições públicas não tão dando conta. As escolas tão uma bagunça. Enfim, eu tenho a sensação de que foi deixado de lado todo o olhar social que foi construído ao longo dos anos. Eu vejo isso, na verdade. Eu convivo com isso. É um empobrecimento... A gente tá dando cesta básica pra um monte de gente que antes não precisava. Então, eu vi que teve, efetivamente, um empobrecimento das pessoas. Na oferta de emprego, ou maior precariedade, de não saber como terminar o mês. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

É assim, esse ano a gente perdeu muito em todos os sentidos, de conquistas que já tínhamos tido, economicamente, socialmente. Hoje, a gente tem muita pobreza. É só olhar nos sinaleiros. Isso está evidente! É perceptível, também, em relação ao poder de compra, que hoje está muito limitado. Isso para as classes baixa, média, está superdifícil. Acho que piorou demais! (P12, sexo feminino, 42 anos, casada, doutorado)

Péssima! Eu acho que tem muita desigualdade social. Eu acho um absurdo a gente ter voltado para a fome. Eu acho um absurdo a gente viver tanto preconceito. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação)

Os participantes ainda enfatizaram a contradição de o Brasil ser um país com tantas belezas e riquezas, inclusive a diversidade espiritual/religiosa, e ter tanta miséria social.

Acho que é um país de muitas contradições. O Brasil é um país muito rico, muito belo e que tem marcadores – assim como o mundo todo – muito difíceis de lidar, de serem superados ou de serem transformados. Esses pilares ainda na sociedade, como o racismo, por exemplo. A misoginia, também. Até o patriarcado, que é uma coisa que é um guarda-chuva, que tá aí no mundo inteiro, mas que a gente vê muito nítido. Porque o Brasil tem muita desigualdade, né? É um país que tem muita desigualdade de renda, mesmo. Então, são coisas, assim, que é muito chocante, mesmo! Eu acho que isso é um problema muito grave no Brasil. E que é uma coisa difícil de ser superada. E que transforma a vida aqui num processo muito delicado. Então, acho que tem muita beleza, tem muitas coisas incríveis, é um país muito rico em muitos níveis. Inclusive, eu acho que num nível espiritual, de sabedoria, de conexão com o amor também. Eu acredito nisso. Ao mesmo tempo, a gente tem desafios sociais e culturais muito profundos e que, realmente, tão aí! São cânceres, vamos dizer. Que são difíceis de lidar. É isso que eu acho. (P11, sexo feminino, 36 anos, solteira, ensino superior incompleto)

Em relação às dificuldades socioeconômicas e políticas ocorridas durante a pandemia, os participantes fizeram análises comparando as pessoas que têm condições de buscar o entendimento espiritual em relação à crise e aqueles que não

têm o mínimo e, por isto, não têm possibilidade de fazê-lo. Além disso, revelaram sua percepção sobre uma onda conservadora que contaminou muitas relações.

Piorou, com certeza. Piorou, primeiro, porque economicamente foi um desastre, né? Foi muito difícil! E quando a economia está ruim, o resto segue, né? E juntou com essa liderança de extrema direita, com pessoas extremamente alienadas. Então, grupos neonazistas pipocando no Brasil. Então, acho que a pandemia... a questão de estar... das pessoas adoecerem muito. Muita gente adoeceu. As famílias adoeceram, as relações adoeceram. Por um lado, teve a possibilidade de você se curar e aprofundar, mas, por outro, a média geral não vai procurar o autoconhecimento. A média geral vai pra merda, né? Acho que isso piorou muito, socialmente foi... muita gente ficou péssima economicamente. Levou o social junto. Mentalmente, adoecimento mental, tudo piorou. (P10, sexo masculino, 48 anos, solteiro, ensino superior)

Os participantes se sentiram privilegiados em relação ao aspecto econômico e social durante a pandemia. A oferta de trabalho de todos aumentou e, adicionalmente, a possibilidade de trabalhar em casa e economizar durante a pandemia foi algo considerado muito positivo. Amigos e parentes próximos viveram crises financeiras, mas os participantes da pesquisa foram poupados destes infortúnios.

Uma pesquisa realizada pelo C6 Bank/Ipec apontou que, durante a pandemia de COVID-19, 43% dos brasileiros das classes A, B e C com acesso à Internet sofreram perda de renda e 62% deles não conseguiram recuperá-la até o momento. Em contraste, 40% tiveram seus ganhos mantidos e 6% apresentaram aumento de rendimento. Os que não tinham renda antes ou durante a pandemia somaram 11% (Banco C6 S.A., 2023). Seguindo esses achados, os participantes da presente pesquisa parecem fazer parte dos 6% mais afortunados ou dos 40% estabilizados financeiramente.

Sim, eu sei que muita gente perdeu o emprego, houve aumento da inflação, instabilidade econômica. Porém, a bolha que frequente não senti na pele estas mudanças. Eu, por exemplo, nestes três anos, me firmei ainda mais como terapeuta. Houve uma ampliação dos atendimentos on-line. Abri o consultório, abri uma microempresa. Meu marido abriu uma empresa de kombucha. O trabalho dele on-line permitiu mais uma atividade. Trouxe mais recursos financeiros e mais trabalho. (P1, sexo feminino, 43 anos, casada, mestrado)

Eu percebo que eu consegui, apesar de tudo isso, nesse período da pandemia, ganhar mais dinheiro, porque diminuíram os meus gastos, com gasolina, com... os gastos em geral, apesar de tudo. Então, economicamente, acho que foi o período da minha vida que eu mais juntei dinheiro. Pra mim, foi melhor, e para os que estão próximos a mim. Com exceção das pessoas

carentes com as quais convivo no trabalho, que ficaram ainda mais carentes. Eu percebo que algumas pessoas... Eu acho que dependendo da área que a pessoa trabalhava, né? Porque tiveram algumas profissionais que foram mais atingidas economicamente do que outras. Do meu convívio, dos terapeutas de Core. [risos] Não sei, eu escuto... Eu acho que tá um pouco dividido, assim. Tiveram pessoas que perderam muitos clientes e que isso causou um certo, não sei se posso dizer, transtorno. Mas, enfim, teve uma queda na renda. E tiveram pessoas que ganharam dinheiro como nunca, que eu ouvi falar. Então, assim, eu acho que tem esses dois lados da moeda, sim. Porque, com a questão do atendimento on-line, você ganhava em tempo de deslocamento e de tudo mais. Então, algumas pessoas, eu escuto dizer que atenderam mais na pandemia, pelo fato de ser on-line. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Não. Não me senti afetada. Não melhorou, nem piorou. Continuou da mesma forma. Mas eu sei que eu faço parte de um recorte privilegiado. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação)

Para os meus pais, na minha família, foi muito difícil. Muitas dívidas pipocaram. Os meus pais tão à beira da falência. Então, foi muito difícil acompanhar isso durante a pandemia. O negócio deles ficou comprometido durante a pandemia e outros familiares também tiveram comprometimentos mais sérios. A mim, especificamente, eu senti que fluiu. Eu mudei uma chave onde eu funcionava muito na base da sobrevivência, com medo, sabe? De não dar conta... Durante a pandemia, isso foi mudando pelo fluxo de clientes que aumentou. Esse lugar do virtual... mudou, sabe? Minha relação, assim. Então, pessoalmente, foi uma coisa boa, mas bem próximo de mim, e também com os meus pais, que ainda me ajudam financeiramente, foi muito difícil entrar em contato com o lugar que eles foram, sabe? (P9, sexo feminino, 36 anos, solteira, pós-graduação)

Eu vi parentes meus que perderam trabalho. Agora, já recuperou. Uma irmã minha já voltou a trabalhar. E observei muito medo, insegurança. A minha renda principal é serviço público, né? Então... Os atendimentos ampliaram. Eu estava atendendo bem pouco. Eu estava enrolando muito para atender. Aí, na pandemia, mesmo, quando ficou grave, eu escolhi não aumentar, não ficar atendendo muita gente. Priorizei a minha saúde. E, aí, do meio em diante, comecei a atender mais. Primeiro, foi on-line; depois, presencial. Hoje, 80% é presencial. (P10, sexo masculino, 48 anos, solteiro, ensino superior)

Eu não senti que economicamente interferiu na minha vida. Agora, o acesso a determinadas coisas, como por exemplo, viagens, tudo ficou mais difícil, porque subiram muito os preços. Então, eu vi isso em relação à minha vida. No lazer. Porque, de repente, houve uma mudança. A gente tinha essa coisa que passagem de avião era uma coisa que estava tranquila, acessível e ficou um preço absurdo! Hospedagem aumentou muito. Teve um aumento gigantesco em tudo. (P12, sexo feminino, 42 anos, casada, doutorado).

As diferenças sociais ficaram muito mais evidentes durante a pandemia a partir da obrigatoriedade de isolamento. Como refletiu Souza (2020, p. 1222) acerca do nível de desigualdades,

Nós temos na prática duas performances para elas: uma crise das classes média e alta que diz respeito ao confinamento em casa, cujas atividades são, em geral, ler livros, voltar a conviver com as crianças, viver sem empregada e desenvolver o sentimento de monotonia e tédio com a ausência do mundo agitado de antes. Existe outra crise, da classe baixa, que não oferece espaço para o confinamento, pois as casas não têm espaço para a família (muito menos para isolar alguém em caso de emergência), e que traz, sobretudo, o medo de perder o emprego, comissões já em curso. Pobre não tem direito a *home office*.

Uma participante relatou, de forma clara, a sua percepção de que as consequências da crise pandêmica foram muito mais graves para as pessoas que fazem parte de classes econômicas e sociais mais baixas, escancarando ainda mais as desigualdades no Brasil. Essa constatação indica que embora os participantes não tenham sofrido esses efeitos, foram empáticos em relação à situação ocorrida no país. Esse aspecto foi analisado e criticado pela referida participante durante a entrevista:

Eu reconheço que teve muitas dificuldades, também. Por exemplo, as pessoas que não tinham essa escolha de ficar isolado... Então, foi muito claro, assim, como a pandemia escancarou essa fragmentação, né? Essa diferença, mesmo. Econômica, também, né? Porque quem teve o privilégio de se isolar não eram os negros e nem os pobres. Então, pra mim, ficou muito claro as diferenças sociais. Mesmo que as pessoas tivessem consciência, não tinham condições de se isolar. Diferente daquelas que tinham esse privilégio. (P9, sexo feminino, 36 anos, solteira, pós-graduação)

Diante de uma situação tão escancarada como a crise pandêmica, percebe-se que há consciência sobre as dificuldades enfrentadas pela população em geral. Entretanto, o tema envolvendo solidariedade e ações sociais não surgiu de forma espontânea durante as entrevistas para esta pesquisa.

O momento da pandemia despertou nos participantes diferentes debates e compreensões, desde a correlação do vírus com as ações destrutivas do homem sobre a natureza, passando pelo vírus como castigo, até as compreensões sociológicas mais amplas. O negacionismo sobre a gravidade da doença, a servidão ao capitalismo e a política nefasta do governo utilizando segmentos religiosos e *fake news*, assim como elegendo inimigos escolhidos por algumas vertentes religiosas, foram criticados pela maioria dos participantes.

Stern (2020) destacou que durante a pandemia uma vertente novaerista propagou a ideia de que o vírus veio para restaurar a humanidade, visando a chegada da nova era planetária, retornando ao discurso da década de 1970. Os novaeristas

difundem esse discurso para que as pessoas não foquem nas políticas que visam a separação, porque somente unida a humanidade evoluirá.

Com atenção, ouvi repetidas vezes as falas dos participantes para verificar se havia a presença de nuances do discurso novaerista, no sentido de negar a doença, as vacinas e a situação política caótica. Assim, detectei na fala de uma participante que esta desqualificou o posicionamento político de alguns de seus clientes. Para justificar essa conduta, utilizou interpretações psicológicas, explicando que o posicionamento dos clientes a favor de um candidato à Presidência da República, ou contra outro, ocorria porque estavam projetando nos candidatos as relações positivas e negativas ocorridas em suas próprias histórias de vida.

Então, foi tema recorrente nos atendimentos as polarizações políticas. Então, eles sempre viam que, na verdade, as figuras de esquerda e direita tavam representando pessoas deles, pai, mãe, entende? Então, você via, por exemplo, uma pessoa, uma sessão específica que ela tem a mãe muito pacífica e um pai muito opositor, e ela era quem defendia a mãe. Nossa senhora! Ela morria por ela! Morria pela esquerda! E queria matar todos os bolsonaristas! E tinha muita agressão em relação a eles. Então, nessa sessão, ela entendeu que não, na verdade, não era a esquerda nem a direita. Ela tava indo no papel dela, defendendo a mãe contra esse pai agressivo, essa visão desse masculino agressivo, inseguro, dominante, que ela era quem peitava dentro de casa, porque a mãe era muito apática. Então, ela saía do lugar dela de filha e era quem exercia esse confronto com o pai. E, aí, quando ela terminou a sessão, ela entendeu que era só uma projeção. Entende? Ela tava vivenciando, revivendo dores, recriando essa ferida da infância, projetada na política. Eu diria que 99% das sessões que eu fiz tinha esse viés. (P6, sexo feminino, 50 anos, casada, mestrado)

O misticismo como forma de alento também apareceu nos relatos dos participantes, mesmo com a reflexão de que se tratava de uma explicação sem fundamento. Diante do medo da morte, parece não haver uma seleção mais aprimorada dos recursos utilizados.

Li um texto sobre espiritualidade que dizia que a COVID tinha esse nome porque o vírus tinha uma forma de coroa e tinha vindo para coroar a humanidade. Eu viajei e achei essa parte como algo positivo. De alguma forma, me ajudou a viver o momento um pouco mais calma. Fiquei uma ameba, febre baixa, com muita dor. Eu senti medo de ficar com sequelas. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

Uma participante contou ter optado por não vacinar as filhas, que ainda são crianças. Essa decisão talvez indique um traço negacionista relacionado ao *ethos* da Nova Era, com o qual se entrelaça uma desconfiança em relação a alguns aspectos da ciência, buscando-se a fé ou recursos espiritualistas para lidar com a dificuldade.

Minha irmã, que é médica, dizia: “Agora, a gente não tem ciência, não tem estudo suficiente. A gente tá aprendendo isso à medida que tá acontecendo.” Então, as vacinas, também. Ela dizia “Oh, tenta, mas ninguém sabe o que vai acontecer daqui a 10, 20 anos! A gente não tem estudo pra isso. A gente só vai saber daqui a 10 anos a consequência disso!” Eu não sei como é que vai ser essa resposta corporal dessa vacina daqui a 10, 15, 20 anos, 40 anos, 50 anos! Então, decidi não vacinar. Se quando elas tiverem 15, 16, sei lá, daqui pra lá o que é que vai ser feito! Elas têm hoje 8 e 10. Na época, elas tinham 6 e 4. Quando liberou a vacina para crianças, resolvi não vaciná-las. (P6, sexo feminino, 50 anos, casada, mestrado)

A mesma participante se posicionou a favor do uso de medicamentos não comprovados, justificando isso através da afirmação de que os estudos sobre o vírus e a doença estavam apenas começando. Nota-se uma contradição entre a escolha de usar um medicamento que os estudos já comprovaram ser ineficaz contra o vírus e não vacinar as crianças por achar que há falta de estudos.

Olha, eu acho que dentro do que era possível, foi bom. Porque, como disse minha irmã: “Olha, essa doença é nova, ninguém sabe nada sobre ela!” Minha irmã é mais velha, tem mais de 50 anos. E ela é otorrino. Então, ela pegava muita demanda disso. Ela dizia: “Primeira vez que a gente tem uma doença que não tá nos livros. Então, não existe protocolo certo. Cada médico vai tentar fazer o que ele acha. Estão naquela disputa de cloroquina ou não cloroquina.” Eu dizia: “Toma cloroquina, porque a gente não sabe”. (P6, sexo feminino, 50 anos, casada, mestrado)

Ainda a mesma participante considerou que a situação socioeconômica do Brasil, comparada à de outros países, estaria boa.

Eu acho que o Brasil tem caminhado. Dado passos. Acho que, dentro do contexto pandemia/guerra na Rússia, não estamos mal. Vejo amigos meus da Europa, dos Estados Unidos que têm uma inflação muito maior, que estão vivendo um período bem mais complicado do que a gente tá vivendo. Então, isso eu sou bem grata. O social, eu vejo grandes avanços. Acho que não é o ideal, mas escutando esses dias dizerem que os Estados Unidos, que é um país que primou pela liberdade muito antes do Brasil, que não teve a história da ditadura, e ainda assim tão lutando por igualdade, de raça, de diversidade, eu fico feliz do Brasil tá nesse movimento. Que eu vejo que é longe do ideal, mas que eu vejo que é um movimento mundial, eu reconheço, mas que é um movimento social, mundial, que tá caminhando forte, com sustentação em vários países do mundo. (P6, sexo feminino, 50 anos, casada, mestrado)

Dentro do *ethos* da Nova Era, um discurso adotado pelos novaeristas e citado por Stern (2020) engloba as sugestões de mentalizações de cores e formas geométricas para evitar a contaminação pelo coronavírus. Outra sugestão é evitar ouvir ou ler as mensagens vindas de televisões, computadores e rádios que trazem conteúdos negativos sobre o momento pandêmico. Ainda a mesma participante

mencionou o uso de uma técnica de cura para a COVID-19 e constatou a importância de ficar na luz e não se envolver com os dramas do episódio da pandemia.

Então, tem uma meditação que eu comecei a fazer específica pra essa história desse medo. Foi um padrão de cura específico para o COVID que foi desenvolvido dentro da abordagem de frequência de brilho, que eu comecei a fazer logo no começo da COVID. E depois saiu... cada ano tem um novo nível. Então, em 2021 saiu um trabalho específico de cura, um trabalho específico de cura de COVID. Então, isso aí, eu acho que me deu um assentamento. Mais confiança. Um desligamento do medo, um desligamento do drama que é o que a gente trabalha muito em frequência de brilho. Esse drama momentâneo. Uma conexão com o sentido espiritual da doença e atravessar esse período na luz, sem me conectar com o drama, sem me conectar com os extremos, sem a dualidade, entendeu? (P6, sexo feminino, 50 anos, casada, mestrado)

Todos os participantes se vacinaram e a maioria posicionou-se contrariamente às medidas negacionistas ou não comprovadas cientificamente e ao descaso do governo federal com a pandemia.

Em termos de conduta política, foi uma catástrofe. Aquele comportamento do presidente, rindo e banalizando tudo. Isso foi muito ruim para a conduta de forma geral. Desde a forma alegórica da pandemia, uso indevido da cloroquina e ivermectina... Ficou muito claro como o brasileiro é influenciável. Isso me assustou! Até pessoas mais esclarecidas acreditando em tantas barbaridades. (P8, sexo feminino, 54 anos, casada, pós-graduação)

Em relação à política, achei aqui horrível! Achei muito descaso. Teve uma negligência, principalmente no início. Talvez a negligência, ela seja passiva, mas acho que foi um projeto, mesmo, ativo de... não sei se eu posso usar a palavra “extermínio”, mas um projeto ativo de desestruturação, sabe? Emocional, social também. Para mim, a pandemia no Brasil foi isso e, ao mesmo tempo, eu acho que havia um contexto de quem estava mais consciente com a pandemia e se cuidando. Eu senti muita impotência do que fazer, porque não dava para ir para as ruas, não dava para protestar. E a coisa correndo solta, né? E, ao mesmo tempo, um povo que teve que se guiar, segurar, levando tudo com extremo abandono. Eu acho que abandono também é uma boa palavra para esse campo, na minha opinião. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Então, assim, eu acho que nos núcleos, nos lugares onde eu transitava, eu sentia que as pessoas cuidavam, assim. Raramente tinha alguém que não queria usar máscara, sei lá, que era contra a vacina, essas coisas desse tipo. Esse tipo de postura. (P11, sexo feminino, 36 anos, solteira, ensino superior incompleto)

Houve posições críticas dos participantes em relação à manipulação de determinados grupos religiosos, que negaram a gravidade da doença. Os entrevistados também citaram o mal causado a partir dessas colocações.

Às vezes, eu acho que a religiosidade, às vezes, pode ser manipulativa, sim. Ah, por exemplo, em um contexto, vamos supor, evangélico, eu vi alguns segmentos muito ligados ao Bolsonaro que manipulavam as pessoas no sentido de negar a pandemia e dizer que não era necessário a vacina. Usando a religião enquanto manipulação de que não precisava se cuidar, não precisava vacinar, não precisava usar a máscara, está tudo bem fazer o culto sem usar máscara. A religião pode decepcionar e frustrar. Por exemplo, eu tenho uma cliente que ela, agora na pandemia, mesmo, ela ficou muito decepcionada com o pastor dela, porque o pastor falava que não precisava vacinar. [...] Afetou a fé dela, porque ela não estava querendo ir lá nos cultos. E, aí, ela desenvolveu um quadro de ansiedade. Acho que ela começou a achar que o mundo não ia ter mais jeito. Até o pastor que ela acreditava tanto a decepcionou, e tal. Então, afetou a fé dela. (P12, sexo feminino, 42 anos, casada, doutorado)

Durante as entrevistas, fiquei atenta aos discursos para verificar a presença ou a ausência das categorias de igualdade, equidade e solidariedade. De acordo com alguns autores, um dos caminhos para melhorar a vida em sociedade, mesmo tendo as barreiras impostas pelo capitalismo consumista e exploratório, seria a efetivação de políticas igualitárias (Azevedo, 2013; Wilkinson; Pickett, 2015).

Sabe-se que as políticas públicas adotadas são o reflexo de como a sociedade se mobiliza e escolhe seus representantes, os quais elaborarão estes projetos. Para que haja essa mobilização, é preciso que as pessoas se sensibilizem diante das desigualdades. A reflexão sobre o momento de crise e a sensibilização diante das mazelas vividas pode fomentar um movimento solidário de luta por maior igualdade.

Quando a abordagem *Core Energetics* propõe o despertar da espiritualidade, a abertura de caminhos para a manifestação do Eu Superior, supõe-se que isto possa ser um catalisador de mudanças. Contudo, se percebe que há muitos obstáculos internos que precisam ser superados. Para além disso, constata-se que encarar as resistências e as negatividades faz com que maiores níveis de percepção sejam alcançados e novas ações comecem a ser desenvolvidas.

Os participantes da pesquisa relataram que, durante o período da pandemia, se sentiram mais próximos de si e refletiram mais sobre a situação das pessoas mais necessitadas. Consequentemente, fizeram doações de alimentos e roupas, depósitos em dinheiro, forneceram ajuda aos funcionários que estavam sem trabalhar e apoio aos colegas de trabalho com mais dificuldades financeiras e emocionais. As ações sociais foram realizadas de forma individual ou com grupos de vizinhos e/ou colegas de trabalho. Porém, quando retomaram as suas atividades rotineiras, essa interação consigo e com o outro diminuiu.

A pandemia foi algo que a gente aqui ficou muito sensibilizado. Aqui na rua, com as pessoas que trabalham aqui. Nós mesmos, enquanto vizinhos, fizemos algumas campanhas para ajudar. Ficou mais nessa ajuda próxima. E fiz algumas doações, também. Assim, de quem pedia que eu conhecia, que eram pessoas que estavam apoiando projetos que conhecia, também fiz. (P12, sexo feminino, 42 anos, casada, doutorado)

Eu fiz algumas doações, poucas doações. E eu sinto que eu me conectei emocionalmente, mas eu não fiz movimentos. Muito porque o meu filho nasceu durante a pandemia. Então, isso tirou a minha energia dessas questões sociais. Mas, sim, eu fiz algumas doações. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Sim. Virei a Maria doadora. Rifa, vaquinha. Participei de muitas coisas de doar. Os pedidos chegavam e eu entrava. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

Sim, ampliou. Tiveram vários movimentos, assim, de pessoas engajadas e, inclusive, apareciam pessoas lá no trabalho buscando lugares pra doar as coisas. Então, teve esse movimento. Principalmente alimentos. Que eu acho que essa questão do alimento toca as pessoas. Então, de comprar cestas e ir lá e falar: “Tava procurando um lugar pra doar. Tá aqui.” (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando).

Fiz alguma ação. Eu tava com uma diarista recente. E eu continuei pagando ela por um bom tempo, mesmo sem ela ir. Foi o que eu dei conta de fazer. Assim, eu acho que é muito pouco, mas foi algo que afetou. Assim, eu mantive o meu compromisso com aquela mulher. E a família dela. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação).

Eu colaborei com a Casa Amor, que é uma associação de Aracaju, de cuidado com a população LGBT. (P10, sexo masculino, 48 anos, solteiro, ensino superior)

Pessoalmente, foram muitas mudanças. Humildade, valorização do que é realmente importante para mim e para as pessoas que eu gosto. O cuidado com o outro não ampliou. No início, um espírito de humanidade, mas, rapidamente, se moldou e voltou ao normal, seguiu igual. Tem padrões que não mudam. Deus criou [a pandemia] para que fôssemos mais generosos. Seria lindo! Mas não foi real. Não foi Cristo que voltou. Não a ponto de salvar a humanidade. (P1, sexo feminino, 43 anos, casada, mestrado)

Na época da pandemia, a gente fez alguns grupos ligados à faculdade. Minhas estagiárias fizeram grupos de apoio. As mães que estavam passando por esse momento de angústia, em que as crianças estavam sem escola, né? Uma sobrecarga! E com os funcionários lá da faculdade que estavam sobrecarregados. A gente adaptou o trabalho para dar um apoio e atendimento para os funcionários do administrativo. Foi ampliada a divulgação do trabalho, a clínica-escola, inclusive, fizemos um grupo para professores. (P12, sexo feminino, 42 anos, casada, doutorado)

O fato de estarem em casa, mais quietos e isolados, fez com que se comprometessem mais com práticas meditativas e leituras de autoconhecimento. Alguns tiveram a oportunidade de entrar mais em contato com a natureza e até mudar de cidade para facilitar esse acesso. No entanto, após o período de isolamento, essas práticas não se mantiveram com a mesma frequência para a maioria deles. Aconteceram questionamentos em relação ao sentido da própria existência, da existência planetária e sobre a morte. Houve aumento da sensibilidade em relação aos próprios sentimentos e à percepção da natureza, ampliação da fé e da busca por ajuda através de orações e desenvolvimento de habilidades como a liderança.

Durante a pandemia, eu sinto que a minha espiritualidade aumentou, que ela se aprofundou, principalmente com essa reestruturação do que eu entendo como liderança. Com a pandemia, esse formato on-line, eu pude conectar muito mais com as pessoas do que quando tava presencial. Até pela minha dificuldade em fazer contato com as pessoas. Eu acho que o virtual me ajudou a me aproximar e até a ter um pouco mais de empatia. Isso me ajudou muito a lidar também com a minha sensibilidade, a forma como eu sinto o outro. Então, eu sinto que ela foi ampliada e ela foi se aprofundando. (P9, sexo feminino, 36 anos, solteira, pós-graduação)

Ampliou as dimensões de eu questionar a minha vivência como ser humano e a humanidade como um todo. (P1, sexo feminino, 43 anos, casada, mestrado)

Só que, aí, eu percebo uma diferença quando eu volto a trabalhar. De realmente uma rotina mais fechada. Eu saía várias vezes na semana pra atender. Quando eu volto pra rotina, que me lembra muito a rotina que eu vivia antes, eu percebo que, aí, deu uma diminuída nesta conexão comigo e com o outro. O fato de estar mais recolhida me trouxe mais conexão. (P11, sexo feminino, 36 anos, solteira, ensino superior incompleto)

Eu tenho me perguntado, assim... porque essas afirmações sobre a morte, né? De reconhecer que a gente tem um fim. Então, eu sinto que esse é o sentido da vida, assim, de manter esse compromisso com tocar... Primeiro, com um amadurecimento pessoal e com um aprofundamento em si mesmo e nas suas questões. Porque eu acredito muito que, quando a gente se trabalha, a gente não tá trabalhando sozinho. Enquanto eu me trabalho, todas as pessoas que tão em volta de mim também são beneficiadas disso. E isso me dá mais insumos, mais ferramentas, pra, também, convocar isso no outro e convidar o outro a fazer esse movimento também. E eu tenho acreditado muito, assim, que esse é o sentido dessa existência, que, lá no fundo, lá no fundo, dar e receber de um lugar maduro, assim. E do quanto isso exige um compromisso diário. A pandemia te trouxe mais consciência dessa finitude. E isso fez com que eu valorizasse mais esse autoconhecimento, esse cuidado, essa presença [...] E acredito que isso não reflete só em mim, mas nos outros também. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Em relação à participação em grupos que realizam ações sociais, alguns entrevistados executavam estas atividades mesmo antes da formação em *Core Energetics*. Esses destacaram que, durante o período pandêmico, a conjuntura se tornou ainda pior para a população que já era mais vulnerável.

Há muito tempo trabalho socialmente. Eu tenho uma associação, OSC [Organização da Sociedade Civil], vamos dizer assim, uma sociedade civil. É um projeto social pra criança e adolescente no contraturno da escola. É uma brinquedoteca, na verdade. Mas é um projeto sociocultural. Eu criei o projeto e, aí, trabalhamos com crianças e adolescentes carentes. Percebemos na pandemia que piorou muito a situação deles. Muita violência doméstica, empobrecimento das famílias, separações, enfim. Os filhos, os meninos com problemas sérios na escola, de defasagem, depressão, ansiedade. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

Os participantes que já trabalhavam em ações sociais antes da formação em *Core Energetics* afirmaram que continuam com estas atividades; porém, detectaram mudança de percepção e posicionamento nestas ações. Um entrevistado avaliou que a abordagem *Core Energetics* o ajudou a integrar o prazer com a capacidade de doação. Foi possível desfazer a crença de que ser missionário, ajudar o próximo, incluía deixar de vivenciar o prazer e a sexualidade. Havia em seu imaginário a relação missão/caridade/celibato, muito vinculada às crenças religiosas.

Eu já tinha um forte envolvimento social. Isso eu mantive e mantenho até hoje. Não foi a Core que me abriu pro social nesse sentido, porque já tinha. A formação me ajudou a lidar melhor com isso. Porque, dentro dessa visão meio franciscana, meio missionária, não tinha muito espaço pra sexualidade. [...] Hoje, consigo integrar este lado doador com o prazer. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

Uma participante também comentou que o desejo de doação sempre esteve presente em sua história. Explicou que se trata de um componente psicológico/emocional, talvez uma necessidade de preencher a falta do outro. A partir das ações de doar, consequentemente, ela recebe algo em troca e sente-se melhor. Essa compreensão aconteceu após processos terapêuticos.

Essa vontade de ajudar faz parte da minha história pessoal, assim. Eu nasci... minha mãe tava vivendo um luto. Ela tinha acabado de perder uma filha. Então, eu nasci pra suprir um buraco que tinha ficado. Desde muito pequena, eu entendi isso. E esse movimento de ajudar a minha mãe o tempo inteiro, e o de doar pra ela. [...] E na escola, eu era assim. Isso foi se estendendo. No ensino médio, eu era assim. Eu passava todos os meus deveres pra quem quisesse. Eu colocava o nome de quem não fazia trabalho pra ganhar nota. Sempre teve um movimento assim. E aí, coincidiu de eu entrar na faculdade fazendo pedagogia, que é um lugar, também, de muita doação. E, aí, fui parar

nesse projeto social, nessa ONG. Então, percebe que tem um... uma linha continua? (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

A mesma participante ainda complementou sua percepção de que doar se tornou mais saudável depois da formação em *Core Energetics*, pois, dentro da crença de “doadora”, não sabia colocar limites.

Eu tinha um padrão de tá muito voltada pro outro, justamente pelo trabalho comunitário, né? Aquela coisa do doador. E eu descobri nesse tempo que, se eu não tiver fortalecida, inteira, eu não tenho capacidade nem potência pra ajudar o outro no que quer que seja. Antes, eu me esgotava na coisa do doar, me desorganizava. Tinham casos que chegavam pra mim no trabalho que eu ficava muito afetada com o nível de vulnerabilidade, sofrimento das crianças, adolescentes. Eu não deixava isso naquele espaço, trazia pra mim. Isso prejudicava a mim e o meu trabalho ficava mais limitado. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Alguns dos participantes desenvolvem ações sociais amparados por instituições, na maioria das vezes religiosas.

Realizei ações sociais só em conexão com o terreiro, mesmo. Que, às vezes, tinham ações, tinham coisas que a gente fazia no próprio terreiro. (P11, sexo feminino, 36 anos, solteira, ensino superior incompleto)

Em João Pessoa, já trabalhei lá no centro espírita, com atendimento fraterno, sopão. Na pandemia, trabalhei em um atendimento de triagem para psicólogos que estavam atendendo de graça, em um projeto aqui em Brasília. Uma Liga Nacional de atendimento social durante a pandemia, coordenada pelo Conselho Federal de Psicologia. Já trabalhei dando aula gratuita para a comunidade carente. Me formei em computação, né? Então, já trabalhei dando formação de Windows, Word, Excel. Já trabalhei com comunidade levando comida, cultura. Esses projetos sociais que você uma vez por mês vai pra uma comunidade, em João Pessoa e Recife. (P6, sexo feminino, 50 anos, casada, mestrado)

Há aqueles que mantêm práticas mais individualizadas a partir do trabalho terapêutico, que denominam “atendimentos sociais”, os quais, geralmente, se iniciaram durante a formação em *Core Energetics* e alguns os mantiveram depois que a concluíram. Porém, os atendimentos sociais nem sempre são voltados para pessoas que realmente têm condição econômica precária. Em geral, esses clientes estão passando por crises temporárias por falta de emprego, ou têm salário baixo, que não possibilita pagar sessões psicoterapêuticas no valor de mercado. Em outros casos, as pessoas têm condição financeira favorável, mas vivem socialmente vulneráveis.

Eu fiz vários trabalhos e atendimentos sociais on-line durante a pandemia. Oferecemos vários grupos para acolher mulheres. O grupo Mulheres

Essenciais, este grupo já acontecia e foi ampliado. Eram encontros gratuitos. Porém, não são mulheres de classe social baixa. É um atendimento social porque não pagam. Houve uma divulgação, mas não chegou mulheres de classe mais baixa. Acho que não tinham espaço privado para participarem do atendimento on-line. As mulheres que atendemos tinham um quarto separado ou iam para dentro do carro e até para a área de serviço. Expandimos para fora do consultório, ampliou e não pagavam. Atendemos mais necessidades emocionais, mulheres sofrendo violência do que mulheres com necessidades econômicas. Essa vulnerabilidade não é só econômica. É cultural, na relação com a família (P1, sexo feminino, 43 anos, casada, mestrado)

Faço atendimentos sociais. Faço um trabalho com pessoas que trabalham em uma casa espírita, trabalhadores que trabalham na casa. Para o atendimento social, chegam pessoas que realmente são pobres, de lugares mais distantes. Atendo seis clientes de social semanal. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

Como tenho outra profissão, eu me dou o luxo de atender só no valor social. E, aí, eu posso te dizer que 60% são pessoas que realmente não teriam condição de pagar mais do que elas pagam. E algumas pessoas tão numa situação mais por uma questão de comodidade, que assim, dá um conforto financeiro. Mas é muito engraçado, porque se não fosse esse conforto, essas pessoas não teriam entrado no processo terapêutico. Então, assim, não é assistencial social, mas assistencial espiritual, um pouco. Porque são pessoas que abrem uma porta pro autoconhecimento porque vêm uma forma mais fácil de entrar, vamos dizer assim. Olha, tem uma pessoa que é, tipo assim, não é miserável, mas assim, pobre. Então, esses 60% aí, são pessoas realmente com muito menos recursos que a gente, pouco estudo, renda social. Elas chegam pela lista da clínica social, ou boca a boca. Porque, aí, acaba que as pessoas sabem que eu tenho essa abertura. São atendimentos on-line. Isso mudou durante a pandemia. (P5, sexo feminino, 46 anos, casada, pós-graduação)

Hoje, eu estou como voluntário numa associação de apoio às travestis de Aracaju. É um apoio emocional e psicológico para as pessoas que acolhem este público. (P10, sexo masculino, 48 anos, solteiro, ensino superior)

A pós-graduação ou quinto ano propiciou a discussão de temas voltados para desigualdades sociais, preconceitos raciais e de gênero. Os participantes tiveram a oportunidade de realizar trabalhos sociais como requisito do curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*. São projetos com um número mínimo de encontros acordados com as direções dos locais. A comunidade Rede Brasil *Core Energetics* começou a realizar esses encontros como projetos piloto, criando uma metodologia para cada local, e visando a continuidade do trabalho com outros terapeutas.

Essas atividades, geralmente realizadas em duplas, ocorreram em diferentes locais, tais como: 1. Grupo de Saúde e Movimento na Universidade Federal de Goiás,

para atender estudantes encaminhados pela triagem de saúde mental da universidade, com o objetivo de apoiar os estudantes que apresentam dificuldades emocionais (ansiedade, medos, depressão), em encontros que aconteciam presencial e virtualmente; 2. grupo terapêutico com os funcionários da Casa de Ismael, uma instituição espírita que acolhe crianças de baixa renda em Brasília, DF; 3. grupo de trabalho em *Core Energetics* com casais nos primeiros três anos pós-parto; 4. grupo de mulheres na Comunidade Ramatis, uma casa espírita em Goiânia; 5. grupo de *Core Energetics* com voluntários da Associação de Travestis de Sergipe; 6. grupo de pais, na Jornada do Corpo e da Alma no encontro da parentalidade Práticas no amor maduro e consciente no cuidado infanto-juvenil; 7. *Core Energetics*: resgatando a pulsação na quarta idade, grupo composto de oito mulheres freiras da quarta idade, na faixa etária variando entre 80 e 103 anos, pertencentes à congregação missionária Jesus Crucificado, de Goiânia, GO; 8. grupo de movimento para prevenção de estresse e *burnout* on-line para as pessoas que aguardavam atendimento social em *Core Energetics*; 9. grupo on-line de autoconhecimento e movimento corporal a partir de conteúdos de *Pathwork* e *Core Energetics*; 10. grupo de *Core Energetics* para adolescentes em uma Unidade de Saúde Básica de São Sebastião, DF; 11. “*Core* negra, máscara branca: o corpo negro em terapia *Core* – um estudo de caso”.

Também houve alguns trabalhos teóricos com diversos temas, como: “Por uma ética decolonial na *Core Energetics*”; “Como os bloqueios nos segmentos ocular e cervical influenciam a fala e as expressões corporais”; “A consciência corporal a partir da *Core Energetics*”; “Estudo de caso: um olhar para a estrutura fragmentada”. Ademais, havia outros trabalhos que ainda estavam na fase de projetos em desenvolvimento.

4.2.3 *Core Energetics*: a abertura para os trabalhos sociais

No último módulo do curso de pós-graduação em *Core Energetics* houve a apresentação dos trabalhos⁷⁴ citados anteriormente e outros ainda em fase de

⁷⁴ Algumas fotos e certos trechos de filmagens das apresentações dos trabalhos de conclusão do quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics* estão disponíveis em: <https://www.instagram.com/reel/Csl8YE-MTds/?igsh=MWl6MWk2dml0aWN6dw%3D%3D>.

elaboração. Assisti às apresentações, estando alguns concluídos e outros em fase de planejamento e/ou início de execução.

Neste subitem, relato os conteúdos de algumas apresentações selecionadas que foram relevantes para a investigação da hipótese desta tese. Realizei a análise deles a partir das anotações que fiz em meu diário de campo e das gravações que executei tanto das apresentações assistidas quanto das conversas que aconteceram com os facilitadores dos grupos após as apresentações dos trabalhos

Além disso, decidi acrescentar algumas perguntas à minha investigação inicial, com o intuito de obter mais subsídios para melhor explorar o tema enfrentamento das desigualdades sociais e ampliar a minha compreensão acerca da relação dos alunos do quinto ano com os trabalhos sociais. Para isso, no período de 20 março a 10 de abril de 2023, enviei, via WhatsApp, para 12 dos alunos do quinto ano que apresentaram seu trabalho realizado com grupos sociais, as seguintes perguntas complementares: 1. Qual a sua motivação para trabalhar com este grupo?; 2. O que você percebeu e aprendeu de novo em sua prática pessoal e profissional acompanhando este grupo?; 3. Você continuará este trabalho? Obtive retorno de nove pessoas, que me enviaram as suas respostas por escrito, entre as quais, seis já eram participantes da presente pesquisa e três não haviam respondido ao questionário semiestruturado da pesquisa. Então, apresento no Quadro 2 os dados dessas três pessoas que não haviam participado da entrevista inicial, as quais também leram e assinaram o TCLE (APÊNDICE A). Essas três participantes são pertencentes às classes média (B, C) e média alta (A), conforme a estratificação dos domicílios brasileiros em 2023 (Ribeiro, 2023).

Quadro 2. Caracterização dos participantes adicionais desta pesquisa.

Participante	Sexo	Idade (anos)	Estado civil	Escolaridade	Renda familiar (salários mínimos)	Período de atuação em Core Energetics (anos)
P13	F	43	Solteira	Ensino superior	Entre 3 e 5	7
P14	F	41	Casada	Doutorado	Acima de 10	7
P15	F	42	Casada	Ensino superior	Entre 8 e 10	10

Os terapeutas em *Core Energetics* tiveram diferentes motivações para buscar os locais em que o trabalho social iria acontecer, o público que seria atendido e o tema desenvolvido. Observei que houve motivações pessoais entrelaçadas com temas de estudos que já faziam parte da prática de atuação desses terapeutas ou com temas sobre os quais eles tinham interesse em começar a estudar. O público atendido foi composto de pais, idosos, adolescentes, mulheres, membros de uma associação de travestis, membros de uma associação que acolhe crianças, adolescentes e respectivas famílias em situação de risco e vulnerabilidade social, entre outros. Embora a proposta para trabalhar com grupos sociais seja um requisito do final da formação do quinto ano do curso de *Core Energetics*, percebi que os participantes desta pesquisa combinaram esta exigência com as suas motivações pessoais. Em alguns casos, eles já realizavam uma prática social e a direcionaram para que fosse incluída como atividade do quinto ano de *Core Energetics*.

A motivação que me levou a trabalhar com este grupo de pais foi trabalhar com a prevenção. Afinar mais a minha condução com as famílias que me procuram, trazendo mais consciência daquilo que se repete com as famílias e uma sensibilidade maior para tocar nos pais. Que o sintoma que se apresenta na criança é algo que a família tem trazido em gerações e gerações. (P14, feminino, 41 anos, casada, doutorado)

O que me motivou a trabalhar com um grupo de adolescentes e pré-adolescentes da cidade de São Sebastião é saber que tem uma demanda muito grande nos serviços assistenciais da cidade e uma carência de atendimentos para esta faixa etária. Eu já opero em São Sebastião em uma OSC [Organização da Sociedade Civil], e a gente tem já uma parceria e diálogo com uma unidade de saúde. E através deste diálogo, soubemos que havia uma demanda concreta, principalmente pós-pandemia. E que os serviços locais multidisciplinares da psicóloga e outras profissionais não estavam dando conta de atender todos os adolescentes que estavam procurando o NASP [Núcleo de Apoio Social e Psicológico]. Foi, então, que resolvemos abrir este grupo chamado “Adolescer” para poder ajudar a dar um primeiro atendimento, um acolhimento, criar um vínculo com estes adolescentes que estavam chegando no posto de saúde e ainda não eram atendidos. E enquanto estavam esperando o atendimento individual, podiam participar do grupo e depois continuar o processo. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

A motivação principal para desenvolver o trabalho com grupo de casais foi ver, nestes 17 anos como parteira, como mexia com a estrutura do relacionamento a chegada de um filho, dois filhos, três filhos. E, realmente, como as dores da criança interna de cada um dos genitores vinha à tona e quão difícil era sustentar estar em um lugar mais maduro, para cuidar desta criança que chegou com tudo aquilo aberto dentro de si. As projeções de um parceiro em relação ao outro aumentavam os conflitos. Vendo os relacionamentos, que antes eram fortes, de anos, se desmanchando com a chegada de um filho, em meses, foi mexendo muito comigo. Queria desenvolver uma ferramenta para ajudar estas pessoas se conhecerem,

compreenderem, darem as mãos neste trajeto e poderem se ajudar e não passarem por esta experiência como duas crianças assustadas, dando soluções rápidas e nada profundas. (P15, feminino, 42 anos, casada, ensino superior)

A motivação é porque eu faço parte do grupo. Resolvi trabalhar com a população LGBTQIAP+ porque eu faço parte da comunidade e eu me senti chamado para fazer um trabalho com essas pessoas que viveram o que eu vivi, que passam pelo que eu passo e, talvez, não tenham condições de trabalhar isso terapeuticamente. (P10, sexo masculino, 48 anos, solteiro, ensino superior)

Em seu artigo sobre a motivação simbólica do trabalho voluntário, Salazar, Silva e Fantinel (2015) demonstraram que a motivação e a realização do trabalho pelo homem são tratadas como construções sociais que ocorrem influenciadas por construções anteriores e que, ao mesmo tempo, interferem na construção do ambiente social. Pode-se juntar a isso a teoria da subjetividade de González Rey (2015), de acordo com a qual, o sujeito está em interação com o meio em que vive ou trabalha. A subjetividade não pode ser prevista, controlada ou racionalizada, mas precisa ser compreendida como produção de sentidos. Assim, a motivação se organiza em virtude das necessidades que surgem a partir da interação entre indivíduo, contexto, bagagem social e história acumulada.

A preocupação com a maior demanda de atendimentos durante e logo após a pandemia de COVID-19, também foi um fator que motivou a busca por alternativas para a inclusão de mais pessoas.

A motivação para trabalhar com o grupo de movimento surgiu a partir de uma demanda de algumas pessoas. Conversando com a minha supervisora, surgiu a ideia de trabalhar com pessoas com estresse e burnout por conta da pós-pandemia, por várias demandas que estavam surgindo. Como acolher este corpo, né? Que está sendo muito demandado via on-line, presencial, doença, família e todos os excessos. (P13, sexo feminino, 43 anos, solteira, ensino superior)

Esse grupo de movimento vinha acontecendo de forma on-line para acolher as pessoas que estavam na fila para atendimento na forma de terapia individual em *Core Energetics*, com valor social, pelos alunos que começam a atender a partir do terceiro ano de curso de formação. Com a pandemia, essa demanda ficou ainda maior e surgiu a ideia de viabilizar esse atendimento por duas terapeutas, através do grupo

de movimento social on-line, como parte do trabalho do quinto ano de formação e com proposta de continuidade.

Eu vou continuar com o trabalho. A intenção é aprender mais como profissional, conduzindo grupos desta forma, on-line. E criar uma possibilidade de incluir terapeutas assistentes da formação da Core, para que estas pessoas se interessem em dar continuidade neste grupo de movimento social da Core. Atendemos pessoas que estão na lista de espera de atendimento social da Core. E para pessoas que já estão em terapia social com terapeutas da Core em formação. A intenção é que este grupo amadureça e possa fortalecer o papel do terapeuta, tanto do assistente quanto do sênior, para que haja esta continuidade. É um grupo pensado para que haja continuidade.
(P13, sexo feminino, 43 anos, solteira, ensino superior)

O grupo de movimento é uma modalidade de trabalho dentro da abordagem *Core Energetics* que tem como objetivo fazer exercícios corporais para melhorar a vitalidade corporal e obter mais consciência acerca das sensações e emoções. Como esclareceu Lowen (1977, p. 13-14),

[...] estes exercícios não são um substituto da terapia. Eles não resolverão problemas emocionais profundos, os quais, geralmente, requerem uma competente ajuda profissional [...] a execução regular desses exercícios, o ajudará significativamente a aumentar a vitalidade e sua capacidade para o prazer. [...] a ganhar mais autoconhecimento com tudo que este termo implica.

Foi interessante observar que, a partir da exigência da atividade proposta para finalizar o quinto ano da formação, a motivação em trabalhar com o público mais vulnerável se transformou, passando de exigência para satisfação para alguns deles. Percebe-se que tanto o estímulo para trabalhar com esse público vulnerável quanto o contato propriamente dito com ele propiciaram o desenvolvimento de certo grau de consciência sobre a importância do trabalho social. Aktouf (1994 *apud* Salazar; Silva; Fatinel, 2015, p.176) opinou que

[...] o trabalhador deveria construir uma identificação com seu trabalho, fato possível somente com a superação da alienação, quando o indivíduo rompe com a ausência de percepção que tem de si mesmo. Essa ruptura levaria o trabalhador a assumir o ato do ofício como seu ato, como sua reabilitação à condição de sujeito. Dessa maneira, esse indivíduo será o parceiro ativo, o ator na construção da sua história e da história da organização, tendo assim desejo de realizar com motivação sua atividade na organização em que trabalha.

A realidade social, então, passaria a constituir um processo emergente, como uma criação e extensão da consciência humana e da experiência subjetiva dos indivíduos envolvidos no meio organizacional.

Minha motivação para trabalhar com este grupo, em primeiro lugar, foi querer cumprir o requisito do quinto ano. Porém, entretanto, todavia, eu fiquei cada vez mais motivada em continuar a fazer o trabalho com elas. Porque eu não fiz só as 12 sessões que inicialmente eram pré-requisito, mas perceber a resposta delas de interesse no trabalho me motivou muito. O interesse que percebi nelas de querer estar ali, sabendo sobre elas, desenvolvendo este trabalho de autoconhecimento, a dedicação de virem, a disciplina de chegarem no horário... A vontade delas me motivou muito! Se eu puder resumir, a minha motivação foi ver a vontade delas de querer estar participando de um grupo de terapia. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

Um aspecto importante que verifiquei foi o despertar da consciência em compartilhar com a sociedade o que foi recebido.

O primeiro ponto que me motiva é ver este trabalho como uma oportunidade em devolver um pouco do que aprendi. Acho que trabalhar com um grupo social toca em um lugar da minha alma que faz sentido. Eu faço porque eu sinto um chamado para fazer. É leve! Não me pesa! É uma oportunidade de aprendizado que eu vejo também como um lugar no mundo onde posso devolver um pouco do privilégio que recebi. De poder ter tido uma formação e ajudar outras pessoas a se organizarem emocionalmente dentro deste planeta como ele está. Acho que é uma oportunidade para pessoas que não teriam como pagar por isso e podem ter mais contato com seu corpo. E eu acho que eu posso contribuir. O que eu percebi acompanhando este grupo, pessoalmente, ficou muito nítido: a importância que o contato com o próprio corpo traz um equilíbrio. Foram só oito encontros e houve relatos de muita transformação, de mais esperança. Eu acho que fez com que eu me conectasse mais com o meu corpo. O efeito de um grupo de exercícios era uma coisa que eu não entendia. [...] E agora eu tenho maturidade de perceber a importância de um grupo de movimento. Eu aprendi muito com minha parceira. Fazíamos o grupo juntas, com muita troca. Me ajudou a fazer mais contato com meu corpo, fazer os exercícios, antes, aumentar o meu grounding. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Certos participantes manifestaram seu desejo de continuar o trabalho em grupo, pois se sentem motivados para isto. Também reiteraram que acreditam ser importante a manutenção dos atendimentos sociais em grupo pela Rede Brasil Core Energetics, com a participação tanto de alunos quanto de profissionais.

E com certeza vamos continuar o trabalho! Vamos seguir 2023 inteiro. E a proposta é cadastrar outras pessoas e este ser um trabalho contínuo na Core. Os terapeutas e aprendizes podem oferecer este trabalho de grupo de movimento e não só o atendimento social individual, mas ter também o grupo de movimento. Vou continuar com o trabalho! A intenção é aprender mais como profissional, conduzindo grupos desta forma on-line. E criar uma possibilidade de incluir terapeutas assistentes da formação da Core para que estas pessoas se interessem em dar continuidade neste grupo de movimento

social. Atendemos pessoas que estão na lista de espera de atendimento social da Core. E para pessoas que já estão em terapia social com terapeutas da Core em formação. A intenção é que este grupo amadureça e possa fortalecer o papel do terapeuta, tanto do assistente quanto do sênior, para que haja esta continuidade. É um grupo pensado para que haja continuidade (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Em contrapartida, também constatee por parte de alguns participantes certa resistência em relação à continuidade do trabalho social. Isso foi justificado por exigência de tempo de dedicação em contraste com a necessidade de ganhos, obstáculos estruturais nas instituições, além da dificuldade em acessar o público carente por meio de redes de comunicação/divulgação.

Como eu falei aquele dia da apresentação, eu não continuei com o trabalho. Eu encerrei em dezembro. O pessoal da Casa de Ismael quer que eu volte, continue o trabalho. Mas, neste momento de vida que eu estou, estou precisando fazer mais dinheiro. [...] Neste momento, eu não pretendo fazer este trabalho. Mas, eu quero ter um grupo de terapia em outro lugar pra eu ter uma remuneração. (P3, sexo feminino, 47 anos, solteira, ensino superior)

O desejo é continuar. O fator limitante é o tempo, pois o grupo requer muito tempo. Mas, já fizemos uma reunião com a equipe da Unidade de Saúde e estamos esperando que eles organizem o atendimento, o espaço, que neste momento é um problema. E nos colocamos à disposição para fazermos parte da equipe neste atendimento. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

No decorrer da apresentação dos trabalhos, houve reflexões sobre a disponibilidade do terapeuta em realizar trabalhos voluntários. A diretora da *Core Energetics* reforçou que quando o terapeuta se dirige a uma instituição social, pode haver mudanças de conceitos e crenças negativas. Nesse lugar, embora os terapeutas não tenham ganhos financeiros, auferem outros ganhos, de ordem pessoal. Contudo, parece que os terapeutas têm a necessidade de explorar mais esses ganhos secundários para que se sintam reconhecidos. Ao comentar sobre esse assunto, Anheier e Salamon (1999 *apud* Salazar; Silva; Fatinel, 2015, p. 182-183)

[...] identificaram três fatores motivacionais que levam as pessoas a ser voluntárias: motivos altruístas, instrumentais e de obrigação. Motivos altruístas incluem noções de um sentimento de solidariedade para com os pobres, quando os voluntários se identificam com as pessoas que sofrem na sociedade e buscam passar esperança e dignidade por meio do seu trabalho. Motivos instrumentais são definidos como um desejo de ganhar novas experiências e habilidades e fazer algo de valor no tempo livre para atender as pessoas e também para obter satisfação pessoal como voluntário. Por fim, os motivos de obrigação incluem o dever moral e religioso e um desejo de contribuição para a comunidade local configurado por um sentimento de dever político de trazer mudanças para a sociedade. Os autores sugerem

uma estreita ligação entre o aumento dos motivos instrumentais e uma possível mudança de direção do voluntariado, no sentido de uma maior orientação para deixar de ser voluntário. No entanto, essas motivações não podem ser consideradas de maneira isolada, pois raramente ocorrem desse modo, existindo diferentes combinações entre elas.

Para alguns dos participantes deste estudo, a experiência adquirida com as atividades em grupo, empregando temas e ferramentas novas de trabalho, despertou o desejo de ampliar sua ação através de atendimentos privados/pagos e, se possível, também continuar o trabalho social.

A gente pretende continuar este trabalho. Eu e minha parceira de trabalho queremos seguir no trabalho on-line para levar isso a um território maior. Já tínhamos participantes de Belo Horizonte, Paraíba, Pirenópolis, Goiânia, Brasília. Então, nós focamos na ferramenta on-line e vimos que é muito potente para atingir muitas pessoas. (P14, sexo feminino, 41 anos, casada, doutorado)

Ficaram claros o limite de tempo que os participantes estabelecem para doação, as suas prioridades individuais e a importância de ter o suporte de uma instituição que sustente o trabalho social, dando apoio e criando rodízio entre os profissionais. Adicionalmente, após o início e a conclusão dos trabalhos, cria-se uma expectativa de continuidade nas pessoas e nas instituições. Durante as apresentações, o grupo discutiu a necessidade de criar alternativas para que os trabalhos continuem. Uma das queixas recorrentes das pessoas que participam dos grupos é a insegurança sobre a continuidade dos trabalhos, pois as interrupções são fatos frequentes em algumas instituições.

Elas pediram para continuar. Como era de graça, e eu já atendo voluntariado, eu disse para elas que iria continuar, através do projeto da Core, com outra pessoa a partir do ano que vem. [...] Meu horário era sexta-feira de manhã. E para eu trabalhar, tem a organização. Eu me alinho, medito. Tem todo um trabalho de preparação. Então, são muitas horas para chegar na instituição. Apesar do trabalho no grupo ser de 1 hora e meia, fico a manhã toda dedicada para a dinâmica. [...] Faço um atendimento social individual para a Core e dois outros para outra instituição, que tem um trabalho para esquizofrenia. (P6, sexo feminino, 50 anos, casada, mestrado)

Em relação à continuidade, com certeza, vou continuar o aprofundamento deste grupo de pais! Eles pedem. Depois que apresentei no quinto ano, enviei para eles no grupo de WhatsApp contando da apresentação. E eles reforçaram a vontade de continuar. Então, vou fazer uma supervisão para pensar o formato de continuidade e quero montar grupos novos. (P15, sexo feminino, 42 anos, casada, ensino superior)

Eu continuo com o trabalho! A ideia é que o trabalho fique maior, vá se desenvolvendo. Eu quero criar um formato, um método, entender quais as maiores demandas, maiores queixas, melhores intervenções. Criar um trabalho que se adeque bem, que seja pensado para esta população LGBTQIAP+. (P10, sexo masculino, 48 anos, solteiro, ensino superior)

Eu tenho a intenção, sim, de continuar com o trabalho! Infelizmente, a UBS [Unidade Básica de Saúde], o espaço que utilizávamos, está passando por uma reforma. Por isso, não dá para usar o espaço. [...] E a equipe do NASF [Núcleo de Apoio à Saúde da Família], que é a nossa parceira nesta jornada, está estudando outros espaços possíveis na região, com um mínimo de privacidade e silêncio para as partilhas. Estamos estudando possibilidades que não sejam necessariamente nas UBS, mas com a equipe em outra instituição. Isso é bem legal, porque está criando uma rede dentro da comunidade para continuar o trabalho, que foi muito bem avaliado pela equipe. E, vez ou outra, as adolescentes nos enviam mensagens perguntando sobre o retorno. O desejo é que continue e estamos buscando formas devido à limitação do espaço físico. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Os participantes relataram que têm consciência de que os trabalhos realizados são capazes de proporcionar muitas mudanças nos clientes atendidos. Para além disso, eles creem que essas mudanças podem ser multiplicadas.

As mulheres do grupo começaram a relatar que a terapia estava causando muitas mudanças. Uma delas disse: “Essa terapia está criando monstros, porque agora estou falando o que eu quero! Estou reivindicando as coisas na minha casa, colocando limite nos meus filhos. Não estou esperando meu marido para fazer as coisas!” Foi muito bom perceber um trabalho em pouco tempo promover resultados. (P6, sexo feminino, 50 anos, casada, mestrado)

A transformação dos terapeutas foi apontada nas apresentações como fundamental para auxiliar, de forma efetiva, nos processos de transformação dos membros do grupo. Essa transformação significa que os terapeutas precisam conhecer mais profundamente a condição socioeconômica, cultural e de gênero das pessoas que atenderão, além de perceber e trabalhar os seus sentimentos de superioridade e arrogância diante de situações tão diversas. A transformação da postura e dos sentimentos negativos dos terapeutas diante da população vulnerável é de suma importância.

Em relação ao trabalho realizado com o grupo de transsexuais, houve muitas reflexões durante a apresentação. Um ponto levantado pelo terapeuta que trabalhou com esse grupo foi o fato de perceber um aspecto em relação à sua atuação no início dos atendimentos, pois se sentia orgulhoso em ser diferente das pessoas do grupo. O terapeuta pode reconhecer a sua máscara de terapeuta, ou seja, ter orgulho de “ser

melhor” que o cliente como uma negatividade, que precisa ser trabalhada terapeuticamente e transformada. Essa é uma reflexão bastante presente no trabalho com *Core Energetics*, uma vez que o terapeuta deve se questionar o tempo todo de que lugar (Máscara, Eu Inferior, Eu Superior) ele atua durante os seus atendimentos. Para que os atendimentos aconteçam de forma ética, respeitando e auxiliando os clientes no seu processo de autotransformação, faz-se imprescindível que o terapeuta busque estar presente no Eu Superior. Para isso, deve estar constantemente trabalhando em sua própria terapia e supervisão.

Outros terapeutas também puderam reconhecer essa arrogância e o quanto isto os distancia de seu propósito de busca pela transformação de si e do outro. Relembrando um dos princípios da *Core Energetics*, “quanto mais um ser humano se desenvolve, mais ele percebe a sua própria resistência. Se for capaz de admiti-la, estará em um maior estado de verdade e menos inclinado a representar indiretamente sua negatividade” (Pierrakos, 1997, p. 159).

Eu sou um terapeuta homem branco, cis, cultural, intelectualmente e socialmente da classe média alta. Por mais que eu seja um homem gay, há um precipício de distância entre eu e eles. É a mesma distância entre os heterossexuais e transsexuais, travestis. A população que é cis está acostumada a massacrar a população trans e isso é obvio para eles. Olhar pra mim e ver que eu sou gay não faz a menor diferença, não aproxima, é um empecilho. E olhando para isso, eu vejo o prazer que eu sinto em não ser igual a eles. E eu quero que eles vejam isso! E enquanto eu não olho para isso, a resistência não se desfaz, a minha e a deles. Minha divisão interna é real e me atrapalha. Olhar para isso tem sido muito desestruturante! Olhar para o meu orgulho. (P10, sexo masculino, 48 anos, solteiro, ensino superior)

O contato com a vulnerabilidade social e a diversidade propiciou muitas reflexões pessoais aos terapeutas. Entre elas, destaco a necessidade de ser flexível e aberto para se aproximar das necessidades reais das pessoas. Em muitos momentos, os trabalhos precisaram ser construídos junto com os participantes do grupo e a programação teve de ser flexibilizada.

No aspecto pessoal, o que eu percebi de novo foi assim, como eu sou frágil, vulnerável, mesmo depois de tantos anos de dedicação ao autoconhecimento. Fez 20 anos no ano passado que eu me dedico ao meu autoconhecimento. Eu percebi, pessoalmente, que eu sou frágil, mesmo! Sensível, vulnerável. Isso é novo pra mim! Tem um lado meu que é muito arrogante. Aprendi, pessoalmente de novo, que exatamente esta fragilidade, vulnerabilidade e sensibilidade são as minhas forças que me fazem ser uma pessoa disponível para estar diante do outro facilitando o aprendizado dele. Aprendi, de novo pessoalmente, que a minha sensibilidade, fragilidade e sensibilidade são forças do meu Eu Superior que me proporcionam estar a

serviço do desenvolvimento de autoconhecimento de outras pessoas. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Pessoalmente, usando a terminologia da Core, eu aprendi muito sobre a minha negatividade, sobre a minha facilidade para lidar com o grupo. Pensei que fosse ter dificuldade em me conectar com eles, mas não tive! Foi relativamente fácil. Mas, ao mesmo tempo, eu vi muito da minha negatividade. Uma parte minha queria separação, queria se separar, queria ficar na posição de relevância e grande contratransferência também. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

Aprendi muito sobre o estilo de vida da população trans que não conhecia. Sobre as questões e embates, até dentro da comunidade trans, e o que as pessoas esperam das pessoas trans. Tem toda uma batalha dentro da própria comunidade. (P10, sexo masculino, 48 anos, solteiro, ensino superior)

Eu percebi uma coisa muito interessante que eu tomei nota. Eu percebi, na prática, que realmente somos todos iguais. Independentemente da condição econômica, social, intelectual, cultural, somos todos seres humanos com necessidades e desejos, dificuldades muito parecidas. Essa igualdade do anseio do ser humano de ser feliz, de ter paz, saúde, permeia todos nós independentemente da classe econômica, social, cultural, intelectual em que nós estamos. (P2, sexo feminino, 37 anos, casada, mestrado)

Foi um grande desafio inserir o corpo no trabalho com estes seres que estão em um momento em que apresentam uma série de restrições em se mostrar, pois têm vergonha, muito medo do olhar alheio. No conflito de pertencer, mas, ao mesmo tempo, ser excluído. Então, muito forte. Nesse sentido, houve muita aprendizagem. A aprendizagem foi se abrir para o não saber, estar com o grupo, abrir espaço para a criatividade e a improvisação e, sobretudo, acho que foi focar no vínculo. No primeiro encontro, fiquei apavorado, porque tinha tudo planejado e nada funcionou. E, aí, trilhamos um caminho improvisado e, aí, eu percebi que o único objetivo naquele momento era estabelecer vínculos. Aí, não importava como. Fizemos isso falando de animais de estimação, círculo zodiacal e outras coisas, buscando uma forma de falar da gente sem se expor muito e criando vínculo e confiança. E, aí, foi maravilhoso ver estes adolescentes desabrocharem. Isso aconteceu depois de vários encontros, após o vínculo ser construído. Aí, tiveram condições de se mover e aceitar as propostas dos exercícios e partilhar coisas profundas. Foi muito bonito! Este foi o lance do grupo! A sensação de se colocar diante do desconhecido foi o aprendizado pessoal. De estar à frente de um desafio interno, de querer doar um suporte para este grupo de forma voluntária e gratuita e estar de frente para algo tão novo e desafiador em tantos sentidos. Aprender novas habilidades e novos espaços dentro de mim. No aspecto profissional, seria ampliar o espectro dos atendimentos. (P7, sexo masculino, 51 anos, casado, ensino superior)

Eu aprendi elementos novos no meu trajeto pessoal. Foi uma experiência que me ajudou a me fortalecer mais como terapeuta. Era algo que me motivava dentro do meu coração, dentro da minha alma. Para eu fazer o trabalho, eu realmente coloquei muita energia e pude ver o brilho, que meu brilho estava lá e eu sustentando. (P15, sexo feminino, 42 anos, casada, ensino superior)

Uma dupla de terapeutas trabalhou na Unidade Básica de Saúde utilizando as técnicas de *Core Energetics* com um grupo de adolescentes que aguardavam uma vaga de atendimento para psicoterapia. Os terapeutas relataram que o trabalho foi muito bem avaliado pela equipe de profissionais de saúde mental daquela instituição, comprovando a importância e a necessidade desta ação. O trabalho pode ser efetivo para diminuir as demandas de espera da instituição.

O trabalho da Core foi destaque do ano na Unidade Básica de Saúde. As meninas passaram a buscar mais as psicólogas. À medida que surgiam as vagas para serem atendidas, foram aderindo mais ao tratamento. (P4, sexo feminino, 28 anos, solteira, ensino superior cursando)

Entre as apresentações dos trabalhos desenvolvidos teoricamente, destacaram-se os temas “Core negra, máscara branca: o corpo negro em terapia Core – um estudo de caso” e “Por uma ética decolonial na *Core Energetics*”. Assisti à apresentação do primeiro, ao passo que para o segundo, além da apresentação, também foi possível o acesso ao material escrito.

No primeiro trabalho, a autora falou sobre a sua condição de ser mulher e terapeuta negra e discorreu sobre o trabalho desenvolvido com uma cliente negra. Ela também refletiu sobre a imagem idealizada do negro, que é branca, e citou o livro *Tornar-se negro*, de autoria de Souza (2021). Discutiu-se sobre a importância de desenvolver o trabalho com o corpo negro na abordagem *Core Energetics* e como esta terapia pode transformar as dificuldades encontradas por esta população. Ao final, a terapeuta projetou uma fotografia mostrando um baobá, a árvore da vida, e afirmou “Quero resgatar a semente de baobá que eu sou e toda a potência de vida que me habita”. Nesse momento, ela cantou uma bela música, que acompanhou tocando atabaque (Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cpr9j-KjCHZ/?igsh=enAyYm9kM3JoZTJy>).

Na apresentação do segundo trabalho, a terapeuta trouxe reflexões sobre a descolonização da psicoterapia e o atendimento a públicos diversos e marginalizados. No trabalho escrito, ela rememorou que na última *Core Convention* [Convenção Core], em 2022, no México, o tema esteve presente. Também explicou que, partir das discussões e apresentações dos trabalhos sociais que começaram a ser realizados no Brasil, foi criado um grupo de trabalho responsável por pensar como a comunidade *Core Energetics* pode estar mais compromissada com a diversidade, nas dimensões

raça, etnia, gênero, sexualidade, capacitismo, ageísmo, regionalismo, entre outras categorias, assim como com a descolonização da psicoterapia corporal. Além disso, mencionou a importância de desconstruir antigos referenciais sem desconsiderar o legado de cada teoria.

A comunidade *Core Energetics* no Brasil parece estar na vanguarda da discussão e da introdução de práticas de inclusão social no processo psicoterapêutico, trazendo a responsabilidade de se aprofundar cada vez mais neste tema e aperfeiçoar as práticas de atendimento. As desigualdades sociais que temos em nosso país, o processo de colonização que sofremos, o alto índice de violência racial e de gênero são aspectos que precisam ser considerados por todos.

Por outro lado, quando analisados os aspectos que fazem parte do movimento Nova Era, o trabalho social não está presente. Mesmo dentro da comunidade *Core Energetics*, o trabalho voluntário voltado para as camadas vulneráveis da sociedade é um movimento novo, embora Pierrakos (1997, p. 17) tenha afirmado:

[...] cujo ímpeto está nos carregando na direção da nova era, na qual, espero, a humanidade deverá entrar. Fundamentalmente, abrangem uma única proposição: a de que a pessoa é uma unidade, no interior do *self* e na interação com seu ambiente. Diria que unidade e interação relacionam todas as coisas que estão na totalidade da existência. Porque, enquanto a individualidade de cada ser é bastante real, o intercâmbio de energia entre todos os seres é contínuo e coextensivo com o universo. Quero ampliar essa afirmação, porque resume minha compreensão da natureza da pessoa humana e, portanto, o propósito da energética da Essência.

Estamos em um momento de ampliação das reflexões diante das adversidades. Isso ficou bem claro durante as apresentações dos trabalhos sociais realizados pelos participantes desta pesquisa, principalmente quando surgiram questionamentos sobre quais corpos os terapeutas estão atendendo e como compreendem a relação desses corpos com o ambiente sociocultural no qual estão inseridos. Foi interessante observar que ressaltaram a importância em perceber a negação das diversidades, questionar o saber instituído e inserir novas leituras que contribuam para a percepção de como os preconceitos raciais e de gênero devem ser inicialmente reconhecidos pelos terapeutas em seu próprio processo. Dessa maneira, poderão ser capazes de se preparar para acolher as dificuldades dos que trazem essas feridas traumáticas transgeracionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inspiração para realizar este trabalho me ocorreu a partir de um sentimento profundo de tristeza e preocupação diante de um cenário planetário de morte e isolamento. Uma vontade surgiu dentro de mim, acompanhada de uma enorme gratidão pela trajetória de busca intelectual e de autoconhecimento até aqui percorrida. Fazer parte de uma minoria privilegiada, em um país tão desigual, me suscita reflexões, sentimentos de angústia e, na maioria do tempo, fuga e apatia diante de tanta complexidade. Foi nesse universo muito pessoal que as primeiras ideias surgiram. A crise global inédita ampliou as minhas indagações acerca do meu papel como profissional e ser humano nesse vasto campo de responsabilidades sociopolítica, econômica, de sensibilidade pessoal e ética.

Seguir com os estudos sobre a espiritualidade/religiosidade sempre me foi inspirador. Restabelecer uma conexão secular com a natureza, considerando os seus princípios e o mistério da existência, empregando os meus conhecimentos para honrá-la e respeitá-la, significam para mim me reconectar com o sagrado sem a separação fora–dentro.

Em 2020, com o início da pandemia de COVID-19, cercada por medo e insegurança, mas também por esperança, comecei a elaborar algumas questões a partir do meu microcosmo. Com mais de meio século de vida, e com tantas buscas pessoais e profissionais, sempre almejando alcançar um patamar de “ser mais evoluído e consciente do meu papel no mundo”, me perguntei: “Será que todo o trabalho em busca de uma evolução pessoal e espiritual também despertaria uma percepção mais sensível para as desigualdades sociais que vivemos na realidade brasileira? E, a partir daí, haveria a promoção de ações que pudessem interferir nesta realidade?”

Como profissional da área de psicologia, sempre busquei abordagens que vislumbrassem uma integração do ser humano em todos os seus aspectos, incluindo o espiritual. Essa busca significa, até agora, um investimento de mais de 25 anos na abordagem *Core Energetics*, através de vivências terapêuticas, estudos teóricos e atuação profissional. Assim, mais indagações norteadoras para este trabalho surgiram: “Será que o sujeito que investe em seu desenvolvimento pessoal e espiritual

torna-se mais solidário e sensível às diferenças? Além de transformar e ressignificar a história do sujeito que vivencia a prática terapêutica, a espiritualidade contemporânea vivenciada na abordagem *Core Energetics* também traz a perspectiva de que todos nós devemos ter equidade de direitos e liberdade de escolha?”

A partir dessas perguntas norteadoras, tracei minhas estratégias para a consecução da presente pesquisa. Inicialmente, fiz extensa revisão de literatura abarcando o período sociopolítico do Brasil desde 2013 até a pandemia, tecendo também algumas considerações até o momento em que foi oficializado o seu fim, em 5 de maio de 2023, com base na coleta de dados atuais sobre o contexto pandêmico e suas implicações.

Visando a execução da investigação empírica, elegi um grupo de psicoterapeutas em *Core Energetics*, que são profissionais em busca de evolução espiritual a partir do autoconhecimento e que trabalham em prol da transformação de outros seres humanos, para compor meu campo de pesquisa. Esse grupo estava cursando o quinto ano da formação em *Core Energetics* e todos já atuam como psicoterapeutas.

Em meu estudo, ficou clara a necessidade de reformas políticas urgentes no Brasil. Além disso, é imprescindível ampliar a conscientização e promover debates públicos sobre temas variados e altamente relevantes, como a nossa origem histórica como povo e nação, as desigualdades sociais, os preconceitos contra a diversidade étnica e de gênero, o papel da religião/espiritualidade na formação e deformação dos cidadãos, entre outros, de modo a garantir o funcionamento e a manutenção do regime democrático. Para isso, é preciso que os cidadãos se conscientizem que a esfera política não está apartada do restante da sociedade. Deve-se sempre ter em mente que é dever de todos promover ações que garantam o mínimo de igualdade material e de condições básicas de sobrevivência/existência para que os grupos marginalizados se empoderem e se integrem nas discussões, mobilizações e mudanças, evitando o comprometimento da democracia.

Entre as várias reflexões que a pandemia suscitou, as que concernem as desigualdades sociais vigentes no Brasil nunca ficaram tão claras. Outro aspecto percebido nesse período foi o poder devastador que tem um regime político de ultradireita, com tendências fascistas e negacionistas, promotor de desorganização, desinformação e corrupção. Ficou escancarado o uso indevido das forças divinas, do

poder de Deus como causador de doença e sofrimento, com fins desonestos, para mascarar causas concretas de ordens sociopolítica e econômica. Além disso, ao longo da história, nota-se que grupos apolíticos tendem a ser mais vulneráveis e suscetíveis a diferentes tipos de conspirações sobrenaturais, negando a ciência e provocando destruição das relações, assumindo comportamentos agressivos e até causando mortes. A discussão política se torna necessária em todos os segmentos da sociedade. O ambiente de desenvolvimento de religiosidade/espiritualidade não pode negar o contexto sociopolítico e econômico no qual está inserido.

Dentro desse contexto de necessidade de mudanças, melhorias e sustentação democrática, os movimentos sociais assumem muita relevância. Atualmente, verifica-se a ocorrência de um processo de transformação, em busca de novas formas de organização via plataformas digitais, em níveis tanto locais como globais, envolvendo questões ambientais, étnicas, de gênero, imigração, fome e desemprego. Com base na revisão de literatura que realizei, constatei que durante a pandemia de COVID-19 várias iniciativas e ações políticas solidárias foram realizadas, amenizando e reinventando o caos. A comunicação digital pode contribuir de forma positiva para as ações sociais, sendo imprescindível desenvolver sua regulamentação para evitar as notícias falsas que prejudicam este processo.

No presente momento, as ações coletivas são constituídas por organizações civis, não governamentais e movimentos coletivos, estando a espiritualidade implícita ou explicitamente presente como um aspecto da condição humana. Também a solidariedade se destaca como um fator fundamental nessas associações que visam mudança e transformação. Vinculadas ao conceito de espiritualidade e promovendo mudanças sociais, podem estar teologias progressistas feministas e de libertação.

Na modernidade tardia, a espiritualidade torna-se protagonista no movimento Nova Era, evidenciando-se a importância do autoconhecimento para a compreensão do sentido da existência. Embora se perceba uma mudança na relação do indivíduo com a religião no que se refere à rejeição da autoridade da instituição religiosa, sua vida continua sendo atravessada por interesses e práticas religiosas antigas e modernas. A presença do inefável ameniza a ansiedade diante da velocidade e volatilidade da modernidade tardia, a qual oferece liberdade e autonomia para o indivíduo, porém aguça suas inseguranças diante de um futuro incerto. Dessa maneira, a experiência religiosa é reorganizada, podendo se manifestar na intimidade

do indivíduo ou de forma fluida em todos os lugares, porquanto há novas maneiras de experienciar o sagrado.

No movimento Nova Era, descrito neste trabalho, surgiram diferentes formas de busca espirituais, através de vivências terapêuticas e jornadas pessoais, com as mais diversas técnicas e recursos que facilitam o contato com o transcendente. No Brasil, o movimento Nova Era adquiriu características próprias, pois os processos sincréticos presentes oferecem inúmeras possibilidades de incorporação e ressignificação de muitos elementos. Em adição a isso, o aspecto individualista característico da Nova Era é influenciado pelo caráter congregacional, que faz parte das religiões brasileiras. Outra peculiaridade é que esse movimento chegou ao Brasil trazido por indivíduos pertencentes às classes média e alta e, com o passar do tempo, estes grupos foram incorporando práticas oriundas das religiões populares, o que promoveu maior proximidade entre as classes sociais a partir do aspecto religioso.

Entre as diversas formas de busca de autoconhecimento e desenvolvimento espiritual, encontra-se a abordagem *Core Energetics*, método evolutivo desenvolvido pelo médico, psiquiatra e psicoterapeuta John Pierrakos, estudado, vivenciado e praticado profissionalmente pelos participantes do grupo pesquisado durante a pandemia de COVID-19. Apesar de ter sido um período permeado com medo e insegurança, também propiciou uma pausa forçada e a busca de sentido existencial, conforme verifiquei em minha pesquisa.

A abordagem psicoterapêutica corporal estudada tem suas bases teóricas na psicoterapia corporal desenvolvida por Wilhelm Reich, aprimorada durante o desenvolvimento da Bioenergética, com Alexander Lowen, e ampliada pelo conhecimento espiritual incorporado do *Pathwork* através de Eva Pierrakos. Um dos aspectos advindos da teoria reichiana e que apresentou relevância na presente pesquisa centra-se no profundo interesse do autor pela compreensão da existência humana dentro dos aspectos corpo/mente/espiritualidade, sem se esquecer do inter-relacionamento destes aspectos com o ambiente sociopolítico e social circundante.

A abordagem *Core Energetics* mantém essa visão a partir da compreensão de que a fonte de cura para as distorções individuais e da sociedade reside dentro de cada indivíduo. Há a individualidade que é transformada em contínua interação com o outro e com o meio ambiente, na forma de influência de transmutação mútua. No trabalho evolutivo, aplicando atividades e práticas que envolvem o corpo, as emoções,

a mente, a vontade e a espiritualidade, busca-se resgatar e potencializar o manancial energético de cada indivíduo, promovendo a possibilidade de trocas e transformações. Desse modo, há um despertar da consciência do todo e da unidade da vida, o que resulta em compreensão renovada sobre a criação e confiança na evolução, interação, transformação e conservação do ambiente em que vivemos. Concomitantemente, acontecem transformações individuais e coletivas. As dificuldades provenientes de cada meio social e as influências repressoras e negativas, que vêm sobretudo de família, escola e religião, são desafios a serem enfrentados.

Diante dos dados coletados e analisados, verifiquei ser imprescindível promover um processo educativo e de conscientização dos profissionais que trabalham com o autoconhecimento e almejam o desenvolvimento espiritual, para que se apropriem da realidade sociopolítica e econômica em que estamos inseridos. No contexto histórico que permeia nossos corpos e nossas relações, não podemos negar nossa condição de colonizados, nem os reflexos profundos que isto tem em nossas vidas. Relembrar um período tão avassalador que experienciamos durante a pandemia, e que resultou na morte de mais de 700 mil brasileiros, vítimas das negligências de um governo de ultradireita, negacionista e eleito democraticamente, gera a premente necessidade de integrar esse território vasto, diverso e complexo como parte do processo evolutivo, que inclui corpo, mente, emoção e espiritualidade.

Uma resposta clara que obtive em minha pesquisa foi a necessidade de elaborar medidas que incluam um resgate histórico das nossas origens colonizadoras, passando pelos momentos difíceis de opressão e ditadura e chegando à redemocratização. Torna-se imperioso elaborar ferramentas que instiguem indagações em relação à ciência, já que ela é uma construção humana que vai se autocorrigindo através de experimentos. Sob a influência do mundo contemporâneo, no qual as informações são, inúmeras vezes, rasas e fluidas, cabe aos membros da academia criar novas formas para estimular perguntas e respostas científicas mais consistentes, com o fito de esclarecer que, durante as discussões científicas, religiões e partidos políticos não são relevantes. Esse conhecimento precisa ser integrado utilizando ferramentas como o mapa da consciência, que compõe a teoria de *Core Energetics*, de modo a mobilizar as emoções e transformar as defesas que foram criadas para lidar com tantas crises.

O meu processo de busca por esses dados se refletiu nas minhas próprias convicções, revelando uma postura política mais ativa e corajosa quando tivemos de enfrentar um processo eleitoral polarizado e agressivo no ano de 2022. Simultaneamente, ampliou meus conteúdos para a elaboração das aulas que ministro sobre psicoterapia corporal em cursos de pós-graduação.

Relembrando as origens da abordagem *Core Energetics*, ficou ainda mais clara para mim a importância de resgatar os estudos realizados por Wilhelm Reich quando o autor analisou profundamente as influências dos aspectos sociais, políticos e econômicos na construção do homem. Durante as minhas longas noites insones em que li, reli e elaborei as minhas impressões sobre os relatos históricos da vinda da abordagem *Core Energetics* para o Brasil, me vieram caras memórias da imagem de John Pierrakos chorando por ter “traído” Reich. Imbuída dessas emoções, refleti que talvez tenha chegado a hora de reparar coletivamente essa culpa do fundador da *Core Energetics* em relação a seu antecessor, resgatando esta fase reichiana e promovendo ações que incluam estes aspectos.

Talvez este seja o momento para que a abordagem *Core Energetics* avance enquanto debate político, de modo a estimular a promoção de ações públicas que tornem possível o atendimento psicoterapêutico de pessoas mais vulneráveis. Sugiro que seja elaborado pela comunidade *Core Energetics* um projeto que vise a real transformação social dessas pessoas de uma forma que se distinga daquela visão assistencialista já gasta. Faz-se importante a conscientização de que as ações públicas que visam o enfrentamento das desigualdades sociais devem também contribuir para a evolução espiritual dos beneficiados. Talvez consigamos caminhar em busca de direitos espirituais que complementem a declaração de direitos humanos, dentro da visão holística de mundo, percorrendo um caminho que não seja assistencialista e caridoso, mas equânime.

Ao estudar o *ethos* da Nova Era, constatar que a abordagem *Core Energetics* está inserida nesta perspectiva e verificar que esta evidência aparece nos dados da pesquisa, comprovo a importância do estudo de cada grupo que faz parte deste *ethos* de forma profunda e individualizada, como recomendam alguns autores aqui citados. Penso que apenas assim poderemos compreender o trajeto percorrido pelo buscador e os efeitos desta busca espiritual.

Através de suas falas, os participantes da pesquisa apresentaram alguns elementos que compõem a Nova Era, como descrevi na revisão de literatura. Ficou evidente que eles são buscadores e apresentam comportamentos que refletem a modernidade tardia, com uma religiosidade praticada de diferentes formas. Eles enfatizaram a importância do autoconhecimento e se mostraram abertos a novas experiências místicas. Adicionalmente, sustentam um ritmo intenso de atividades e revelam um anseio de evolução espiritual. Percebi nitidamente nos participantes uma intersecção entre buscadores espirituais e busca por aprimoramento e avanço profissional.

Para os participantes, a busca pelo desenvolvimento espiritual através da aquisição de conhecimentos e da utilização de certas práticas é fundamental, tendo sido uma forma encontrada para amenizar as dificuldades advindas durante a pandemia de COVID-19. O momento pandêmico foi analisado socio e politicamente pela maioria, porém o viés místico esteve presente. A partir desse viés, pude verificar nuances positivas, como a vivência de relevantes momentos espirituais de recolhimento e transformação, de profunda conexão com o transcendente. Em contraste, também detectei a presença de tendências negativas, com a negação de determinadas medidas importantes, como a vacina, o uso de medicamentos não cientificamente comprovados e a aplicação de técnicas espirituais para a cura e o combate à doença.

A despeito da catástrofe que o momento pandêmico representou, os participantes desta pesquisa se consideraram privilegiados, pois conseguiram manter o seu sustento, em alguns casos até aumentar a possibilidade de trabalho, criar e expandir suas ferramentas de autoajuda e auxiliar seus clientes. O resgate da convivência com a natureza, a diminuição do ritmo de trabalho, a utilização de práticas de meditação e outras técnicas corporais diárias foram ganhos significativos obtidos nesse período. Observei a relativização da gravidade do momento pandêmico como elemento da Nova Era quando os participantes citaram este evento como possibilidade de aprendizado, fonte de cura da natureza devido à pausa na ação predatória humana. A relativização é um aspecto que requer discussões mais amplas para não se correr o risco de despolitizar os momentos catastróficos, utilizando um mecanismo de defesa de negação de uma realidade que precisa ser transformada.

A busca de diferentes tradições religiosas, a repetição de orações aprendidas na infância, a prática de rituais com substâncias psicoativas, de limpeza e proteção e a invocação de imagens de santos, anjos e outras entidades fazem parte do universo dos participantes e são recursos que utilizam para ajudá-los nos momentos difíceis. Os cursos e retiros dos quais eles participaram não se limitaram à abordagem *Core Energetics*, mas empreenderam buscas constantes por novos aprendizados e vivências. A comunidade *Core Energetics* é considerada pela maioria dos entrevistados com sua “família”, considerando-a seu local mais importante de vínculo e crescimento, embora sem haver uma fidelização. A crença evolutiva faz parte da teoria estudada e os textos canalizados pelo Guia do *Pathwork* compõem o arsenal teórico dessa abordagem. A intuição e os “chamados da alma” são ferramentas que auxiliam nas escolhas importantes da vida, aspectos acessados através de meditação, silêncio e orações.

Através da escuta e organização dos elementos que compõem a Nova Era, da forma como foram citados pelos participantes, pude responder à primeira e à segunda perguntas que nortearam este trabalho. Os entrevistados mostraram certa sensibilidade ao relatar as dificuldades observadas durante a pandemia. Porém, a busca e a preocupação individuais ainda prevaleceram, justificadas por todos os elementos que compõem a modernidade tardia, tal como excesso de atividades acarretando falta de tempo, necessidade de atualização de conhecimento para atender as demandas do mercado, insegurança econômica diante da necessidade do consumo. A despeito de terem se sensibilizado com as notícias e o contato com pessoas que enfrentaram diferentes dificuldades durante a pandemia, isto não se tornou um agente propulsor para um movimento espontâneo mais amplo e coletivo no grupo analisado. As ações espirituais, através de orações e meditações, foram por eles consideradas mais efetivas. Seu sentimento de solidariedade foi direcionado com mais intensidade para o trabalho psicoterapêutico com valor social e algumas ações individuais.

Ao averiguar a origem da abordagem *Core Energetics*, constatei que ocorreu na efervescência do movimento de contracultura nos Estados Unidos, momento no qual o anseio pela compreensão de uma existência com mais sentido estava presente em seu fundador, um homem grego que saiu da sua terra natal por causa de uma guerra em busca de mais segurança. Ele buscou se adaptar à cultura estadunidense,

passou por momentos de insegurança quando sua fonte de conhecimento e inspiração, seu professor e terapeuta, foi ameaçado por forças repressivas, desenvolveu uma teoria complexa a partir de seus conhecimentos médicos e psiquiátricos e, então, partiu para uma existência espiritualista integrando vida e prática profissional. Pode-se considerar que a vinda da abordagem *Core Energetics* para o Brasil ampliou os aspectos presentes no *ethos* da Nova Era, fato percebido inclusive no interesse do fundador por diferentes vertentes espirituais presentes no Brasil. O tempo de convivência que Pierrakos teve com a nossa cultura não foi suficiente para a realização de muitas mudanças na formação. Entretanto, ao longo dos anos vem se notando que novos ritos e símbolos vêm sendo incorporados.

Percebo que, até aqui, a premissa da abordagem *Core Energetics* de que a pessoa é uma unidade, no interior do *self* e na interação com o seu ambiente, e tem a capacidade de interagir e se relacionar com todas as coisas que estão na totalidade da existência, ainda não se traduz em uma ação mais efetiva para contribuir com mudanças sociais. Apesar de vários relatos de que muita transformação em relação à ampliação da visão de mundo, abertura para diferentes atividades, desenvolvimento de senso crítico e ético têm ocorrido no cotidiano dos terapeutas, a preocupação e a vontade de promover ações sociais não surge de forma espontânea e não está dentro das suas prioridades ou percepção, o que seriam aspectos que denotariam sua evolução espiritual. Isso demonstra que é premente promover a construção dessa consciência evolutiva espiritual, através dos aspectos de transformação individual, em interação com educação socioeconômica, política, ambiental e cultural.

É notório que um embrião de consciência social está sendo gestado na comunidade *Core Energetics* no Brasil, algo inovador diante da comunidade internacional. No entanto, a hipótese levantada nesta tese de que os profissionais que concluíram a formação em *Core Energetics* e possuem uma prática de trabalho nesta abordagem vivenciam a espiritualidade em seu dia a dia e promovem ações sociais em momentos de crise, como os períodos da pandemia de COVID-19 e pós-pandemia, só pôde ser confirmada parcialmente, já que os participantes da pesquisa vivenciam a espiritualidade no dia a dia através de leituras e práticas terapêuticas e espirituais, são sensíveis diante das circunstâncias adversas, se solidarizaram com pessoas próximas que estavam em dificuldade, porém não promoveram de forma

efetiva ações sociais durante os períodos da pandemia de COVID-19 e pós-pandemia de forma espontânea. Quando estudei os movimentos sociais e os conceitos de solidariedade/espiritualidade, notei que a comunidade *Core Energetics* pratica este conceito em pequenos grupos e em alguns locais específicos, mas não há uma abrangência que caracterizaria um movimento ou uma comunidade que desenvolve ações sociais.

Devo ressaltar que o investimento da instituição Rede Brasil de *Core Energetics* neste propósito, como gestora e administradora dos projetos sociais, é essencial. Ao observar as ações em geral que ocorreram no período caótico da pandemia, com maior sensibilização diante das dificuldades, e aquelas articuladas pela Rede Brasil de *Core Energetics* no período pós-pandemia como parte do programa do quinto ano de formação, constatei que as últimas abrangeram um número maior de iniciativas com mais engajamento dos participantes.

Acredito que as resistências presentes no desenvolvimento de trabalhos voluntários e com comunidades diversas podem ser superadas na medida em que a instituição apoie estas ações, através de organização, busca por políticas públicas, apoio terapêutico e momentos de reflexão para os profissionais. Essas reflexões sobre a resistência dos terapeutas diante das diferenças e desafios começaram a acontecer de uma forma muito verdadeira e profunda durante a apresentação dos trabalhos sociais realizados, como descrevi no subitem 4.3.2. Por certo, esse foi um passo muito importante. Parece ser essencial no trabalho psicoterapêutico social o diferenciar das resistências, deixando cada vez mais claro que estas podem ocorrer em decorrência da falta de políticas públicas efetivas que dificultam a permanência dos profissionais e a continuidade do trabalho muitas vezes iniciado, e aos aspectos emocionais dos terapeutas que ao depararem com uma realidade profissional tão diferente do que vivem no seu dia a dia e sem condições de realizar uma supervisão ou ter um grupo de apoio, criam um distanciamento ora com superioridade, ora com uma série de justificativas para não continuidade do trabalho.

Esses aspectos observados respondem à terceira questão norteadora, pois verifiquei que as vivências terapêuticas e espirituais realizadas pelos terapeutas durante os anos de formação, assim como as reflexões profundas em relação ao trabalho de interação com seus clientes, foram capazes de ressignificar sua história e avançar na perspectiva de acreditar que todos devemos ter equidade de direitos e

liberdade de escolha. É notório que a busca por aproximação com o diferente, os desiguais, gera angústias e resistências. Contudo, é muito interessante perceber que há um desejo real de superação desses obstáculos e a consciência de que isto só acontecerá a partir do reconhecimento e da superação destas dificuldades. A coragem para encarar essas negatividades é um aspecto característico da abordagem *Core Energetics* e condição para o despertar da espiritualidade.

Por fim, ressalto que, a partir das recomendações sugeridas, seria importante a continuidade da pesquisa sobre os grupos sociais realizados pela Rede Brasil de *Core Energetics*. Dessa forma, vislumbro ser possível compreender e avaliar o desenvolvimento da capacidade dos terapeutas com essa formação, das superações das resistências e da capacidade de ampliar as atividades, com aqueles que necessitam de um trabalho solidário. Além disso, a consciência acerca da importância desse fato pode gerar um movimento em busca de apoio e construção de políticas públicas que promovam um trabalho terapêutico eficaz. Afinal, é de suma relevância promover ações que diminuam as desigualdades e propiciem o resgate do sagrado através da compreensão de que há um laço profundo entre os humanos e a natureza, tornando factível a vivência da espiritualidade/religiosidade como direito de todos que assim o desejam.

REFERÊNCIAS

A AUTOCOMUNICAÇÃO de massas segundo Castells. *Fronteiras do Pensamento*, [S.l.], jun. 2013. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/a-autocomunicacao-de-massas-segundo-castells-1427130204>. Acesso em: 8 ago. 2024.

ACAYABA Cíntia; REIS, Thiago. Proporção de negros nas prisões cresce 14% em 15 anos, enquanto a de brancos cai 19%, mostra Anuário de Segurança Pública. *G1*, São Paulo, 19 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/19/em-15-anos-proporcao-de-negros-nas-prisoas-aumenta-14percent-ja-a-de-brancos-diminui-19percent-mostra-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>. Acesso em: 26 jul. 2023.

ADJUTO, Daniel; ARBEX, Thais. Em carta, governadores pedem a Bolsonaro que acione OMS para agilizar vacinas. *CNN*, São Paulo, 4 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/em-carta-governadores-pedem-a-bolsonaro-que-acione-oms-para-agilizar-vacinas/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

AFONSO, Mariana Luciano. Respostas de movimentos sociais feministas à pandemia de COVID-19: notas prévias de pesquisa em psicologia social. *Movimentação*, Dourados, v. 8, n. 14, p. 209-215, 2021. DOI: <https://doi.org/10.30612/mvt.v8i14.15028>. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/view/15028/8214>. Acesso em: 28 jul. 2023.

ALBERTINI, Paulo. *Na psicanálise de Wilhelm Reich*. 2015. 321 f. Tese (Livre Docência em Psicologia) – Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-19052017-163042/publico/albertini.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2023.

ALBERTINI, Paulo. Reich e a possibilidade do bem-estar na cultura. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 61-89, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psup/a/357Yd5PX8ysQgHVtR5p3PnR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2023.

ALBERTINI, Paulo. *Reich: história das ideias e formulações para a educação*. São Paulo: Ágora, 1994.

ALBERTINI, Paulo. Wilhelm Reich: percurso histórico e inserção do pensamento no Brasil. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 61, n. 135, p. 159-176, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v61n135/v61n135a04.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023.

ALETTI, Mario. Novas formas da religião numa cultura plural, à luz da psicologia e da psicanálise. In: FREITAS, Marta Helena de; PAIVA, Geraldo José (org.). *Religiosidade e cultura contemporânea: desafios para a psicologia*. Brasília, DF: Universa, 2012. p. 99-139.

ALFONSIN, Betânia de Moraes; PEREIRA, Pedro Prazeres Fraga; BERNI, Paulo Eduardo; OLIVEIRA, Pedro Acosta; GUIMARÃES, Fernanda Madalosso; SEGAT, Flávia; LOPES, Débora Carina. Ninguém solta a mão de ninguém: a ampliação do repertório de práticas organizativas de comunidades de baixa renda de Porto Alegre na resistência aos ataques ao direito à cidade e à COVID-19. *Insurgência*, Brasília, DF, v. 7, n. 1, p. 23-50, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/35658/30478>. Acesso em: 28 jul. 2023.

ALONSO, Angela. A política das ruas: protestos em São Paulo de Dilma a Temer. *Novos Estudos*, São Paulo, especial, p. 49-58, 2017. Disponível em: https://novosestudios.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Angela-Alonso_A-pol%C3%ADtica-das-ruas.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma*: comunidade, essência e sincretismo da Nova Era. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

AMARAL, Leila. O divertimento e a dor: como é possível curar o corpo, recuperando o espírito, na Nova Era? *Motriz: Revista de Educação Física*, Rio Claro, v. 5, n. 2, p. 183-188, 1999. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/8733/pdf>. Acesso em: 2 abr. 2024.

AMARAL, Leila. Um Espírito sem lar: sobre uma dimensão nova era da religiosidade contemporânea. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *Circuitos infinitos*: comparações e religiões no Brasil, Argentina, Portugal, França e Grã-Bretanha. São Paulo: Attar, 2003. p. 17-59.

AMARANTE, Paulo. *Saúde mental e atenção psicossocial*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

AMMERMAN, Nancy. T. Organized religion in a voluntaristic society. *Sociology of Religion*, Oxford, v. 58, n. 3, p. 203-215, 1997. DOI: <https://doi.org/10.2307/3712213>.

ANDRADE, Hanrrikson de. Bolsonaro reage após polêmica da 'farofa' e diz que não 'busca ser povão'. *UOL*, Brasília, DF, 2 fev. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/02/02/bolsonaro-reage-apos-polemica-da-farofa-e-diz-que-nao-busca-ser-povao.htm>. Acesso em: 28 jul. 2023.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. *CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, João Pessoa, v. 2, n. 14, p. 106-118, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/46956/28199>. Acesso em: 3 fev. 2024.

APÓS postar vídeo com pornografia, Bolsonaro pergunta o que é 'golden shower'. *G1*, São Paulo, 6 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/06/apos-postar-video-com-pornografia-bolsonaro-pergunta-o-que-e-golden-shower.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA. *Pandemia na Amazônia*: crise e caos. Painel virtual. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Saúde Coletiva, 27

jan. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZLOqgOO02e4>. Acesso em: 28 jul. 2023.

AVRITZER, Leonardo. *Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2020.

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. Igualdade e equidade: qual é a medida da justiça social? *Avaliação*, Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 129-150, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772013000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/PsC3yc8bKMBBxzWL8XjSXYP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 out. 2023.

AZEVEDO, Victoria; LUC, Mauren. Bolsonaro invade festa e mata político petista a tiros no PR. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/07/petista-e-assassinado-no-pr-e-pt-fala-em-crime-de-odio-por-bolsonarista.shtml>. Acesso em: 26 jul. 2023.

BANCO C6 S.A. De cada 10 brasileiros que perderam renda na pandemia, 6 ainda não recuperaram os ganhos, diz pesquisa C6 Bank/Ipec. *Banco C6 S.A.*, São Paulo, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://www.c6bank.com.br/blog/de-cada-10-brasileiros-que-perderam-renda-na-pandemia-6-ainda-nao-recuperaram-os-ganhos-diz-pesquisa-c6-bank-ipec>. Acesso em: 4 out. 2023.

BARRETO, Adalberto de Paula; SILVA, Milene Zanoni da; HORTA, Ana Lucia de Moraes; FERREIRA FILHA, Maria de Oliveira; DIAS, Maria Djair; SVOBODA, Walfrido Kühl. *Terapia comunitária integrativa: cuidando da saúde mental em tempos de crise*. Recife: Fiocruz-PE; ObservaPICS, 2020. (Cuidado integral na Covid; n. 2). Disponível em: <https://media.crfrs.org.br/publicacoes/terapia%20comunit%C3%A1ria%20PICS-Covid-TCI-ObservaPICS.pdf>. Acesso em: 4 out. 2023.

BARRETO, André Valente de Barros. *A revolução das paixões: os fundamentos da psicologia política de Wilhelm Reich*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2000.

BARROS, Alerrandre. Desemprego fica em 14,6% no trimestre até maio e atinge 14,8 milhões de pessoas. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31255-desemprego-fica-em-14-6-no-trimestre-ate-maio-e-atinge-14-8-milhoes-de-pessoas>. Acesso em: 28 jul. 2023.

BARROS, Alerrandre. PIB cresce 4,6% em 2021 e supera perdas da pandemia. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 4 mar. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33066-pib-cresce-4-6-em-2021-e-supera-perdas-da-pandemia>. Acesso em: 28 jul. 2023.

BATISTA, Luís Eduardo; PROENÇA, Adriana; SILVA, Alexandre da. Covid-19 e a população negra. *Interface*, Botucatu, v. 25, e210470, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/RRgJnJCtpsXFZYRhCGykzJb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jul. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. Bauman: assim chegamos à Retrotopia. Tradução Inês Castilho. *OUTRASPALAVRAS*, São Paulo, 5 maio 2017. Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/bauman-assim-chegamos-a-retrotopia/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 1-52.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. 2. ed. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2011.

BEDANI, Ailton. *Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich*. 176 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.ibpb.com.br/2013/ailton-bedani-2007.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023.

BĚLÍČEK, Ondřej. Como o misticismo e a pseudociência se tornaram centrais para o nazismo: uma entrevista com Eric Kurlander. Tradução Gercyane Oliveira. *Jacobin Brasil*, [S.l.], 25 jan. 2022. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2022/01/como-o-misticismo-e-a-pseudociencia-se-tornaram-centrais-para-o-nazismo/>. Acesso em: 30 jul. 2023.

BERCELI, David. *Exercícios para liberação do trauma*. Tradução Amadise “Tai” Silveira. Recife: Libertas Editora, 2013.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 9-23, 2001. Tradução Henry Decoster. Revisão e notas Cecília Mariz e Emerson Giumbelli. Disponível em: <https://religioesociedade.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Religiao-e-Sociedade-N21.01-2001.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2023.

BERGER, Peter L. *O dosseí sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985. (Coleção Sociologia e Religião).

BERGER, Peter L. *Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Tradução Waldemar Boff e Jaime Clasen. 2.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

BERGER, Peter L. *The many altars of modernity toward a paradigm for religion in a pluralist age*. Berlin: Walter de Gruyter, 2014.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*: a orientação do homem moderno. Tradução Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BIHR, Alain. França: pela socialização do aparato de saúde. In: DAVIS, Mike; HARVEY, David; BIHR, Alain; ZIBECHI, Raúl; BADIOU, Alain; ŽIŽEK, Slavoj. *Coronavírus e a luta de classes*. Brasil: Terra Sem Amos, 2020. p. 25-30. Disponível em: <https://www.cidadessaudaveis.org.br/cepedoc/wp-content/uploads/2020/04/coronav%c3%adrus-e-a-luta-de-classes.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2023.

BOADELLA, David. Morfologia dinâmica. In: BOADELLA, David; BOYESEN, G.; LISS, J. *Energia e caráter*. Tradução Maya Hantower. São Paulo: Summus, 1997. v. 2.

BOADELLA, David. *Nos caminhos de Reich*. Tradução Elisane Reis Barbosa Rebelo, Maria Silvia Mourão Netto e Ibanez de Carvalho Filho. São Paulo: Summus, 1985.

BOFF, Leonardo. *A opção-Terra*: a solução para a Terra não cai do Céu. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BOFF, Leonardo. *COVID-19: A Mãe Terra contra ataca a Humanidade*: advertências da pandemia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BOLSONARO cometeu crime de extermínio na pandemia, dizem juristas à CPI da Covid. CartaCapital, São Paulo, 20 set 2021a. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/bolsonaro-cometeu-crime-de-extermínio-na-pandemia-dizem-juristas-a-cpi-da-covid/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

BOLSONARO posta vídeo em que homem chama vacina contra covid de 'porcaria'. UOL, São Paulo, 16 dez. 2021b. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/12/16/bolsonaro-video-contravacina.htm>. Acesso em: 28 jul. 2023.

BOLSONARO sobre covid-19: "Não vou sentir nada, fui atleta e levei facada". *Exame*, São Paulo, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-sobre-covid-19-nao-vou-sentir-nada-fui-atleta-e-levei-facada/>. Acesso em: 28 jul. 2023.

BOLSONARO tira máscara de criança para posar para fotos em visita ao RN. *G1*, São Paulo, 24 jun. 2021c. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/06/24/bolsonaro-tira-mascara-de-crianca-para-posar-para-fotos-em-visita-ao-rn.ghtml>. Acesso em: 28 jul. 2023.

BORINE, Mônica S. *Core Energetics*: psicoterapia energética corporal. 2. ed. São Paulo: All Print, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. *Diário Oficial União*, Brasília, DF, 13 jun. 2013, nº 112, seção 1, p. 59. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=59&data=13/06/2013>. Acesso em: 3 out. 2023.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 15 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 jul. 2023.

BRENNAN, Barbara Ann. *Cura pela luz interior*: conceitos avançados de cura para ter uma vida plena. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Pensamento, 2018.

BURGER, Miklos. *O buscador, histórias verídicas*: autoconhecimento e espiritualidade. Salvador: JM Gráfica e Editora, 2014.

BURGER, Miklos. *O terapeuta*: uma psicologia para o século XXI. Salvador: EGBA, 2015.

CABRAL, Pedro Caixeta (org.). *Caindo no samba com o Jesus da Gente*: olhares e perspectivas sobre o desfile da Mangueira em 2020. São Leopoldo: CEBI, 2020. (Série A palavra na vida, n. 387).

CALEGARI, Dimas. *Da teoria do corpo ao coração*: uma visão do homem a partir da energia cósmica. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

CÂMARA, Marcus Vinícius de A. *Reich, grupos e sociedade*. São Paulo: Annablume, 2009.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Bolsonaro – mito político ou líder carismático? In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (org.). *Novo ativismo político no Brasil*: os evangélicos do século XXI. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

CAMURÇA, Marcelo. A relação do catolicismo com o governo Bolsonaro: entre o apoio dos setores conservadores e a crítica das instâncias institucionais e dos movimentos progressistas. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 22, n. 42, p. 207-234, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.127418>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/127418/88029>. Acesso em: 28 jul. 2023.

CARMO, Paulo Sérgio do. *Culturas da rebeldia*: a juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

CARNEIRO-CARVALHO, Andreia; RODRIGUES, Isilda. A peste negra e as crenças religiosas: conflito ciência e religião. *Revista Multidisciplinar*, Faro, v. 4, n. 2, p. 5-19, 2022. DOI: <https://doi.org/10.23882/rmd.22093>. Disponível em: <https://revistamultidisciplinar.com/index.php/oj/article/view/93/113>. Acesso em: 28 jul. 2023.

CARVALHO, Alexandre Magno Teixeira de. Anuviar, elidir, silenciar? Notas históricas, críticas e epistemológicas sobre a permanência de um mal-estar no

campo psicanalítico em torno da obra e do nome de Wilhelm Reich. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 177-222, 2021. DOI: <https://doi.org/10.12957/mnemosine.2021.62175>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/62175/39049>. Acesso em: 9 ago. 2024.

CARVALHO, Roger Ricardo Braga de; SIMIONI, Carlos Alberto. Movimentos sociais no Brasil: da década de 1970 aos dias atuais — a influência dos movimentos sociais e sua relação com a democracia e as organizações partidárias nos últimos cinquenta anos. *Caderno da Escola Superior de Gestão Pública, Política, Jurídica e Segurança*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 36-49, 2022. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/ESGPPJS/article/view/1671>. Acesso em: 28 jul. 2023.

CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*. Tradução Vera Lúcia Mello Joscelyne. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CASTRO, Janaina Josias de; NUNES, Marise Eterna. O efeito da oração em doentes terminais. In: LEMOS, Carolina Teles (org.). *Religião e vida cotidiana: perspectivas e desafios*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019. p.111-135.

CHAUÍ, Marilena. Pela graça de Deus: o “autoritarismo social” como origem e forma da violência no Brasil. *Blog da Boitempo*, São Paulo, 1º jun. 2021. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/06/01/pela-graca-de-deus-o-autoritarismo-social-como-origem-e-forma-da-violencia-no-brasil/>. Acesso em: 28 jul. 2023.

CHEFE de Fundação Palmares fala em escravidão ‘benéfica’ para descendentes. *Isto É*, São Paulo, 27 nov. 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/chefe-de-fundacao-palmares-fala-em-escravidao-benefica-para-descendentes/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. *Vendas de medicamentos psiquiátricos disparam na pandemia*. Brasília, DF: Conselho Federal de Farmácia, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://site.cff.org.br/noticia/noticias-do-cff/16/03/2023/vendas-de-medicamentos-psiquiatricos-disparam-na-pandemia>. Acesso em: 27 jul. 2023.

COSTA, Francisco. João de Deus é condenado em mais 118 anos e já soma quase 500 anos de reclusão. *Mais Goiás*, Goiânia, 15 set. 2023. Disponível em: <https://www.maisgoias.com.br/cidades/joao-de-deus-e-condenado-em-mais-118-anos-e-ja-soma-quase-500-anos-de-reclusao/>. Acesso em: 20 set. 2023.

COSTA, Sérgio. Estrutura social e crise política no Brasil. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 61, n. 4, p. 499-533, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/001152582018166>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/T7sNNKHBwkzqckLBcycsjcF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jul. 2023.

CPI da Pandemia: o que mudou na nova versão do relatório. *Agência Senado*, Brasília, DF, 26 out 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/26/cpi-da-pandemia-o-que-mudou-na-nova-versao-do-relatorio>. Acesso em: 20 fev. 2024.

D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. *O self perfeito e a nova era: individualismo e reflexividade em religiosidades pó-tradicionais*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

D'ANDREA, Flavio Fortes. *Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

DANTAS, Eder Samuel Oliveira. Saúde mental dos profissionais de saúde no Brasil no contexto da pandemia por Covid-19. *Interface*, Botucatu, v. 25, supl. 1, e200203, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200203>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/rCWq43y7mydk8Hjq5fZLpXg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2023.

DAVIS, Angela; KLEIN, Naomi. *Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia*. Tradução Leonardo Marins. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

DEMO, Pedro. *Avaliação qualitativa: polêmicas do nosso tempo*. 8. ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

DIAS, Vinícius. Religião que usa chá de Ayahuasca entra em crise por causa de Bolsonaro; entenda. *Bnews*, São Paulo, 11 fev. 2023. Disponível em: <https://www.bnews.com.br/noticias/politica/religiao-que-usa-cha-de-ayahuasca-entra-em-crise-por-causa-de-bolsonaro-entenda.html>. Acesso em: 28 jul. 2023.

DOMINGUES, José Maurício. Reflexividade, individualismo e modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 55-70, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/mLJsyYC66YDPRcCKcHrKtWj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2024.

DUFLO, Esther. *Lutar contra a pobreza*. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELLIOT, Anthony. A teoria do novo individualismo. Tradução Solange Miguel Marcondes Armando. *Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 33, n. 2, p. 465-486, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-699220183302009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/vDrZLFVGQFTPRSGDMmBn7Qx/?format=pdf>. Acesso em: 23 fev. 2024.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SERGIO AROUCA. Falta de oxigênio causa mortes e revela colapso em Manaus, que já soma mais de quatro mil mortes em 2021. *Informe ENSP*, Rio de Janeiro, 4 mar. 2021. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926>. Acesso em: 27 jul. 2023.

EVANS, Jules. Nazi hippies: when the New Age and far right overlap. *GEN*, [S.l.], 4 set. 2020. Disponível em: <https://gen.medium.com/nazi-hippies-when-the-new-age-and-far-right-overlap-d1a6ddcd7be4>. Acesso em: 30 jul. 2023.

EX-DEPUTADO Jean Wyllys volta ao Brasil após 4 anos no exterior. *G1*, Rio de Janeiro, 2 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/07/02/apos-quatro-anos-fora-do-pais-ex-deputado-federal-jean-wyllys-volta-ao-brasil.ghtml>. Acesso em: 26 jul. 2023.

FARO, André; BAHIANO, Milena de Andrade; NAKANO, Tatiana de Cassia; REIS, Catiele; SILVA, Brenda Fernanda Pereira da; VITTI, Laís Santos. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, e200074, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v37/1982-0275-estpsi-37-e200074.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva*. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERNANDA Montenegro recita letra do samba-enredo de 2020 da Mangueira. *G1*, Rio de Janeiro, 23 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/01/23/fernanda-montenegro-recita-letra-do-samba-enredo-de-2020-da-mangueira.ghtml>. Acesso em: 28 jul. 2023.

FLICK, Uwe. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA. *Estado mundial de la infancia 2021: en mi mente: promover, proteger y cuidar la salud mental de la infancia*. Nova York: Fondo de las Naciones Unidas para la Infancia, 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/114641/file/SOWC%202021%20Full%20Report%20Spanish.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de; LEAL, Leonardo Prates. Solidariedade democrática em movimento: respostas à grande crise da pandemia de Covid-19. *Revista NAU Social*, Salvador, v. 11, n. 21, p. 281-291, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/38630/23271>. Acesso em: 28 jul. 2023.

FREIRE, Neyson Pinheiro. *Infodemia relacionada à Covid-19 e seus impactos para os trabalhadores da saúde no Brasil*. São Paulo, 2022. 69 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola Paulista de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/65147/Freire%20NP_Disserta%20c3%a7%c3%a3o%20de%20Mestrado%20-%20v.%20FINAL%20-%20JAN%202022.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 jul. 2023.

FRIGERIO, Alejandro. Encontrando la religión por fuera de las “religiones”: Una propuesta para visibilizar el amplio y rico mundo social que hay entre las “iglesias” y el “individuo”. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 44, nº 3, p. 21-47, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-85872020v40n3cap01>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/dqdhQ3MtT4ySZb6KM687RTC/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 24 jul. 2023.

FRIGERIO, Alejandro. Por que não podemos ver a diversidade religiosa: questionando o paradigma católico-cêntrico no estudo da religião na América Latina. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 2, n. 34, p. 75-121, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.89948>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/89948/51883>. Acesso em: 12 fev. 2024.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. *"Chegou o Comunavírus", artigo do Ministro Ernesto Araújo [sic] publicado no livro Política externa: soberania, democracia e liberdade*. Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 8 nov. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/funag/pt-br/centrais-de-conteudo/politica-externa-brasileira/chegou-o-comunavirus-artigo-do-ministro-ernesto-araujo-publicado-no-livro-politica-externa-soberania-democracia-e-liberdade>. Acesso em: 28 jul. 2023.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. *Impacto da covid-19 na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens é significativo, mas somente a 'ponta do iceberg'*. Nova York: Fundo das Nações Unidas para a Infância, 4 out. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/114641/file/SOWC%202021%20Full%20Report%20Spanish.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

GALINDO, Eryka; TEIXEIRA, Marco Antonio; ARAÚJO, Melissa; MOTTA, Renata; PESSOA, Milene; MENDES, Larissa; RENNÓ, Lúcio. *Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil*. Berlin: Food for Justice: Power, Politics, and Food Inequalities in a Bioeconomy, 2021. (Food for Justice Working Paper Series, no. 4). DOI: <https://doi.org/10.17169/refubium-29554>. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/files/relatorio%20pesquisa%20Berlim%20UFMG.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2023.

GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro Henrique; VIANA, Hamanda. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. *G1*, Brasília, DF, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 28 jul. 2023.

GARCIA Lusmarina Campos; FÉLIX, Jonathan, BARROS, Marcelo. Jesus da Gente, um olhar teológico. In: CABRAL, Pedro Caixeta (org.). *Caindo no samba com o Jesus da Gente: olhares e perspectivas sobre o desfile da Mangueira em 2020*. São Leopoldo: CEBI, 2020. p. 19-24. (Série A palavra na vida, n. 387).

GARRETT JUNIOR, Gilson. Brasil registra 124 mortes por covid-19 em 24h; total passa de 617 mil. *Exame*, São Paulo, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://exame.com/brasil/casos-de-coronavirus-numero-de-mortes-16-de-dezembro-de-2021/>. Acesso em: 30 jul. 2023.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Tradução Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. ed. reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GIDDENS, Anthony. Risco, confiança e reflexividade. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott (org.). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 53-104.

GLEISER, Marcelo. *O despertar do universo consciente: um manifesto para o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Record, 2024.

GOHN, Maria da Glória. *Ativismo no Brasil: movimentos sociais, coletivos e organizações sociais civis: como impactam e por que importam?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GOHN, Maria da Glória. *Participação e democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

GÓIS FILHO, Benjamim Julião de. *Teoria crítica e religião no pensamento de Jürgen Habermas: possibilidades e limites da teoria do agir comunicativo no campo teológico-político*. 2020. 354 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/56849/3/2020_tese_bjgfilho.pdf. Acesso em: 27 fev. 2024.

GOMES, Irene. Com taxa de 8,8%, desemprego cresce no primeiro trimestre de 2023. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 28 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/36780-com-taxa-de-8-8-desemprego-cresce-no-primeiro-trimestre-de-2023#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20de%20desocupados%20cresceu,ficando%20em%2097%2C8%20milh%C3%B5es>. Acesso em: 28 jul. 2023.

GONZALEZ, Mariana. Márcia Tiburi volta ao Brasil após 4 anos exilada: 'Quero me sentir em casa. Esse é um direito meu'. *Marie Claire*, Rio de Janeiro, 7 jul. 2023. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/retratos/noticia/2023/07/marcia-tiburi-volta-ao-brasil-apos-4-anos-exilada-quero-me-sentir-em-casa-esse-e-um-direito-meu.ghtml>. Acesso em: 26 jul. 2023.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

GRANEZ, Marcio da Silva. A persistência do misticismo, do senso comum e da má-fé nas receitas milagrosas contra a Covid-19: uma proposta de interpretação. *Revista Mídia e Cotidiano*, Niterói, v. 15, n. 3, p. 144-168, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22409/rmc.v15i3.50655>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/50655/30070>. Acesso em: 30 mar. 2024.

GRAZIELY, Letícia. Apenas 11% da população tomou vacina bivalente contra a Covid em Goiás. *O Popular*, Goiânia, 13 jul. 2023. Disponível em: <https://opopular.com.br/cidades/apenas-11-da-populac-o-tomou-vacina-bivalente-contra-a-covid-em-goias-1.3047497>. Acesso em: 28 jul. 2023.

GUERRIERO, Silas. Sistema médico da Nova Era. In: STERN, Fábio; GUERRIERO, Silas (org.). *Terapias holísticas: uma análise do sistema médico na Nova Era*. São Paulo: EDUC, 2021. p. 25-51. *E-book*.

GUERRIERO, Silas; MENDIA, Fábio; COSTA, Matheus Oliva da; BEIN, Carlos, LEITE, Ana Luisa Prosperi. Os componentes constitutivos da Nova Era: A formação de um novo ethos. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 10-30, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/29280/20438>. Acesso em: 2 mar. 2024.

HABERMAS, Jürgen. *A inclusão do outro: estudos de teoria política*. Tradução George Sperber, Paulo Astor Soethe e Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2004.

HABERMAS, Jürgen. *Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos*. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

HABERMAS, Jürgen. *O ocidente dividido*. Tradução Luciana Villas Boas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

HABERMAS, Jürgen. *Passado como futuro*. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

HABERMAS, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HABERMAS, Jürgen. *Textos y contextos*. Tradução Manuel Jimenez Redondo. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

HÁ CINCO anos, Stephen Fry encontrava Jair Bolsonaro. *Forum*, [S.l.], 21 set. 2018. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/direitos/2018/9/21/ha-cinco-anos-stephen-fry-encontrava-jair-bolsonaro-video-34430.html>. Acesso em: 26 jul. 2023.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANEGRAAFF, Wouter J. *Esotericism and the academy: rejected knowledge in Western culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

HANEGRAAFF, Wouter J. Espiritualidades da Nova Era como uma religião secular: perspectiva de um historiador. Tradução Fábio L. Stern e Carlos Bein. *Religare*, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 403-424, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1982-6605.2017v14n2.37587>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/37587>. Acesso em: 4 out. 2023.

HANEGRAAFF, Wouter J. Imagining the future study of religion and spirituality. *Religion*, [S.l.], v. 50, n. 1, p. 72-82, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/0048721X.2019.1681103>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/0048721X.2019.1681103?needAccess=true&role=button>. Acesso em: 25 jul. 2023.

HANEGRAAFF, Wouter J. New Age movement. In: JONES, Lindsay (org.). *Encyclopedia of religion*. 2. ed. Tradução Fábio L. Stern e Carlos Q. Bein. Farmington Hills: Thomson Gale, 2005. p. 6495-6500. Disponível em: https://www.academia.edu/25678254/Movimento_da_Nova_Era. Acesso em: 27 jul. 2023.

HANEGRAAFF, Wouter J. *New Age religion and Western culture: esotericism in the mirror of secular thought*. Leiden: Brill Academic Publishers, 1996.

HANEGRAAFF, Wouter J. New Age spiritualities as secular religion: a historian's perspective. *Social Compass*, Louvain, v. 46, n. 2, p. 145-160, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1177/003776899046002004>.

HATHAWAY, Mark; BOFF, Leonardo. *El Tao de la liberación: una ecología de la transformación*. Tradução Carlos Martín Ramírez. Madrid: Editorial Trotta, 2014. Disponível em: <https://batalloso.com/wp-content/uploads/2021/11/El-tao-de-la-liberacioacuten-una-ecologiacutea-de-la-transformacioacuten-mark-hathaway-y-leonardo-boff.pdf>. Acesso em: 4 out. 2023.

HEELAS, Paul; WOODHEAD, Linda. *The spiritual revolution: why religion is giving way to spirituality*. Oxford: Blackwell, 2005.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Tradução João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

IMPEACHMENT de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil. *Agência Senado*, Brasília, DF, 28 dez. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 26 jul. 2023.

INSTITUTE FOR MYSTICAL EXPERIENCE RESEARCH AND EDUCATION. *Mystical experience of David Spangler*. Laurel: Institute for Mystical Experience Research and Education, [200-]. Disponível em: <https://imere.org/third-party-story/mystical-experience-david-spangler/>. Acesso em: 22 jul. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Aglomerados subnormais 2019*: Classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à COVID-19. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/281isualizacao/livros/liv101717_notas_tecnicas.pdf. Acesso em: 9 set. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Síntese de indicadores sociais*: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2021. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021. (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica; n. 44). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101892.pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.

IRIBURE JÚNIOR, H. da C.; CUNHA, F. F. M. Crise de representação? Uma análise contemporânea do contexto político-eleitoral brasileiro. *Revista Contemporânea*, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 67-86, 2023. DOI: <https://doi.org/10.56083/RCV3N1-004>. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/368/271>. Acesso em: 28 fev. 2024.

JORNAL NACIONAL. Brasil volta ao Mapa da Fome das Nações Unidas. *G1*, São Paulo, 6 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/06/brasil-volta-ao-mapa-da-fome-das-nacoes-unidas.ghtml>. Acesso em: 28 jul. 2023.

JUNQUEIRA, Diego. Cidades da região Norte receberam menos recursos federais por habitante para combater a covid-19. *Repórter Brasil*, São Paulo, 22 jan. 2021. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2021/01/cidades-da-regiao-norte-receberam-menos-recursos-federais-por-habitante-para-combater-a-covid-19/>. Acesso em: 30 jul. 2023.

KAMII, Constance. *A criança e o número*: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos. 11. ed. Tradução Regina A. de Assis. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1990.

KNAPP, Markus. Fé e saber em Jürgen Habermas – a religião numa sociedade “pós-secular”. Tradução Arthur Grupillo. *Interações - Cultura e Comunidade*, Uberlândia, v. 6, n. 10, p. 179-192, 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6208/5734>. Acesso em: 30 mar. 2024.

LAVILLE, Jean-Louis; EYNAUD, Philippe. Rethinking social enterprise through philanthropic and democratic solidarities. In: EYNAUD, Philippe; LAVILLE, Jean-Louis; SANTOS, Luciane Lucas dos; BANERJEE, Swati; AVELINO, Flor; HULGÅRD, Lars (org.). *Theory of social enterprise and pluralism*: social movements, solidarity economy, and global South. New York: Routledge, 2019. p. 18-43.

LEMOES, Carolina Teles. Religião e sentido da vida. In: REIMER, I. R.; SOUZA, J. O. (coord.). *O sagrado na vida*: subsídios para aulas de teologia. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2009. p. 31-37.

LEMOS, Carolina Teles; NUNES, Marise Eterna. A expansão da espiritualidade/religiosidade: um produto de consumo ou uma possibilidade de mais benefícios humanitários? *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 32, n. 3, p. 489-498, 2022. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/12986/6251>. Acesso em: 22 jul. 2023.

LEVINE, Peter A. *Uma voz sem palavras*: como o corpo libera o trauma e restaura o bem-estar. Tradução Carlos S. Mendes Rosa e Cláudia Soares Cruz. São Paulo: Summus, 2012.

LIBANIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

LOVE, work and knowledge: the life and trials of Wilhelm Reich. Produção e direção de Kevin Hinchey e Glenn Orkin. Pesquisado e escrito por Kevin Hinchey. Editado por Glenn Orkin. Estúdio de gravação Matt Berky e Massive Productions. [S. l.]: Mot!on Inc., 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wpXMXQvuA48>. Acesso em: 3 out. 2023.

LOWEN, Alexander. *A espiritualidade do corpo*: para a beleza e a harmonia. Tradução Paulo César de Oliveira. São Paulo: Cultrix, 1995.

LOWEN, Alexander. *Bioenergética*. Tradução Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1982.

LOWEN, Alexander. *Uma vida para o corpo*: autobiografia de Alexander Lowen. Tradução Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 2007.

LOWEN, Alexander; LOWEN, Leslie. *Exercícios de bioenergética*: o caminho para uma vida vibrante. Tradução Vera Lúcia Marinho e Suzana Domingues de Castro. São Paulo: Ágora, 1977.

LUCKMANN, Thomas. *A religião invisível*. Tradução Claudia Dornbusch. São Paulo: Olho d'Água e Edições Loyola, 2014.

LULA discursará neste sábado em São Bernardo do Campo. *El País*, Madri, 9 nov. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/08/politica/1573230948_757857.html. Acesso em: 27 jul. 2023.

LULA é solto após decisão do STF sobre a 2ª instância. *Diário do Comércio*, Belo Horizonte, 9 nov. 2019. Disponível em: <https://diariodocomercio.com.br/politica/lula-e-libertado-apos-580-dias-recolhido-em-cela-especial/#gref>. Acesso em: 27 jul. 2023.

LYRA, Rubens Pinto. *Bolsonarismo*: ideologia, psicologia, política e temas afins. João Pessoa: Editora CCTA/UFBP, 2021.

MACEDO, Amilcar Fagundes Freitas. Reflexões sobre a moralidade e a eticidade em Kant e Hegel. *Revista do Ministério Público do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 1, n. 71, p. 113-125, 2012. Disponível em:

https://www.amprs.com.br/arquivos/revista_artigo/arquivo_1342124595.pdf. Acesso em: 9 ago. 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *O Brasil da Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O circuito neo-esotérico. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 161-173.

MAIS de 60 milhões de brasileiros sofrem com insegurança alimentar, diz FAO. *G1*, São Paulo, 6 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/07/06/mais-de-60-milhoes-de-brasileiros-sofrem-com-inseguranca-alimentar-diz-fao.ghtml>. Acesso em: 28 jul. 2023.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*. Tradução Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

MARQUES, José. Chá de ayahuasca: religião abre crise ao cobrar apoio a Bolsonaro e golpe. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 fev. 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/02/11/interna_politica,1456284/cha-de-ayahuasca-religiao-abre-crise-ao-cobrar-apoio-a-bolsonaro-e-golpe.shtml. Acesso em: 28 jul. 2023.

MARTIN, David. *A general theory of secularization*. Oxford: Blackwell, 1978.

MARTINS-FILHO, Paulo Ricardo; ARAÚJO, Brenda Carla Lima; SPOSATO, Karyna Batista; ARAÚJO, Adriano Antunes de Souza; QUINTANS-JÚNIOR, Lucindo José; SANTOS, Victor Santana. Racial disparities in COVID-19-related deaths in Brazil: Black lives matter? *Journal of Epidemiology*, Tokyo, v. 31, no. 3, p. 239-240, 2021. Disponível em: https://www.jstage.jst.go.jp/article/jea/31/3/31_JE20200589/_pdf/-char/en. Acesso em: 26 jul. 2023.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

MATTHIESEN, Sara Quenzer; BESSANI, Gabriela Grimaldi. No aniversário de Wilhelm Reich: o que há para comemorar? *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 2, p. 171-176, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i2/5778>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5778/24526>. Acesso em: 28 ago. 2023.

MÉDICOS protestam contra programa Mais Médicos e vetos do Ato médico. *Veja*, São Paulo, 16 jul. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/medicos-protestam-contraprograma-mais-medicos-e-vetos-do-ato-medico>. Acesso em: 26 jul. 2023.

MIGUEL, Luis Felipe. Representação política em 3-D. Elementos para uma teoria ampliada da representação política. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 123-140, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092003000100009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KsmNcpQnt7TTB5TxGkjQBQx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2024.

MIGUEL, Sinuê Neckel. Disposições políticas no espiritismo brasileiro: entre “neutralidade” conservadora e aspirações socialistas. *Sæculum – Revista de História* João Pessoa, v. 25, n. 42, p. 86-104, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2317-6725.2020v25n42.50928>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/50928/30605>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. p. 9-28.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MÜLLER, Cíntia Beatriz. *Teoria dos movimentos sociais*. Curitiba: Intersaberes, 2013.

NÃO culpe o vírus pela fome. *O Joio e O Trigo*, [S.l.]: 30 abr. 2021. Disponível em: https://ojoioeotrigo.com.br/2021/04/fome-discussao-2021/?gclid=Cj0KCQjw5oiMBhDtARIsAJi0qk0wlnWgo4qb6EMqUD0ZyfSmGuNQBBMsixGPR5DJzb5ORqMbj0XYwrlaAhZCEALw_wcB. Acesso em: 28 jul. 2023.

NEUMAM, Camila. Negros têm 1,5 vezes mais chances de morrer por Covid-19 no Brasil, diz OCDE. CNN, São Paulo, 9 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/negros-tem-15-mais-chance-de-morrer-por-covid-19-no-brasil-diz-ocde/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

NOGUEIRA, Pablo. Fim da emergência de saúde pública para a covid-19 decretado pela OMS não implica término da pandemia, alerta pesquisadora da Unesp. *Jornal da UNESP*, São Paulo, 9 maio 2023. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2023/05/09/fim-da-emergencia-de-saude-publica-para-a-covid-19-decretado-pela-oms-nao-implica-termino-da-pandemia-alerta-pesquisadora-da-unesp/>. Acesso em: 28 jul. 2023.

NUNES, Clarice. *Dicionário Pathwork*. Rio de Janeiro: Regional Pathwork, 2014.

NUNES, Marise Eterna. Corpo e espiritualidade nas perspectivas cristã e em Core Energetics. 175 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4527>. Acesso em: 21 jul. 2023.

NUNES, Marise Eterna; LEMOS, Carolina Teles. O reflexo do racismo no Brasil durante a pandemia de COVID-19. *Caminhos*, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 205-225, 2022.

Disponível em:

<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/12116/5543>. Acesso em: 26 jul. 2023.

ÓBITOS por covid-19 crescem 190% no sistema prisional. Brasília, DF: Agência Brasil, 11 mar. 2021. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2021-03/obitos-por-covid-19-crescem-190-no-sistema-prisional>. Acesso em: 26 jul. 2023.

O CAMINHO da CPI da Pandemia: da instalação ao relatório final. *Agência Senado*, Brasília, DF, 19 out 2021. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/10/o-caminho-da-cpi-da-pandemia-da-instalacao-ao-relatorio-final>. Acesso em: 20 fev. 2024.

OLIVEIRA, Amurabi. *Corpos e corporeidade no universo da Nova Era no Brasil. Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, Córdoba, v. 4, n. 9, p. 52-64, 2012. Disponível em:

<https://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/228/225>. Acesso em: 4 fev. 2024.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. Da Nova Era à *New Age* popular: as transformações no campo religioso brasileiro. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 141-157, 2011a. DOI: <https://doi.org/10.18224/cam.v9i1.1522>. Disponível em:

<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/1522/996>. Acesso em: 14 fev. 2024.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. *Entre caboclos, pretos-velhos e cores: a imersão dos sujeitos no universo místico-religioso do Vale do Amanhecer*. 2011. 230 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011b. Disponível em:

https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9621/1/arquivo9053_1.pdf. Acesso em: 24 fev. 2024.

OLIVEIRA, Caroline. TRF confirma arquivamento de processo contra Dilma por supostas pedaladas fiscais. *Brasil de Fato*, São Paulo, 22 ago. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/08/22/trf-confirma-arquivamento-de-processo-contradilma-por-supostas-pedaladas-fiscais>. Acesso em: 2 out. 2023.

OLIVEIRA, Francisco Cardozo; GUNTHER, Luiz Eduardo. Responsabilidade social da empresa, pandemia e o direito brasileiro entre liberdade e solidariedade. *Revista Brasileira de Direito Empresarial*, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 39-57, 2021. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/direitoempresarial/article/view/8223/pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

OLIVEIRA, Gabriel Brassi Silvestre de. *Espiritualidade e religiosidade: a percepção de idosos da comunidade com alto escore em espiritualidade*. 2022. 133 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/16954/%5bGabriel%20Oliveira%20>

7d_Tese_versao_anuencia_orientadora%20%283%29.pdf?sequence=6&isAllowed=y. Acesso em: 21 jul. 2023.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. Brasília, DF: Paralelo 15; São paulo: Editora UNESP, 2000.

OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde e Organização Mundial da Saúde, 5 maio 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 28 jul. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA. *Brasil em resumo*. Brasília, DF: FAO no Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/fao-no-brasil/brasil-em-resumo/pt/>. Acesso em: 28 jul. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia*. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 25 jul. 2023.

'OSSO é vendido, e não dado': placa é retirada de açougue após fiscalização em SC. G1, Florianópolis, 8 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/10/08/placa-de-acougue-de-sc-sobre-venda-de-osso-e-retirada-apos-fiscalizacao.ghtml>. Acesso em: 28 jul. 2023.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. Serviço Social em Revista, Londrina, v. 2, n. 2, p. 135-148, 1999. Disponível em: https://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm. Acesso em: 14 set. 2023.

PAVANELI, Aline; JUSTI, Adriana; HISING, Ederson. Lula é condenado a 12 anos e 11 meses de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro em ação da Lava Jato sobre sítio de Atibaia. G1, Curitiba, 6 fev. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/02/06/lula-e-condenado-em-acao-da-lava-jato-sobre-sitio-de-atibaia.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2023.

PELA pacificação da nação em meio à pandemia. *Coalizão pelo Evangelho*, [S.l.], 4 maio 2020. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/pela-pacificacao-da-nacao-em-meio-a-pandemia/>. Acesso em: 28 jul. 2023.

PESQUISAS apontam que milhares de mortes por covid poderiam ter sido evitadas no Brasil. *Agência Senado*, Brasília, DF, 24 jun 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-milhares-de-mortes-por-covid-poderiam-ter-sido-evitadas-no-brasil>. Acesso em: 27 fev. 2024.

PIANA, Maria Cristina. *A construção do perfil do assistente social no cenário educacional*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109127/ISBN9788579830389.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 14 set. 2023.

PIEPER, Frederico; MIGUEL, Maiara; MENDES, Danilo. Necropolítica e sua lógica sacrificial em tempos de pandemia. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 60, n. 2, p. 533-553, 2020. Disponível em:

http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/4077/pdf.

Acesso em: 26 jul. 2023.

PIERRAKOS, Eva. *O caminho da autotransformação*. Compilado e organizado por Judith Saly. Tradução Euclides L. Calloni e Cleusa M. Wosgrau. São Paulo: Cultrix, 2007.

PIERRAKOS, Eva; SALY, Judith. *Criando união: o significado espiritual do relacionamento*. Tradução Carmem Youssef. São Paulo: Cultrix, 2007.

PIERRAKOS, Eva; THESENGA, Donovan. *Entrega ao Deus interior: o Pathwork ao nível da alma*. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cultrix, 2000.

PIERRAKOS, Eva; THESENGA, Donovan. *Não temas o Mal: o método Pathwork para a transformação do eu inferior*. Tradução Sérgio Luiz dos Reis Lasserre. 16. reimpr. São Paulo: Cultrix, 2017.

PIERRAKOS, Eva; THESENGA, Donovan. *O Eu sem Defesas: o método Pathwork para viver uma espiritualidade integral*. Tradução Carmem Youssef. 10. reimpr. São Paulo: Cultrix, 2016.

PIERRAKOS, John C. *Energética da essência (Core Energetics): desenvolvendo a capacidade de amar e de curar*. 10. ed. Tradução Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Pensamento, 1997.

PIERRAKOS, John C. *Seeds of John: Words of Wisdom*. Nijmegen: DPN Rikken Print, 2016.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004. DOI:

<https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300003>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/S5fbWmFpPGYVgd9Sx9LyBDL/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 27 fev. 2024.

PINTO, Tiago. New Age: uma revolução cultural em dois momentos. *Cadernos IS-UP*, Porto, n. 1, p. 42-48, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21747/2975-8033/cad1a5>.

Disponível em: [https://ojs.letras.up.pt/index.php/Cadernos-](https://ojs.letras.up.pt/index.php/Cadernos-ISUP_1/article/view/12144/11042)

[ISUP_1/article/view/12144/11042](https://ojs.letras.up.pt/index.php/Cadernos-ISUP_1/article/view/12144/11042). Acesso em: 22 jul. 2023.

POSSAMAI, Adam. New spiritualities in Western society. Oxford Research Encyclopedia, Oxford, 26 abr. 2019. DOI:

<https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199340378.013.217>.

POSSAMAI, Adam. Not the New Age: perennism and spiritual knowledges.

Australian Religion Studies Review, Adelaide, v. 14, n. 1, p. 82-96, 2001. Disponível em: <https://openjournals.library.sydney.edu.au/ARSR/article/view/8947>. Acesso em:

7 fev. 2024.

PROGRAMA MAIS MÉDICOS. *Programa Mais Médicos completa 2 anos*. Brasília, DF: Governo Federal, 8 jul. 2015. Disponível em: <http://maismedicos.gov.br/noticias/102-programa-mais-medicos-completa-2-anos>. Acesso em: 26 jul. 2023.

PROJETO COMPROVA. O que foi a Operação Lava Jato. *CNN Brasil*, São Paulo, 19 out., 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-foi-a-operacao-lava-jato/>. Acesso em: 9 abr. 2024.

RAKNES, Ola. *Wilhelm Reich e a orgonoterapia*. Tradução Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1988.

RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.

RAYMUNDO, Jackson. Memórias e resistência na poética das escolas de samba. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 36, p. 107-122, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X63296>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/63296/42866>. Acesso em: 28 jul. 2023.

REDAÇÃO CUT. Ministro do STF anula “provas” e diz que prisão de Lula foi armação e erro histórico. *Central Única dos Trabalhadores*, São Paulo, 6 set. 2023. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/ministro-do-stf-anula-provas-e-diz-que-prisao-de-lula-foi-armacao-e-erro-histori-83b6>. Acesso em: 3 out. 2023.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. // *VIGISAN: Inquérito nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil*. Suplemento I: Insegurança alimentar nos estados. [S.l.]: Rede PENSSAN, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2022/10/14/olheestados-diagramacao-v4-r01-1-14-09-2022.pdf>. Acesso em: 4 out. 2023.

REICH, Wilhelm. *A biopatía do câncer*. Tradução Maya Hantower. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2009.

REICH, Wilhelm. *A função do orgasmo*. Tradução Maria da Glória Novak. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

REICH, Wilhelm. *Análise do caráter*. Tradução Maria Lizette Branco e Maria Manuela Pecegueiro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979.

REICH, Wilhelm. *Éter, Deus e o Diabo: a superposição cósmica*. Tradução Maya Hantower. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REICH, Wilhelm. *Irrupção da moral sexual repressiva*. Tradução Silvia Montarroyos e J. Silva Dias. São Paulo: Martins Fontes, [198-?].

REICH, Wilhelm. *Materialismo dialéctico e psicanálise*. 3. ed. Tradução Joaquim José Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1983a.

REICH, Wilhelm. *O assassinato de Cristo*. Tradução Carlos Ralph Lemos Viana e Cid Knipel Moreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983b.

REICH, Wilhelm. *Paixão de juventude*: uma autobiografia. Tradução Cláudia Sant'Ana e Sâmia Rios. São Paulo: Brasiliense, 1996.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. Tradução Maria da Graça M. Macedo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

REINA, Eduardo. MPF arquiva inquérito sobre pedaladas que levaram ao impeachment de Dilma. *Consultor Jurídico*, São Paulo, 22 set. 2022. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2022-set-22/mpf-arquiva-inquerito-pedaladas-ligadas-impeachment-dilma>. Acesso em: 26 jul. 2023.

RESENDE, Joviniano (org.). *Flexibilizando a couraça muscular*: a disposição segmentar da couraça. Recife: Libertas, 2022.

RESENDE, Leandro. Brasil registra 114 casos de violência política em 2023, diz estudo. *CNN Brasil*, São Paulo, 17 abr. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/brasil-registra-114-casos-de-violencia-politica-em-2023-diz-estudo/>. Acesso em: 13 maio 2024.

RETAMAL, Pablo N. Cansaço, depressão, videonarcisismo: os efeitos da pandemia segundo Byung-Chul Han. [Originalmente publicado por La Tercera, 21 mar. 2021.] Tradução Cepat. *Revista Ihu On-Line*, São Leopoldo, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607793-cansaco-depressao-videonarcisismo-os-efeitos-da-pandemia-segundo-byung-chul-han>. Acesso em: 4 out. 2023.

RIBEIRO, Darcy. *Educação como prioridade*. Seleção e organização Lúcia Velloso Mauricio. Global Editora, 2018.

RIBEIRO, Janaína. Mais pobres migraram para classe média com retomada de empregos, diz estudo. *InvestNews*, [S.l.], 2 ago. 2023. Disponível em: <https://investnews.com.br/economia/mais-pobres-migraram-para-classe-media-com-retomada-de-empregos-diz-estudo/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

RIBEIRO, Janaína. Set/2018: "Vamos fuzilar a petralhada", diz Bolsonaro em campanha no Acre. *Exame*, São Paulo, 3 set. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

RODRIGUES, Galtieri. GO: mortalidade por Covid chega a ser 22 vezes maior em não vacinados. *Metrópoles*, [S.l.], 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/go-mortalidade-por-covid-chega-a-ser-22-vezes-maior-em-nao-vacinados>. Acesso em: 28 jul. 2023.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. *A entrevista na pesquisa qualitativa*: mecanismos para validação dos resultados. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROTMIL, Charles. *Eva Pierrakos*: uma entrevista pessoal com Charles Rotmil. Brasília, DF: Coletivo *Pathwork*, 28 jan. 2013. Disponível em: <https://coletivopathwork.wordpress.com/2013/01/28/eva-pierrakos-uma-entrevista-pessoal-com-charles-rotmil/>. Acesso em: 9 abr. 2024.

SALAZAR, Kássia de Aguiar; SILVA, Alfredo Rodrigues Leite da; FANTINEL, Leticia Dias. As relações simbólicas e a motivação no trabalho voluntário. *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 171-200, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712015/administracao>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/NHzcqmqYs8gYCSNC3FyDsJ5b/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2024.

SANCHIS, P. As religiões dos brasileiros. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-43, 1997. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/412/398>. Acesso em: 26 mar. 2024.

SANSON, Cesar. O caráter da criminalização dos movimentos sociais no Brasil. *Observatorio Social de América Latina*, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 9, no. 24, p. 197-200, 2008. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/osal/20110418114300/12sanson.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SANTANA, Crisley. Movimento Tropicalista ressignificou características brasileiras. *Jornal da USP*, São Paulo, 16 dez. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/movimento-tropicalista-ressignificou-caracteristicas-brasileiras/>. Acesso em: 17 mar. 2024.

SANTIAGO, Tatiana. Negros morreram quase duas vezes mais de Covid-19 do que brancos no Itaim Bibi em 2021, diz pesquisa. *G1*, São Paulo, 13 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/13/populacao-negra-morreu-17-vez-a-mais-de-covid-19-do-que-populacao-branca-no-itaim-bibi-em-2021-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2023.

SANTOS, Marina dos; PENTEADO, Júlia Oliveira; BRUM, Rodrigo de Lima; BONIFÁCIO, Alicia da Silva; RAMIRES, Paula Florêncio; GARIBOTI, Diuster de Franceschi; CARDOSO, Ruana Michela Santos; SILVA JÚNIOR, Flavio Manoel Rodrigues da. Ethnic/racial disparity in mortality from COVID-19: data for the year 2020 in Brazil. *Spatial Demography*, Cham, v. 11, n. 1, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40980-022-00112-2>. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9841953/pdf/40980_2022_Article_112.pdf. Acesso em: 4 out. 2023.

SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves dos. *Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018*. 2019. 399 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15381/ALVES%2c%20M.%20Desarranjo%20da%20visibilidade%2c%20desordem%20informacional%20e%20polariza%c3%a7%c3%a3o%20no%20Brasil%2c%202019%20%282%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos sociais no Brasil contemporâneo. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 7, n. 1, p. 9-21, 2007. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/2947/1994>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. Tradução Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DE GOIÁS. COVID-19. Goiânia: Secretaria Estadual de Saúde de Goiás, 2 abr. 2024. Disponível em: <https://indicadores.saude.go.gov.br/pentaho/api/repos/:coronavirus:paineis:painel.wcdf/generatedContent>. Acesso em: 2 abr. 2024.

SESTREM, Gabriel. Bancada evangélica terá recorde de membros para enfrentar pautas progressistas no Congresso. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 13 dez. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/bancada-evangelica-congresso-tera-recorde-membros-proxima-legislatura/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

SILAS Malafaia debocha de coronavírus e é massacrado nas redes sociais. *Catraca Livre*, [S.l.], 1º abr. 2020. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/silas-malafaia-debocha-de-coronavirus-e-e-massacrado-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 30 jul. 2023.

SILVA, Louis Erich Palheta da; TARGINO, Raquel Lira de Oliveira; PALHETA, Rosiane Pinheiro; ARAÚJO, Lucélia Regina Pacheco; ANJOS, José Geraldo Xavier dos. Amazonas no epicentro da pandemia de COVID-19 uma revisão sistemática. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 5, n.3, p. 9270-9280, 2022. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv5n3-105>. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/47890/pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

SILVA, Magnólia Gibson Cabral da. *Esoterismo e movimento esotérico no Brasil*. 2000. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

SILVA, Marcos José Diniz. *Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará*. 2009. 343 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

SILVA, Priscila Cristina da. *Wilhelm Reich: uma leitura hermenêutica do corpo como cogito*. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2008. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99009/silva_pc_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 ago. 2023.

SILVA, Thais de Queiroz e. *Práticas corporais e as experiências extraordinárias em Core Energetics*. 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16487/1/2014_ThaisQueirozSilva.pdf. Acesso em: 12 set. 2023.

SIMMEL, Georg. *Religião: ensaios*. Tradução Stefan F. Klein e Gláucia Peres da Silva (ensaio 1), Cláudia Dornbusch (ensaios 2, 3 e 4) e Antonio Carlos Santos (ensaios 5, 6, 7 e 8). São Paulo: Olho D'água, 2010. 2 v.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 97, p. 23-40, 2013. (Dossiê: Mobilizações, Protestos e Revoluções). DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/6WV7TBcKVrbZDdb7Y8mFVZp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SÖLLE, Dorotee. *Sofrimento*. Tradução Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SOUSA FILHO, Alípio de. “A Terra é plana”: o obscurantismo cínico dos negacionistas. *Revista Inter-Legere*, Natal, v. 3, n. 29, c23426, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2020v3n29ID23426>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/23426/13583>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SOUZA, Alzirinha. As novas formas de presença em tempos de pandemia. In: PASSOS, João Décio (org.). *A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020. posição 1105-1295.

SOUZA, André Ricardo de; SIMÕES, Pedro. O enfrentamento espírita da pandemia do Covid-19 no Brasil. In: MENDES, Marta; SOARES, Leonardo; CHAVES, Lilian (org.). Olhar o sol e a morte: reflexões das Ciências Sociais sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 136-145, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/issue/view/1613>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA, Rosali Fernandez de; DUARTE, Rodrigo Aldeia. Sobre *fake news* e *fake History*. *Revista Mídia e Cotidiano*, Niterói, v. 15, n. 3, p. 321-338, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22409/rmc.v15i3.50671>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/50671/30078>. Acesso em: 30 mar. 2024.

STERN, Fábio L. As interpretações religiosas para o novo vírus. In: PASSOS, João Décio (org.). *A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020. posição 1526-1721.

STERN, Fábio L. Escala de adesão dos ideais do movimento da Nova Era: aplicação em naturólogos brasileiros. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 14., 2015, Juiz de Fora. *Anais [...]*. Assis: Associação Brasileira de História das Religiões, 2015a. p. 255-266. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/issue/view/14>. Acesso em: 22 jul. 2023.

STERN, Fábio L. *Naturopatia e espiritualidade*: indícios dos valores do movimento da Nova Era entre naturólogos formados no Brasil. 2015. 230 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015b. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1959/1/Fabio%20L%20Stern.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2023.

STERN, Fábio; GUERRIERO, Silas. Introdução. In: STERN, Fábio; GUERRIERO, Silas (org.). *Terapias holísticas*: uma análise do sistema médico na Nova Era. São Paulo: EDUC, 2021. p. 14-24. E-book.

STROPPIA, André; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Religiosidade e saúde. In: SALGADO, Mauro Ivan; FREIRE, Gilson (org.). *Saúde e espiritualidade*: uma nova visão da medicina. Belo Horizonte: Inede, 2008. p. 427-443.

SUDBRACK, Josef. *Mística*: a busca do sentido e a experiência do absoluto. Tradução Inês Antonia Lohbauer. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. *STF confirma anulação de condenações do ex-presidente Lula na Lava Jato*. Brasília, DF: Supremo Tribunal Federal, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=464261&ori=1>. Acesso em: 27 jul. 2023.

SUTCLIFFE, Steven J. New Age, world religions and elementary forms. In: SUTCLIFFE, Steven J.; GILHUS, Ingvild Sælid (ed.). *New Age spirituality*: rethinking religion. New York: Routledge, 2014. p. 17-34.

TAQUET, Maxime; GEDDES, John R.; HUSAIN Masud; LUCIANO, Sierra; HARRISON, Paul J. 6-month neurological and psychiatric outcomes in 236 379 survivors of COVID-19: a retrospective cohort study using electronic health records. *Lancet Psychiatry*, Oxford, v. 8, p. 416-427, 2021. Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S2215-0366%2821%2900084-5>. Acesso em: 27 jul. 2023.

TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 13, n. 28, p. 35-62, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2014v13n28p35>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2014v13n28p35/28900>. Acesso em: 22 jul. 2023.

TEIXEIRA, Diogo Virgílio. *Self*, energia e corporalidade. In: STERN, Fábio; GUERRIERO, Silas (org.). *Terapias holísticas*: uma análise do sistema médico na Nova Era. São Paulo: EDUC, 2021. p. 74-92. E-book.

TERRA DE DIREITOS E JUSTIÇA GLOBAL. *Violência política e eleitoral no Brasil*: Panorama das violações de direitos humanos entre 2 de setembro de 2020 e 31 de outubro de 2022. 2. ed. [S.l.]: Terra de Direitos e Justiça Global, 10 out. 2022. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/violencia-politica-e-eleitoral-no-brasil/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

THESENGA, Susan. *O eu sem defesas: o Método Pathwork para viver uma espiritualidade integral*. Tradução Carmem Youssef. São Paulo: Cultrix, 2016.

TIMMERMANS, Anna. *Beyond defense: Core Energetic techniques*. Enschede: BoekenGilde, 2018.

TORRALBA, Roselló Francesc. *Inteligência espiritual*. Tradução João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VIEIRA, Anderson. Após seis meses, CPI da Pandemia é encerrada com 80 pedidos de indiciamento. *Agência Senado*, Brasília, DF, 26 out 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/26/apos-seis-meses-cpi-da-pandemia-e-encerrada-com-80-pedidos-de-indiciamento>. Acesso em: 20 fev. 2024.

VILAÇA, Helena Carlota Ribeiro. *Da Torre de Babel às terras prometidas: estratégias sociológicas para o estudo do pluralismo religioso na sociedade portuguesa*. 2003. 488 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2003. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10880>. Acesso em: 22 jul. 2023.

VINTE religiosos de diferentes credos desfilaram na Mangueira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 fev. 2020. Disponível em: https://www.jb.com.br/rio/carnaval_2020/2020/02/1022412-vinte-religiosos-de-diferentes-credos-desfilaram-na-mangueira.html. Acesso em: 28 jul. 2023.

VÍTIMA de ataques e ameaças, Márcia Tiburi deixa o país. *Notícias do PT*, São Paulo, 11 mar. 2019. Disponível em: <https://pt.org.br/vitima-de-ataques-e-ameacas-marcia-tiburi-deixa-o-pais/>. Acesso em: 27 jul. 2023.

WAGNER, Cláudio Mello. *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Summus, 1996.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5. ed. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982.

WEIGAND, Odila. *Grounding e autonomia: a terapia corporal bioenergética revisitada*. São Paulo: Edições e Produções Person, 2006.

WEIL, Pierre; LELOUP, Jean-Yves; CREMA, Roberto. *Normose: a patologia da normalidade*. Petrópolis, TJ: Vozes, 2017. *E-book*.

WESTPHAL, Vera Herweg. A Individualização em Ulrich Beck: análise da sociedade contemporânea. *Emancipação*, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 419-433, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5212/Emancipacao.v.10i2.419433>. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/1325/1879>. Acesso em: 11 mar. 2024.

WILKINSON, Richard G.; PICKETT, Kate. *O nível: por que uma sociedade mais igualitária é melhor para todos*. Tradução Marilene Tombini. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

WOODHEAD, Linda; HEELAS, Paul. *Religion in modern times: an interpretive anthology*. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Amendments to the Constitution*. Geneva: World Health Organization, 1999. Disponível em: http://apps.who.int/gb/archive/pdf_files/wha52/ew24.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *WHO COVID-19 dashboard: Brazil*. Geneva: World Health Organization, 17 mar. 2024a. Disponível em: <https://data.who.int/dashboards/covid19/cases>. Acesso em: 2 abr. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *WHO COVID-19 dashboard: Brazil*. Geneva: World Health Organization, 17 mar. 2024b. Disponível em: <https://data.who.int/dashboards/covid19/deaths?n=o>. Acesso em: 2 abr. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020*. Geneva: World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 24 jul. 2023.

WORLD MEDICAL ASSOCIATION. Declaration of Helsinki: ethical principles for medical research involving human subjects. *Journal of the American Medical Association*, Chicago, v. 310, no. 20, p. 2191-2194, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1001/jama.2013.281053>. Disponível em: <https://www.wma.net/policies-post/wma-declaration-of-helsinki-ethical-principles-for-medical-research-involving-human-subjects/>. Acesso em: 3 out. 2023.

ZANDIFAR, Atefeh; BADRFAM, Rahim. Iranian mental health during the COVID-19 epidemic. *Asian Journal of Psychiatry*, Amsterdam, v. 51, 101990, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2020.101990>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7128485/pdf/main.pdf>. Acesso em: 13 set. 2022.

ŽIŽEK, Slavoj. *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo*. Tradução Artur Renzo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. *QS inteligência espiritual: o Q que faz a diferença*. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Record, 2000.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário/a, do Projeto de Pesquisa intitulado **Espiritualidade e inclusão social: a inserção da Core Energetics em ações sociais a partir do contexto da pandemia de COVID-19** por ter idade acima de 18 anos e ser um profissional psicoterapeuta corporal em *Core Energetics*. Meu nome é **Marise Eterna Nunes**, sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, na Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás) e minha orientadora é a Profa. Dra. Carolina Teles Lemos. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em todas as folhas e em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável através do número (62) 99268-5302, ligações a cobrar (se necessárias) ou através do email marise.nunes@uol.com.br. Resido na Rua C-249, nº 100, apto. 102, Setor Nova Suíça, 74280-140, Goiânia, GO. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada à pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC Goiás, telefone: (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, nº 1069, Setor Universitário, Goiânia, GO. Funcionamento: das 8h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h00 de segunda-feira a sexta-feira. Email: cep@pucgoias.edu.br.

O CEP é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa que, por sua vez, é subordinada ao Ministério da Saúde. O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, sendo aprovados aqueles que seguem os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares nacionais.

Pesquisadora responsável: Marise Eterna Nunes.

O motivo que nos levou a propor esta pesquisa é a busca de estratégias que visem amenizar os danos sociais agravados pela pandemia de COVID-19 e do quadro socioeconômico caótico presente na atualidade no Brasil. Tem por objetivo verificar se o despertar da espiritualidade dos profissionais psicoterapeutas corporais em *Core Energetics* contribui para a promoção de ações sociais no contexto da pandemia de COVID-19 e pós-pandemia. A coleta de dados da pesquisa qualitativa se dará por meio de entrevistas guiadas por questionário semiestruturado composto de 39 questões. Serão entrevistados 12 profissionais que participam do curso de aprofundamento em psicoterapia corporal em *Core Energetics*. As entrevistas individuais utilizando o questionário semiestruturado serão realizadas pela própria pesquisadora, em local de convivência onde é realizado o curso, preservando a privacidade e o sigilo do/a entrevistado/a, no período de 2 a 6 de novembro de 2022, com duração máxima de 60 minutos cada. As entrevistas serão gravadas com o consentimento dos entrevistados para facilitar a sua transcrição e posterior análise.

Riscos: A presente pesquisa é de risco. Os riscos de sua participação serão mínimos, entre os quais você poderá ter desconforto ao responder alguma pergunta que lhe possa trazer alguma alteração comportamental. Para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação, o local da entrevista garantirá sua privacidade e sigilo. Se você sentir qualquer desconforto é assegurada a você assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza para dirimir possíveis intercorrências em consequência de sua participação nesta pesquisa. Além disso, você terá total liberdade de se recusar a responder quaisquer questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento. Você poderá retirar o seu consentimento em participar desta pesquisa a qualquer momento. Caso decida retirar o seu consentimento, não sofrerá nenhuma penalidade, não terá nenhum prejuízo a alguma eventual assistência a você e todas as suas informações serão mantidas em total sigilo. Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a entrevista a qualquer momento e esta decisão não produzirá qualquer penalização ou prejuízo. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados na pesquisa a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo.

Benefícios: Como benefícios relacionados à sua participação nesta pesquisa, espera-se que os resultados deste estudo contribuam para o reconhecimento de práticas espirituais e psicológicas que auxiliem na promoção da saúde física e emocional dos profissionais de saúde, além de promover paz, ética pessoal e social dos indivíduos. Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Os dados coletados serão guardados por, no mínimo, 5 anos e, após este período, serão incinerados, utilizando-se no material transcrito apenas os pseudônimos das pessoas entrevistadas, visando resguardar sua privacidade. Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a pleitear indenização. É assegurado a você o acesso gratuito aos resultados no decorrer e após o término desta pesquisa, podendo ser solicitados diretamente à pesquisadora responsável. Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente dele, este será ressarcido pela pesquisadora responsável. Adicionalmente, em qualquer etapa do estudo, você terá acesso à pesquisadora responsável pela pesquisa para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Declaração da pesquisadora

A pesquisadora responsável por este estudo e sua equipe de pesquisa declaram que: cumprirão todas as informações acima explicitadas; você terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos oriundos de sua participação neste estudo, imediatos ou tardios; todas as informações por você fornecidas serão absolutamente confidenciais e sigilosas; sua desistência em participar deste estudo não lhe trará quaisquer penalizações; você será devidamente ressarcido/a em caso de custos para participar desta pesquisa; acatarão decisões judiciais que possam suceder.

Declaração do/a participante

Eu, _____, abaixo assinado, discuti com Marise Eterna Nunes sobre a minha decisão em participar como voluntário/a do estudo **Espiritualidade e inclusão social: a inserção da Core Energetics em ações sociais a partir do contexto da pandemia de COVID-19**. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos, riscos e benefícios, assim como as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia integral e gratuita por danos diretos, imediatos ou tardios, quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o estudo, sem penalidades, ou prejuízos, ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido. Afirmando não apresentar quadro de depressão ou diagnóstico de outra patologia mental e que não estou fazendo uso de qualquer medicamento indicador desses quadros patológicos.

Goiânia, ____ de _____, de 2023.

Assinatura do/a participante

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE B – Questionário semiestruturado para coleta de dados por entrevista

Perfil sociodemográfico

Nome:

Endereço:

Telefone:

1. Qual o seu gênero?

() Sexo feminino.

() Masculino.

() Prefiro não dizer.

() Outro.

Qual?

2. Qual a sua idade? _____

3. Qual o seu estado civil?

() Solteiro.

() Casado ou em união estável.

() Separado ou divorciado.

() Viúvo.

4. Qual o seu nível de escolaridade?

() Ensino superior completo. Qual curso? _____

8. Como você avalia que a pandemia foi experienciada e enfrentada no Brasil?

9. Você considera que atualmente a sua vida voltou à rotina de antes do início da pandemia de COVID-19? O que mudou?

10. Qual o significado pessoal que a pandemia teve para você?

Parte 2. Relação estabelecida com a abordagem *Core Energetics*

11. Por que você escolheu fazer esta formação em *Core Energetics*?

12. Quando você iniciou e concluiu a sua formação em *Core Energetics*?

13. Em qual/is aspecto/s você considera que mais percebeu transformações durante os anos de sua formação em *Core Energetics*?

() Corporal. Qual/is? _____

() Emocional. Qual/is? _____

() Espiritual. Qual/is? _____

() Visão de mundo. Como? _____

() No seu dia a dia. Como? _____

14. Na sua prática como profissional, como a abordagem *Core Energetics* o/a auxilia na transformação de seus clientes?

15. Você já fez outros cursos de formação em psicologia ou outros tipos de psicoterapia? Em caso positivo, qual/is?

16. Qual o diferencial da abordagem *Core Energetics* em relação às outras abordagens que você já estudou ou fez psicoterapia?

Parte 3. Relação com a espiritualidade/religiosidade durante a pandemia e a formação em *Core Energetics*

17. Você considera que tem uma religião?

() Não. () Agnóstico. () Ateu. () Outros. Qual/is? _____

() Sim.

() Católica.

() Espírita.

() Evangélica.

() Afro-brasileira (Candomblé, Umbanda...).

() Budista.

() Espiritualista.

() Outra. Qual/is? _____

18. Você participa de alguma instituição religiosa regularmente?

() Sim. Qual/is? _____

() Não.

19. Qual frase abaixo você considera que mais se adequa à sua prática religiosa?

() Tenho uma religião, que sigo com regularidade.

() Tenho uma religião, mas não sou praticante.

() Não tenho uma religião, mas creio em um Ser superior.

() Não tenho uma religião, nem creio em um Ser superior.

20. O que é espiritualidade para você?

21. Após o início da pandemia de COVID-19, como você avalia que ficou a sua espiritualidade (compreendida como dimensão humana através da qual questionamos o sentido da nossa existência e compreendemos que fazemos parte de uma dimensão maior em interação com o todo – natureza/universo)?

() Aumentou. Como percebeu isso?

() Se manteve no mesmo nível. Como percebeu isso?

() Se reduziu. Como percebeu isso?

() Não me considero uma pessoa espiritualizada. Como percebeu isso?

22. Após o início da pandemia de COVID-19, como você avalia que ficaram suas práticas religiosas/espirituais, sejam elas vinculadas ou não a uma determinada religião?

- ☐ Aumentaram.
- ☐ Se mantiveram no mesmo nível.
- ☐ Se reduziram.
- ☐ Não me considero uma pessoa religiosa.

23. Qual a importância do exercício da sua espiritualidade para você no período de pandemia de COVID-19 em relação à sua vida pessoal e aos seus cuidados com seus clientes?

24. Assinale a/s frase/s que mais se adequa/m à sua percepção em relação à morte:

- ☐ A morte é o fim da existência.
- ☐ A morte é uma passagem para outra dimensão.
- ☐ Depois da morte teremos chance de reencarnar.
- ☐ Depois da morte podemos nos redimir dos pecados e ir para um lugar melhor.
- ☐ Ter consciência que vamos morrer é importante.
- ☐ É melhor não saber que iremos morrer quando estamos próximos da morte.

Questões **25** a **39** – Durante a pandemia de COVID-19, você mudou seus hábitos e comportamentos em relação à espiritualidade/religiosidade? Responda sim ou não e explique.

25. Você tem questionado e/ou refletido sobre o sentido da vida?

- ☐ Sim. ☐ Não.

Explique:

26. Você tem questionado sobre o significado da pandemia de COVID-19 na sua vida e na vida das demais pessoas do planeta?

☐ Sim. ☐ Não.

Explique:

27. Você tem meditado e/ou tirado um tempo para ficar em silêncio?

☐ Sim. ☐ Não.

Explique:

28. Você participa de grupo/s de oração e/ou de estudo de textos religiosos/espirituais ou de autoconhecimento?

☐ Sim. ☐ Não.

Explique:

29. Você reza ou ora individualmente?

☐ Sim. ☐ Não.

Explique:

30. Você questiona ou duvida de suas crenças religiosas/espirituais?

☐ Sim. ☐ Não.

Explique:

Parte 4. Situação sociopolítica e econômica do Brasil durante a pandemia

31. Como você percebe a situação social no Brasil hoje?

Explique:

32. Você acredita que a situação social e econômica mundial piorou durante a pandemia de COVID-19?

☐ Sim. ☐ Não.

Explique:

33. Você vivenciou alguma mudança social na sua vida ou de pessoas próximas durante e logo após a pandemia?

Explique:

34. Durante a pandemia de COVID-19 você tem se preocupado com os mais necessitados e feito doações (roupas, alimentos, dinheiro, etc.)?

☐ Sim. ☐ Não.

Explique:

35. Você participa de grupo/s que promove/m ações sociais para melhorar as condições de vida dos mais necessitados?

☐ Sim. ☐ Não.

Explique:

36. Você participa de grupo/s de apoio psicológico/emocional para pessoas mais vulneráveis?

☐ Sim. ☐ Não.

Explique:

37. O que a espiritualidade e/ou a religiosidade têm significado para você no período durante a pandemia de COVID-19? Pode marcar mais de uma opção.

- ☐ Considera uma forma de alienação e manipulação.
- ☐ Traz decepção, frustração.
- ☐ Traz esperança, confiança.
- ☐ Os conteúdos espirituais/religiosos despertam culpa e/ou medo.
- ☐ Propicia alívio emocional e diminuição da ansiedade.
- ☐ Confere proteção.
- ☐ Confere capacidade de compreensão e sentido para o que está acontecendo.
- ☐ Propicia autoconhecimento e crescimento pessoal.
- ☐ Promove alívio diante do sofrimento e das perdas.
- ☐ Desperta minha sensibilidade e solidariedade com o outro.
- ☐ Faz com que eu promova ações sociais de ajuda e apoio aos mais necessitados.

38. Com qual/is das frases abaixo você mais se identifica em relação ao significado da pandemia de COVID-19? Pode marcar mais de uma opção.

- ☐ É o resultado da ação destrutiva e invasora do ser humano na natureza.
- ☐ Resultou do uso excessivo de medicamentos em aves e outros animais confinados, que tornaram os vírus e as bactérias mais resistentes.
- ☐ O vírus da COVID-19 foi feito pelo homem ou foi geneticamente modificado.
- ☐ É uma provação de Deus para os seres humanos.

() É o efeito dos pecados da humanidade.

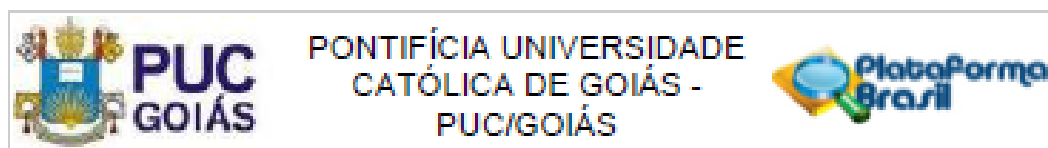
() É uma oportunidade para a humanidade rever suas ações erradas e evoluir espiritualmente.

() Nenhuma frase anterior faz sentido.

Qual frase faria sentido para você?

39. O que você considera que aprendeu até agora em relação à pandemia de COVID-19?

ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Espiritualidade e Inclusão social: a Inserção da Core Energetics em ações sociais a partir do contexto da pandemia de COVID-19

Pesquisador: MARISE ETERNA NUNES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 63820522.2.0000.0037

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.729.011

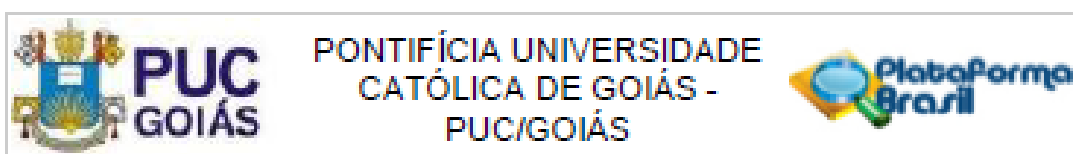
Apresentação do Projeto:

O público pesquisado serão os profissionais psicoterapeutas que trabalham com a abordagem Psicoterapêutica Corporal em Core Energetics. Serão aplicados questionários em 12 participantes através de entrevista.

Será realizada uma pesquisa com um grupo de profissionais psicoterapeutas corporais com formação em Core Energetics e que estão fazendo um curso de aperfeiçoamento nesta mesma abordagem. A espiritualidade é um aspecto fundamental nesta abordagem humanista transpessoal, pois através de técnicas corporais e de autoconhecimento, o psicoterapeuta desperta a sua própria espiritualidade e se torna apto a trabalhar com os seus clientes para facilitar-lhes o mesmo processo. Para a consecução desta pesquisa, será realizada extensa revisão da literatura recente sobre o conceito de espiritualidade presente na abordagem terapêutica corporal de Core Energetics e como se apresenta o panorama sociopolítico, econômico e social que se estabeleceu durante e após a pandemia de COVID-19 no Brasil. Pretende-se observar como os reflexos desse momento mobilizaram ou têm mobilizado os profissionais participantes da pesquisa em seu trabalho, de modo a contribuir com as necessidades emergentes no momento da pandemia em um processo de inclusão social. A pesquisa empírica será realizada de novembro de 2022 a março de 2023 em

Brasília, DF e em Goiânia, GO. Ao longo de minha prática profissional como psicoterapeuta em Core Energetics, tenho buscado a integração do corpo com a espiritualidade no processo de

Endereço: Avenida Universitária, 1089, Área IV, Bloco D, al 2º Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
UF: GO Município: GOIÂNIA
Telefone: (62)3948-1512 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 5.739.011

autoconhecimento. A prática corporal realizada nessa abordagem promove o desbloqueio das emoções, a ressignificação da história de vida e o despertar da espiritualidade. Esse despertar significa a compreensão de que todos os seres humanos estão ligados entre si e com a natureza. Porém, questiono se o bem-estar, a fé, a tranquilidade e a confiança conquistados através desse processo de autoconhecimento também despertam maior necessidade de aproximação com o outro que está necessitado e mais vontade de promover trabalhos

de transformação e inclusão social. Durante a pandemia de COVID-19, houve muitas adaptações no trabalho de atendimento psicoterápico, assim como a necessidade de aprender e ampliar os atendimentos on-line e a percepção positiva de que um número maior de pessoas, incluindo grupos, pode ser atendido neste formato virtual. Porém, ainda há muitas limitações na abrangência de atendimentos para as pessoas com dificuldades financeiras e impossibilitadas de ter acesso ao mundo virtual. No momento pós-pandêmico, em que as consequências da pandemia de COVID-19 têm ampliado e agravado os quadros de sintomas físicos e emocionais, a necessidade de acolher, apoiar e tratar estes sintomas se faz premente. Diante da atual situação socioeconômica e política do Brasil, com tantas desigualdades sociais, índices de pobreza e fome tão alarmantes, com as minorias sociais (negros, indígenas, imigrantes, mulheres, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexual e outros grupos e variações de sexualidade e gênero (LGBTQIA+), idosos, moradores de vilas ou favelas, pessoas com deficiências e moradores de rua) sofrendo preconceitos e humilhações, sem a garantia dos direitos básicos por questões étnicas, de origem, financeiras, de gênero e sexualidade, não se faz necessária a conscientização dos profissionais que trabalham com a espiritualidade sobre rever seu papel social em um âmbito mais amplo? Assim sendo, proponho responder, ao final desta pesquisa, às seguintes questões: 1. Qual o anseio dos profissionais participantes da pesquisa em relação ao despertar da sua própria espiritualidade? 2. A espiritualidade despertada na abordagem Core Energetics é individualista/transcendental/mística ou humanitária/coletiva/preocupada com os problemas sociais? 3. O fato de os profissionais participantes da pesquisa terem interesse em vivenciar a espiritualidade/religiosidade lhes traz maior consciência acerca do meio sociopolítico e econômico no qual estão inseridos? 4. Qual a relação entre a espiritualidade/religiosidade e a promoção de movimentos para transformações sociais? 5. O contexto da pandemia de COVID-19 sensibilizou mais os profissionais pesquisados em relação às diferenças e desigualdades sociais presentes no Brasil? O mundo todo tem se preocupado e discutido sobre a pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, desde dezembro de 2019. Os primeiros casos foram identificados em

Endereço: Avenida Universitária, 1069, Área IV, Bloco D, al 2º Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
 Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
 UF: GO Município: GOIÂNIA
 Telefone: (62)3648-1512 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



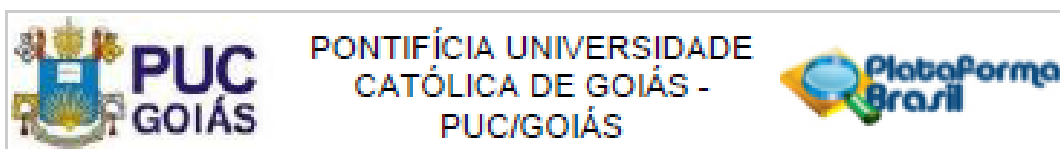
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE GOIÁS -
PUC/GOIÁS



Continuação do Parecer 5.739.011

Wuhan (China) e, a partir de março de 2020, o vírus já estava presente em todos os continentes (DANTAS, 2021). Diante do rápido crescimento do número de casos confirmados e de mortes em decorrência da COVID-19 em diferentes países, em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a doença poderia ser caracterizada como uma pandemia (WHO, 2020). Até o dia 7 de setembro de 2022, o Brasil registrava 34.477.539 casos confirmados e 684.425 óbitos (WHO, 2022), enquanto no estado de Goiás, até o dia 8 de setembro de 2022, foram computados 1.685.084 casos confirmados e 27.503 óbitos (GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS, 2022a) decorrentes de COVID-19. Contudo, a média do número de mortes diárias por COVID-19 vem diminuindo gradualmente. Em 30 de agosto de 2022, os registros mostravam 196 mortes nas últimas 24 h no país; comparando-se com a média de 14 dias antes, houve queda de 20%, indicando esta tendência (BRASIL..., 2022). A diminuição do número de óbitos está diretamente ligada à vacinação, que até o dia 9 de setembro de 2022 atingiu 80,17% da população brasileira com protocolo inicial completo e 6,91% parcialmente vacinada (CORONAVIRUS..., 2022). Dados da Secretaria de Estado da Saúde de Goiás demonstram que idosos não vacinados e com vacinação incompleta têm taxa de óbito nove vezes maior e taxa de internação oito vezes maior que aqueles que cumpriram o esquema primário mais a dose de reforço da vacina contra o Coronavírus (GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS, 2022b). Nesse contexto, além das mortes e dos sintomas que podem perdurar mesmo após a recuperação da COVID-19, a saúde mental das pessoas também vem sofrendo comprometimentos. Uma vez que a saúde mental vai além da ausência de doenças e de condições altamente complexas, diz respeito ao estado mental não apenas de sujeitos individualmente, mas de toda a coletividade (AMARANTE, 2007). Durante a pandemia de COVID-19, profissionais da área da saúde da China declararam altas taxas de depressão (50%), ansiedade (45%) e insônia (34%), enquanto no Canadá, 47% destes profissionais descreveram a necessidade de suporte psicológico (OPAS, 2020). Esses dados podem contribuir para que outros países desenvolvam estudos para amenizar os impactos da pandemia de COVID-19 na saúde mental de diferentes grupos. A pandemia de COVID-19, uma emergência de saúde pública, talvez represente um dos maiores desafios da humanidade e da ciência desde a Segunda Guerra Mundial. A relação dessa problemática com os aspectos de saúde mental e equilíbrio psicológico, essenciais aos profissionais da saúde, também tem determinante importância durante e após a crise pandêmica (DANTAS, 2021). As doenças infecciosas causam repercussões caracterizadas por reações psicológicas na população, as quais desencadeiam sofrimento emocional e desordem social (FARO et al., 2020). Zandifar e Badrfam (2020) argumentaram que, no atual cenário pandêmico, os fatores que mais causam estresse são a

Endereço: Avenida Universitária, 1069, Área IV, Bloco D, sl 2 Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
UF: GO Município: GOIÂNIA
Telefone: (62)3048-1512 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



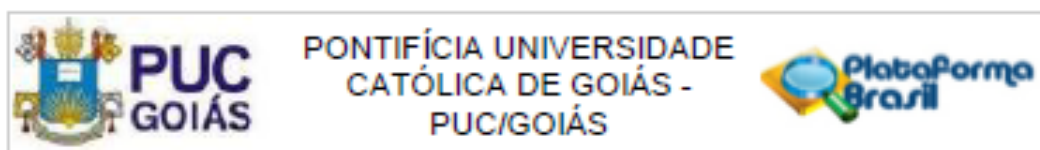
Continuação do Parecer: 5.728.011

Imprevisibilidade da situação, as incertezas sobre o prazo para controlar a disseminação do vírus e se vamos ser capazes disto. Assim, diante dessa conjuntura, em que as desigualdades sociais e econômicas ficam cada vez mais relevantes, há um campo fértil para o desenvolvimento de mudanças psicossociais. Dados do IBGE (2021) apontaram que, após o aquecimento do mercado de trabalho, desde o início da década passada até o ano de 2014, houve desaceleração e queda de renda agregada em 2015 e 2016, reflexo de instabilidades presentes na economia brasileira. Após esse período até 2019, a economia teve moderada recuperação, porém insatisfatória para que os indicadores retornassem aos níveis verificados até a metade da década. Com essa recuperação ineficaz, a pandemia de

COVID-19, considerada a maior crise sanitária mundial dos últimos 100 anos, trouxe implicações desastrosas além da saúde, porquanto afetou todo o bem-estar socioeconômico da população, com a destruição massiva de postos de trabalho. De acordo com dados prévios apresentados pelo IBGE (2020), pessoas que vivem em favelas representavam 7,8% da população brasileira, ou seja, somavam mais de 11 milhões de pessoas. Isso significa domicílios com condições precárias, sem ou com pouca ventilação, compartilhados com muitas pessoas e sem saneamento básico. Conforme IBGE (2021), em 2017–2018, entre os problemas relacionados à estrutura dos domicílios investigados pela Pesquisa de Orçamentos Familiares, o de maior ocorrência de identificação pelos moradores foi a falta de espaço: 33,2% da população residia em domicílios nos quais os moradores consideravam haver pouco espaço; 28,3% em domicílios com telhado com gotchas; 30,2% em domicílios com umidade na fundação, paredes ou chão; e 23,3% em domicílios com deterioração da madeira de janelas, portas ou assoalhos. Foi nesse panorama que a pandemia de COVID-19 ocorreu. No final de 2020, já se percebia a gravidade da superposição entre a crise econômica e a crise sanitária em todo o país, com aumento acentuado da insegurança alimentar em todas as grandes regiões, principalmente entre 2018 e 2020 (FAO, 2022). No final de 2020, 55,2% dos domicílios brasileiros apresentavam algum grau de insegurança alimentar, o que representa um aumento de 54% desde 2018 (36,7%). A insegurança alimentar grave foi vivida em 9% dos domicílios no final de 2020, o que equivale a 19 milhões de brasileiros, ou seja, mais que o dobro do verificado em 2009 e representando um retorno ao nível registrado em 2004 (FAO, 2022). Essa situação veio a se agravar ainda mais em função

da crise política e da crise sanitária causadas pela pandemia de COVID-19 em nosso país. De acordo com relatório da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), divulgado em julho de 2022, o número de brasileiros que enfrentaram algum tipo de insegurança alimentar no período de 2019 a 2021 ultrapassou a marca de 60 milhões (MAIS..., 2022). Como

Endereço: Avenida Universitária, 1069, Área IV, Bloco D, sl 2 Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
 Bairro: Sator Universitário CEP: 74.605-010
 UF: GO Município: GOIÂNIA
 Telefone: (62)3046-1512 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 5.729.011

avaliou Daniel Balaban, diretor do Programa de Alimentos da Organização das Nações Unidas no Brasil, a situação já havia começado a piorar bem antes da pandemia. A pandemia não é a maior culpada pelo Brasil estar de volta a esses números extremamente altos de pessoas com fome. O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo.

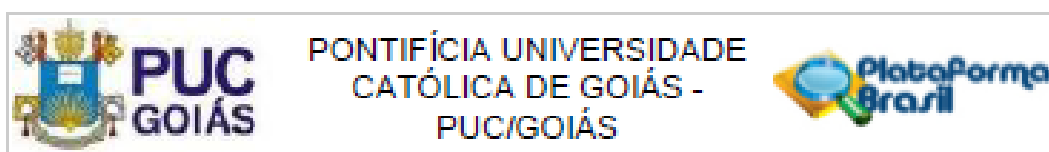
Essa população precisa do apoio de políticas públicas para ser incluída na cidadania, incluída na sociedade. Fazer com que as pessoas possam produzir, possam participar, colocar pequenos negócios, possam ter hoje uma formação educacional diferenciada, uma formação profissional diferenciada (JORNAL NACIONAL, 2022). Faz-se necessário o desenvolvimento de políticas públicas permanentes para o combate à fome. Um país entra no Mapa da Fome da FAO quando mais de 2,5% da população enfrenta falta crônica de alimentos. E a fome crônica no Brasil já atinge atualmente 4,1% (JORNAL NACIONAL, 2022). As intervenções na saúde e na educação da população podem ser muito eficientes para a melhoria dos índices de bem-estar. No entanto, como bem explicou Duflo (2022), a corrupção e a má governança dos povos tomam inúteis todos os esforços de boas ações de políticas públicas. A autora enfatizou que não basta dar poder às comunidades para eliminar a corrupção de uma vez por todas. A corrupção tende a aparecer quando uma sociedade tenta corrigir o mercado, repartindo os recursos de forma diferente; o controle local não é uma

solução milagrosa (DUFLO, 2022, p. 200). Uma primeira etapa do combate à pobreza seria fornecer bens públicos de qualidade, mas tentativas, paciência e criatividade são indispensáveis para colocar este plano em prática e assegurar pequenos e constantes avanços (DUFLO, 2022). No Brasil, vimos assistindo a mudanças estruturais e avanços a partir do ano 2000, com uma crise iniciada em 2012 e um retrocesso a partir de 2016.

Duflo (2022) também citou a necessidade de paciência para que as mudanças sociais ocorram na conjuntura do mundo atual. Santos (2014, p. 22) reiterou que “desapareceram ou se descaracterizaram os vários Imaginários de emancipação social com suas lutas contra a dominação capitalista, colonial e patriarcal”. Nos últimos 30 anos, houve avanços e retrocessos em relação aos direitos humanos e à democracia. Para Santos (2014, p.

22), “Isso nos leva a pensar que é preciso ter coragem para avaliar com exigência crítica os processos e conhecimento que nos trouxeram até aqui e de enfrentar com serenidade a possibilidade de termos que recomeçar tudo de novo”. Importantes conquistas ocorreram nos movimentos sociais a partir da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988). Novas lutas e espaços se abriram para mulheres, ecologistas, afrodescendentes, grupos indígenas, grupos religiosos e movimentos sociais, como o de LGBTQIA+. Porém, o que se vive atualmente é

Endereço: Avenida Universitária, 1069, Área IV, Bloco D, al 2º Prédio da Retitoria, 1º andar, Pró-Retoria de Pós-Graduação e
 Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
 UF: GO Município: GOIÂNIA
 Telefone: (62)3046-1512 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 5.739.011

a necessidade de luta no âmbito das artes e da cultura para combater a forte política conservadora, moralista, racista e discriminatória contra essas

referidas comunidades e todo o mundo cultural (LYRA, 2021). Outro aspecto que também pode fundamentar as lutas para a transformação social são as teologias políticas progressistas. A conversão para essas teologias acarretaria a aceitação do próximo necessitado, o que contribuiria para essas lutas. Seria a força motivadora da espiritualidade colaborando com os movimentos de transformação e inclusão social (SANTOS, 2014). Quando a categoria espiritualidade é analisada nas ciências sociais, pode-se perguntar como ela trata seus atores, impulsiona as instituições e gera novas realidades. São questões complexas e importantes a serem discutidas para ampliar os estudos, de tal modo a compreender como as articulações de poder e de saber ocorrem cada vez que essa categoria é utilizada. Considerando o homem um ser integral, como percebido nas abordagens humanista e transpessoal em psicologia, a abordagem em Core Energetics compreende o ser em sua totalidade: corpo, mente, emoção e espiritualidade. E no trabalho de desenvolvimento humano, na formação em Core Energetics, o despertar da espiritualidade seria o último estágio para a compreensão de um propósito de vida e uma transformação profunda do ser. Sendo assim, e à vista do presente quadro de calamidade no Brasil, pode a espiritualidade ser considerada um aspecto que tenha a capacidade de promover uma consciência genuinamente humanitária de modo a gerar ações de ajuda e transformação social? Entendendo que no grupo de formação em Core Energetics as pessoas convivem durante 5 anos em um processo de transformação e busca da espiritualidade, serão este tempo e esta busca suficientes para o despertar da preocupação e da ação em relação ao próximo vulnerável? Ao considerar a espiritualidade como um recurso interno para os terapeutas, a qual pode lhes trazer mais equilíbrio para o enfrentamento das dificuldades, estes podem e têm interesse em auxiliar os clientes que vivenciam as crises humanitárias de forma mais efetiva? A experiência vivenciada durante a pandemia de COVID-19 mudou a forma como os psicoterapeutas corporais em Core Energetics refletem e atuam profissionalmente? Ante o atual quadro sociopolítico, econômico e emocional tão sensível e com projeções incertas, em que todos estamos inseridos, intenciona-se com esta pesquisa contribuir para a compreensão e a associação da espiritualidade com diferentes áreas do conhecimento. Entre elas, destacam-se psicologia, antropologia, sociologia, tendo como alicerce as ciências da religião. Pretende-se, ainda, verificar como e quanto o desenvolvimento desse aspecto do ser se reflete como motivação visando contribuir para a transformação do contexto social vulnerável em que nos encontramos atualmente.

METODOLOGIA -

Endereço: Avenida Universitária, 1060, Área IV, Bloco D, sl 2 Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
 Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
 UF: GO Município: GOIÂNIA
 Telefone: (62)3046-1512 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



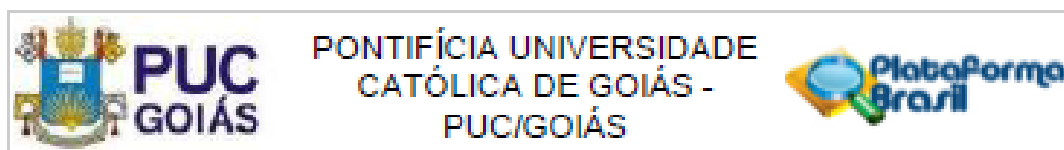
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE GOIÁS -
PUC/GOIÁS



Continuação do Parecer 5.729.011

O presente projeto de pesquisa será apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás). Após sua aprovação, o estudo será iniciado, empregando-se a metodologia qualitativa. No contexto científico, a pesquisa possui aspectos teóricos, metodológicos e práticos, transpondo o reducionismo do empirismo. Assim, será elaborada abrangente revisão da literatura acerca do tema. Além de possibilitar a busca por pesquisas realizadas referentes ao tema estudado, a revisão da literatura contribuirá para o aprofundamento teórico do presente estudo. Segundo GIL (2002, p. 44 e 45, citado por PIANA, 2009, p. 120), [...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. A revisão da literatura será útil não apenas para verificar o estado da questão, mas também para analisar os elementos observados durante a pesquisa de campo. Assim, se propõe uma integração dos dados obtidos pela pesquisa da literatura com aqueles registrados durante a observação realizada. José Filho (2006, citado por PIANA, 2009, p. 167) frisou que O ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos. A tentativa de conhecer qualquer fenômeno constituinte dessa realidade busca uma aproximação, visto sua complexidade e dinamicidade dialética. Será mantido um diário de campo no qual a pesquisadora acompanhará diferentes atividades que ocorrem na formação de psicoterapeutas corporais em Core Energetics (o curso ocorre em 5 anos, tendo os alunos três módulos de cinco dias por ano e, atualmente, há três turmas simultâneas em diferentes períodos) a fim de compreender a estrutura do curso e seus efeitos transformadores nos participantes. "O pesquisador deve inserir-se na dinâmica histórica do fenômeno participativo, caso contrário seria formalização artificial parar a comunidade para que possa ser avaliada" (DEMO, 2005, p. 245). Muitas informações podem ser obtidas por intermédio de observação e interação com as falas e as atitudes que ocorrem durante o contato com os sujeitos pesquisados nas entrevistas individuais. A utilização de questões bem elaboradas pode suscitar revelações que indicam sistemas de valores, símbolos e normas que compõem as representações sociais (MINAYO, 2016). O curso de formação de psicoterapeutas corporais em Core Energetics é realizado pela Rede Brasil de Core Energetics e é ministrado na Universidade Holística da Paz (UNIPAZ, DF), tendo encontros vivenciais entre os módulos em diferentes capitais de onde os alunos são oriundos, tais como Goiânia, GO. É coordenado pela pedagoga Lúcia Helena Alencastro e há participação de discentes de diferentes cidades do Brasil, inclusive de Goiânia. As

Endereço: Avenida Universitária, 1069, Área IV, Bloco D, sl 2 Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
Bairro: Sator Universitário CEP: 74.605-010
UF: GO Município: GOIÂNIA
Telefone: (62)3046-1512 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 5.728.011

observações para a presente pesquisa ocorrerão no período de novembro de 2022 a julho de 2023 nos módulos que acontecem em novembro de 2022, março e julho de 2023. A coleta de dados da pesquisa qualitativa se dará por meio de

entrevistas guiadas por questionário semiestruturado (APÊNDICE A) composto de 37 questões. Serão entrevistados 12 profissionais que participam do curso de aprofundamento em psicoterapia corporal em Core Energetics. As entrevistas individuais utilizando o questionário serão realizadas pela própria pesquisadora, em local de convivência dos sujeitos, no período de 2 a 6 de novembro de 2022, com duração máxima de 60 minutos cada. As entrevistas serão gravadas com o consentimento dos entrevistados para facilitar a sua transcrição e posterior análise.

Objetivo da Pesquisa:

Hipótese:

Os profissionais que concluíram a formação em Core Energetics e possuem uma prática de trabalho nesta abordagem vivenciam a espiritualidade no dia a dia e promovem ações sociais em momentos de crise, como da pandemia e pós-pandemia de COVID-19.

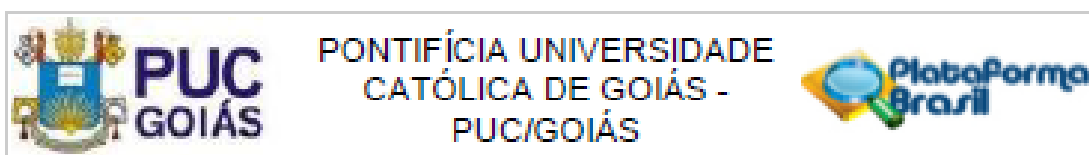
Objetivo Primário:

Verificar se o despertar da espiritualidade dos profissionais psicoterapeutas corporais em Core Energetics contribui para a promoção de ações sociais no contexto da pandemia e pós-pandemia de COVID-19.

Objetivo Secundário:

1. Verificar os efeitos sociopolítico e econômico da pandemia de COVID-19 sobre a população brasileira; 2. Apurar como os movimentos sociais brasileiros foram atingidos pela crise pandêmica; 3. Compreender o conceito de espiritualidade como aspecto motivador de luta e transformação social; 4. Descrever e compreender como acontece a formação de psicoterapeutas corporais na abordagem Core Energetics, que culmina com o despertar da espiritualidade; 5. Averiguar como os psicoterapeutas corporais em Core Energetics compreendem e vivenciam no dia a dia a espiritualidade abordada em sua formação; 6. Verificar se o despertar da espiritualidade na formação em Core Energetics mudou a percepção de mundo dos psicoterapeutas; 7. Averiguar como os psicoterapeutas corporais em Core Energetics percebem os danos causados pela pandemia e pós-pandemia de COVID-19; 8. Averiguar se os psicoterapeutas corporais em Core Energetics participantes da pesquisa desenvolveram trabalhos ou ações sociais a partir da pandemia de COVID-19.

Endereço: Avenida Universitária, 1069, Área IV, Bloco D, sl 2 Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
 Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
 UF: GO Município: GOIÂNIA
 Telefone: (62)3948-1512 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 5.729.011

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos da participação serão mínimos, entre os quais poderá ter desconforto ao responder alguma pergunta que possa trazer alguma alteração comportamental. Para evitar esse risco associado à pesquisa, o local da entrevista garantirá privacidade e sigilo. Além disso, o entrevistado terá total liberdade de se recusar a responder quaisquer questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento. O entrevistado poderá

retirar o seu consentimento em participar da pesquisa a qualquer momento. Caso decida retirar o seu consentimento, não sofrerá nenhuma penalidade, não terá nenhum prejuízo a alguma eventual assistência a você e todas as suas informações serão mantidas em total sigilo.

Benefícios:

Como benefícios relacionados com a participação, espera-se que o resultado desta pesquisa contribua para o reconhecimento de práticas espirituais e psicológicas que auxiliem na promoção da saúde física e emocional dos profissionais de saúde, além de promover paz, ética pessoal e social dos indivíduos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A estratégia da pesquisa é identificar as diferentes formas de exclusões para amenizar os danos sociais agravados pela pandemia de COVID-19 e do quadro socioeconômico caótico presente na atualidade no Brasil.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Constam na plataforma Brasil todos os documentos de apresentação obrigatória.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

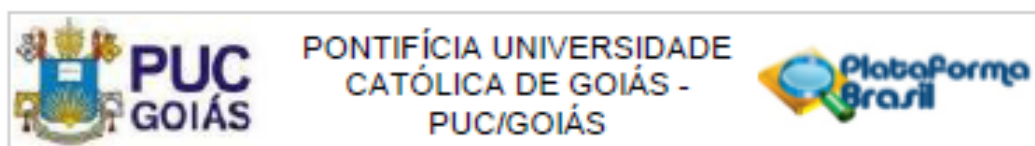
O projeto de Pesquisa não apresenta nenhum óbice ético, portanto considera-se APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

INFORMAÇÕES AO PESQUISADOR REFERENTE À APROVAÇÃO DO REFERIDO PROTOCOLO:

1. A aprovação deste, conferida pelo CEP PUC Goiás, não isenta o Pesquisador de prestar satisfação sobre sua pesquisa em casos de alterações metodológicas, principalmente no que se refere à população de estudo ou centros participantes/coparticipantes.
2. O pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP PUC Goiás, via Plataforma Brasil,

Endereço: Avenida Universitária, 1069, Área IV, Bloco D, al 2 Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
 Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
 UF: GO Município: GOIÂNIA
 Telefone: (62)3046-1512 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 5.729.011

relatórios semestrais do andamento do protocolo aprovado, quando do encerramento, as conclusões e publicações. O não cumprimento deste poderá acarretar em suspensão do estudo.

3. O CEP PUC Goiás poderá realizar escolha aleatória de protocolo de pesquisa aprovado para verificação do cumprimento das resoluções pertinentes.

4. Cabe ao pesquisador cumprir com o preconizado pelas Resoluções pertinentes à proposta de pesquisa aprovada, garantindo seguimento fiel ao protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2021884.pdf	27/09/2022 00:55:12		Aceito
Outros	Lattes_Marise_Eterna_Nunes.pdf	27/09/2022 00:43:43	MARISE ETERNA NUNES	Aceito
Outros	Lattes_Carolina_Teles_Lemos.pdf	27/09/2022 00:42:37	MARISE ETERNA NUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	27/09/2022 00:34:42	MARISE ETERNA NUNES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DOUTORADO_MARISE_ETERNA_NUNES_2022.pdf	27/09/2022 00:33:51	MARISE ETERNA NUNES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	21/09/2022 21:52:50	MARISE ETERNA NUNES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Avenida Universitária, 1069, Área IV, Bloco D, sl 2 Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
 Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
 UF: GO Município: GOIÂNIA
 Telefone: (62)3946-1512 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE GOIÁS -
PUC/GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.728.011

GOIANIA, 28 de Outubro de 2022

Assinado por:
Vanila Rodriguez
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Universitária, 1069, Área IV, Bloco D, sl 2 Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
Bairros: Setor Universitário CEP: 74.605-010
UF: GO Município: GOIANIA
Telefone: (62)3046-1512 E-mail: cep@pucgoias.edu.br

ANEXO B – Declaração de instituição coparticipante – Rede Brasil Core Energetics



DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Declaro ter lido e concordar com o projeto de pesquisa, **Espiritualidade e inclusão social: a inserção da Core Energetics em ações sociais a partir do contexto da pandemia de COVID-19**, de responsabilidade da pesquisadora MARISE ETERNA NUNES, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS nº 466/2012. Em nome da Rede Brasil de Core Energetics, declaro estar ciente de suas corresponsabilidades como Instituição Coparticipante do presente projeto de pesquisa, assim como de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos recrutados para a consecução desta pesquisa, e que a Instituição dispõe da infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar. Estou ciente de que a execução deste projeto depende de sua aprovação pelo Conselho de Ética e Pesquisa da instituição proponente, mediante parecer ético consubstanciado e declaração de aprovação.

Goiânia, 19 de setembro 2022.

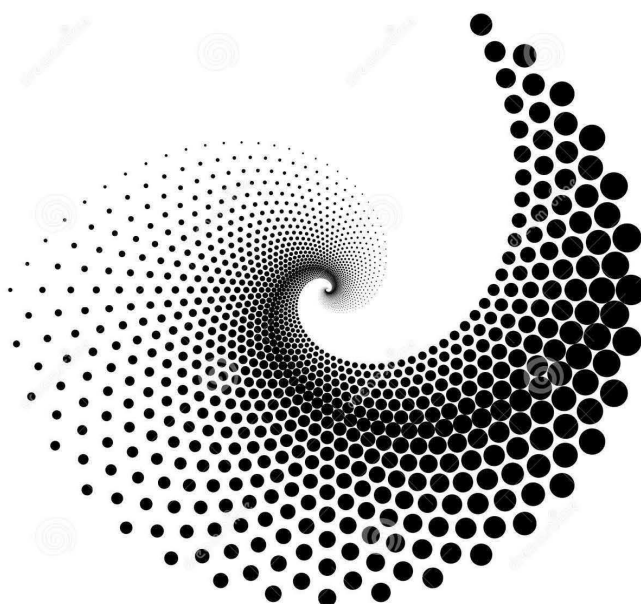
Silvana Aparecida dos Santos

Diretora administrativa da

Rede Brasil de Core Energetics Curso Livre de Terapia Holística Ltda

CNPJ 10.709.728/0001-40

ANEXO C – Programa do curso de pós-graduação ou quinto ano da formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*, realizado pela *Rede Brasil Core Energetics* e ministrado na Universidade Internacional da Paz (UNIPAZ)



QUINTO ANO

**REDE
COREBRASIL**

5º ANO PÓS CORE 2022/23

OBJETIVO:

AMADURECER SUA CAPACIDADE DE
DECISÃO
CRIAÇÃO
CONEXÃO
LIDERANÇA

O objetivo deste treinamento de pós-graduação é aprofundar suas competências e habilidades essenciais como terapeuta de Core Energetics e fortalecer suas qualidades de liderança.

A perspectiva de fazer um treinamento de pós-graduação é, em primeiro lugar, tornar-se um melhor terapeuta e ter uma compreensão mais profunda dos temas que oferecemos.

Neste programa nos aprofundamos na complexidade da profissão e na dinâmica que temos com nossos clientes.

O QUINTO ANO capacita você para a assistência e mais além. Com essa experiência, você também vai dar os primeiros passos para descobrir se você quer se tornar facilitador(@), você poderá praticar isso durante os módulos.

Em cada módulo você vai aprender e praticar as principais qualidades de liderança em Core Energetics:

8

- *Servir*
- *Correr riscos*
- *Tolerar transferência negativa*
- *Lidar com conflito*
- *Usar todo o seu potencial e criatividade*
- *Doação altruísta*
- *Atitude adequada em relação à frustração*
- *Disponibilidade para o risco de exposição e críticas*

DATAS, temas e professores

Março 2022- 16, 17, 18, 19 e 20 de março, 2022

Tema: Grupo - teoria e prática/ grupo de exercícios, de processo, temático.

Professores:

Erena - 2 dias (trabalho com grupo - visível e invisível / energia e consciência grupal)

Lucia, Paolo e Lucas - 2 dias: grupo de exercícios e grupo temático

+ Intervisão e Altervisão, com Grupo de processo/ partilha positiva e transferência negativa - 1 dia com equipe pedagógica da Rede CoreBrasil.

Junho/Julho - 29 e 30 de junho e 1, 2 e 3 de julho, 2022

Tema: Psicopatologia e Psicossomática

Professores: Luiz Queiroz e Patrícia Amorim

Luiz Queiroz - 2 dias de psicossomática.

Patrícia Amorim - 2 dias de psicopatologia

+ Intervisão e Altervisão, com Grupo de processo/ partilha positiva e transferência negativa - 1 dia com equipe pedagógica da Rede CoreBrasil.

Novembro - 02, 03, 04, 05, 06 de novembro, 2022

Módulo HÍBRIDO

Tema: Sexualidade & Casal e Diversidade sexual e de gênero no setting terapêutico da Core. (LGBTQI+)

Professores: Ken e Kathleen Goldberg & Jim Johnston

Kathleen e Ken Goldberg - 2 dias online de sexualidade e casal.

Jim Johnston - 2 dias presenciais de diversidade sexual e de gênero.

+ Intervisão e Altervisão, com Grupo de processo/ partilha positiva e transferência negativa - 1 dia com equipe pedagógica da Rede CoreBrasil.

Março - 10, 11 e 12 de março, 2023 (3 DIAS)

Tema: Apresentação dos trabalhos individuais e RITUAL

Professores: Equipe pedagógica

INVESTIMENTO de março de 2022 a março de 2023

○Valor cheio (cheio de gratidão): 13 parcelas mensais de R\$ 970,00

○Valor c/ desconto de 15%, p/ Assistentes (em reconhecimento ao serviço): 13 parcelas mensais de R\$ 825,00.

○Valor c/desconto de 10% p/ CorePath 1, 2 e 3 (em reconhecimento ao compromisso): 13 parcelas mensais de R\$ 875,00.

Funcionamento dos módulos 1, 2 e 3 / em 5 dias, quarta a domingo

QUARTA

9h - Ritual de abertura e trabalho corporal

9:50h - intervalo

10h às 12h - processo de grupo (11h - intervalo, lanche frugal em silêncio)

12h - Intervalo básico

12:15 - No primeiro módulo: orientação básica ao trabalho final /à supervisão em grupo/ ao trabalho para comunidade.

Nos módulos 2 e 3: AULA com o tema 1 - teoria e/ou vivência.

13:15h - almoço

15h - AULA com o tema 1 - teoria e vivência

17h - intervalo

17:15h - AULA com o tema 1 - teoria e vivência

19h - Encerram-se as atividades do dia

QUINTA

9 h - abertura e trabalho corporal

9:25h - intervalo

9:30 - AULA tema 1 - teoria e vivência

11h - intervalo

11:15h - AULA tema 1 - teoria e vivência

13:15h - almoço

15h - AULA com o tema 1 - teoria e vivência

17h - intervalo

17:15 - AULA com o tema 1 - teoria e vivência

19h - fim do dia

QUINTA À NOITE

20 às 22h - atividade extra, complementar do tema 1 de cada módulo.

SEXTA/ SÁBADO

9h - abertura e trabalho corporal
 9:25h - intervalo
 9:30 - AULA tema 2 - teoria e vivência
 11h - intervalo
 11:15h - AULA tema 2 - teoria e vivência
 13:15h - almoço
 15h - AULA com o tema 2 - teoria e vivência
 17h - intervalo
 17:15 - AULA com o tema 2 - teoria e vivência
 19h - fim do dia

DOMINGO -

8:30h - abertura e trabalho corporal
 9h - Intervisão em pequenos grupos - apoio de consultor(a) para Altervisão
 11h - intervalo
 13:30h - almoço
 15h - Grupo de processo/ partilha positiva e transferência negativa
 17h -Intervalo
 17:30h - Fechamento

19h - MASTER CORE - Aula aberta à Comunidade

QUARTO MÓDULO - 3 dias de sexta a domingo**SEXTA**

9:00h - abertura e trabalho corporal
 9:25h - intervalo
 9:30h - PROCESSO de GRUPO
 11:30h - intervalo
 11:15h - Apresentação Trabalho Final - 5 trabalhos
 13:15h - almoço
 15:00h - Apresentação Trabalho Final - 5 trabalhos
 17:00h - intervalo
 17:15h - Apresentação Trabalho Final - 5 trabalhos
 19h - fim do dia

SÁBADO -

9:00h - abertura e trabalho corporal
 9:25h - intervalo
 9:30h - Apresentação Trabalho Final - 5 trabalhos
 11:30h - intervalo
 11:15h - Apresentação Trabalho Final - 5 trabalhos
 13:15h - almoço
 15:00h - trabalho corporal
 15:30h - Apresentação Trabalho Final - 5 trabalhos

17:30h - Intervalo
 17:20h - Apresentação Trabalho Final - 4 trabalhos
 19h - encerramento do dia

DOMINGO -

8:30h - ABERTURA e trabalho corporal
 9:00h - Processo de Grupo
 11:00h - Intervalo
 11:20h - Intervisão em pequenos grupos, Altervisão disponível para suporte.
 13:30h - Almoço

15h às 17h - RITUAL de certificação e "Take a Risk" - apresentação do seu Eu Superior.

REQUISITOS PARA CERTIFICAÇÃO**1. SUPERVISÃO:**

Cada alun@ deve fazer supervisão **individual ou em grupo de até 3 pessoas** (fora dos módulos), encontros quinzenais

O programa oferece **Grupo de Intervisão** (durante os módulos) - pequenos grupos discutindo clientes reais, não mais supervisão ao vivo. Um(a) Supervisor(a) estará disponível para suporte e dúvidas, como Altervisão.

A terapia é indicada e não é exigida.

2. GRUPO SOCIAL E AULA ABERTA:

2.1 - Alun@s criam e oferecem um trabalho de grupo social - terapêutico, de movimento ou temático. Estaremos com a colaboração de uma voluntária com experiência em como fazer contatos com redes sociais e governamentais, para facilitarmos e oferecermos o trabalho.

2.2 - Alun@s oferecerão uma aula à Comunidade Core, na Unipaz, na Noite de Domingo, último dia de cada Módulo/ ou em seu local disponível, durante o curso. (tema de sua escolha, apresentado anteriormente, como plano de aula, à Coordenação)

X alune oferecerá seu trabalho individualmente ou em duplas.

3. PROJETO FINAL:

Uma parte importante do Programa de Pós-Graduação é o projeto final. Cada alune escolhe um assunto para refletir e expandir seu conhecimento de algum aspecto do processo da Core Energetics. Sua versão final será apresentada de forma escrita, compartilhada de forma verbal ou vivencial no quarto e último módulo.

Temas: um dos temas internos da Core abordados ao longo do ano. A escolha do tema e do orientador deve ser feita antes do segundo módulo - *ver anexo de sugestões e orientações temáticas*.

Orientação: um(a) professor(a) mentor(a)

Avaliação Formativa*1:

- Entrega do pré-projeto (1 página + bibliografia sugerida) no mês posterior ao primeiro módulo;
- Qualificação (mínimo 5, máximo de 10 páginas) no terceiro módulo. Entrega para ajustes finais e necessário retorno, se for o caso;
- Entrega do projeto final (mínimo de 10 e máximo de 20 páginas) um mês antes do módulo final*2;
- Apresentação do projeto final durante o módulo final.

*1 - A avaliação formativa envolve a confirmação da aprendizagem, pois é de suma importância conhecer as aprendizagens fundamentadas e algumas ainda em construção.

*2 Projetos criativos (multimídia, ou artístico): mínimo de 5 páginas escritas com argumentação teórica + a bibliografia

4. SER TERAPEUTA CERTIFICADO em CORE ENERGETICS por um INSTITUTO ou ESCOLA RECONHECIDA pela IACE (Associação Internacional de Core Energetics).

Nós sabemos, reconhecemos que, como processo evolucionário, a formação em Core Energetics proposta por John Pierrakos tem um tempo pessoal e intransferível para ser concluída, o que pode ir bem além dos 4 anos curriculares.

*Se for o seu caso, aguardaremos com todo respeito seu tempo, seu processo. Até lá, sua conclusão e certificação, guardaremos seu certificado desse Quinto Ano, nossa pós, com cuidado e reverência por seu compromisso. Aprendemos com John e com o Guia : **Amor é compromisso***

Curriculo Resumido dos Professores e Coordenação:

Erena Bramos

Diretora educacional e cofundadora do Institute for Core Energetics Greece e ex-diretora de educação do New York Institute of Core Energetics, onde fez sua formação, com J. Pierrakos. Psicóloga e psicoterapeuta em consultório particular há mais de trinta anos. Professora convidada na formação da Rede Brasil Core Energetics, ensina nos Institutos de Core Energetics no México, Holanda, Polônia e Itália. Helper do Pathwork, também ensina em Seven Oaks.

Jim Johnston

Diretor acadêmico do Institute of Core Energetics (NY/USA). Jim começou como cliente de Core Energetics e viveu uma extraordinária transformação pessoal que o levou estudar e trabalhar em Nova York, com cargos no Institute of Core Energetics, no NYC Living Core, Nyack Living Core e ensino internacional. Co-fundador do Corevolution NYC, acredita no poder deste trabalho para mudar vidas. Fez parte do grupo que iniciou o questionamento sobre sexualidade e gênero na Core Energetics e nas palestras do guia, em NYC.

Kathleen Goldberg

Psicoterapeuta de Core Energetics, treinada por J. Pierrakos. Helper do Pathwork, se comprometeu a integrar o espiritual e psicológico no corpo com alegria. Há 30 anos, Kathleen e seu marido Ken Goldberg são facilitadores de grupos de processo, workshops e treinamentos profissionais que integram Core Energetics e Pathwork à compreensão clínica na Psicoterapia Somática. Kathleen continua a ser inspirada pela prática de meditação, escrita, casamento e família.

Ken Goldberg

Médico, especialista em medicina preventiva. Psicoterapeuta Corporal em Core Energetics, trabalha com os ensinamentos do guia de Eva. Com Kathleen, lidera grupos focados em desenvolver habilidades para relacionamentos. É professor internacional de Core Energetics desde 1999 e iniciou o treinamento “Energia e Consciência” em Portland em 2010 para ensinar psicoterapia somática. Leciona na Universidade de Ciências da Saúde, na Universidade Western States e na Universidade Nacional de Medicina Natural, no Oregon.

Lucas Nóbrega

Psicólogo, psicoterapeuta corporal, Spiritual Counselor pelo NY Region Pathwork. Facilitador de grupos terapêuticos para homens, cocriador da “Casa dos Homens” e do “Homens em Conexão”. Atuou como psicólogo da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), do Ministério da Saúde. Sua formação complementar inclui TRE.

É professor e supervisor na formação da Rede Brasil Core Energetics, onde fez sua formação.

Lucia Helena Alencastro

Diretora geral e pedagógica da Rede Brasil Core Energetics. Psicoterapeuta corporal, Pedagoga e Ecóloga. Criadora do “Introdução à Core Energetics”/“Viver Core”, cursos que foram os primeiros no mundo a serem oferecidos numa Universidade. Formada e pós-graduada na primeira turma de Core Energetics da América Latina. Trabalhou como assistente de J. Pierrakos e sua equipe, na segunda turma. Spiritual Counselor pelo NY Region Pathwork.

Luiz Queiroz

Psicoterapeuta Corporal, Médico e professor da Escola Bahiana de Medicina. Mestrado em Gastroenterologia pela Universidade Federal de São Paulo . É Doutor em Medicina e Saúde Humana pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Estudou com John Pierrakos em sua segunda turma no Brasil. Sua formação complementar inclui Constelação Familiar e Experiência Somática. É professor na formação da Rede Brasil Core Energetics.

Paolo Chirola

Psicoterapeuta corporal, educador social, Spiritual Counselor pelo NY Region Pathwork, facilitador de grupos terapêuticos para homens, cocriador da “Casa dos Homens” e do “Homens em Conexão”. Cocriador e presidente da Associação Ludocriarte em São Sebastião, focada no atendimento social e cultural das crianças e adolescentes locais. Professor e supervisor na formação da Rede Brasil Core Energetics, é coordenador da atual turma 11.

Patrícia Amorim

Médica pela UFG, especialista em Psiquiatria pela UNIFESP e pela Associação Brasileira de Psiquiatria e doutora pela Universidade de Paris VI. Atua em Psiquiatria, Saúde Mental e Coletiva, Atenção Primária em Saúde, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa, assistência e gestão. Psicoterapeuta com formação em Psicologia Transpessoal e Spiritual Counselor pelo NY Region Pathwork. Artista plástica. Trabalha na UFG, na Secretaria de Saúde de Goiânia e em consultório particular. Professora na formação da Rede Brasil Core Energetics.

Coordenação:

Márcia Viana - Psicoterapeuta corporal. Traduz Jac desde 2007 na primeira edição do Quinto Ano em BsB e também Erena, ambos no CorePath e na graduação. Spiritual Counselor pelo NY Region Pathwork.

ANEXO - SUGESTÃO DE TEMAS PARA O PROJETO FINAL:

Sessão inicial / Fazendo a anamnese
 Diagnóstico em Core Energetics (físico, emocional, etc)
 A prática corporal nas sessões de Core Energetics.
 Construindo um ambiente de suporte e sustentação na terapia.
 Qualquer uma das defesas de caráter (Eu Superior, Eu Inferior e Máscaras)
 Negatividade e Intencionalidade negativa.
 Estudo de caso.
 Autenticidade e Individualidade do terapeuta - Liderança pessoal
 Resistência no corpo/ resistência na terapia.
 Pseudossoluções no Amor, Poder e Serenidade.
 Grounding (postural, interno, de olhar, familiar, etc)
 Carga e descarga
 Transferência / Contratransferência / Ressonância
 Sexualidade no setting terapêutico.
 Sexualidade nas estratégias de defesa do caráter.
 Diferentes tipos de apego.
 Energia receptiva e ativa
 Auras / Chakras - técnicas sutis.
 Autonomia vs. independência
 Colapso/Vazamento
 Contenção
 Inundação
 Respiração
 Segmentos Corporais.
 Dinâmica de grupo
 Grupo de Movimento
 Trabalho com casais / relacionamento
 Gênero e Sexualidade no consultório.
 Trauma - aproximações corporais na Core Energetics
 Narcisismo e Borderline no século XXI
 Branquitude e Negritude nos corpos brasileiros (físico, emocional, mental) - reflexos na prática terapêutica.
E BUSQUE SEUS TEMAS...SEJA CRIATIV@